



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

**TECENDO AFRICANIDADES COMO PARÂMETROS PARA EDUCAÇÃO
QUILOMBOLA E DO CAMPO**

**FORTALEZA
2020**

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

TECENDO AFRICANIDADES COMO PARÂMETROS PARA EDUCAÇÃO
QUILOMBOLA E DO CAMPO

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação.
Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S236t Santos, Marlene Pereira dos.

Tecendo africanidades como parâmetros para educação quilombola e do campo / Marlene Pereira dos Santos. – 2020.

375 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior.

1. Quilombos no Ceará. 2. Patrimônio Cultural. 3. Identidade e Pertencimento Quilombola. 4. Educação escolar quilombola. 5. Educação do Campo Quilombola. I. Título.

CDD 370

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS

TECENDO AFRICANIDADES COMO PARÂMETROS PARA EDUCAÇÃO
QUILOMBOLA E DO CAMPO

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Educação.
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 17/11/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior, (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Kabengele Munanga
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dr^a. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará. (UECE)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho a os ancestrais, aos afrodescendentes, a meus familiares, a todas e todos os quilombolas, e em especial aos quilombolas do Ceará.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, demonstrar gratidão, reconhecer um bem feito por outra pessoa, agradecer com um sorriso, mas quando falo em agradecer, me refiro àquele agradecimento interno, não o agradecimento em que você vai até outra pessoa e diz muito obrigado. Esse também é muito importante. Então quero externar minha gratidão A Deus, a Olorum, que é Criador do Òrun e do Àiyé, e a todas as forças do bem e da positividade que compõem o universo trazendo ao mundo a energia vital que me ajudou, e para continuar a ajudar na minha e na nossa caminhada.

Gratidão a todos os meus ancestrais, aos que eu não conheci, aos que eu conheci e principalmente os que me conhece, e que me protegem, me guiam e não me deixa só nem na tristeza e nem nas alegrias.

Quando olhamos para o nosso lado e vemos alguém que está sempre presente, uma pessoa que nunca nos deixa desanimar, só podemos estar gratos. Família-amiga que nos dão palavras de coragem e que lutam para nos ver felizes são raros hoje em dia. E eu tive a sorte de ter sido abençoada com a melhor Família, que eu amo muito e nos amamos, minha família, vocês qual luz para meu caminho e tesouro para meus dias.

Gratidão a minha mãe, Jacira Pereira dos Santos, por muitos ensinamentos, mulher linda, forte, minha heroína (in memória), por ser minha mãe, por seu amor e por seus muitos ensinamentos, como a generosidade.

Gratidão meu pai, Eudino da Costa (in memória), pelo os momentos em que estivemos juntos, pelo os ensinamentos, por seu amor.

Gratidão as minhas irmãs Marilene Chaves da Silva (irmã-mãe), Antônia Chaves da Silva, Vilma da Costa Silva e Francinete Chaves da Silva (in memória).

Sou grata os meus irmãos Antônio Pereira dos Santos; Francisco Pereira dos Santos (in memória); José Wilson Pereira dos Santos; Antônio dos Reis Pereira dos Santos;

Gratidão meus sobrinhos e sobrinhas, são muitos, os agradeço em nome de: Michael Chaves da Silva, Wilson da Silva Evangelista, Wendy da Silva Evangelista e Victor Chaves da Silva.

Acho interessante também agradecer por coisas específicas que aconteceram no dia. Algo do tipo: Sou grata pela oportunidade de poder ter concluído esse trabalho e meu doutorado; Sou grata por ter conseguido sobrepujar os obstáculos que apareceram; Grata por nos momentos difíceis nos quais passei por ter tido forças para continuar;

Meu agradecimento especial ao meu orientador prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Junior, por suas observações, empenho e dedicação com que me orientou, tornando possível a realização desta tese. Gratidão.

Grata a Universidade Federal do Ceará (UFC), Faculdade de Educação – FACED, e ao programa de pós-graduação da Universidade Federal.

Grata ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país, ofertando várias modalidades de bolsas aos alunos de graduação, pós-graduação, assim eu agradeço pela a bolsa.

Grata a todos os quilombos e quilombolas do Ceará, porém de modo destacado as pessoas que estiveram mais perto da minha pessoa e colaboraram diretamente na pesquisa e nas vivências, em especial esterno a minha gratidão aos quilombos e quilombolas das comunidades as quais pesquisei, que são as seguintes comunidades: quilombo da Base, gratidão aos quilombolas e professores, agradeço a pessoa do Sebastião Francisco da Silva e família, o Naldo; Aos quilombolas e professores da serra do Evaristo, agradeço a Evandro Clementino Ferreira, Antonia Erivaneuda Soares Castro; E aos quilombolas e professores do quilombo de Nazaré, agradeço Aurila Maria, Ana Carla de Sousa e Antônio Rodrigues Alves, pois sem eles e elas eu não teria realizado este trabalho. E sou grata a todos os quilombolas e “minha família” de Alto Alegre, minha eterna gratidão.

Sou grata pela conversa inspiradora que tive com algumas professoras do programa de pós-graduação da UFC, são: a professora Joselina da Silva, que foi minha orientadora no inicio do doutorado, a professora Maria de Fátima Vasconcelos da Costa, a professora Clarice Zientarski; E a professora Rosa Maria Barros Ribeiro, da UECE; Sou grata por ter encontrado no caminho pessoas que direto ou indiretamente me motivaram e deram força.

Grata a todas as professoras e todos os professores que compartilharam conhecimento comigo na pós-graduação.

Grata aos técnicos administrativos da pós-graduação, pelos diversos suportes e informação.

Grato ao amigo e colega de pós-graduação Fábio Gomes pelo compartilhamento de conhecimento, momentos de estudo.

Grata a todos os colegas de pós-graduação pela os debates e trocas de solidárias.

Grata ao amigo Nelson Nogueira Damasceno e Família, pela a amizade, apoio e acolhida em sua casa, no município de Baturité.

Grata aos amigos, amigas e as pessoas que me acolheram durante no percurso, pois foram muitas viagens, nas quis sempre fui acolhida, pois em cada terra precisei de uma “árvore com sombra e brisa”, um ponto de apoio ao longo da estrada, agradeço.

Diversas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho; a muitas delas, apesar do “anonimato”, sou imensamente grata. Entretanto, gostaria de citar todos, mas não dá, então citei uns, todavia, como o receio de deixar algum, no em tanto citados e não citados, meus agradecimentos devido ao apoio à minha trajetória acadêmica, eu sou grata a todas e todos, e externo minha gratidão.

Algumas pessoas veem o passado apenas como o tempo de sua juventude que, como indivíduos e comunidades, superamos e deixamos para trás em nossa marcha rumo a uma maior maturidade ou progresso e desenvolvimento. De fato, é melhor ver o passado como os nossos antepassados fizeram, como nossa origem que define a essência de nosso ser, que pode ser modificada sob o impacto de várias influências, mas que permanece parte de nosso ser e que não se pode superar ou deixar para trás.

Jacob Ajayi, (2000).

RESUMO

A pesquisa realizada e a tese aqui apresentada tratam dos patrimônios culturais focalizando três comunidades de Quilombos do Estado do Ceará. O trabalho apresenta os caminhos trilhados na formulação de problemas para a educação quilombola e do campo quilombola. Discute as perspectivas de educação quilombola e educação do campo quilombola e unifica o trabalho pedagógico para as propostas educacionais. Estuda as formulações do patrimônio cultural material e imaterial e a importância deste para as comunidades de quilombo, para a identidade e do pertencimento ao território do quilombo, vendo os aspectos jurídicos e legais do reconhecimento dos quilombolas e a inserção na educação escolar quilombola. Sistematiza proposta de uso do patrimônio cultural na formação dos professores de áreas de quilombos tanto na perspectiva da educação quilombola como do campesinato quilombola. O trabalho apresenta um amplo conjunto de definições sobre os termos utilizados na compreensão dos territórios, da identidade e do pertencimento às comunidades de quilombos e da educação dos quilombolas. Esta tese foi realizada com base no conceito de complexidade sistêmica que implica a realização de enfoques concatenando as informações históricas, geográficas, sociais e educacionais. Procura o constante cruzamento de conhecimentos de áreas distintas das ciências humanas na compreensão das necessidades curriculares e educacional das comunidades de quilombos. A pesquisa desenvolvida nessa tese realizou como propósito a levantamento de patrimônios culturais das de três comunidades quilombos do Ceará, Quilombo da Base, Nazaré e Serra do Evaristo, estudou a utilização desses patrimônios na educação escolar quilombola e do campo quilombola. Após o reconhecido por percursos de trabalho e de estudo uma serie de 20 comunidades de quilombo do estado do Ceará, e três foram às escolhidas para a pesquisa devido às diferenças de região e das condições de acesso quanto a distância da cidade de Fortaleza. Nos estudos dos conceitos a tese propôs e realizou a unificação dos conceitos de educação escolar quilombola e do campo quilombola mostrando que são enfoques referentes à mesma população e podendo haver compatibilidade dos enfoques políticos teóricos. No trabalho de campo a tese apresenta uma forte contribuição sobre os patrimônios culturais dos quilombos, quanto ao seu reconhecimento, registro fotográfico e sobre a utilização na educação e nos processos de formação de educadores de escolas em quilombos ou em regiões quilombolas. Os conceitos que compõe os estudos sobre educação quilombolas foram revistos e ampliados para a elaboração dessa tese como também foi revista a literatura sobre quilombos no Ceará nas diversas áreas do conhecimento. Nos

resultados da pesquisa realizada são apresentados os patrimônios culturais e as suas possibilidades de uso na educação escolar quilombola e educação do campo.

Palavras Chaves: Quilombos no Ceará; Patrimônio Cultural; Identidade e Pertencimento Quilombola; Educação escolar quilombola; Educação do Campo Quilombola.

ABSTRACT

The research carried out and the thesis presented here deal with cultural heritage focusing on three maroon communities in the State of Ceará. Maroon communities are named in Brazil as “Quilombos”. The work presents the paths taken in formulating problems for maroon community’s education. It discusses the perspectives of maroon communities (quilombola) education and education in the maroon community and out of it but for the people from maroon communities and unifies the pedagogical work for the educational proposals. It studies the formulations of material and immaterial cultural heritage and its importance for maroon communities, for identity and belonging to maroon territory, looking at the legal and legal aspects of maroon people recognition and insertion in quilombola school education. Systematizes the proposal for the use of cultural heritage in the training of teachers in quilombo’s areas, both from the perspective of maroon community’s education. The work presents a wide set of definitions about the terms used in the understanding of territories, identity and belonging to maroon communities and the education of maroon people. This thesis was carried out based on the concept of systemic complexity, which implies the realization of approaches concatenating historical, geographical, social and educational information. It seeks the constant crossing of knowledge from different areas of the humanities in the understanding of the curricular and educational needs of the maroon communities. The research developed in this thesis carried out the purpose of surveying the cultural heritage of the three maroon communities in the state of Ceará: Quilombo da Base, Nazaré and Serra do Evaristo, studied the use of these heritage in maroon community school education. After a series of 20 maroon communities in the state of Ceará was recognized for their work and study routes, three were chosen for the research due to differences in region and access conditions regarding the distance from the city of Fortaleza. In the studies of concepts, the thesis proposed and unified the concepts of maroon school education and the maroon people field, showing that they are approaches related to the same population and that there may be compatibility between theoretical political approaches. In the field work, the thesis makes a strong contribution to the cultural heritage of maroon communities, in terms of their recognition, photographic record and the use in education and in the training processes of school educators in maroon community or in maroon regions. The concepts that make up the maroon community education studies were revised and expanded for the elaboration of this thesis as well as the literature about maroon communities in state of Ceará in the various areas of knowledge was also revised. In the results of the research carried out, cultural

heritage and its possibilities of use in maroon school education and rural education are presented.

Keywords: Maroons Communities in Ceará; Cultural heritage; Maroons Communities Identity and Belonging; Maroons Communities education; Education in the Maroons Communities countryside.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de comunidades quilombolas do Ceará	59
Figura 2 - Vô Vicente plantaçāo de inhames.....	62
Figura 3 - Eu com as professoras.....	62
Figura 4 - Serra onde se localiza o quilombo do Bom Sucesso	63
Figura 5 - Formação de professores no centro cultural do quilombo.....	63
Figura 6 - Casa de farinha.....	66
Figura 7 - Eu ministrando curso para a comunidade	66
Figura 8 - Casa antiga.....	66
Figura 9 - Altar da igreja da missa afro, (20 de novembro).	67
Figura 10 - Jovens Mulheres da comunidade.	67
Figura 11 - Tia Bibiu e Eu.	67
Figura 12 - Casa de farinha e morador da comunidade	67
Figura 13 e 14 - Senhoras mais idosas do quilombo.	68
Figura 15 - Patrimônio cultural	68
Figura 16 - Vivência quilombola.....	68
Figura 17 - Comemoração da certificação do Quilombo Serra da Rajada	69
Figura 18 - Crianças do quilombo voltando da escola.	69
Figura 19 - Oficina com as mulheres quilombolas, no Capuan.....	70
Figura 20 - Objetos antigos	70
Figura 21- A igreja	73
Figura 22 - Vivências no quilombo do Cumbe.	73
Figura 23 - Mascaras de argila	73
Figura 24 - Banner do evento.	74
Figura 25 e 26 - Eu ministrando oficina; Aurila, Maria Auxiliadora, do MEC e Eu.	74
Figura 27 - Eu e faixa do evento.	74
Figura 28 - casas no quilombo do Veiga	76
Figura 29 - as crianças e eu em uma árvore (pé de crianças)	76
Figura 30 - Igreja do quilombo.....	76
Figura 31 e 32 - Mapas conceituais de Carcará	77
Figura 33 - entrada do quilombo Carcará.	78
Figura 34 - Associação Carcará.	78
Figura 35 - Casa e terreno.....	78

Figura 36 - Lagoa do quilombo.	79
Figuras 37 - Pedro com seu instrumento de trabalho	79
Figura 38 - Roda de conversa	79
Figura 39 - Criações de caprinos	79
Figura 40 - Eu e quilombolas do quilombo de Alto Alegre	83
Figura 41 - Praças dos três climas, Itapipoca	156
Figura 42 - Mapa de Itapipoca e distrito de Arapari onde se situa o quilombo.....	156
Figura 43 - Igreja em Itapipoca	157
Figura 44 - Mapa via satélite do distrito de Arapari no município e Itapipoca.....	159
Figura 45 - Mapa de localização da comunidade quilombola	160
Figura 46 - A igreja em Arapari, no caminho do Quilombo de Nazaré	161
Figuras 47 - Pau-de-arara cheio de gente	162
Figura 48 e 49 - Paus-de-arara que vão para ao Quilombo de Nazaré	163
Figuras 50 e 51 - Caminho para o quilombo	163
Figuras 52 e 53 - Campos de Futebol e Cento ou entrada do quilombo de Nazaré	164
Figura 54 e 55 - Casa de farinha e engenho; Casa de farinha em Nazaré	165
Figura 56 e 57 - Salão comunitário (serve de escola e igreja)	165
Figuras 58 e 59 - Caminhos dentro da comunidade	166
Figuras 60 e 61 - Caminhos do quilombo.....	166
Figuras 62 e 63 - Tipos de casas.....	167
Figura 64 - Casinha de taipa em Nazaré	168
Figuras 65 -Trempes (fogareiro no chão)	168
Figura 66 - Fogão a lenha e fogão a gás	168
Figura 67 - Mapa da região do município de Horizonte.....	171
Figura 68 - Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará	172
Figura 69 - Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará e divisão distrital	173
Figura 70 - Mapa do Ceará localizando Pacajus	175
Figura 71 - Mapa de Pacajus	175
Figura 72 - O caminho de Alto Alegre a Base	176
Figura 73 - Riacho do Ererê cheio.....	177
Figura 74 e 75 - Riacho do Ererê quando seco.....	177
Figura 76 e 77 - E. E.F. Nely Gama Nogueira	179
Figura 78 - Associação Remanescente de Quilombola da Base (ARQUIBA)	179
Figuras 79 - Casa de taipa, habitação antiga	181

Figura 80 - Casa de taipa	181
Figura 81 e 82 - Casa de farinha.....	182
Figura 83 - Igreja da matriz – Baturité	183
Figuras 84 - O mosteiro dos jesuítas visto do centro de Baturité	183
Figura 85 - Mostreiro dos jesuistas	184
Figura 86 - Plantação de café	185
Figura 87 - Ferrovia e Maria fumaça.....	185
Figura 88 - Oblisco, marco de fundação da cidade	185
Figura 89 - Localização de Baturité no Ceará	186
Figura 90 - Localização de Baturité no Brasil	186
Figura 91 - Caminhão pau-de-arara	187
Figuras 92 e 93 - Eu e os quilombolas no pau-de-arara	187
Figura 94 - Riacho no caminho	187
Figura 95 - Caminhos do Evaristo.....	187
Figura 96 - Mapa de localização da comunidade quilombola	188
Figuras 97 - Igreja	189
Figura 98 - A frente da escola	189
Figura 99 - A escola parte de dentro.....	189
Figura 100 - Casas na comunidade.....	189
Figuras 101 - Maneira de ir ao quilombo	190
Figuras 102 e 103 - Caminhos da serra do Evaristo	190
Figuras 104 - A roça em frete a casa	195
Figura 105 - Plantação de feijão	195
Figura 106 - Plantação no quintal.....	196
Figura 107 - Senhor Vicente e pé de inhame.	196
Figura 108 - Eu e o Sebastião, mostrando o folder da história da Base.	196
Figura 109 e 110 - Sementes na Casa de semente.....	197
Figura 111 - Hortelã, boldo.	199
Figura 112 - Malva.	199
Figuras 113 e 114 - Arruda e flores.....	200
Figura 115 - plantaçao de alface.....	201
Figura 116 - Plantação variada no quintal.	201
Figura 117 - Anita e a horta.....	201
Figura 118 - Plantação de mandioca, macaxeira e banana.	202

Figura 119 - Nascente de água, Eu, Anita e o filho dela.	202
Figura 120 - Raimundo Virgino de Sousa.....	208
Figuras 121 e 122 - Riacho do Ererê.	214
Figura 123 - Manuel Vicente da silva, 94 anos - BASE.....	222
Figura 124 - Maria Amélia Gadelha da silva, 93anos (in memória).	222
Figura 125 - Tico manduca.	222
Figura 126 - José Soares – Evaristo.	222
Figura 127 - Raimundo Virgino de Sousa - Nazaré.	222
Figura 128 e 129 - Casa de farinha e seus equipamentos no quilombo da Base	224
Figura 130 - O homem na carroça, quilombo da Base.	224
Figura 131 - Mulher e seu cajado, quilombo da Base	224
Figura 132 e 133 - Casa de taipa	225
Figura 134 - Altar dos santos.....	225
Figura 135 e 136 - Mulheres desbulhando feijão.	226
Figura 137 - Da esquerda para direita parte de igreja, ponto de cultura e a escola.	227
Figura 138 - A frente da escola como marcar do trabalho arqueológico	227
Figuras 139 - Equipe de escavação.....	228
Figura 140 - Os objetos recolhidos irão compor um museu.	228
Figuras 141 e 142 - Museu do quilombo Serra do Evaristo	229
Figura 143 - Altar e os santos.....	230
Figura 144 - Festa de são Gonçalo.	230
Figura 145 - E roupa de São Gonçalo.	230
Figura 146, 147 e 148 - Casa e forno de farinha no quilombo de Nazaré	232
Figura 149 - Casa, quintal sem muro, Rita e Eu no quilombo de Nazaré	232
Figura 150 - Casa de taipa no quilombo de Nazaré.....	233
Figura 151 - Casa de palha (banheiro) no quilombo de Nazaré	233
Figura 152 - caminho e paisagem no quilombo de Nazaré	234
Figura 153 - quintal sem muro e paisagem no quilombo de Nazaré	234
Figura 154 - Fogão a lenha no quilombo de Nazaré.....	234
Figura 155 - Casa no quilombo no quilombo de Nazaré.....	234
Figura 156 e 157 - A bica no quilombo de Nazaré.....	235
Figura 158 e 159 – Representações na Etiópia da Rainha de Sabá. A esquerda um quadro antigo das Igrejas Coptas. A direita um estatua também antiga.	241
Figura 160 - Apresentam um monumento de Luanda em homenagem a Nzinga.	242

Figura 161 - Gravura representando a Rainha Nzinga.	243
Figura 162 - Selo Nigeriano em homenagem a rainha Amina de Zaira	244
Figura 163 - Fotografia da rainha ganense Yaa Asantewa em trajes de guerra.	245
Figura 164 - Fotografia da Irmandade em Cachoeira	257
Figura 165 - Fotografia da igreja da Boa Morte na Barroquinha	257
Figura 166 - Fotografia da procissão das mulheres da irmandade em Salvador	258
Figura 167 - Fotografia de negras Quitandeiras no Rio de Janeiro	260
Figura 168 - Negra comerciantes em desenho	260
Figura 169 e 170 - Eu e mãe Davel, e mãe Davel.	264
Figura 171 - Professora Francisca Edileuda da Silva	264
Figura 172 - Dona Bibiu do quilombo de Conceição dos Caetanos	265
Figura 173 - Eu e dona Toinha no quilombo de Água Preta.	266
Figura 174 - Aurila e Eu.	266
Figura 175 - Ana Carla e as crianças no quilombo de Nazaré	266
Figura 176 - Eu e mulheres quilombolas, em Alto Alegre	269
Figura 177 - Oficina de Mulheres Quilombolas, quilombo de Alto Alegre	269
Figura 178 - Mulheres quilombolas da Base e Eu.	271
Figura 179 - Dona Irene, parteira do quilombo da Base	271
Figura 180 - Reunião na casa do Sebastião	310
Figura 181 - Pintura na parede da escola.	311
Figura 182 - Mural de fotos.	311
Figura 183 - Capas de cordéis.	312
Figura 184 - Objetos de representatividade afro.	312
Figura 185 - Instrumentos de percussão	312
Figura 186 - Banner o Candeeiro	313
Figuras 187 e 188 - A roça no quilombo da Base.	313
Figuras 189 - Os quilombolas reunidos.	315
Figura 190 - Caminhada para ir plantar Baobá	315
Figura 191 - A Barragem no quilombo da Base	315
Figuras 192 e 193 - Plantando Baobá no quilombo da Base	316
Figuras 193 a 195 - Vivência com os quilombolas	316
Figura 196 - Bonecas negras feitas pelo Naldo e feitas na comunidade.	317
Figura 197 - Sr. Manuel Vicente e Eu.	318
Figura 198 - Sr. Manuel Vicente e grupo do quilombo	318

Figura 199 - Sr. Manuel Vicente.	319
Figura 200 - A vista da serra vista do pátio da escola.	323
Figura 201 - Pátio da escola e salas	323
Figura 202 - Osório Julião	324
Figura 203 - Igreja, ponto de cultura e Escola.	324
Figura 204 - Faixa Educação Escolar quilombola na entrada da escola	324
Figuras 205 - Escola no quilombo Serra do Evaristo	325
Figura 206 - Painel da escola com os moradores mais idosos.	325
Figura 207 - Liderança/professoras (es) do quilombo e eu.	326
Figura 208 - Vivência e formação no quilombo do Evaristo.	326
Figura 209 - Caminhões pau-de-arara	327
Figuras 210 - Moradores do quilombo no pau-de-arara	327
Figura 211 e 212 - Vivência com professoras e professores	329
Figura 213 - Os professores, professoras e eu	329
Figura 214 - Mural das lendas	330
Figura 215 e 216 – Festa de São Gonçalo.	331
Figura 217 - O caminho do quilombo de Nazaré	333
Figuras 218 e 219 - Crianças dançando na missa afro	334
Figura 220 - Paisagem	334
Figura 221 - O canavial	335
Figura 222 - Campo e bananal	335
Figura 223- Engenho e casa de farinha em Nazaré	336
Figura 224 - Prensa da casa de farinha em Nazaré	336
Figura 225 - Roda – moenda	336
Figura 226 e 227 - O terreno e a escola em construção	337
Figura 228 e 229 - A escola em construção	337
Figura 230 - A escola.	338
Figura 231 - Habitação do quilombo.	338
Figura 232 - Casa de taipa do quilombo	338
Figura 233 - Pé de banana e pé de laranja.	339
Figura 234 - Pé de caju	339
Figura 235 - As mangas e eu	339
Figuras 236 e 237 - Momento da vivência no quilombo de Nazaré	341
Figura 238 - Os jovens e crianças do quilombo.	342

Figura 239 - Moradores de Nazaré na vivência.....	342
Figura 240 e 241 - Os livros sobre quilombo e educação do campo.....	346
Figura 242 - Palestra sobre educ. quilombola.	346
Figura 243 - Formação para professores quilombola	346
Figura 244 - Folder do seminário Fazeres Quilombolas	347
Figura 245 - Minha exposição sobre quilombo.	347
Figura 246 e 247 - Fotos da minha exposição Quilombos.	347

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Comunidades Quilombolas nas Unidades da Federação	79
Tabela 2 – Comunidades quilombolas cearenses certificadas pela Fundação Cultura Palmares	80

LISTA DE SIGLAS

ABPN	Associação Brasileira de Pesquisadores Negros
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
AGNU	Assembleia Geral das Nações Unidas
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ARQUIBA	Associação Remanescente de Quilombola da Base.
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CEB	Câmara de Educação Básica
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEPIR	Comitê Estadual de Política de Igualdade Racial
CF	Constituição Federal
CF	Campanha da Fraternidade
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPIR	Conselho Nacional de Promoção de Igualdade Racial
CEQUIRCE	Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas do Ceará
CONAE	Conferência Nacional de Educação
CONAPIR	Conferência Nacional de Promoção de Igualdade Racial
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CONEB	Conferência Nacional da Educação Básica
COPENE	Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros
CPLP	Comunidades dos Países de Língua Portuguesa
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEEQ	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola
DCNERER	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais
DOU	Diário Oficial da União
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EB	Educação Básica
EM	Ensino Médio

EPENN	Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste
EPEPE	Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco
FAFICA	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru
FAUP	Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
FCP	Fundação Cultural Palmares
FEACA	Federação das Associações e Conselhos de Moradores de Casa Amarela
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FNB	Frente Negra Brasileira
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
FUNDEB	Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF	Fundo de Desenvolvimento da Educação Fundamental
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDH-M	Índice de Desenvolvimento Humano–Municipal
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
MAC	Movimento de Adolescentes e Crianças
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEC	Ministério da Educação
MOPs	Movimento Popular de Saúde
MSN	Movimento Social Negro

MTN	Movimento Terras de Ninguém
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
NUPESQ	Núcleo de Estudos e Pesquisas
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PBQ	Programa Brasil Quilombola
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PNAD	Pesquisa Nacional Domiciliar
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPQ	Plano Pernambuco Quilombola
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PRONERA	O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	28
2	OS PERCURSOS TRILHADOS: BRASIL QUILOMBOLA E QUILOMBOS NO CEARÁ QUILOMBOLA	48
2.1	De Brasil a Brasil de quilombos e de Ceará a Ceará negro quilombola	51
2.2	Quilombozando pelos quilombos na “Terra da luz”: minhas experiências com Quilombos na formulação da proposta da pesquisa	57
2.3	Por onde andei: terras de fazeres e saberes	61
3	FAZERES CIENTÍFICOS: TECENDO DEFINIÇÕES E CONCEITOS E CONCEPÇÕES DE BASE	85
3.1	Cultura	87
3.1.1	<i>Cultura negra</i>	89
3.2	Patrimônio Cultural.....	89
3.2.1	<i>Patrimônio cultural material e imaterial</i>	91
3.2.2	<i>Patrimônio cultural da população negra</i>	92
3.3	Africanidades e afrodescendência	92
3.4	Os movimentos Negros	94
3.5	Memória de negros e negras e memórias quilombolas	95
3.6	Identidade cultural e pertencimento	97
3.6.1	<i>Pertencimento a um grupo social</i>	99
3.6.2	<i>Identidade Negra</i>	100
3.6.3	<i>Identidade quilombola</i>	101
3.6.4	<i>A identidade coletiva enquanto fator de conhecimento.....</i>	103
3.7	Racismo antinegro.....	103
3.8	Território e territorialidade	105
3.8.1	<i>O território</i>	106
3.8.2	<i>Territorialidades</i>	107
3.9	Conceito de Lugar	108

3.10	Comunidades rurais negras ou quilombolas	109
3.11	Populações negra	109
3.12	Formação de professores e prática pedagógica	110
3.13	Educação quilombola e do campo	111
4	QUILOMBOS RAIZES NA LITERATURA DAS CIÊNCIAS HUMANAS BRASILEIRA.....	114
4.1	Quilombos conceitos e características: das formas legais, históricas e geográficas	120
4.2	Tecendo fatos da história quilombola no Brasil.....	124
4.3	A evolução sobre as ideias de quilombos na história do Brasil atreves dos movimentos negros.....	129
4.4	As diferentes formas de formação dos quilombos no Brasil	135
4.5	Discussão entre quilombo e campesinato quilombola	136
5	CEARÁ TEM DISSO SIM: QUILOMBOS NO CEARÁ GEOGRAFIA E HISTÓRIA.....	139
5.1	Ceará “terra da luz”: alumando a negra história e geografia dos quilombos	141
5.2	Um levantamento dos trabalhos sobre quilombos no Ceará e laudos do INCRA.....	145
5.3	Quilombos, Assentamentos e quilombismo no Ceará	147
5.4	Os bairros negros em Fortaleza um elo entre os quilombos e quilombismo urbano	149
5.5	Concluindo sobre os quilombos no Ceará.....	150
6	O AYA: RESISTÊNCIA E PERSEVERANÇA NAS TERRAS QUILOMBOLAS	153
6.1	Localizações das comunidades	155
6.1.1	<i>Comunidade Remanescente Quilombola de Nazaré-Arapari</i>	157
6.1.2	<i>Tecendo o patrimônio cultural</i>	167
6.1.3	<i>Pesquisas acadêmicas realizadas sobre a comunidade</i>	168
6.2	As Três comunidades pesquisadas	169

6.2.1	<i>Comunidade Quilombola da Base</i>	176
6.2.2	<i>Tecendo o patrimônio cultural</i>	180
6.2.3	<i>Resumo dos trabalhos encontrados e quadro das pesquisas já realizadas na comunidade da Base</i>	182
6.3	Os resultados dos trabalhos encontrados.....	182
6.3.1	<i>Comunidade quilombola Serra do Evaristo no Maciço de Baturité</i>	186
6.3.2	<i>Tecendo os patrimônios culturais.....</i>	189
6.3.3	<i>Quadro das pesquisas já realizadas nas comunidades</i>	190
7	TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE; FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES QUILOMBOLA.	192
7.1	Ancestralidades, cosmovisão africana e patrimônio cultural.	193
7.2	Memórias de negras e negros quilombolas, oralidade e história oral, Palavra e oralidade a partir dos africanos.....	203
7.2.1	<i>A palavra e a oralidade nas sociedades africanas tradicionais e nos quilombos</i>	209
7.3	Contextualizando território, territorialidade e territórios quilombola	212
7.4	As identidades, identidade individual e identidade coletiva	215
7.4.1	<i>Identidade negra e Identidade Quilombola.....</i>	215
7.4.2	<i>Identidade Quilombola.....</i>	216
7.4.3	<i>Como se constroem as identidades quilombolas positiva: um problema para a educação</i>	216
7.5	Os patrimônios culturais encontrados nos territórios pesquisados.....	218
7.5.1	<i>Quilombo da Base e seus Patrimônios imateriais.....</i>	223
7.5.2	<i>Quilombo Serra do Evaristo e seus Patrimônios imateriais</i>	226
7.5.3	<i>Quilombos de Nazaré e seus patrimônios imateriais</i>	231
8	MULHERES NEGRAS: RESISTÊNCIA, SABEDORIA E ORGANIZAÇÃO EM QUILOMBO	237
8.1	Mulheres Negras protagonista da/na história	238

8.2	Mulheres Negras, Rainhas e heroínas africanas: resistência, presença, participação e construção de um legado histórico.	240
8.3	As mulheres negras nas menções da história do Brasil	245
8.4	A força das mulheres negras história urbana Brasileira: As irmandades, quitandeiras e ganhadeiras	255
8.5	As quilombolas o lado das mulheres negra: Família, resistência, cultura e liderança no Ceará.	261
8.6	Mulher quilombola no quilombo da Base – “mulher parteira”	270
8.7	Mulher quilombola no quilombo serra do Evaristo – “mulher mestra”	273
8.8	Mulher quilombola no quilombo de Nazaré – “mulher mãe”	275
9	CULTURA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E DO CAMPO: PARÂMETROS EDUCACIONAIS QUILOMBO A E DO CAMPO NO CEARÁ	278
9.1	Do cotidiano da história para a educação quilombola e do campo	279
9.2	Quais as problemáticas da educação quilombola no Ceará	286
9.2.1	<i>Educação escolar quilombola do campo: história, cultura, memória, luta e resistência</i>	292
9.3	O que se pode propor como educação quilombola do campo	297
9.4	O quilombo e o campo têm negros: presença /ausência do negro no currículo da educação do campo e quilombola	298
9.4.1	<i>O currículo: Base Nacional Comum Curricular, equidade e igualdade</i>	299
9.4.2	<i>Construindo coletivamente uma proposta de organização curricular e pedagógica para as escolas quilombola e do campo</i>	302
9.5	Patrimônio cultural imaterial e material: afro saberes e fazeres pilar para educação escolar quilombola do campo	304
9.6	Tecendo a teia da educação quilombola: patrimônio cultural local e educação	306
9.6.1	<i>Comunidade remanescente do Quilombo da Base: resultado das vivências</i>	309
9.6.2	<i>Comunidade remanescente do Quilombo da Serra do Evaristo: resultado das vivências</i>	321

9.6.3	<i>Comunidade remanescente do Quilombo de Nazaré: resultado das vivências.....</i>	332
9.7	Contextos e as questões educacionais quilombolas do campo nas comunidades pesquisadas: Base, Evaristo e Nazaré	343
9.8	Caminhos que se cruzam: atividades de base metodológicas que complementa o desenvolvimento da tese.....	344
10	TECENDO HISTÓRIA FIO A FIO A CONCLUSÃO	348
	REFERÊNCIAS	354
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO PARA O DOUTORAMENTO	369
	APÊNDICE B – TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO NO DOUTORADO. TECENDO AFRICANIDADES QUILOMBOLAS COMO PARÂMETROS PARA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E DO CAMPO NO CEARÁ	371
	APÊNDICE C – TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO NO DOUTORADO – UFC	374
	ANEXO A – HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBO DE NAZARÉ.....	375

1 INTRODUÇÃO

Os patrimônios culturais são parte da identidade de populações, são processos fenômenos e resultados da história que produzem a afirmação social de uma população. Fazem parte da memória social coletiva das populações. Os patrimônios são marcadores que produzem as identidades e também são produtos das identidades. Afros patrimônios culturais é o reconhecimento do direito das populações de origem africana sobre a cultura e a história nacional. (CUNHA, SANTOS, 2019).

A história da terra, construída pelo homem\pelo um ser humano, é sua própria história. É aquela que faz dele um sujeito singular, membro de um grupo, de uma comunidade, protagonista e parte ativa de um espaço e lugar pelo qual transita. Espaço e lugar, lugar comunidade, no qual constrói a percepção de si mesmo e dos demais, os que aí estão e com ele partilham a existência. Permanência, resistência, e existência sua e dos seus. (SANTOS, 2020).

Esta tese desenvolve um Procedimento de registro do acervo cultural e análise do espaço territorial de três comunidades de quilombos do Ceará. Trabalha com o registro e compreensão dos acervos culturais referentes aos conceitos de patrimônio cultural, como forma de conhecimento sobre as comunidades, e tendo em vista orientação de possíveis práticas educacionais dentro da referência de educação quilombola e educação do campo nas regiões de quilombos.

As possibilidades e necessidades educacionais são dadas pela realidade de vida da população de cada localidade e um dos caminhos para o conhecimento da identidade da comunidade é o reconhecimento do patrimônio cultural.

A identidade cultural exerce várias funções, algumas de caráter jurídico, quando do reconhecimento oficial, outras de forma de pertencimento a um território e como definição de si para os indivíduos. Portanto identidade quilombola é uma preocupação da educação. Sendo assim a proposta de realizar o levantamento do acervo de patrimônio, fazer a sua interpretação e a reflexão sobre os caminhos da educação quilombola e educação do campo quilombola, pensando a partir das diretrizes sobre educação quilombola do MEC, foi uma tarefa de pesquisas desta tese de doutoramento. Os trabalhos de campo foram voltados para o levantamento de três comunidades quilombolas do estado do Ceará, com a intenção de uma comparação dentro de uma região geográfica diversa, o que permite um balanço entre as generalizações e as especificidades. E as três comunidades remanescente de quilombos

estudadas foram Quilombo da Base, em Pacajus, Quilombo da Serra do Evaristo, em Baturité e Quilombo de Nazaré, em Itapipoca.

Quilombos e remanescentes de quilombos são comunidades históricas de maioria de população negra, em sua situação geografia, na maioria áreas rurais, e desenvolvendo modos de vida próprios denominados de cultura tradicionais, segundo a constituição de 1988.

As definições de quilombo ou remanescente de quilombo enfocam os territórios, as identidades históricas e as etnicidades. Os fatos de serem classificadas na constituição como comunidades tradicionais implicam nos legados culturais. Portanto, os acervos patrimoniais são parte importante da definição sobre cada comunidade de quilombo. São Populações que enfrentam diversos desafios de sobrevivência e de autoafirmação como povo e como sujeitos de direto a terra, as políticas públicas e a educação de qualidade. Pensando a qualidade da educação das populações quilombolas como meio de melhor inserção na sociedade e de melhorias das condições subjetivas e objetivas da vida humana foi que se desenvolveu este trabalho de pesquisa.

Quilombos no estado do Ceará e na região do nordeste Brasileiro é um tema atual com diversas facetas, sendo uma delas a de movimentos sociais das populações negras, em busca de igualdade, e, apresento a educação como um dos aspectos relevantes para a transformação dos modos de vida e obtenção de segurança social, respeito humano, desenvolvimento econômico e igualdade. Os movimentos negros e os movimentos quilombolas em razão de serem movimentos sociais é que devem ser contemplados como pesquisas na área da educação e de movimentos sociais do programa de pós-graduação em Educação da UFC.

Sou mulher negra, com infância de passagem pelo o território rural e urbano, e com familiares pertencentes à comunidade negra rural do estado do Maranhão, pois quando criança, às vezes ir passar as férias na zona rural, esse não tinha nome de quilombo, porém algumas destas localidades hoje são denominadas quilombos.

Nasci em Caxias, Maranhão, todavia tive passagem, ou seja, morei em São Paulo, Caxias e Fortaleza, nessa é onde moro atualmente, e onde tenho convivido com as dificuldades das relações sociais sobre a população negra, isso de certa forma me impulsionou na pesquisa. Sendo que desde a graduação estudo os temas da educação da população negra e

tenho convivido com a problemática dos quilombos, sendo que proposta de pesquisa desta tese reflete as minhas inquietações profissionais e das populações com as quais eu convivo.

Utilizo no desenvolvimento da tese a autobiografia como exercício metodológico de reflexão sobre a temática do trabalho na forma que Cunha Junior (2011) explana sobre a função da auto biografia.

Nos últimos 10 anos, venho trabalhando em diversas formações de professores para as modalidades de cultura afro-brasileira, educação quilombola e de educação no campo, área do conhecimento sobre a qual tenho acumulado um conjunto de informações, conhecimentos, práticas de trabalho e indagações que me levam a reflexões sobre a educação quilombola e a formação continuada de professores. De percursos em territórios quilombolas é processei parte do conhecimento e de necessidades sobre educação dos quilombos. Andando onde estão os problemas é possível identificar problemas e demandas educacionais.

Assim nasceu a indagação principal desta tese de doutoramento. Como bem relacionar os elementos presentes na realidade de vida dos quilombos e campesinos quilombolas, às propostas pedagógicas e à formação de professores para intervenções nos quilombos do estado do Ceará. Destacamos que a literatura sobre educação quilombola trabalha com as duas categorias educação quilombolas e educação campesina quilombola. Uma discussão conceitual que estudamos e resolvemos também no corpo da tese.

O ponto de partida é a constatação analítica e minuciosa da realidade dos quilombos. Utilizando uma metodologia de percursos territoriais constatamos que metodologia existem demandas concretas, existem dados geográficos, históricos e sociais, existem produções dos quilombos e sobre os quilombos, existem relações internas e externas, sendo possível agrupá-las e analisá-las sobre os enfoques de território quilombola, patrimônio cultural e identidade quilombola. Portanto este é terreno conceitual e experimental sobre o qual procuramos desenvolver a pesquisa e responder as inquietações.

Desde a graduação, finalizada em 2007, é que venho trabalhando com os referenciais de africanidade e afrodescendência, como forma teórico-conceitual de pensar as populações negras na história do Brasil, dentro da perspectiva de pensadores negros e da intervenção nas comunidades negras. Também de minhas práticas pedagógicas enquanto

professora formadora de educação quilombola e do campo. Sendo nesta perspectiva que o trabalho de pesquisa da tese de doutoramento se constitui.

Este trabalho foi tecido pelas memórias individual/coletiva e pelos achados através das vivências com os quilombolas das três comunidades escolhidas e, as (os) professoras (os) que trabalham nas escolas destes quilombos. O trabalho de pesquisa trata de uma população quilombola e sua educação escolar pelo viés do território, do patrimônio cultural e da identidade.

Os alunos negros são isolados nas salas de aulas, sentimos o peso da humilhação por sermos rejeitados dentro do espaço escolar, este dominado pelo sistema eurocêntrico que inferioriza a cultura afro-brasileira e a história da população negra. Que desconhece os patrimônios culturais e a vida das comunidades de quilombo e aplicam uma suposta educação universalista nas escolas que servem às comunidades de quilombo. Existe a carência de conhecimento e de materiais sobre a educação quilombola, como também existem imprecisões conceituais e práticas sobre os conteúdos e forma da educação em áreas quilombolas. E principalmente a busca de melhorias educacionais para a população negra.

Rafael dos Santos (2002, p.82) nos ajuda a pensar e refletir em que condições se encontram os alunos negros:

Nessas condições, um aluno negro, indígena, mestiço ou qualquer outro identificado e se identificando como um não branco fica meio constrangido ao se ver nessas disciplinas como um dependente de outro grupo para ‘civilizar-se’ enquanto ouve e lê sobre como seus ancestrais foram escravizados, subjugados, exterminados, sofrendo castigos corporais... explorados. Como interessar-se pela história brasileira, se esta é contada a partir da perspectiva das classes dominantes, dos “vencedores” e dos detentores do poder?

Não quero ficar presa ao passado criminoso, pois algumas mudanças ocorreram dentro do sistema escolar do país, em termo de material didático e pedagógico, mas o racismo continua vitimando a população negra na sociedade brasileira e dentro das escolas, universidades.

A formação histórica do Brasil nestes quinhentos últimos anos é bastante diferente da ocorrida nos países europeus devido a existência de um sistema de produção escravista criminoso de duração que quase 350 anos. Neste período se estabeleceu a importação compulsória e sistemática de trabalhadores africanos para o desenvolvimento econômico da colônia portuguesa e depois do império brasileiro. A colonização do Brasil é realizada pelo

grande número de africanos trazidos (traficados) e a reprodução dos seus descendentes, o que constituiu uma estrutura social pondo em oposição africanos e europeus. No campo das relações interconectais existiu também durante 400 anos uma intensa luta entre nações africanas e europeias resultando num grande sistema colonial de dominação dos povos africanos pelos europeus. Resultante destes sistemas de dominação foi produzida uma ideologia de interiorização social e de desqualificação social para o trabalho dos povos africanos e seus descendentes, que podemos denominar como racismo contra as populações negras. A escravização de africanos se deu em período menor em todos os demais países das Américas, sendo, portanto no Brasil onde se deu o mais longo e mais intenso tráfico de trabalhadores aprisionados no continente africano. Resultando na estrutura social brasileira uma importante desigualdade social entre as populações de descendentes de africanos, populações denominadas como negras e negros em relação às populações de descendentes de europeus denominados como brancas e brancos. O que produziu a existência de movimentos sociais das populações negras.

Deixamos claro que negros e brancos são apresentados neste texto sobre a ótica da história social e não como raças biológicas, portanto mesmo tendo ocorrido a misturas populacionais os grupos resultantes tem a polarização social entre os denominados negros (mulatos e morenos) e os denominados brancos.

Como explica o historiador Walter Rodney (1942 – 1980) (RODNEY, 1972), nesses dois grandes processos, do escravismo criminoso nas Américas e da colonização europeia na África, o continente africano ficou subdesenvolvido, repreendeu na sua dinâmica econômica, social e política e a Europa se expandiu. As reações aos escravismos e aos processos de escravização tiveram uma intensa reação das populações africanas e afrodescendentes, que em parte produziu a fuga dos locais de trabalho e organização de um sistema de comunidades de auto defesa conhecido como quilombos.

No Brasil a posse da terra por parte de populações não hegemônicas é um grande problema nacional. Devido a existência de lutas pela posse das terras nas áreas rurais as comunidades de quilombos vivem os problemas de reconhecimento do direito à terra e de lutas com as classes dominantes dos municípios em que estão inseridos. Conflito que tem implicações na educação e nas relações sociais estabelecidas dentro e fora das escolas.

Em particular no estado do Ceará os grupos dominantes, que têm a hegemonia da cultura oficial e escolar utilizam a estratégia da inexistência histórica de populações negras. Sendo que a historiografia do estado somente em período recente, no início do século XXI,

mudou a ênfase desse discurso. Podemos afirmar que boa parte da mudança sobre os enfoques históricos é devido os questionamentos e denúncias vindas dos movimentos sociais negros desenvolvidos no estado a partir da década de 1990. O raciocínio de negação da existência de populações negras importantes durante o período do escravismo foi baseado na suposição de que a formação histórica do estado do Ceará é da pecuária, e que esta não comportou populações negras escravizadas, assim promove-se a falácia da inexistência de população negra no estado. Primeiro que existiram várias atividades agrícolas na história do estado entre a produção de cana para cachaça e rapadura, o algodão e mandioca para a produção de farinha. Como também mineração e também a indústria do carne de sol e do beneficiamento do couro, que foram intensivas em população escravizada. Lembrando também que as dinâmicas populacionais do período do pós-abolição trouxeram para o estado do Ceará uma população negra migrante dos estados vizinhos, principalmente da Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão. Aponto estes fatos para compreendermos melhor a problemática das populações negras rurais no estado do Ceará, marcadas pela invisibilidade oficial, com profundas consequências no processo de formação da identidade individual e coletiva e como consequência na educação quilombola e educação do campo quilombola.

Nesta tese apresento o desenvolvimento do conceito de quilombo, a presença de quilombos no Ceará, os acervos culturais de três comunidades de quilombos e as formas de como os sistemas de educação deram respostas aos movimentos negros do tratamento sobre a educação quilombola. Enfocando também como o trabalho desenvolvido acrescenta contribuições a dinâmica do processo de estabelecimento da educação do campo quilombolas e dos quilombos em geral.

Escolher o tema de pesquisa não é só escolher o tema de uma redação, mas é estar cientificamente e historicamente erguendo pilares, é buscar contribuições socioculturais para a sociedade na qual se está inserida, é levantar bandeiras de lutas e resistências.

Assim busquei um tema de relevância, pois somente quando se sente parte integrante de uma cidade, de uma comunidade ou de povo é que a cidadã, o cidadão dá valor às suas referências culturais. Referências que também são chamadas de bens culturais.

Então a escolha vem de encontro às heranças ancestrais, e contribuição para a história que ainda não foi pesquisada, não foi revelada, porém esta parte da história é de fundamental importância para a sociedade brasileira para compreensão da formação histórico-cultural. Também como preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, pois a preservação do

patrimônio cultural visa, antes de mais nada, romper, por meio de práticas culturais e de formas de produção, o exercício da cidadania e melhorar a qualidade de vida para as pessoas no presente.

Com detalhamento dos diversos aspectos da cultura do Ceará encontramos formas da presença das culturas negras que poderiam ser exemplificadas na indústria do couro, e das de carne de charque. Outros exemplos são ligados a toponímia com localidades com nomes de origens africanas como Mulungu e Mombaça, de origem Banto. Na história da formação sócio econômica do Ceará encontramos a referência aos quilombos em 1600 (SANTOS, 2012).

Na atualidade o estado do Ceará conta com 86 comunidades reconhecidas pela Coordenação Regional das Comunidades Quilombolas do Ceará (CERQUICE), há mais de 46 certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e 4 comunidades em processo de titulação. E um dos elementos para identificação das comunidades é o patrimônio cultural. Diversas festas populares tradicionais de origens africanas tais como os reisados e as congadas, criam uma religiosidade de base africana híbrida. Nota-se a existência de Irmandades de Pretos em diversas cidades e outras formas religiosidade de base africana, no presente e no passado. A dificuldade sobre a abordagem das culturas de base africana na cultura do estado Ceará é vista por nós, pesquisadores/as, como um problema ideológico, inserido nas relações sociais entre população subalterna sinalizada como afrodescendente. A identificação, produção de registros e acervos e o tratamento da cultura negra é um problema para a história das populações, sua autoafirmação e para os sistemas de educação. Assim justificando-se a pesquisa proposta, busco analisar como pode se dâ sua relação na aprendizagem escolar quilombola. A pesquisa justifica-se também pela lei 10.639 / 2003 que obriga o ensino da história e cultura africana e afrodescendente nos sistemas de ensino fundamental e médio, particular e público, embora o país esteja passando por mudanças devido a atual conjuntura política, pois esta tem procurado parar todas as conquistas alcançada ao longo de décadas de lutas do movimento negro. Este reivindicou direitos humanos, igualdade, combate à discriminação racial e educação étnico racial. A lei 10.639/03 vê-se ameaçada diante de um governo retrógado.

A pesquisa universitária está realizando revisão sobre o patrimônio cultural afrodescendente e quilombos no estado do Ceará, com trabalhos na sociologia, na história e na educação (BEZERRA, 2002), (RATTS, 2001), (SANTOS, 2012).

A discriminação racial na escola me leva às indagações, tais como: por que em parte das aulas que se fala de negros e negras, só se reporta ao período escravista? E durante estas aulas os alunos (as) afrodescendentes sofrem insultos dos colegas de classe. Então vêm várias

perguntas e reflexões sobre como foi a vida, a história dos meus antepassados que não está na escrita dos livros escolares, levando-me a buscar conhecimento e querer escrever a história real dos que foram negados, assim levando-os a se expressarem através da escrita. Os questionamentos justificam minha necessidade de estudo destas questões em relação à educação. São também indagações comuns em quilombos que tenho visitado e nos quais trabalhei em pesquisas anteriores.

No mestrado o tempo não permitiu ir mais além, pois estudar as questões relativas aos vários aspectos da história, da cultura, das africanidades e, procurar traduzir/ou inserir nas escolas requer tempo.

Justificativa também pelas necessidades das práticas educacionais nas comunidades de quilombo que necessitam de um acervo de elementos e metodologias mais amplas.

A pesquisa aqui realizada justifica-se também, pela minha experiência de vida que reclama um reconhecimento social. Também existe necessidade coletiva das populações negras, aonde venho andando, em ter o direito à história e da existência de acervos sobre o patrimônio cultural e cultura material e imaterial. Desse modo, a pesquisa é uma necessidade do contexto da educação quilombola e da educação do campo, também diria que uma necessidade minha em contribuir com um reconhecimento da diversidade cultural quilombola no Ceará e uma contribuição para seu fortalecimento como modo de retribuição dos muitos ensinamentos aprendidos em minha jornada pessoal, profissional e enquanto pesquisadora, pois temos uma ausência da presencia do patrimônio cultural na educação e, também a inexistência de trabalho neste campo.

Esta tese analisa questões relativas à inserção da educação quilombola e do campo no currículo, partindo da identificação e recolhimento dos patrimônios culturais, da compreensão do território quilombola, que são partes da formação da identidade e do pertencimento à localidade, e com estes elementos discutir as propostas de educação quilombos e educação do campo quilombola. Em suma, o que existe de concreto na vida quilombola e como fazer a educação a partir desse acervo, é a problemática principal, tendo em conta a existência das diretrizes curriculares da educação quilombola e do friso conceitual entre educação do campo quilombola e educação quilombola. Procurando uma compatibilidade ou pelo menos um avanço com relação a estas conceituações, campo e quilombo, como atividade humana rural de população negra.

O envolvimento com tema da educação quilombola ocorreu por interesse pessoal e por razões profissionais. A partir do envolvimento com o tema ocorreu certo grau de conhecimentos

empíricos e de especialização se faz necessário para explicar para seja compreendido a trajetória que levou ao encaminhamento desta tese de doutoramento e à necessidade de construção de um novo conhecimento mediado pela pesquisa científica. Assim o envolvimento com o tema se dá primeiro como mulher negra de origem maranhense e vivendo a cultura negra no mundo rural. E segundo estar desenvolvendo desde a graduação pedagogias da afrodescendência, também foi se fortaleceu o envolvimento através da pesquisa de mestrado, pesquisei a história e memória do quilombo de Alto Alegre em Horizonte Ceará, 2012. Depois realizei uma série de formações para professores de quilombos no Ceará, e formação sobre cultura afro-brasileira no Piauí e Maranhão. Destas experiências se processa um acervo de conhecimento e de perguntas e inquietações. Apresentam-se problemas ainda não resolvidos e necessitando da ampliação dos conhecimentos.

Devido à inserção nas comunidades de quilombo entendo que a pesquisa venha preencher uma necessidade social que as comunidades encontram quanto às definições e pesquisa da seu auto referência, identidade e reconhecimento social amplo. Reconhecimento social que implica na elaboração de novos conceitos e práticas que propiciem mudanças no campo da educação quilombola e quilombola do campo. O tema no seu desenvolvimento procura uma renovação metodológica com relação aos métodos clássicos, quando procura um processo de produção de conhecimento associado à intervenção e a consideração da cultura negra quilombola na educação quilombola.

As populações negras no Brasil constituíram movimentos sociais diversos desde o escravismo criminoso, representados pelas irmandades negras, movimentos de quilombos e movimentos urbanos vários. No entanto a teoria de movimentos sociais no Brasil esqueceu estes fatos e pensa os movimentos sociais como novos e como parte da urbanização depois das décadas de 1950, como maior ênfase nas décadas de 1970 e 1980. Como exemplo os trabalhos da Gloria Gohn. Portanto é necessário repensar a teoria e os conceitos de movimentos sociais a partir das inscrições das populações negras no Brasil. E pensar em particular os movimentos quilombolas do estado do Ceará, dentro dos movimentos sociais do nordeste brasileiro. No entanto as pesquisas sobre população negra se apoiam nos conceitos de movimentos sociais sem fazerem uma revisão dos conceitos como relação a populações negras, cultura negra e racismo estrutural antinegro e também da história destes movimentos no Brasil em relação ao movimento negro. Nesta de pesquisa o nosso trabalho tomamos os movimentos sociais com base nos diversos períodos a história do Brasil inserindo no processo os movimentos negros e os movimentos quilombolas. O que produziu a necessidade de uma ampliação dos conceitos. Assim

lembra que existe uma ou várias lacunas teóricas e conceituais a serem revistas e reformulada pelas pesquisadoras negras.

A pesquisa na sociedade brasileira cumpre diversos papéis sociais, um deles é que serve de parâmetro para as políticas públicas. As populações que não tem pesquisa sobre as suas realidades dificilmente conseguem políticas públicas efetivas sob a alegação da falta de dados que comprovem a veracidade dos fatos.

A população negra é parte integrante da história social brasileira, reconhecida pelo IBGE, como a população de pretos e pardos, motivo de políticas de ações afirmativas do estado brasileira desde 1995, com fatos reafirmados pelos governos brasileiros em convenções internacionais como foi a da Conferencia Mundial para combate ao Racismo das Nações Unidas, em 2001, na cidade de Durban, África do Sul. Sendo que a políticas públicas de ações afirmativas para esta população não saem do papel, inexistem como prática ampla do Estado brasileiro. Políticas que enfrentam grandes oposições por diversos setores da sociedade. Em quatro setores as políticas de ações afirmativas foram motivo de grande empenho pelos movimentos negros, sem resultados de grande impacto social até o presente. Estas políticas públicas são nas áreas de: educação, saúde, quilombos e mercado de trabalho.

Os movimentos negros no Brasil existem pelo menos desde 1900 (DOMINGUES, 2007), fato que não é registrado dessa forma na literatura sobre movimentos sociais brasileiros. A autora Gloria Gohn (GONH, 1982;1985) fazendo uma retrospectiva histórica sobre os movimentos sociais estabelece as datas de 1975 e 1980 como inicio desses. Dessa forma é contraditório a afirmação da literatura a qual diz que os movimentos sociais aparecem entre 1975 e 1980. Os movimentos negros são movimentos sociais e existem desde 1900. Portanto os movimentos negros são os mais antigos da história brasileira. Os movimentos negros ao longo do tempo realizam vários tipos de atividades culturais, sociais e políticas, sendo uma delas a de combate ao racismo sofrido pela população negra em diversas esferas da sociedade brasileira.

Os movimentos negros são formas de organização das populações negras por fatores diversos, são veículos de expressão cultural e como também de organização social de reivindicações. Dentre os movimentos negros existem as organizações urbanas e as rurais. Uma parcela importante de organizações rurais são as comunidades de quilombos. Os quilombos são formas de resistência da população negras desde o início do escravismo criminoso no período colonial (MOURA, 1959) e que se perpetuaram no período do capitalismo (SANTOS, 2012). Duas reivindicações importantes dos movimentos de quilombos são relativos à posse das terras e

sobre a educação diferenciada. As comunidades de quilombos são reconhecidas pela constituição de 1988, como comunidades tradicionais, contendo uma cultura específica. As especificidades culturais dos quilombos exercem um papel importante quando do reconhecimento dos quilombos pela Fundação Cultural Palmares. Para efeitos legais é com base na história e na cultura, material e imaterial, que se reconhece o território de uso dos quilombos. Sendo que esta mesma cultura é à base da educação quilombola, assim com o campo tem sua base, mas também tem elementos comuns.

Ocorre, portanto, que o estudo do patrimônio cultural dos quilombos tem grande importância para o reconhecimento do território e para a educação quilombola e do campo. O patrimônio cultural é visto como a base da identidade cultural da população quilombola, sendo parte das práticas de trabalho, religião e lazer, mas também um grande parte da memória da população do quilombo.

Quilombos no Ceará é um tema recente e como poucas pesquisas. São vários municípios com comunidades de quilombo no estado e pouco se conhece de maneira conclusiva sobre os seus patrimônios culturais.

A pesquisa tem como tema Educação quilombola e do campo com base no patrimônio material e imaterial. Os quilombos do Ceará são muitos, mas estudaremos o levantamento do patrimônio de três comunidades, e o estabelecimento da relação destes patrimônios com a educação do campo quilombola.

As comunidades quilombolas no Ceará são numerosas e constituem uma especificidade da educação necessitando de conhecimentos pedagógicos relativos a estas culturas quilombolas.

O patrimônio cultural imaterial e material, cultura, e história são fatores relevantes para a compreensão das inserções das populações rurais negras na história do Ceará. As culturas têm relações íntimas com as disponibilidades do espaço geográfico e com as origens das populações que ocupam estes locais. A permanência com dignidade e conforto, destas comunidades nestes espaços depende do reconhecimento destas culturas, e também em parte da sua aplicação na educação.

Nos seus mais variados aspectos as pesquisas sobre populações rurais negras são necessárias pelos processos de reconhecimento legal de direito, para realização de políticas públicas, principalmente na área da educação.

Comunidades rurais negras / quilombos e o estudo sobre os costumes e práticas sociais, histórias e das condições de vida dessas populações faz parte de uma necessidade social, política, econômica e cultural. Esta pesquisa pretende estudar aspectos da cultura, material e imaterial, dessas comunidades, a relação com o patrimônio cultural e com as relações sociais coletivas. Trata-se de um estudo de interesse para as comunidades quilombolas e para as áreas do conhecimento da educação, da história e da geografia. A história e a construção das práticas sociais nas comunidades de quilombo traduzem uma história de lutas sociais e de perspectivas educacionais destas comunidades quilombolas e do campo.

Os quilombos do Ceará fazem parte de um movimento amplo de conquista da terra no estado e no Brasil, é parte dos movimentos populares que lutam de diversas formas contra as oligarquias e sistemas ideológicos de dominação de classes. Buscam combater a discriminação racial, que produzem desigualdades social, educacional.

Então a problemática proposta na pesquisa é dada em torno de questões que são interligadas, que traz reflexões como amaneira que a escola quilombola e do campo pode desenvolver e construir conhecimentos pedagógicos sobre as culturas quilombolas no Ceará, tomando por base o trabalho com o patrimônio material e imaterial dessas culturas, com as africanidades e com a identidade afro-brasileira.

Na transição entre o século 20 e 21 ocorreram transformações sobre os enfoques científicos levando a superação do paradigma cartesiano da pesquisa disciplinar e preditiva sobre os resultados da aplicação da teoria. As bases das novas ciências humanas são referidas aos conceitos sistêmicos de complexidade e de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (CUNHA JUNIOR, 2017). Desde o mestrado estamos trabalhando com um modelo como base nos territórios e explorando os aspectos diversos da história, geografia, relações sociais, relações políticas e educação (CUNHA JUNIOR, 2019). A nossa pesquisa sobre os patrimônios históricos culturais dos territórios quilombolas estudados procuram a dinâmica desta complexidade transdisciplinar. A complexidade transdisciplinar sistêmica na perspectiva africana é apresentada em dois trabalhos na forma de narrativa de romance, que explicam a sociedades particulares, os romances “A casa da água” de Antonio Olinto e “O mundo se despedeça” do Achibe Achebe. Procuramos dar a mesma dinâmica da narrativa no nosso trabalho.

A problemática desta pesquisa foi desenvolvida em torno das questões sobre o território quilombola, o patrimônio cultural e as utilidades ou influências destes na identidade, no reconhecimento quilombola e na educação. São questões interligadas, interagindo umas sobre as

outras e sendo transformadas no tempo. São problemas de pesquisa presentes no cotidiano das comunidades estudadas e que instigam questões que trazem inquietações, assim enunciadas:

1. Quais problemas se apresentam para a educação quilombola no Ceará? E quais os caminhos de solução. E como é que o patrimônio cultural pode contribuir para a educação quilombola e educação do campo?
2. Quais são as culturas e como estas se processam nos quilombos do Ceará?
3. Como compreender as culturas quilombolas e traduzí-la para o sistema escolar das escolas quilombolas e do campo?

A tese aqui apresentada pesquisou contribuições dos cotidianos dos quilombos para elucidação da dinâmica histórica, social e educacional das comunidades quilombolas relacionada com o patrimônio cultural, cultura material e imaterial, e relação deste com a educação. Das questões iniciais surgiram a necessidade de responder outros questões resultantes das primeiras produzindo os seguintes objetivos específicos:

1. Compreender a cultura material e imaterial como patrimônio cultural quilombola, lembrando que identidade se funda neste patrimônio.
2. Estudar e analisar o patrimônio cultural a partir da filosofia africana e a cultura afro-brasileira como base para compreensão da sociedade brasileira.
3. Analisar as culturas quilombolas e traduzi-las para o sistema escolar das escolas quilombolas e do campo.
4. Desenvolver práticas pedagógicas que possam contribuir com educação quilombola do campo.

No sentido em dar uma consistência conceitual e teórica partimos da literatura sobre quilombo reconhece as comunidades populacionais desta natureza como grupos sociais cuja história, cultura, territorialidade e identidade étnica os distinguem do restante da sociedade numa mesma região geográfica (ANJOS / CYPRIANO, 2006), (MUNANGA / GOMES, 2006), (SANTOS, 2012), (RATTS, 2003). Como continuidade do que realizamos no mestrado tomamos o território, sua historia e suas transformações como base conceitual principal.

Vários dos trabalhos de pesquisa sobre quilombos tratam na perspectiva da historia cultural (GONZALEZ-REY, 2003), (MOURA, 1997), (REIS, 1996), (RATTS, 2003) tratando os sujeitos e a sua subjetividade na direção dos caminhos tratados por Roger Chartier (CHARTIER, 1988). A emergência da história geral da África (KI-ZERBO, 2010) e os trabalhos sobre

quilombos enfocando a geografia (ANJOS, 2009), (ANJOS, 2013), (MOREIRA, 2009), espaço geográfico e territorialidade permitem modificações importantes na abordagem enfocando a cultura negra e a cultura quilombola (SANTOS, 2012), (OLIVEIRA, 2013), (CUNHA JUNIOR, 2013). Dois fatos têm importância neste enfoque: em considerar às relações políticas dadas pela existência do racismo antinegro e da formação capitalistas com presença do racismo; em ser a base histórica nacional determinada em parte pela cultura negra. Ver o Brasil como uma herança da cultura africana em todas as dimensões permite ver o quilombo sob um enfoque pensado a partir da realidade brasileira, como singular e particular distante dos fenômenos de formação das sociedades europeias e asiáticas. Fatores que levam à necessidade em considerar um aprofundamento sobre a filosofia africana como base para compreensão da sociedade brasileira. Resultando, portanto uma abordagem da história - cultural - espacial - de fundamentos africanos.

Os conceitos de cultura negra, memória de negros e negras, africanidade, identidade, pertencimento, território e territorialidade, patrimônio cultural completam o referencial teórico complementares da pesquisa realizada.

A cultura negra pode ser devida como o processamento a atualização da cultura de base africana na realidade brasileira, limitada pelo racismo e condições sociais adversas, e dialogando com as culturas de populações indígenas e eurodescendentes (SANTOS, 2010). Na continuidade desse raciocínio temos a definição de Gomes (2003) acerca da cultura negra:

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.

Concluímos que a cultura negra é uma produção cotidiana das populações de descendência africana como fator constituinte da identidade coletiva. No trabalho de pesquisa realizada a cultura é trabalhada como patrimônio cultura. Como patrimônio ela também fornece subsídios para discussão da educação.

Explicamos através dos passos abaixo o que é a metodologia de pesquisa da afrodescendência:

Primeiro é uma metodologia de pesquisa empírica semelhante em alguns aspectos ao método etnográfico de interpretativista de Cliford Geerdz (GEERTZ, 1989), (CUNHA JUNIOR, 2008), (CUNHA JUNIOR, 2019).

Segundo a proposição mais importante. É uma metodologia de pesquisa específico para pesquisadores que estudem as suas próprias realidades, para pesquisadores que através da sua experiência de vida ou militância social já estejam previamente imersos no tema da pesquisa. Pela imersão previa o pesquisador já possui antecipadamente os repertórios que outros pesquisadores vindos de fora procuram obter no processo da pesquisa. Em outros métodos etnográficos a pesquisadora se ambienta pesquisando e pormenorizando as descrições, isto por não conhece e precisam se ambientar para conhecer. A pesquisadora de dentro da porteira, usando a terminologia de Narcimaria Luz para pesquisas em terreiros por membros dos terreiros (LUZ, 2013) é a pesquisadora que utiliza essa metodologia. De dentro da porteira necessita rever os repertórios, organiza-los mentalmente, tomar consciência detalhada do que já conhece e conceitua-los. Não se precisa explicar para quem é de quilombo como se planta a macaxeira, como se produz a farinha e como se diferencia os diversos produtos da farinha. Nem qual a importância da farinha na vida do quilombo. As pessoas de dentro convivem com a descrição da cultura, quem é de fora precisa aprender, por isto faz etnografia ou outros métodos de pesquisa que visa este aprendizado. No conceituar o pesquisador de dentro cria próprios conceitos, reutiliza conceitos presentes na literatura e mesmo produz teorias novas.

Terceiro de pressuposto é que é uma metodologia transdisciplinar ou interdisciplinar e procurando as especificidades de um determinado território. Trabalha de forma sistêmica com várias disciplinas ao mesmo tempo, e não as separa. Tendo também não apenas um foco de pesquisa, mas mais de um para tornar o processo sistêmico de procura da complexidade como é feito nas culturas africanas (CUNHA JUNIOR, 2010). A complexidade científica é uma redução da realidade e tem pelo menos três focos de preocupação da formulação da composição da complexa. No caso da tese, território de quilombo, mas vendo a história, as relações sociais, a produção material e a educação. Sendo que na eleição de patrimônio cultural ficam conectadas várias das disciplinas, sendo que através da conexão do patrimônio com a população surgem os processos de identidade e de necessidades sociais e estes se conectam quando compreendidos com a educação. Patrimônio cultural geralmente as pesquisas conectam apenas com a história. Na tese conectamos com relações sociais, direito a terra pela forma do estado trabalha, mas também é conectado a economia, pelas formas que são produzidos e as identidades pela atuação que produzem dentro da sociedade.

A quarta etapa é a classificação e o refinamento dos conceitos relativo ao que está sendo trabalhado. Isto ocorre conversando com os demais membros da comunidade. Conversas formais e informais. Conversas que ocorrem através de percursos das memórias e de

convivências em atividades. De perguntas de aprofundamento do conhecimento. São atividades às vezes difíceis de formalizá-las. Muitas vezes é um constante pesquisar, pois, os sujeitos da pesquisa são imprevisíveis nas suas participações e nos seus processos de processamento mental da informação.

A quinta distinção da metodologia afrodescendente é que é uma pesquisa participante, pois relaciona sujeito a sujeito. Sujeito pesquisador a sujeito de pesquisa. Ambos em uma produção dinâmica que se interpenetram e se modificam constantemente. Nem a pesquisadora permanece a mesma e nem o tema continua sempre da mesma forma. Ambos se modificam no curso da pesquisa. Para a pesquisa pelo método da afrodescendência se está resolvendo um problema não apenas da tese, mas das necessidades de vida do pesquisador e das pessoas envolvidas nos territórios pesquisados. Existe uma parte autobiográfica onde a pesquisadora explica a sua imersão no tema, ou seja, pesquisa a si própria. Nesta parte também se relaciona o tema e amplia a percepção do tema relativo a si mesma. Por isto é um método para pesquisadores de dentro da porteira e interessado em mudanças sociais do seu próprio grupo de pertencimento.

A pesquisa realizada é de intervenção, pois pretende mudanças e interfere na realidade através de oficinas de formação de professores e da relação de materiais e textos que passam para o cotidiano dos professores e alunos.

Assim na pesquisa utilizei de processos metodológicos que contribuíram tanto para a pesquisa de campo como a realização dos trabalhos em sala de aulas.

No trabalho de pesquisa escolhemos pesquisa de intervenção participante através do método da afrodescendência, foi utilizada como uma das formas de compreensão e recolhimento dos elementos estudado, patrimônio cultural materiais e imateriais, que têm significado para a construção da identidade e compreensão dos significados dentro do campo de estudo, que são as comunidades de quilombo da Base, quilombo Serra do Evaristo e quilombo e Nazaré, e o patrimônio cultural das comunidades de quilombos em estudo.

A metodologia de pesquisa da afrodescendência, acompanhada da pesquisa participante, permitiu a intervenção pesquisadora e objeto de pesquisa, porém sem que isso levasse a pesquisa para universo romantizado. A pesquisa participante, como a metodologia da afrodescendência, deu-se a formação de alicerce para intervenção acadêmica durante as idas ao campo, foi utilizado procedimentos pedagógicos, roda de conversas, a corporeidade, o teatro e a música.

Métodos, procedimentos e conceitos que foram trabalhados para o desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa com base nos métodos tradicionais envolve um distanciamento do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e leva à dificuldade na compreensão e aprofundamento da subjetividade de cada grupo social. Mesmo reconhecendo os diversos avanços alcançados por meio da ciência moderna em campos como a medicina e a tecnologia, também devemos atentar para as consequências danosas desta e para as restrições dos métodos de pesquisa ao impor regras e observar repetições, sendo que podemos afirmar que o método indutivo limita a realidade, exclui as contradições, homogeneíza as diferenças e reduz a complexidade da vida, quando se trata principalmente de culturas (Gauthier, 2012).

Entendemos que o filosofo Guattari (2001) aborda a problemática da pesquisa num campo amplo quando afirma que as questões relacionadas à produção da existência humana em nosso contexto histórico está relacionada com uma crise de pensamento envolvendo os registros do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Assim realiza uma denúncia do paradoxo por trás desta crise: por um lado, o crescente desenvolvimento de novos meios técnico-científicos, supostamente capazes de dar conta das grandes questões atuais, como a fome, a doença e a violência e por outro a incapacidade das formações subjetivas constituídas de se apropriarem desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 2001), (GUATTARI, 1996). Desta forma conclui que é urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas “(Guattari, 2001, p.18), neste sentido é que pensamos na pesquisa participativa como veículo importante para conduzir esta pesquisa em comunidades de quilombo no Ceará. Estamos no campo onde a pesquisadora soma ao pesquisado, e propõe uma constante experimentação na criação da diferença. Portanto, envolve a consideração de uma dimensão ética, como preocupação central, a defesa da produção de vida. Envolve também uma dimensão política quando considera que a constituição das relações sociais, dos modos de produção das relações de trabalho e poder local e que estas estão diretamente relacionadas aos modos de produção de subjetividade.

A pesquisa de intervenção participante através do método da afrodescendência foi utilizada como uma das formas de compreensão e recolhimento dos elementos materiais e imateriais que têm significado para a construção da identidade e compreensão dos significados do patrimônio cultural das comunidades de quilombos em estudo.

O método da pesquisa participante, como a potência da metodologia da afrodescendência, pode utilizar a intervenção e a criação através de vivências pedagógicas, com uso da dança, da corporeidade, do teatro e da música.

O trabalho foi realizado com os membros das comunidades de quilombo em estudo, comunidade que são: quilombo da Base, quilombo Serra do Evaristo e quilombo de Nazaré, e os professores das escolas da região desses quilombos. As professoras (os) e membros das comunidades foram o público alvo dessas considerações.

Nas comunidades de quilombos dada a existência de culturas tradicionais de base africana, transformadas e atualizadas como contemporâneas, são locais privilegiados para realização dos princípios da formação através do patrimônio cultural imaterial e material. Tendo como trajetórias os pontos da minha experiência com formação de professores usando práticas pedagógicas do patrimônio cultural.

Nesta parte metodológica utilizei a minha experiência e práticas pedagógicas para elaboração das vivências, sempre direcionadas à compreensão da vida cotidiana da comunidade. Estará contido nestas atividades o segundo passo que é a valorização e expressão de uma cultura de afrodescendência, contendo saberes próprios e significados particulares a serem interpretados e conhecidos. As práticas que foram realizadas são formas de mobilização das capacidades cognitivas contidas nos ser humano, sensíveis, míticas emocionais, intelectuais, gestuais e espirituais. Estamos favorecendo assim a integração cognitiva. Por fim trabalhamos as análises dos fatos, conhecimentos e saberes recolhidos, e trabalhados, analisados com a participação do grupo através de vivências.

Além deste trabalho da afrodescendência teremos o recolhimento de objetos, observei as histórias orais e fatos do cotidiano, isso se deu através de observação sistemática e densa do cotidiano, implicado numa mudança temporária, pois, tive que ir várias vezes visitar os quilombos, e além das visitas, mantivemos contato por telefone e WhatsApp. E participei de comemorações, festividades, seminários e palestras em duas das comunidades pesquisadas, essas foram: quilombo da Base e quilombo de Nazaré.

Assim a pesquisa foi realizada em etapas distintas, onde primeiro pesquisei quais os patrimônios culturais quilombolas, e quais problemas se apresentam para educação quilombola no Ceará. Esta etapa aconteceu da seguinte forma:

Primeiro as visitas, para estabelecer um relacionamento de confiança e de apresentação da proposta de pesquisa; Segundo analisar quais os possíveis caminhos e, com o grupo comunidade e professores fizemos uma busca e reconhecimento do patrimônio cultural do quilombo; depois tivermos a vivência de reconhecimento e salvaguarda do patrimônio, análise e indicações de

solução para melhoria da educação quilombola. Esta realização com o intento de que, depois aplicar vivências e formações continuadas para os professores juntos à comunidade quilombola para ver como é que o patrimônio cultural pode contribuir para a educação quilombola e educação do campo, pois nas comunidades Base, Evaristo e Nazaré, as lideranças apontaram a necessidade de formação continuada para os professores, formação com base na cultura local.

Realizei intervenção com as professoras, os professores e membros das três comunidades, sendo que antes, realizei uma sondagem em que obtive conhecimento das principais necessidades nas comunidades, este se deu através de vivências, rodas de conversas, entrevistas semi estruturadas e, principalmente pela prática de minhas experiências do mestrado e também das experiências como professora formadora de cultura afro-brasileira e indígena e educação do campo, utilizei essa experiência nas abordagens e vivências nos quilombos.

E com relação à formação que ministrei nas três comunidades: quilombo da Base, quilombo Serra do Evaristo e quilombo de Nazaré, eu fiz o pedido, que não só os professores participassem, mas principalmente a população dos quilombos, pois, mesmo quando os professores forem trocados haverá algum morador do quilombo para continuar o trabalho de implementação da educação escolar quilombola no campo.

A busca pela produção do conhecimento com a realidade implica na busca de saberes codificados, no movimento de desconstruir para então re-construir o objeto observado, o que permeou o olhar crítico da história, responsável pela geração de novos saberes a partir do diagnóstico do tempo presente, e a partir da história do tempo passado, assim presente, revertemos a história, para (re) construí-la, gerando reflexões, conhecimentos e saberes, não só reproduzindo conhecimento, mas propondo outras reflexões no espaço do olhar crítico, no exercício de rupturas epistemológicas.

Composição da tese

A tese se constitui de dez capítulos contando com a conclusão, esses capítulos estão apresentados na seguinte forma:

Primeiro Capítulo Introdução: onde se apresentam objetivos formais e as considerações metodológicas;

Segundo Capítulo. Os percursos trilhados: Brasil quilombola a quilombos no Ceará quilombola.

Terceiro capítulo. Fazeres científicos: tecendo definições e conceitos e concepções de base. O capítulo aborda a definição dos conceitos trabalhados e as suas relaborações.

Quarto capítulo: Quilombos raízes na literatura das ciências humanas brasileiras, este aborda os conceitos de quilombos no período colonial escravista, quilombos na constituição e a evolução do termo; expõe à revisão da literatura, no qual se desenvolveu uma discussão, à procura de estabelecer a diferenciação conceitual e normativa dos antigos quilombos em relação aos quilombos contemporâneos.

Quinto capítulo: Ceará tem disso sim: quilombos no Ceará geografia e história. Trata de uma síntese sobre quilombos no Ceará, revisando a bibliografia sobre o tema e repertoriando as experiências conhecidas. A presença negra no Estado, bem como a sua invisibilidade na história cearense. Ainda nesse segmento, foram tecidas considerações sobre a atual situação das comunidades quilombolas, seus processos de identificação, certificação e titulação.

Sexto capítulo: O Aya: resistência e perseverança nas terras quilombolas. Trata da localização das comunidades pesquisadas e dos os patrimônios culturais encontrados nos territórios pesquisados.

Sétimo capítulo: Território e territorialidade, formação das identidades quilombola.

Oitavo capítulo: Mulheres negras: resistência, sabedoria e organização em quilombo.

Nono capítulo: Cultura e educação quilombola e do campo: parâmetros educacionais quilombo a e do campo. Trata do cotidiano da história para a educação quilombola e do campo quilombola.

Décimo capítulo: Tecendo história fio a fio a conclusão. A conclusão ou considerações finais são a síntese das experiências acumuladas durante o trabalho de pesquisa. E são apresentadas fazendo uma síntese dos principais resultados apresentados nessa tese.

2 OS PERCURSOS TRILHADOS: BRASIL QUILOMBOLA A QUILOMBOS NO CEARÁ QUILOMBOLA

Quilombo, o Eldorado Negro

Existiu Um eldorado negro no Brasil
Existiu Como o clarão que o sol da liberdade produziu
Refletiu A luz da divindade, o fogo santo de Olorum
Reviveu A utopia um por todos e todos por um
Quilombo
Que todos fizeram com todos os santos zelando
Quilombo
Que todos regaram com todas as águas do pranto
Quilombo
Que todos tiveram de tomar amando e lutando
Quilombo
Que todos nós ainda hoje desejamos tanto
Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo ressurgiu
Ressurgiu
Pavão de tantas cores, carnaval do sonho meu
Renasceu
Quilombo, agora, sim, você e eu
Quilombo Quilombo Quilombo Quilombo
Gilberto Gil
Composição: Gilberto Gil / Waly Salomão

As viagens aos quilombos foram sempre vinculadas a trabalhos diversos, formação de professores, pesquisa acadêmica e pesquisa pessoal. Foram processos convergentes de uma formação pessoal sobre a história e cultura quilombola no estado, criou interrogação sobre a vida nos quilombos, mostrou problemáticas sociais, dentre elas o medo da perda de terra e de perder a vida própria.

Uma temática de tese de doutoramento pode ser formulada por diversos métodos, dentre eles a revisão biográfica, a experiência própria ou de demais pessoas sobre o assunto e suas problemáticas, de problemas apontados por outros autores ou mesmo da observação no curso de viagens e a necessidade da compreensão do território explorado. Para elaboração da problemática desta tese de percursos e viajem através de quilombos do Ceará, seguindo uma metodologia semelhante às metodologias de percursos urbanos utilizadas na formulação de problemas em arquitetura e urbanismo. Assim começamos este capítulo explicando a metodologia de percursos urbanos e fazendo a analogia com percursos e viagens através de quilombos para elaboração da proposição desta tese.

Na literatura sobre espaço urbano e urbanismo existe o método dos percursos urbanos que apresentamos a seguir para depois fazer a uma extensão para compreensão ou problema dos territórios quilombolas do Ceará, problematizar e propor a pesquisa da tese. A sistematização de viagens e observações sobre um território é a proposta de percursos territoriais, no caso quilombolas, como extensão do método de percursos urbanos.

Para compreensão do método de percursos urbanos tomamos os conceitos da geografia urbana. Na geografia e na história os estudos podem apontar para o fenômeno de uma localidade designada pelo conceito de lugar como ponto de partida. O lugar tem a sua importância, pois são realizadas as práticas cotidianas e se desenvolve relações sociais, culturais e econômicas. Cada quilombo pode ser pensando como um lugar em observação e sistematização para estudo. Na geografia o lugar é um patrimônio individual e coletivo, pois compõem a identidade pessoal e coletiva. Os lugares são partes de simbologias que formam a afetividade e determinam o pertencimento. Quilombos são lugares geográficos e históricos onde comunidades desenvolvem seus cotidianos e formam as suas identidades.

Voltando aos conceitos da geografia na concepção de Silva, Lima e Cunha (2012, p. 50) “[...] o lugar se caracteriza como o espaço vivido, onde as experiências se renovam e as relações sociais se materializam na paisagem [...]”. Ainda vendo o lugar Mendes, Sousa e Pereira (2017, p. 155) enfatizam que um estudo desses possibilita a compreensão das “implicações

sociais, culturais e econômicas de um determinado grupo”, ao passo que favorece o conhecimento das “relações espaciais até então estabelecidas pelos sujeitos”, sem desconsiderar nesse processo o conhecimento do indivíduo consigo mesmo. Do conceito de lugar se definem as identidades e delas a forma de pertencimento, perfaz um conteúdo geo-histórico, como proposta de compreensão das realidades, do entendimento de espaços construídos na perspectiva da história. No urbanismo o espaço construído pode ser o espaço edificado ou o espaço como as formas das relações sociais estabelecidas e o que interrogaçamos é quais grupos sociais intervieram e quais são os significados sociais presentes no lugar? Os percursos urbanos são forma anotada do reconhecimento primeiro de um lugar. Trata-se de ir caminhando por um lugar urbano e ir anotando os pontos que chamam a atenção, tais como descontinuidades na paisagem, edificações importantes pelo trajeto, ou pontos marcantes do lugar. Sendo um trabalho posterior à descrição de cada ponto selecionado e depois uma sequência de proposições ou perguntas sobre os pontos do trajeto. Os percursos compõem um método de observação e problematizado que utilizado no sentido de andar pelos quilombos e como produzir questões para, no caso a tese de doutoramento.

Desta forma é que tomamos a perspectiva de visitas e viagens aos lugares de quilombos do Ceará na formulação da proposta de pesquisa. Pensar quais questões os percursos pelos territórios de quilombos poderiam desvelar.

No decorrer da pesquisa sempre tivemos como meta os parâmetros da especificidade da população negra na história do Brasil para pensarmos a educação, patrimônios culturais e populações tradicionais de heranças africanas. Conceitos atores, fruto do nosso campo de pesquisa, as africanidades e a afrodescendência, em relação ao patrimônio cultural.

De acordo com Cunha Junior (2001), as africanidades podem ser entendidas como a disseminação e a reelaboração cultural, fora do continente ancestral, propiciando a formação da sociedade brasileira. Por sua vez, a afrodescendência fala sobre nossas raízes ancestrais, não apenas em termos fenotípicos, mas também culturais. Nesse contexto, objetivamos analisar as espacialidades negras locais através da memória edificada, considerando as técnicas de construção e os valores simbólicos. Para tanto, tivemos como concepção metodológica a pesquisa afrodescendente, vista em Cunha Junior (2013), que valoriza os territórios de maioria negra, partindo da superação do mito da neutralidade científica, pois o/a pesquisador/a se insere na realidade estudada e busca superar os problemas encontrados.

Como procedimento metodológico balizador, tivemos os percursos territoriais, estes sendo itinerários especializados dentro do estado visto como território, considerando variados tipos de abordagem que se deseja trabalhar, propiciando uma análise do conjunto territorial através dos lugares (RICO; COELHO; GOUVEIA, 1996). Para Marandola Junior, Paula e Fernandez (2007, p. 62), tais percursos podem ser entendidos como a experiência do caminhar e do olhar na qual o pesquisador procura não apenas descrever, mas interpretar a realidade.

Para tanto é preciso ultrapassar as características morfológicas da paisagem, através da apreensão da memória e dos “fragmentos holográficos que desenham identidades”, as quais se deseja “conhecer e desvendar”. Portanto, na sistematização de viagens, nas experiências da realização de visitas e atividades, por meio dos percursos territoriais ou urbanos, podemos alcançar a consciência espacial das experiências sociais materializadas. Para tal são necessárias as visitas, as fotografias, as conversas, isto num primeiro passo do processo, da observação da realidade na aparência, para em seguida analisar os aspectos sociais constitutivos históricos e geográficos. Com base na geografia humanista a interpretação da realidade encontrada favorece o revelar de fatos, articulando o social e o simbólico. Portanto, as viagens, idas e vindas aos vários quilombos contribuíram na sistematização da formulação da proposta e construção da tese aqui apresentada.

2.1 De Brasil a Brasil de quilombos e de Ceará a Ceará negro quilombola

A trajetória de meus caminhos em direção aos quilombos são trilhas ladrilhadas com pedra e esforços para a construção de pontes, pontes estas que servem para levar-me ao conhecimento das comunidades negras cearenses e suas culturas.

As comunidades quilombolas são parte da nossa história, de nossa cultura, do nosso presente e do nosso futuro. Então para dizer por que falo de quilombos, trago o poeta negro Solano Trindade, com:

Canto dos Palmares

Eu canto aos Palmares Sem inveja de Virgílio de Homero e de Camões porque o meu canto é o grito de uma raça em plena luta pela liberdade! Há batidas fortes de bombos e atabaques em pleno sol Há gemidos nas palmeiras soprados pelos ventos Há gritos nas selvas invadidas pelos fugitivos (...) Fecham minha boca Mas deixam abertos os meus olhos Maltratam meu corpo Minha consciência se purifica. (TRINDADE, 1961, p.29).

Faz-se necessário pensar, expor de que maneira ocorreu a minha trajetória pessoal, ao longo da interação com moradores desses agrupamentos negros e, incursão nos territórios quilombolas cearenses, o que delineou-se no que diz respeito às atividades acadêmicas e sociais. Pretendo demonstrar como a superposição dos papéis sociais de amigos, professoras (es), militantes e pesquisador permeiam esta pesquisa.

Os primeiros contatos com pessoas ligadas às comunidades remanescentes de quilombos/comunidades quilombolas e agrupamentos negros rurais citados se deram em Fortaleza, a partir de 2007, quando participei de um evento no município de Horizonte, em alusão ao dia da Consciência Negra, no qual conheci moradores da comunidade do quilombo de Alto Alegre, esta comunidade se localiza em Horizonte. No mesmo ano retornei ao município para participar de outro evento, só que desta vez o evento aconteceu no próprio quilombo de Alto Alegre. E qual foi minha surpresa? Um lugar bem próximo da capital do estado, que é Fortaleza, onde os seus habitantes em sua maioria são negros, população negra cearense.

No ano de 2008, retornei ao quilombo de Alto Alegre para participar de reunião regional das comunidades quilombolas, também fui às atividades realizadas em novembro, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra.

Então estes encontros e familiaridade me levaram e me levam a adentrar nos territórios quilombolas cearenses obter conhecimentos, foram várias idas aos quilombos cearenses, assim travei conhecimentos mais amplos sobre os quilombos no estado do Ceará. O que resultou na minha dissertação e, deu início à criação de laços de amizade que se fortalecem no decorrer dos anos, e também me inspirou e impulsionou para esta tese.

Esta pesquisa trata da história de quilombos, assim como o ofício das artesãs, é tecer fio a fio no tear para compor ou formar o tecido, o meu é tecer os fios da memória histórica e os fios do patrimônio cultural para contemplamos a história de um povo heroico inesquecível, e a artesã teceu os fios quilombolas, fui tecendo o tecido afro-histórico ancestral e afro-cultural,

pois quero tecer uma educação quilombola e do campo com base no patrimônio cultural imaterial e material. Assim fiando metodologicamente uma pesquisa científica pelos parâmetros acadêmicos, através da investigação, de análise, leitura dos dados e materiais coletados, assim trazer conceitos, acontecimentos históricos e ralação deste com a diversidade, mais especificamente a riqueza cultural de ascendência africana, que há séculos perpassam o tempo e espaço, em território cearense.

Para realizar esta pesquisa buscamos criar condições teóricas conceituais e experimentais, instrumentos que possibilitem construir textos e conhecimentos histórico-culturais, valorizando práticas cotidianas de um povo com especificidades que precisam ser reconhecidas e reveladas de maneira respeitosa.

O patrimônio cultural imaterial e material, cultura, memória e história são fatores relevantes para compreensão das inserções das populações rurais negras na história do Ceará. As culturas têm relações íntimas com as disponibilidades do espaço geográfico e com as origens das populações que ocupam estes locais. A permanência salutar destas comunidades nestes espaços depende do reconhecimento destas culturas, do acesso aos direitos sociais e em parte existência de uma educação específica e condizente com as necessidades deste grupo social.

Nos seus mais variados aspectos as pesquisas sobre populações rurais negras são necessárias pelos processos de reconhecimento legal de direito, para realização de políticas públicas, principalmente na área da educação. O Ceará registra a presença de mais de 86 comunidades rurais negras denominadas na constituição brasileira como remanescentes de quilombos, sendo que o estudo sobre os costumes e práticas sociais, histórias e das condições de vida dessas populações faz parte de uma necessidade social, política, econômica e cultural. Esta pesquisa pretende estudar aspectos da cultura, material e imaterial, dessas comunidades, a relação com o patrimônio cultural e com as relações sociais coletivas. Trata-se de um estudo de interesse para as comunidades quilombolas e para as áreas do conhecimento da educação, da história e da geografia. A história e a construção das práticas sociais nas comunidades de quilombo traduzem uma história de lutas sociais e de perspectivas educacionais destas comunidades quilombolas e da história das lutas no campo no Brasil, a luta pela terra.

Os quilombos do Ceará fazem parte de um movimento amplo de conquista da terra no estado e no Brasil, é parte dos movimentos populares que lutam de diversas formas contra as oligarquias e sistemas ideológicos de dominação de classes. As formas de racismos contra estas populações operam em diversos níveis de atuação e formas de manifestações.

Produzem embates religiosos em relação às culturas negras. Mesmo as formas de catolicismo tradicional de negros sofrem restrições e perseguições, não aceitação de alguns festejos porque tem batuque, considerado como macumba, e macumba vista como atos do mal.

Embora o número de comunidades negras no estado do Ceará seja grande, neste estudo temos interesse nos aspectos inter-regionais que tem relação com a geografia física e econômica das localidades, para procurar trazer esses elementos locais para a escola, podendo ser tratado apenas três comunidades localizadas em três regiões geográficas do estado e de acesso razoavelmente fácil a partir da cidade de Fortaleza. As variações de regiões têm fortes implicações nas culturas, sendo importante a comparação entre as regiões para compreensão do contexto geral do estado do Ceará. Embora do ponto de vista da geografia as regiões são de litoral, sertão e serra, com as variações de quilombos urbanos, semi-urbanos e rurais. Por conhecer várias comunidades procurarei fazer intervenção em três localidades geográficas diferentes, mas atento que as comunidades escolhidas, foram utilizados como critério o acesso e a disponibilidade de poder conduzir a pesquisa. Do contato com a população local e da aceitação destas em serem pesquisadas.

A educação nos quilombos é pauta dos movimentos sociais, mas atravessado pela relação com as igrejas em relação ao ensino da cultura afro-brasileira, pois ainda tem uma forte resistência em falar de aspectos culturais ligados a religiosidade de base africana. Relação também com o problema das oligarquias locais, problemas de posse de terra e trabalho das comunidades. O estado tornou invisível a história da escravização, ou minimiza a sua influência na formação social e econômica, portanto devido às ideologias presentes é necessário à discussão sobre quilombos. Até 1990 para a população no Ceará não havia negros (RATTS, 2001), discurso que foi modificado pelo trabalho dos movimentos negros. Quanto à educação quilombola existem as diretrizes curriculares da modalidade aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, existindo também as diretrizes da educação do campo, no entanto a prática desta educação permanece a ser realizada, sendo uma contribuição proposta nesta pesquisa de doutoramento.

Porém para aquilombar, escurecer as ideias e compreender minhas escolhas, meus caminhos trilhados até chegar à tese, é que trago de forma resumida a minha autobiografia, pois é como linha do tempo ou uma linha cronológica dos acontecimentos os quais me direcionam ao lugar onde me encontro hoje. A minha trajetória de vida e minhas trajetórias nos quilombos

explicam as motivações e as proposições desta pesquisa. A proposta é baseada numa sistematização das observações realizadas ao longo do tempo nestas comunidades.

De onde falo e de onde venho? De qual território eu falo?

Nasci em Caxias Maranhão, sou a oitava filha da família, a caçula, sou mulher de cor preta, negra, uma maranhense de mãe e pai, com um bisavô paterno cearense. Já moro no Ceará há mais de vinte anos, neste estudei e estudo até hoje, e trabalho. Mais ou menos aos oito anos de idade fui trazida para Fortaleza, infância de muitas idas e vindas entre o Ceará Maranhão e, São Paulo. Fiquei uns seis anos em Fortaleza com minha irmã mais velha, a Marilene e, sempre no final do ano voltava á minha terra natal, ao meu lar e minha família, desde criança já tinha um espírito desenvolvido para além do tempo, acusado para as aventuras, para observação e par a pesquisa, para o sonho de viajar, de conhecer o mundo, novos lugares, e principalmente novos saberes.

Então um dia em Fortaleza conheci uma família paulista, me convidaram para ir morar em São Paulo, alguns meses após fui, passei uns três anos por lá e, fui ao Maranhão ver minha família, passei uns meses, então voltei para Fortaleza de novo, assim temos uma longa relação, uma longa vivencia entre idas e vindas, assim mais ou menos uns 27anos vivendo pelo Ceará, já me tornei pertencente ao território cearense e, há 13 anos quilombozando, ou seja, estudando, pesquisando e, fazendo seminários e formações nos quilombos do Ceará, estudar, pesquisar quilombos e viver em territórios cearenses, então busco dar minha contribuição para a história e sociedade cearense.

Porém com estas vivências e parte significativa da vida vivida em Fortaleza Ceará, ainda sou negada nessa cidade, eu sou negada quanto a existência através de ditos populares que afirmam não existirem negros no estado do Ceará, negras e negros somos negados, as negações implicam e perdas no campo das políticas públicas e das formas de inserção na sociedade, assim a força pela qual somos negados leva-nos a procurar mudança no campo das representações sociais nas pesquisas acadêmicas. As pesquisas acadêmicas podem tornar as problemáticas mais visíveis e produzir ações de mudança dos contextos culturais sobre à população negra no estado do Ceará, e a tese é mais um dos meus trabalhos dar visibilidade a população negra, contribuir na promoção da igualdade racial e educação étnica racial, educação escolar quilombola. A negação sistematizada no cotidiano é também um percurso de vida e que compõe a problemática desta tese, faz parte da pesquisa participante, do método da afrodescendência, que será explicado mais adiante.

Minha experiência com comunidades de quilombos vem de trabalhos desde 2007 como professora, pesquisadora e visitante. Tendo conhecido quilombos em todas as regiões geográficos do estado do Ceará. No mestrado trabalhei no quilombo de Alto Alegre localizado no município de Horizonte – Ceará, onde se ressalta a herança cultural africana, principalmente por meio das plantas medicinais, casas de farinhas e os fazeres da produção da vida no quilombo. Dentro da minha experiência aparecem relatos da existência de religiosidade africana, rezas ligada a umbanda e o catolicismo de pretos, como vários fatores da cultura material. Trabalhei como professora formadora, realizando formações para professores no Estado do Ceará, Piauí e Maranhão onde realizei diversas oficinas tendo como prática pedagogia e utilizando com base no patrimônio cultural, com ênfase na música e na dança, a contação de histórias e a estética das mulheres negras e homens negros. Essas vivências trabalhadas em circularidades, com elementos da localidade que tenha ralações com a cultura afro-brasileira. Realizei muitas vivências culturais, palestras, oficinas e seminários, ao final de cada atividade procurei realizar a produção de material didático, resultando em revistas em quadrinho, coletâneas de cantos e dramatizações teatrais, paródias, músicas, cordéis, jogos e outros produtos. Além de promover uma aprendizagem sócio-histórica e intelectual.

Minha inspiração para realizar esta pesquisa de doutorado vem das vivências que tenho com quilombolas e professores/as de áreas quilombolas e do campo, da necessidade de traduzir a cultura, sistematizar práticas pedagógicas e construir materiais pedagógicas como forma de intervenção na educação destes espaços rurais para melhor efetividade da educação. Uma das ações da pesquisa é em torno de trabalho com membros da comunidade e com professores/as. A pesquisa pretende realiza-se em três comunidades de quilombos, Base no município de Pacajus, região litorânea - CE; Nazaré – no distrito Arapari, Itapiopoca – CE, e Comunidade Quilombola Serra do Evaristo no Maciço de Baturité - CE.

Eu venho trabalhando há uma década com comunidades quilombolas, realizado intervenções na educação, e esta tem apresentados resultados que considero importantes. Desse modo, esta é uma pesquisa intervenção no intuito de sistematizar as experiências passadas e promover novas práticas, onde se trabalha com patrimônio cultural, com a identidade cultural de comunidade de quilombo e auto representação, como forma de pertencimento afro para desenvolver a auto referencias pessoal e coletiva, processos importantes na autoestima e relacionando com a educação. Buscamos na pesquisa os elementos do patrimônio cultural material e imaterial das africanidades para realização da intervenção e como resultado obtemos a ampliação do conhecimento educacional para as comunidades quilombolas. Também trago

experiências da educação do campo, pois fiz parte da Ação Escola da Terra, onde tem um programa voltado para formar professores do campo. Assim buscar trazer subsídios e elemento para a promoção e reafirmação da cultura de forma positiva no âmbito escolar. Estamos procurando estudar a possibilidade de uma educação do campo e quilombola ou campo quilombola.

2.2 Quilombozando pelos Quilombos na “Terra da luz”: minhas experiências com Quilombos na formulação da proposta de pesquisa

A Vida do Viajante

Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei Chuva e sol
 Poeira e carvão
 Longe de casa
 Sigo o roteiro
 Mais uma estação
 E a alegria no coração

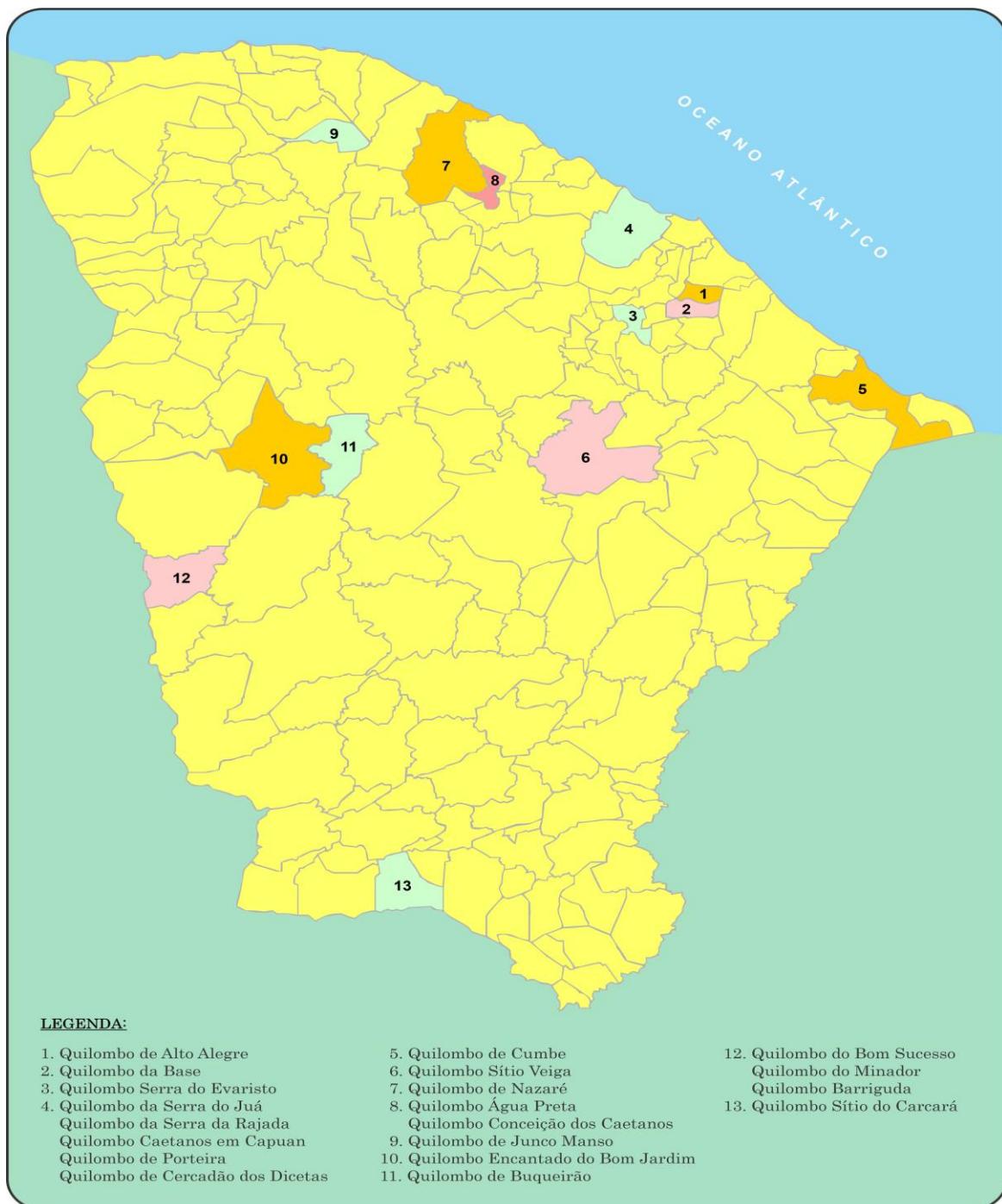
Minha vida é andar por esse país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei
 Luiz Gonzaga.

Quilombos por onde andei, as minhas experiências com quilombos. Uma longa caminhada, quilombos por onde andei, não são poucos, há mais de uma década iniciei a minha jornada de estudos e pesquisas pelas comunidades quilombolas na “terra da luz”, se iniciou em 2007, de lá até hoje enveredei por várias comunidades quilombolas, as quais trago neste trabalho.

Comunidades, os municípios visitados e o ano de visitação estão na figura 2.1. e são as seguintes:

- 1.Comunidade Quilombola de Alto Alegre - Horizonte, Visitei enumeras vezes de 2007 até os dias atuais;
- 2.Quilombo da Base - Pacajus, 6 vezes 2010 – 2019;
- 3.QUILOMBO Bom sucesso - Novo Oriente, 2vezes, 2010;
- 4.QUILOMBOLA Minador - Novo Oriente, 2 vezes em 2010;
- 5.QUILOMBO Barriguda - Novo Oriente, 2 vezes, 2010;
- 6.QUILOMBO Buqueirão - Monsenhor Tabosa,1 vez, 2010;
7. Conceição dos Caetanos - Tururu 1vez, 2010;
8. Quilombo Serra do Juá - Caucaia, 5 vezes, 2010;
- 9.QUILOMBO Serra da Rajada - Caucaia, visitei 3 vezes, 2010;
- 10.QUILOMBO do Cumbe, Aracati, 1 vez em 2010;
- 11.QUILOMBO Encantado do Bom Jardim – Tamboril, 3 vezes, 2011;
- 12.QUILOMBO Sítio Veiga – Quixadá, 3 vezes, 2011;
- 13.QUILOMBO Caetanos em Capuan –Caucaia, visitei 5 vezes, 2013;
- 14.QUILOMBO Porteira – Caucaia, visitei 2 vezes, 2013;
- 15.QUILOMBO de Nazaré - Itapipoca, 2015, 2017 – 19, (doutorado);
- 16.QUILOMBO Sitio do Carcará - Cariri,1 vez,2016;
- 17.QUILOMBO Água Preta - Tururu, visitei 3 vezes, 2016, 2019;
- 18.QUILOMBO de Junco Manso – Morrinhos, 1 vez, 2017;
- 19.QUILOMBO Serra do Evaristo – Baturité, 2018 -2019; 20.QUILOMBO Cercadão dos Dicetas - Caucaia, 2018.

Figura 1 – Apresenta o mapa das Comunidades remanescentes de quilombos por onde andei no Ceará.



Fonte: SANTOS, Marlene Pereira dos, (2020).

Além das comunidades quilombolas do Ceará as quais visitei, fui a estas duas comunidades: Comunida Quilombola de Mameluco no município de Itaquerana, e no Centro Cultural da União dos Palmares em Alagoas -2017.

Observei que cada uma das comunidades Remanescente de Quilombo visitada tem suas especificidades e singularidades culturais, assim relatar minha trajetória nos territórios quilombolas tem significado de refletir o silêncio vivido e pensar o tempo trazendo na memória espaços percebidos no passado, com olhar do presente. Assim percorrer as comunidades remanescentes de quilombos, vivenciar a história e perceber o patrimônio cultural, me leva a pensar em uma teorização pedagógica para uma educação não excludente das africanidades, é uma necessidade que urge, assim como uma revisão inclusiva desta temática na história do estado do Ceará e, principalmente na educação.

Quilombos por onde andei, foram muitos, não é um mapeamento das comunidades quilombola no Estado do Ceará, porém trago experiências de uma década trilhando território e territorialidade quilombolas. As idas aos quilombos não foram passeios turísticos, mas é o que chamo de pesquisa científica, fazer pesquisa, processo de pesquisa e estudos. E embora tenha visitado vários quilombos, pois essas visitas foram laboratórios de análise, que me levou selecionar como objeto ou lugares de pesquisa, três comunidades dentre as quais visitei, é importante explicitar a trajetória de minhas experiências quilombolas, pois ela permite comparações e questionamentos sobre as diferenças e singularidades. Todavia percorri vários quilombos em busca das histórias, ouvindo tudo, bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido do passado, para confeccionar a veste do presente, sigo viagem quilombo adentro colhendo contos e histórias para contar mais na frente, assim foi e é caminhar/pesquisar.

Ir às comunidades quilombolas é também ir em parte ao Continente Africano, entrar no “túnel do tempo”, pois tenho estudado alguns autores como Antonio Olinto (1969) que na obra “Casa D`água” fala dos retornados para seus países de origem no continente africano, e lá nem são africanos nem brasileiro, assim se formam novas comunidades, “novos quilombos”, outra obra do autor é o “Rei do Keto”, (1980) que fala de tradição, as mulheres nos mercados no comércio; Chinua Achebe (1983) com o “Mundo Se Despedaça” que trata de questões sociais, econômicas, históricas e religiosas; Cheikh Anta Diop (1954) que obras como “Nations negres et culture”, Diop traduz ensinamentos acerca dos fundamentos de uma civilização africana e sobre a identidade cultural entre Egito e a África Negra; Théophile Obenga, (OBENGA,1980), em seu livro “A dissertação histórica da África” que fala das escritas gramaticais africanas e de como este conhecimento nos é importante, assim de África aos quilombos no Brasil trabalho conceito de quilombo, patrimônio cultural e patrimônio material e imaterial como elos de reconstrução da história , da cultura para promover uma educação quilombola e do campo que de fato seja para destes para eles e para o mundo educacional que os atende, então me vejo uma professora formadora que tenho construído uma ponte educacional que se religa em uma

conversa ação com ancestralidade movimento tempo, tecnologia, ciência, geografia, história, diálogos que nos leva a África berço da humanidade. Também busquei na história de Thomas Sankara, (2014) líder guerreiro que ensina Burkina Faso mostra um viver em comunidade e, fazê-la prospera a parti de se mesma tudo isto me leva as comunidades Remanescente de quilombos brasileiras.

Encontro-me num conhecimento com uma base teórica e prática que contribui para discutir e conceituar o termo quilombo, como abordaremos mais à frente.

Então recomeço voltando no tempo, no quilombo de Alto Alegre, terra de pretas e pretos, terra de quilombolas, neste pisei pela primeira vez em novembro de 2007. Reflito o escritor brasileiro Antonio Olinto, (1969) que sobre os africanos trazidos para o Brasil, ao serem retirados de sua terra, não existe um esquecimento, eles lembram de onde vieram.

Como não esqueceram seus conhecimentos, seus saberes e fazeres, isto me leva a pontuar as contribuições dos africanos e africanas para a colonização do Brasil.

A nossa busca em certo sentido é combater a ideologia de que as populações africanas haviam esquecido as culturas africanas devido à violência do escravismo criminoso e que tudo que as populações negras realizavam eram aprendizados em terras brasileiras com as culturas indígenas e europeias. As evidências encontradas nos quilombos desfazem estas ideias e têm demonstrado existência das transformações das bases africanas adaptadas a novas situações, mas sem um esquecimento na sua totalidade.

2.3 Por onde andei: terras de fazeres e saberes

- Comunidade Quilombola de Alto Alegre – Horizonte Ceará - Comunidade Quilombola da Base – Pacajus Ceará

Alegrias, cheiros de baunilha e, aventuras pelos caminhos do quilombo de Alto Alegre, o quilombo está situada no município de Horizonte – Ceará. Horizonte, com uma população de aproximadamente 50 mil habitantes segundo o censo do IBGE de 2007 e localizada próxima de uma grande represa de água, construída em 1980, e a rodovia BR-116 que cruza a cidade, implantada entre 1960 e 1970. O município de Horizonte faz divisa com os municípios de Itaitinga, Aquiraz, Pacajus, Cascavel e Guaiuba. Os acidentes geográficos mais importantes são: o Rio Pacoti e o Riacho Mal Cozinhado.

Assim Alto Alegre geograficamente e politicamente pertencente a Horizonte, fica numa região que é serrana e litorânea, do ponto de vista de geografia parece impossível, mas o quilombo de Alto Alegre estar localizado em região de praia e também tempo cenário as serras.

As comunidades de remanescentes de quilombos são territórios resistentes e de resistências em diversos dos municípios do Estado do Ceará. Vizinhos a Horizonte. Justamente ao lado da comunidade de Alto Alegre existe a comunidade da Base no município de Pacajus, distante 4 km. Também se apresenta a comunidade de quilombo de Lagoa dos Ramos no município de Aquiraz. A presença de população negra na região existe como referência desde a época do início do povoamento por portugueses no início do século XVIII.

Visitei o quilombo de Alto Alegre pela primeira vez em 23 de novembro de 2007, nas festividades da semana da consciência negra, após este dia retornei várias vezes por diversos motivos, para conhecer, para ministrar palestras, formações, e ao entrar no mestrado em 2010, então intensifiquei as idas aos quilombos, assim retornei várias vezes.

Na comunidade quilombola de Alto Alegre e no quilombo da Base realizei minha pesquisa de mestrado, mas também realizei outros trabalhos como, palestras para as professoras e professores, palestras para os membros da comunidade, e vivencias com estudantes do curso de pedagogia da UFC, encontros das comunidades quilombolas.

Figura 2 - Manuel Vicente da Silva, que carinhosamente e pelo convívio com os netos dele, eu o chamo de Vô Vicente, aqui ele me mostrando sua plantação de inhames, e a figura 3, eu ministrando palestra sobre quilombo e educação quilombola para as professoras e os professores do município, e alguns que trabalham no quilombo de Alto alegre.

Figura 2 – Vô Vicente plantação de inhames; Figura 3 – Eu com as professoras.



Fonte: Marlene Pereira dos Santos, (2010).

Também nas duas comunidades ministrei oficinas sobre quilombos e o pertencimento negro, cultura afro-brasileira, ainda realizando palestra e planejamentos pedagógico com as professoras (es) na Secretaria de Educação do Município di Horizonte como implementação da lei 10.639/2003.

Movida pela acusada curiosidade de pesquisadora fui à busca de desbravar outras comunidades remanescentes de quilombo no estado do Ceará. Então minhas andanças pelos quilombos não se deram por acaso, mas pelo estudo, pela pesquisa acadêmica e pelas *vivencias ancestrais*.

- Comunidade Quilombola de Bom sucesso, Barriguda e Minador – Novo Oriente Ceará, 2010

Assim conheci os quilombos de Bom Sucesso e quilombo do Minador em Novo Oriente, pois lá foi palco do curso de especialização para Professores quilombolas, e acompanhei o projeto e fiz parte de algumas vivencias como convidada dos professores Henrique cunha Junior e Sandra Petit idealizadores e coordenares do curso.

Estas duas comunidades quilombolas tiveram a construção de centros culturais seguindo uma arquitetura que segue alguns formas e padrões africanos e, principalmente respeitando o meio ambiente local e a cultura local. E ali foi palco do primeiro curso para professores quilombolas, um curso com base na cosmovisão africana.

A figura 4 a serra onde se localiza o quilombo de Bom Sucesso, e paisagem da comunidade, e também mostra uma das formações de professores quilombola, no centro cultural do quilombo.

Figura 4 – Serra onde se localiza o quilombo do Bom Sucesso. Figura 5 – Formação de professores no centro cultural do quilombo.



Fonte: Marlene Pereira dos Santos, (2010).

Bom Sucesso, Barriguda e Minador são Comunidades Remanescentes de Quilombo localizadas no mesmo município, apresentam características semelhantes, têm aproximadamente a mesma idade; e são comunidades serranas.

Localizadas no município de Novo Oriente são comunidades afrodescendentes. Situadas nos tempo e espaço nas suas especificidades culturais, remontam suas raízes de fins de século dezoito. As comunidades ficam localizadas a 403 km de Fortaleza com estrada pavimentada. O município de Novo Oriente até 1957 fazia parte do município de Independência. Este município onde se localizam as comunidades tem 941 km² de extensão, limita-se ao norte com Crateús, ao sul com Quiterenópoles, ao leste com Independência e ao oeste com Piauí.

As terras dos Crateús, ao sul da Chapada da Ibiapaba, onde localizam-se os afluentes do rio Poti, eram habitadas pelos índios Karatis, antes da chegada dos portugueses e a implementação das sesmarias no século XVII. Com o sucesso da economia do ciclo da Carneseca e charque, nas proximidades da Lagoa do Tigre surgiu em ponto de parada para o gado que era transportado para o Piauí através da vila piauiense de Piranhas. Desse ponto de parada surgiu um povoado.

O povoado as margens da Lagoa do Tigre chegou a pertencer ao Piauí, e no ano de 1880, este foi anexado ao território do Ceará, como resultado da solução encontrada para o litígio territorial entre estes dois estados. O Ceará reconheceu a jurisdição do Piauí sobre o município de Amarração (Luís Correia) e em troca o Piauí ofereceu dois importantes municípios piauenses: Independência e Príncipe Imperial.

Novo Oriente tornou-se distrito de Independência, mais tarde passando a se emancipar em 1957. O pioneiro do povoamento de Novo Oriente foi o Capitão Rodrigo Alves da Silva, por ter sido o primeiro a construir moradia naquela região nas proximidades da lagoa do Tigre.

Novo Oriente tornou-se distrito do município de Independencia por força de Ato datado de 3 de março de 1902. Somente no dia 10 de outubro de 1957, a Lei Nº 3.855 institui o município de Novo Oriente, graças aos esforços de José Claudino Sales e Gonçalo Claudino Sales, que se destacaram na batalha judicial pela sua emancipação política.

O nome Novo Oriente surgiu do primeiro sacerdote da localidade, padre Afonso de Gouveia, vigário de Independência, que veio celebrar a primeira missa. Na ocasião, o mesmo, achando a situação geográfica com muitos montes, lembrou-se do Oriente e teve a ideia de atribuir a esta região, o poético nome de Novo Oriente.

Novo Oriente foi parte do território piauiense, como Crateús e Independência. No século XIX, passou a pertencer ao Ceará, com a troca do Vale do Rio Poty que era Piauí, com o Porto de Amarração, litoral do Ceará, hoje denominado Luis Correia. A lei geral 3.012 de 22 de outubro de 1880 regulamentou a permuta.

No século XVIII quando Príncipe Imperial, hoje Crateús e Pelo Sinal, hoje Independência, eram apenas grandes fazendas de criar gado, os vaqueiros eram poucos e percebiam o desaparecimento de animais no fim do inverno, quando decidiam se aventurar mata adentro, seguindo o curso do rio Poty, em busca do gado que sumia. A observação cuidadosa dos vaqueiros os fez encontrar rastros de gado. Foram rastreando as marcas deixadas pelos animais e abrindo veredas na mata fechada que chegaram a uma bela paisagem, onde havia uma grande lagoa, cercada de mato. Foi desvendado o caminho do veraneio do gado. (Livro - Novo Oriente: Uma Construção Histórica).

- *Comunidade Quilombola de Buqueirão – Monsenhor Tabosa, Ceará*

Em 2010, fui convidada para realizar uma formação na comunidade de Buqueirão, foi uma minicurso de dois dias, sobre quilombo, viver em comunidade, o que é patrimônio cultural.

A Comunidade Remanescente de Quilombo Buqueirão Monsenhor Tabosa Estado do Ceará. Foi fundada no final de 1911 pela família Araújo, nesta data Pedro Araújo da Silva e seu sogro João Prudêncio dos Santos compararam as terras do senhor Olimpio Ambrosio dos Santos no final do ano de 1911, mas só foi registrada a escritura de compra e venda das terras em 01/01/1912 a partir dessa data a família Araújo passou a morar e trabalhar nas terras que desde então passou a se chamar de Buqueirão dos Araújo. Dados do histórico da comunidade remanescente Buqueirã, distância do município sede 32 km, em 2010 apresentava uma população de 142 habitantes, 32 famílias.

Fui à comunidade convidada para ministrar um curso sobre organização de quilombo, reconhecimento e identidade, viver em comunidade e identificar o patrimônio cultural quilombola; fiz um trabalho de inserção no quilombo juntamente com os quilombolas, assim realizei o curso, e teremos conhecimentos quilombolas, quilomizando pelo Ceará, um inventário do patrimônio cultural local.

O curso foi ministrado em dois dias, realizamos atividades como vivências do pertencimento ético, roda de conversa sobre o ser negro e quilombola, busca do patrimônio cultural da comunidade, e esta foi surpreendente, pois ao final os quilombolas ficaram surpresos

ao descobrirem seu patrimônio cultural, assim a líder da comunidade disse que precisam refazer o histórico da comunidade.

Figura 6 mostra os patrimônios encontrados durante a vivência, a casa de farinha; eu ministrando curso para a comunidade; a outra figura mostra o que restou de uma casa antiga.

Figura 6 - Casa de farinha; Figura 7 - Eu ministrando curso para a comunidade; Figura 8 - Casa antiga.



Fonte: Marlene Pereira dos Santos, 2010.

A cada comunidade que conheço e, realizo alguma atividade, me reforça a certeza da grande presença dos negros e negras no Ceará, logo constata se a população negra e sua cultura, esta é muito forte sua presença, seu beleza e riqueza.

- *Comunidade Quilombola de Conceição dos Caetanos - Tururu, Comunidade Quilombola Água Preta, Tururu*

A formação dos quilombos no estado do Ceará há indícios de sua formação ter contribuições dos escravizados fugidos de outras províncias. Assim diz- se que origem dos quilombos, ou seja, estes tenham surgido com a fuga dos escravizados oriundos das províncias vizinhas, as quais já citadas anteriormente.

E buscando tecer as teias quilombolas, agora falo da comunidade de Conceição dos Caetanos, em Tururu, município distante 125 quilômetros de Fortaleza, limite com Itapiopoca, é uma das 86 comunidades reconhecidas oficialmente como remanescente dos quilombolas, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no estado do Ceará. Equipes de técnicos do órgão visitaram a região, dando início aos estudos para a concessão definitiva das terras aos quilombolas.

O processo aberto inclui a comunidade de Água Preta, também localizada em Tururu, originada em grande parte de quilombolas vindos de Conceição dos Caetanos.

No quilombo de Conceição dos Caetanos, ao chegar fui confundida com a sobrinha da Dona “Antonia” um quilombola local, fui lá para uma atividade de comemoração do dia da consciência negra, comigo foram mais umas nove pessoas, fizemos algumas vivencias como dança afro-brasileira, comemoração do aniversário da senhora mais idosa do quilombo, missa afro, desfile da beleza negra.

Aspecto dos caminhos quilombolas foi a mediação da cultura artística, quando minha trajetória de especialista em Cultura Folclórica Aplicada se manifestou instituindo nova relação entre pesquisadora e pesquisados.

Assim aconteceu nos festejos da padroeira e “festa de Zumbi” em novembro de 2011, data muito significativa para a comunidade. Lá cantamos e dançamos. E a memória daquele coletivo negro foi reavivada com ressignificações através da arte e da cultura local.

As figuras mostram acontecimento importante e pessoas do quilombo, tais como: 9 o altar da igreja da missa afro, que acontece em 20 de novembro, figura 10 mostra grupo de jovens mulheres da comunidade, que apresenta com dança afro. E a figura 11 Tia Bibiu e eu, um encontro de almas, encontro encantador quando fui pela primeira vez ao quilombo com algumas colegas, e figura 12 a casa de farinha e morador da comunidade.

Figura 9 – Altar da igreja da missa afro, (20 de novembro). Figura 10 - Jovens Mulheres da comunidade. Figura 11 - Tia Bibiu e Eu. Figura 12 - Casa de farinha e morador da comunidade.



Fonte: Marlene P. do Santos, (2011).

Em Água Preta fui conhecer uma atividade do dia da Consciência Negra, depois também fui com um grupo de estudantes para uma vivência sobre africanidades, com os estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, junto com os membros da comunidade quilombola. Fizemos trilha, subimos a serra, tivemos atividade de corporeidade e dança, também tivemos um delicioso almoço e, finalizamos com uma roda de conversa com as senhoras mais idosas do quilombo.

As figuras 13 e 14 mostram senhoras mais idosas do quilombo, figura 15 - Patrimônio cultural local, e 16 mostra uma atividade no dia da Consciência Negra no quilombo.

Figura 13 e 14 - Senhoras mais idosas do quilombo. Figura 15 - Patrimônio cultural; Figura 16 - Vivência quilombola.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2016).

- *Comunidade Quilombola da Serra do Juá; Comunidade Quilombola da Serra da Rajada; Comunidade Quilombola Caetanos em Capuan; Comunidade Quilombola de Porteira; - Caucaia*

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (IBGECIDADES, 2015), Caucaia, município cearense, está localizado na região Noroeste do estado, distante 27 km da capital, pela rodovia federal BR 222. O município conta com uma área territorial de 1.228,506 Km² e a população estimada, em 2014, de 349.526 habitantes.

Neste município, que é região metropolitana, se encontram várias comunidades remanescentes de quilombos, destas, eu conheço as comunidades quilombolas que são: Caetanos, em Capuan, e Porteiras. Encontram-se mais próximas ao perímetro da cidade de

Caucaia, porém conheço também os quilombos da Serra do Juá e da Serra da Rajada estão localizados em serras de difícil acesso.

O município apresenta um número bastante significativo de comunidades, e em algumas que fui conhecer realizei algumas atividades, vivências, palestras, oficinas e cursos, também rodas de conversas sobre o pertencimento quilombola e afrodescendente, sobre estética negra e cabelos afros. E o desfile das mulheres quilombolas. Também fui ministrante de aulas em um projeto, edital PAPEX/PROEXT – 001/2016, área temática da extensão: Direitos Humanos e Justiça, subárea: grupos em situações de vulnerabilidade social – étnico racial; curso – Organização Curricular Guardiões da Memória quilombola. Assim tenho uma relativa vivência com os quilombolas e seus quilombos.

Diante de todas estas experiências e vivências fui convidada também para participar da formatura da turma, estando a conhecer as comunidades quilombolas, suas histórias, suas culturas, seus saberes e fazeres, também estou dando minha contribuição para dá visibilidade da população negra e sua cultura e Histórias Quilombolas no Ceará.

Figura 17 foi comemoração da certificação do Quilombo Serra da Rajada; e figura 18 mostra as crianças do quilombo voltando da escola. As figuras 19 oficina com as mulheres quilombolas, no quilombo de Capuan, e figura 2.20 objetos antigos na parede, da esquerda para a direita um kibano e um ralo grande, esses eram usados pelos mais velhos.

Figura 17 - Comemoração da certificação do Quilombo Serra da Rajada; Figura 18 - Crianças do quilombo voltando da escola.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2016).

Figura 19 e 20 - Oficina com as mulheres quilombolas, no Capuan; Objetos antigos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2016).

Estas comunidades por serem mais próximas da capital cearense, eu as visitei com mais frequência e, também por ter sido convidada pela liderança para realizar diversas atividades, como colaboração para o conhecimento, desenvolvimento e pertencimento quilombola da população.

O Município realizou o Projeto Caucaia Território da Secretaria de Governo e Articulação Política (SEGAP) com a publicação no Diário Oficial da União do dia 30 de Março de 2012, onde a Fundação Cultural Palmares, Certifica as comunidades Cercadão dos Dicetas, Porteiras, Serra do Juá e Boqueirão da Arara reconhecendo as mesmas como Remanescentes de Quilombo. De forma que agora estas comunidades já podem buscar políticas públicas diferenciadas e específicas nas diversas áreas, como: educação, turismo, saúde, agricultura, piscicultura, infraestrutura, esporte, meio ambiente, cultura, transporte, por meio do Programa Brasil Quilombola.

O Programa Brasil Quilombola, criado em 2005 e coordenado pela Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR – em ação conjunta com os organismos federais vinculados ao Decreto nº 4.887/2003, com o intuito de assegurar acesso à alimentação, melhoria das condições socioeconômicas, benefícios sociais, questões relativas aos direitos raciais e territoriais como é o caso da regularização da terra conforme o *Art. 68 das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) 1988*, que dispõe que “aos remanescentes das comunidades de quilombos é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos”. Legalmente, a certificação, reconhecimento e titulação dos quilombos competem, segundo o Art. 3 do decreto nº 4.887 de 2003, ao Ministério de Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, que pode estabelecer convênios diversos a fim de que esta atribuição seja cumprida.

As orientações para a titulação das comunidades quilombolas se iniciam com a identificação, realizada através da autodefinição do grupo, confirmada com documento de Certidão de Registro, no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos, emitida pela Fundação Cultural Palmares. Após a certificação, é necessária a elaboração de um relatório antropológico sobre a comunidade. A demarcação e titulação do território com outorga do título coletivo e pró-indiviso são realizadas em nome da associação comunitária. Os títulos das terras são inalienáveis, imprescritíveis e impenhoráveis.

O processo histórico do município tem início com o Projeto Caucaia Território ao criar o Território da etnia negra no corpo administrativo da SEGAP e passa a trabalhar em 2009 com oficinas utilizando a metodologia da educação popular nas comunidades em que o caucaiense identifica um maior número de negros/as, a intenção era buscar elevar a autoestima e estimular o auto reconhecimento das pessoas como negras, a partir do conhecimento de seus valores culturais afrodescendente, eu participei em partes destes momentos, assim se busca dar visibilidade as comunidades quilombolas, revelar suas histórias e, encontrá-las em uma relação histórica com a África.

Em conformidade com as disposições da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, Decreto nº 93.872, de 23 dezembro de 1986, Decreto nº 6170 de 25 de julho de 2007, da Portaria Interministerial nº 127, de 29 de maio de 2008, e da Resolução do CODEFAT nº 333, de 10 de julho de 2003.

Em 2010 foi o ano das comunidades discutir o que são políticas públicas para negros de quilombos e terreiros para começarem a se apresentar divulgando sua existência nas esferas dos governos Municipal, Estadual e para a sociedade em geral tendo como base na, *LEI N° 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial*, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Diante desse contexto a SEGAP convidou o INCRA como responsável pela regularização fundiária dos territórios de quilombo para conhecer cada uma das comunidades e explicar como se dá a regularização da terra e a solicitação à Fundação Cultural Palmares o certificado nacional de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo.

São alguns dos passos dados para tirar a invisibilidade oficial das comunidades negras do município.

Quanto aos espaços da geografia física destas comunidades, três delas ficam bem próximas umas das outras: Porteiras, Boqueirão da Arara e Serra do Juá e ambas têm raízes da ancestralidade de famílias do Juá, o que pode caracterizar um grande território de remanescentes de quilombos da chapada da Serra. Isso é um desafio para os antropólogos do INCRA. Já o Cercadão dos Dicetas fica no Icaraí e segundo seus ancestrais são originários da fuga de um navio que encalhou próximo a Barra do Ceará.

As outras seis comunidades de Caucaia que se auto reconhecem remanescentes de quilombo, ainda não se organizaram o suficiente para solicitar o certificado.

- *Comunidade Quilombola do Cumbe, Aracati Ceará*

A comunidade remanescente de quilombo do Cumbe, situada no município de Aracati, sobre sua origem, acredita-se que fazendeiros se estabeleceram à margem direita do Rio Jaguaribe, sem precisão de datas, estimamos que tenha sido a partir das últimas décadas do século XVII, e criaram-se ali a produção de carne seca ou carne do Ceará como foi conhecida, era a indústria do charque.

Em Aracati, aproximadamente 12 km do centro, depois de percorrer uma estrada de piçarra seca e poeirenta no verão, mas lamenta no período de chuvas. Ai se encontra uma comunidade do Aracati, chamada Cumbe. Esta eu conheci em 2010 quando fui convidada pela professora Sandra Petit para ir aluda-la realizar uma vivência sobre cosmovisão africana, com a sua turma de alunos da graduação em pedagogia da UFC.

Fizemos um reconhecimento local, e uma parte da vivência foi realizada numa associação outra parte a beira de uma lagoa, onde realizamos atividade com argila. Então fui ao encontro de fazeres quilombolas, de quilombo em quilombo, conhecendo a história e as culturas da população quilombola cearense.

As figuras: 21 mostra à igreja local, 22 a realização de atividade com alunos da UFC e moradores do quilombo do Cumbe, e figura 23, máscaras de argila na areia praia.

Figura 21- A igreja; Figura 22 - Vivências no quilombo do Cumbe. Figura: e 23 - Mascaras de argila.



Fonte: Marlene P. dos Santos, 2010.

- Comunidades Quilombola Encantado do Bom Jardim, Tamboril Ceará

O território quilombola de Lagoa das Pedras e Encantados do Bom Jardim, no município cearense de Tamboril, apresenta, segundo o INCRA, 67 famílias ocupando um território de 1.959 hectares, num processo adiantado de regularização fundiária (INCRA, 2016). Tamboril é um município na região leste do semiárido do estado, situado a 287 km da capital e como mais de 25mil habitantes e altitude média de 300 metros com relação ao nível do mar. As comunidades de quilombo da região realizam atividades com suporte da Secretaria da Comissão Pastoral da Terra e do curso de Geografia da UFC, sendo que está sendo implantado um Curso de Licenciatura Plena em Geografia para Comunidades Quilombolas, através do PRONERA (AUGOSTINHO et Ali, 2016).

Fui umas três vezes ao quilombo Encantado do Bom Jardim, primeira e segunda vez eu fui à reunião das comunidades quilombolas do estado do Ceará, fui conhecer, depois fui para a II Reunião Técnica sobre Educação Escolar Quilombola, em 2015, onde fiz parte da mesa de abertura junto à pessoa representante do Ministério de Educação e Cultura (MEC) a senhora Maria Auxiliadora Lopes.

Ao participar de encontros das comunidades remanescentes de quilombos e, ministrar cursos, oficinas palestras e rodas de conversas, ou simplesmente ir conhecer, viso contribuir na construção do patrimônio cultural, na reescrita da história dos quilombos, principalmente dando

visibilidade para a população negra rural quilombola, pois como pesquisadora percebo que posso ajudar na construção da identidade quilombola rural, e campesina.

Figura 24 é o Banner do evento Educação Escolar Quilombola – II Reunião Técnica, realizada em 2015, fui convidada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), figura 25, 26 eu ministrando oficina para os professores, e fotografia com a líder quilombola Aurila Maria, do quilombo de Nazaré e a senhora Maria Auxiliadora Lopes, técnica representante da SECADI/MEC e figura 27 Eu e a faixa do evento.

Figura 24 - Banner do evento. Figura 25 e 26 - Eu ministrando oficina; Aurila, Maria Auxiliadora, do MEC e Eu. Figura 27 – Eu e faixa do evento.



Fonte: Marlene P. Santos, (2015).

- *Comunidade Quilombola Sítio Veiga, Quixadá Ceará*

A comunidade de quilombo do Veiga está localizada no distrito de Dom Mauricio no município de Quixadá. Este quilombo está inserido numa localidade de forte relação com a Igreja Católica, tendo como marco do catolicismo na região a existência de um Mosteiro.

A educação neste quilombo tem forte relação com as reivindicações dos movimentos de quilombo, mas atravessado pela relação com a Igreja Católica. Esta relação ainda se combina com o problema das oligarquias locais, com as famílias tradicionais e com os problemas de posse de terra e trabalho das comunidades negras, representando os ex escravizados da região. Num estado que tenta tornar invisível a história da escravidão, ou minimiza a sua influência na formação social e econômica. Esta discussão é bastante rica, devido os fatos marcantes das ideologias presentes no estado, que se assentam na negativa de reconhecimento da existência de negros, de comunidades negras, de cultura negra, e até épocas recentes da existência de quilombos.

Originalmente, a região foi habitada pelos índios Jenipapo Canindé, resistindo à invasão portuguesa no início de 1705, data de suposta pacificação. Os grupos indígenas resistiram até 1760, pois os conflitos entre índios e colonos, ocasionados pelo desenvolvimento da pecuária, desde 1705, praticamente extinguiram essas tribos. A colonização da área compreendida atualmente pelo município de Quixadá ocorreu através da penetração pelo rio Jaguaribe, seguindo seu afluente o rio Banabuiú e depois o rio Sitiá, guiados pela pecuária de corte e leiteira de onde vem a presença da população negra. A existência do mosteiro dos Beneditinos, no distrito de Dom Mauricio data de 1641. A partir do século XIX, com a instalação da estrada de ferro que ligava o Cariri à Fortaleza ocorreu forte urbanização do município. Esta também foi fortemente influenciada pela produção de algodão exportado para a Inglaterra, que nesta época vivia a *Revolução Industrial*. A Freguesia de Quixadá foi criada pela Lei provincial n.º 1.305, de 5 de novembro de 1869. Em 27 de outubro de 1870 a Lei provincial n.º 1.347 criou o Município de Quixadá desmembrando-o de Quixeramobim e sendo elevado à categoria de vila.

O Quilombo Veiga, localizado no sítio Veiga que dista 3 km do distrito de Dom Maurício qual se localiza a 30 km da sede da cidade de Quixadá, região do sertão central cearense distante 167 km da capital, Fortaleza. O Quilombo Veiga, adquiriu sua certificação como comunidade quilombola em 09 de novembro de 2009 e neste meio tempo tem lutado pela preservação de sua cultura e direitos como comunidade quilombola. A História dos Veiga está, por sua vez, enraizada na tradição religiosa do catolicismo, muito comum na região, sendo os fundadores do atual distrito de Dom Mauricio padres beneditinos que fundaram no ano de 1938 o primeiro mosteiro da região que tempos após sua fundação foi delegado as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, instituição religiosa exclusiva para mulheres fundada no Pará pela freira Imaculada tendo como co-fundador o padre Dom Amando, que nos primórdios da vila, hoje distrito, contribuíram para a educação e progresso do mesmo, sendo as freiras responsáveis pela educação primária e o cuidado com doenças e enfermidades de muitas crianças e famílias seguindo muitas gerações.

Fui à comunidade quilombola do Veiga a primeira vez para conhecer o quilombo e, a falada dança de São Gonçalo, depois fui mais duas vezes ajuda minha amiga Daniele Cristine Gadelha Moreno, na sua pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), ajudei com entrevistas e foto, assim conheci também o quilombo, a líder da associação quilombola e parte da história sobre a fundação do quilombo.

Figura 28 mostra uma casa no quilombo do Veiga, a vegetação local, a figura 29 mostra um momento de brincadeira das crianças e eu em uma árvore, a qual eu nomeei de “pé de crianças”, e figura 30 a igreja do quilombo.

Figura 28 - casas no quilombo do Veiga; Figura 29 - as crianças e eu em uma árvore (pé de crianças); Figura 30 - Igreja do quilombo.



Fonte: Marlene P. Santos, (2011).

- Comunidade Quilombola Sítio do Carcará, Cariri – Ceará

A comunidade do Carcará está situada no município de Potengi - CE, na região do Cariri, com uma população é de 10.144 habitantes, e distantes quinhentos quilômetros (500 km) da capital do estado do Ceará – Fortaleza. O quilombo da comunidade sítio Carcará é parte da zona rural do município. A comunidade de quilombo dista 17 quilômetros da sede do município e possui aproximadamente 200 habitantes. Foi certificada desde dia 30 de julho de 2013 pela Fundação Palmares.

A Comunidade remanescente de quilombolas Carcará é um grupo negro rural, marcado pelos traços escravistas, formado por duas famílias, MARSAL e CRUZ, estas famílias viviam sobre os maus tratos do senhor Gonçalo Baptista Vieira (1819-1896) conhecido como Barão de Aquiraz, proprietário da fazenda ou Casarão do Infincado, foi um grande capitalista e escravagista do município de Assaré - CE. Ao longo dos tempos essas famílias foram se misturando por meio de matrimônios formais ou informais dando origem a outras famílias Vieira, Alves, Fernandes e Fidélis. E constituído por um grupo denominado Sítio Carcará, localizado no município de Potengi-Ce. Composto por 130 famílias, 500 pessoas.

Conheci a comunidade quilombola Carcará em 17 de setembro de 2016, período em que fui ao Cariri para participar do Seminário Artefatos da Cultura Negra, este é um seminário

criado pelo Prof. Henrique Cunha desde 2009, o primeiro foi realizado na Universidade Federal do Ceará – UFC, com objetivo de trabalhar africanidades nas diversas áreas: história, geografia, matemática, ciências, pedagogia, filosofia, o que fazemos é ensino e práticas com base na interdisciplinaridade /transversalidade.

No primeiro Artefatos fiz uma oficina sobre contação de história, partindo de contos afros, e no Cariri apresentei um trabalho em intitulado: **Quilombando nas matas: plantas um conhecimento ancestral.**

Então fui conhecer o quilombo Carcará, pois as minhas negras raízes reluzentes das africanidades vão ao encontro dos galhos afro-brasileiros, assim elas têm se aprofundado na mãe terra, se fortalecido e, a cada ano as raízes se ramificam pelas comunidades quilombolas, minhas raízes afro-brasileiras. A conhecer o terreno se planta as sementes do ser negro quilombola.

Ao adentrar na comunidade senti uma imensa vontade de descrever o lugar, eu fiz fotos, ou seja, fotografei, mas imaginei um quadro, as várias comunidades as que eu conheci sempre tive vontade de desenhá-las, pois são tão parecidas em suas localizações geográficas e, ao mesmo tempo diferentes em suas especificidades, mas como não sei desenhar, então sempre fotografo, porém no quilombo carcará rabisquei a comunidade, ao que chamei de mapa geográfico/mapa conceitual de Carcará, veja abaixo o mapa.

As imagens 31-32 demonstram mapas conceituais de Carcará, a entrada do quilombo Carcará. E Associação do Carcará, a casa e terreno.

Figuras 31-32 - mapas conceituais de Carcará.



Fonte: Santos, M. P. dos. (2016).

Figura 33 - entrada do quilombo Carcará. Figura 34 - Associação Carcará. Figura 35 - Casa e terreno.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (1016).

- Comunidade Quilombola de Junco Manso – Morrinho

Morrinhos é um município do estado do Ceará da região litorânea leste próximo a divisa com Piauí, com uma população 22 mil habitantes. Suas origens pertencem ao século XIX e resultante de populações que se estabeleceram ao longo do Rio Acaraú.

A comunidade tem algumas dificuldades como falta de emprego, e dificuldades de acesso as políticas públicas.

Não tive maiores informações sobre a comunidade.

Figura 36 uma lagoa do quilombo, 37 o líder do quilombo, Pedro mostrando seu instrumento de trabalho (Mareta de quebra pedra), com essa trabalhou muito, quebrando pedra sob o sol quente, e junto a ele Eu e a Aurila, e figura 38 um momento de roda de conversa com alunos de uma faculdade e moradores do quilombo de Junco Manso; E a figura 39 mostra criações de caprinos no quintal.

Figura 36 - Lagoa do quilombo. Figuras 37- Pedro com seu instrumento de trabalho; 38 Roda de conversa; Figura 39 Criações de caprinos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Temos as comunidades de remanescentes de quilombos reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares no Ceará

No Brasil, 2474 comunidades quilombolas foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares até o dia 23/02/2015, conforme demonstra tabela a seguir:

Tabela 1 – Comunidades Quilombolas nas Unidades da Federação.

Região da Federação	Comunidades Quilombolas	TOTAL DE COMUNIDADES
Norte	312	
Nordeste	1543	
Centro-Oeste	119	
Sudeste	343	
Sul	157	TOTAL 2474

Fonte: Fundação Cultural Palmares/2015.

Tabela 2 – Comunidades Quilombolas nas Unidades da Federação. Com um total de 2474 comunidades. Fonte: Fundação Cultural Palmares/2015.

Nota-se que o Nordeste abrange a maior concentração de comunidades quilombolas certificadas, revelando um número alarmante da ocupação e permanência da população quilombola nessa região do país.

Segue a relação das comunidades quilombolas cearenses que foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares e as datas de certificação para ilustrar a realidade no Ceará:

Tabela 2 – Comunidades quilombolas cearenses certificadas pela Fundação Cultura Palmares.

MUNICÍPIO	COMUNIDADE	DATA DE PUBLICAÇÃO
Tururu	Água Preta	10/12/2004
Tururu	Conceição dos Caetanos*	10/12/2004
Porteiras	Porteiras Souza	19/04/2005
Horizonte	Alto Alegre*	08/06/2005
Crateús	Queimadas	30/09/2005
Aquiraz	Lagoa do Ramo e Goiabeira	06/12/2005
Pacajus	Base e Adjacências (Caeta Retiro)	07/06/2006
Coreaú	/ Moraújo Timbaúba	13/12/2006
Quiterianópolis	Croatá	13/12/2006
Quiterianópolis	Fidelis	13/12/2006
Quiterianópolis	Gavião	13/12/2006
Tamboril	Encantados de Bom Jardim*	13/12/2006
Tauá	Consciência Negra	13/12/2006
Tamboril	Lagoa das Pedras*	02/03/2007
Tamboril	20 Tamboril Torres	16/05/2007
Croatá	Três Irmãos	09/12/2008
Araripe	Sítio da Arruda	05/05/2009
Novo Oriente	Minador	19/11/2009
Quixadá	Sítio Veiga	19/11/2009
Baturité	Serra do Evaristo	24/03/2010
Ipueiras	Sitio Trombetas	24/03/2010
Salitre	Serra dos Chagas	27/04/2010
Tamboril	Brutos	27/04/2010

Novo Oriente	Bom sucesso	28/04/2010
Aracati	Córrego de Urbaranas	04/11/2010
Ipueiras	Coité	04/11/2010
Quiterianópolis	Furada	17/06/2011
Quiterianópolis	São Jerônimo	17/06/2011
Ocara	Melâncias	08/11/2011
Salitre	Renascer Lagoa dos Crioulos	01/12/2011
Itapipoca	Nazaré	22/12/2011
Caucaia	Boqueirão	04/04/2012
Caucaia	Cercadão do Dicetas	04/04/2012
Caucaia	Porteiras	04/04/2012
Caucaia	Serra do Juá	04/04/2012
Caucaia	Caetanos em Capuan	03/09/2012
Monsenhor Tabosa	Boa Vista dos Rodrigues	03/09/2012
Monsenhor Tabosa	Buqueirão	03/09/2012
Novo Oriente	Barriguda	30/07/2013
Potengi	Sítio Carcará	30/07/2013
21 Salitre	Nossa Senhora das Graças Sítio Arapuca	30/07/2013
São Benedito	Sítio Carnaubá II	30/07/2013

Fonte: Fundação Cultural Palmares/2015.

Informações atualizadas até 23/02/2015. Fonte: Fundação Cultural Palmares/2015. No Ceará, 42 Comunidades Quilombolas estão certificadas pala Fundação Cultural Palmares, dentre elas está a Comunidade Quilombola Sítio Veiga, certificada desde 2009.

Embora persista no Ceará, em meio à população, o discurso que a população negra é inexistente, os dados demonstram ao contrário. A existência de 42 comunidades quilombolas vai de encontro ao discurso ideológico da invisibilidade da população negra. Fica assim, demonstrado a necessidade de um enfoque mais abrangente sobre o tema e também da existência

de políticas públicas. Mesmo a literatura sobre quilombos no estado tem contribuições da década passada (FUNES, 2007; MADEIRA, 2009; BEZERRA, 2011).

A minha incursão nas comunidades remanescentes de quilombos, é falar da porteira para dentro, pois trilhar os caminhos destas comunidades me permitiu adentrar não só nos conhecimentos geográficos e históricos, mas permitiu adentrar nos costumes, nos saberes e fazeres, na cultura e na vida dos quilombolas cearenses. E principalmente me permitiu enquanto pesquisadora, desenvolver base sistêmica para uma produção acadêmica científica.

Aprendizado das viagens

Nenhum cientista faz ciência sem observar, estudar, praticar, pois pesquisar também exigir observar, estudar, conhecer e praticar para obter conhecimento.

Das viagens várias conclusões foram se cristalizando.

Uma é da dificuldade que as identidades quilombolas encontram para se posicionarem e firmarem perante a sociedade local.

A dificuldade visto que enfrentam lutas cotidianas com interesses diversos a terra, a afirmação do valor de cultura, a necessidade de renda a necessidade de políticas públicas, o medo com relação aos poderosos de algumas regiões.

As formações de professores agenciadas por institutos aos externos e quase sempre alheios a realidade dos quilombolas, sem referências concretas para mudar a realidade das formações.

Também a influência da geografia na vida das comunidades quilombola, dificuldade de acesso às comunidades e de comercialização de produtos, dificuldade de terra boa para plantar, e plantando de “meia” em terras consideradas dos outros.

As dificuldades de relação com o município, em algumas regiões.

Todavia o estudo, a pesquisa de campo me permitiu uma incursão nos território e territorialidades quilombolas, assim tornando-me uma pesquisadora da porteira para dentro, e para demonstrar o meu adentramento nos quilombos trago uma foto, essa foi de uma vivencias que realizei no quilombo de Alto Alegre, vivencia com vários quilombolas e alunos da

Universidade Federal do Ceará - UFC. E a foto me revela pertencente ao grupo, pois mesmo não tendo nascido no Ceará, à imagem revela grande semelhança física, e também carinhosamente fui acolhida e “adotada” como filha de uma família quilombola do quilombo de Alto Alegre.

A imagem é a fotografia de uma vivência com quilombolas da comunidade quilombola de Alto Alegre, da esquerda para a direita Eu, Leuda, Naldo e o Nego Neco.

Figura 40 – Eu e quilombolas do quilombo de Alto Alegre.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2010).

Como consegui adentrar nos quilombos do Ceará

A vivência citada acima, e a imagem fala da minha incursão no quilombo, fui conhecer, estudar.

Muitas pessoas me perguntam: como você fez para conseguir ir a tantos quilombos? Como os quilombolas me deixaram entrar, pesquisar, e como receberam uma pesquisadora que mesmo sendo mulher preta, toda via “em algumas comunidades ainda era uma estranha”? Os professores e professoras aos quais eu apresentei para formações parte desse trabalho de pesquis também me fizeram perguntas nesse sentido.

Primeiro nasci e fui criada em regiões de Caxias Maranhão e aprendi com meu avo, minha mãe, meu pai e minhas irmãs a ter cuidado no trato com as pessoas, muito respeito e participação naquilo que elas estão fazendo. Outro ponto importante é que sempre fui aos quilombos como pessoa e depois como pesquisadora. Conviver, visitar, conversar, dar aulas, ir as festas e estar nos quilombos não apenas para realizar uma pesquisa.

Em resposta a esse questionamento, digo que para eu conseguir adentrar nos quilombos, assim como para adentrar em qualquer lugar, espaço ou território, eu procuro ter uma boa sociabilidade, ser sincera, verdadeira, e acima de tudo respeitar e tratar as pessoas com igualdade. Assim sendo, que não existe uma receita pronta, mas para percorrer as vinte comunidades remanescente de quilombos, precisei ao longo dos anos se desenvolveu relações de confiança, usar de empatia, contribuir, compartilhar.

Toda via, eu não teria conseguido adentrar nos quilombos para pesquisar sem ter vivenciando as culturas quilombolas e aos pouco desenvolver a compreensão dos modos de vida e estabelecer um relacionamento na base da confiança. Para isso se faz necessário pedir permissão, pedir licença as pessoas, se apresentar, explicar o que vou fazer o que estou fazendo, e principalmente demonstrar que compartilharemos, pois receberei conhecimentos e contribuições dos quilombolas, mas também levo contribuições para os quilombos, quilombolas, e construção positiva da reescrita de suas histórias, expliquei como a participação dos quilombolas na pesquisa me ajudaria a escrever a história, falei da importância do trabalho, pois é uma pesquisa com eles e para eles, fui trabalhando com e para os quilombolas.

Antes da pesquisa de mestrado já me interessava pela vida e história dos quilombos de Alto Alegre e quilombo da Base. Então eu morando em Fortaleza, me desloquei muitas vezes para ir aos quilombos, toda via essas idas, como já mencionadas começa com as idas ao quilombo de Alto, fui muito bem recebida nesse e nos outros quilombos.

Então com prática acadêmica científica, andei por territórios e territorialidade da aprendizagem, para o pertencimento de conhecimentos, e para do desenvolvimento das definições e conceitos.

3 FAZERES CIENTÍFICO: TECENDO DEFINIÇÕES E CONCEITOS E CONCEPÇÕES DE BASE

A ciência é um saber abstrato para explicar a realidade, no entanto a realidade é sempre mais inteligente e complexa que a ciência.

Henrique Cunha Junior.

A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro.

Albert Einstein.

“Querem que vos ensine o modo de chegar à ciência verdadeira? Aquilo que se sabe, saber que se sabe; aquilo que não se sabe, saber que não se sabe; na verdade é este o saber”. Confúcio.

Em trabalhos realizados e nesta tese trago conceitos fundamentais na abordagem da pesquisa afrodescendente, pois temos na cosmovisão africana base e princípios ideológicos de conhecimento milenar que são referências para reformular as concepções hoje quando pesquisamos os quilombos no Ceará. Por abordarmos termos e ideias, os quais não são tão usados nas salas de aulas, mas já se apresentam nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, é que entendemos a necessidade de definir os conceitos usados na pesquisa.

Conceito, concepção ou caracterização consiste na formulação de uma ideia por meio de palavras ou recursos visuais, explicitando e informando com precisão o uso e abrangência. O conceito é também uma forma particular de pensar sobre algo, consistindo em um tipo de apreciação através de uma opinião manifesta. O termo "conceito" tem origem a partir do latim “*conceptus*” (do verbo *concipere*) que significa "coisa concebida" ou "formada na mente" (FERRATER-MORA, 2004), (ABBAGNANO, 1998).

Portanto o conceito é a explicação do entendimento dado a uma ideia, uma formulação de ideias ou opinião sobre algo ou alguma coisa. Explicação do sentido de uma palavra, vocabulário, expressão, pensamento, que expressam uma visão específica. No caso dessa tese estamos trabalhando como conceitos vindos da literatura e das ideias sobre africanidade e afrodescendência.

Sendo que a importância dos conceitos está na formação dos modelos teóricos (BREITBACH, 1988). A ciência acadêmica é realizada por um processo de composição das ideias através de operações sobre os conceitos. Os conceitos são importantes, pois através deles se organiza o conhecimento expresso num trabalho científico, no caso a tese. Admitindo que a ciência acadêmica é a atividade do pensamento humano dentro dos quais são produzidos métodos e sistematização de ideias que permitem um rompimento com as aparências, como as imprecisões de como ver os fatos do mundo das paisagens, produzindo, o conhecimento científico, aquele que é construído por raciocínios, moldurados por paradigmas científicos. A racionalidade é o fato principal para ver o mundo real de forma científica. Existe a realidade que pode ser descrita como uma paisagem, sem a articulação de conceitos e sem a explicitação de termos e sem o emprego de construção racional especificada por um dos ramos da ciência, e existe a realidade vinda da abstração da ciência acadêmica. Portanto, os conceitos são parte

necessária de partida para a realização da ciência acadêmica. A construção de conceitos pode ser realizada de diversas formas, pela explicitação de formas cotidianas de ver a realidade, pela observação sistemática de fatos, ou pela construção pessoal de ideias, desde explicitada e explicada. Como também os conceitos podem ser emprestados da literatura. Assim também entendemos que fazer ciência acadêmica também consiste em fazer ou refazer conceitos, adaptar conceitos a necessidades das operações de ideias no desenvolvimento de um trabalho científico acadêmico.

Os conceitos de cultura negra, memória de negros e negras, africanidade, afrodescendência, identidade e pertencimento, movimentos sociais, território e territorialidade, patrimônio cultural compõe o referencial teórico proposto para esta pesquisa de tese. Estão trabalhados conceitos que corroboram para compreensão e construção desta tese, fazendo conceitos e refazendo conceitos presentes na literatura que trata dos temas das africanidade e afrodescendência, considerando a importância da de uma visão específica do mundo presentes nas populações negras brasileiras e tornando assim uma visão não universalistas e nem eurocêntrica da ciência acadêmica (SANTOS / CUNHA JUNIOR, 2018).

3.1 Cultura

A palavra cultura é definida em ciências sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Assim poderia ser a herança social da humanidade ou ainda, de forma específica, uma determinada variante da herança social. Já em biologia a cultura é uma criação especial de organismos para fins determinados.

Percebe-se como principal característica da cultura o mecanismo adaptativo, que consiste na capacidade que os indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mas até que possivelmente uma evolução biológica.

A cultura é também um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, e vai se transformando, perdendo e incorporando outros aspectos procurando assim melhorar ou adaptar a vivência das novas gerações.

A cultura é um conceito que podemos dizer está sempre em desenvolvimento, pois com o passar do tempo ela é influenciada por novas maneiras de pensar inerentes ao desenvolvimento do ser humano, pois não é estática, mas percebe-se sua base ou sua raiz.

A filosofia vai definir a cultura como um conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou o comportamento natural, já na antropologia a cultura é compreendida como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano (CHAUI, 1995).

No Brasil, as relações sociais da população negra com a população branca se fazem necessário levar em conta a existência de um sistema de dominação que nega a importância da população negra enquanto cultura e enquanto civilização. A cultura aparece quase sempre como uma definição eurocêntrica. Então também se faz necessário a conceituação de cultura negra, que definimos nesta tese como relativa aos feitos da população negra na sociedade brasileira. Sendo que a definição de cultura negra é estabelecida como uma releitura das culturas africanas. Culturas africanas que foram essenciais à formação da sociedade brasileira e transmitidas pela mão de obra africana na sociedade brasileira durante o período do escravismo criminoso. Entendemos existir outras definições de cultura negra, e não se trata de polemizarmos mas apenas de especificarmos a nossa visão sobre o conceito de cultura negra para esta tese.

Então conceituar a palavra cultura também nos leva a pensar na cultura denominada como popular, cultura negra. A cultura popular é algo criado por um determinado povo, sendo que esse povo tem parte ativa nessa criação. Tendo também atenção que a cultura pode ser determinada como popular em oposição à erudita, não sendo aqui a ideia. A cultura negra pode ser representada pela literatura, música, arte, dança, nas tecnologias e nas formas de adaptação da população ao meio circundante. A cultura é influenciada pelas crenças do povo em questão e é formada graças ao contato entre indivíduos de certas regiões.

Podemos dizer que todo povo e todo lugar tem sua cultura e, que não é nem inferior nem superior, é cultura e as culturas são diversas.

Este conceito de cultura tem como objetivo representar o conhecimento ou saberes experiente de uma comunidade. Conhecimento ou saber obtido graças à sua organização espacial, na ocupação do seu tempo, na manutenção e defesa das suas formas de relação humana. Portanto, repensando o conceito de cultura voltamos a dar maior conteúdo ao conceito de cultura negra, pois dele partem todos os processos de reconhecimento das comunidades de quilombos.

3.1.1 Cultura negra

A cultura negra pode ser devida como o processamento à atualização da cultura de base africana na realidade brasileira, limitada pelo racismo e condições sociais adversas, e dialogando com as culturas de populações indígenas e eurodescendentes (SANTOS, 2010). Na continuidade desse raciocínio temos a definição de Gomes (2003) acerca da cultura negra:

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.

Cultura negra, ou melhor, eu diria as culturas negras, pois de antes das inúmeras etnias traficadas para o Brasil, os diversos povos com suas culturas, então herdamos culturas negras, vemos a contribuição e herança cultural negra como um grande legado que nos foi deixado, e que foi e continuará sendo a base da cultura afro-brasileira, como parte da cultura brasileira no sentido amplo. Cultura pensada no sentido da diversidade de cultura na sua produção espacial e temporal.

Retemos o conceito que a cultura negra é uma produção cotidiana das populações de descendência africana como fator constituinte da identidade coletiva.

Assim passamos a tratar os complementos ao conceito de cultura negra para compreensão dos quilombos e da inserção da população negra na sociedade brasileira e de modo particular como atores da educação.

3.2 Patrimônio cultural

A palavra patrimônio nos leva a pensar herança, bens, algo valioso, assim defino: patrimônio ou patrimônio cultural é o conjunto de todos os bens, manifestações de um conjunto da população, cultos, tradições, fazeres, tanto materiais quanto imateriais, que reconhecidos de acordo com sua ancestralidade, importância histórica e cultural de uma região, ou dos seus usos no cotidiano da vida de um grupo social, adquirem um valor único e de durabilidade representativa simbólica ou material. Então entender, considerar e reconhecer o patrimônio cultural de uma comunidade é mergulhar na sua essência histórica e social.

Lembrando que o reconhecimento do patrimônio cultural elava a comunidade ao direito à cultura e à inserção desta nos sistemas de formação e informação da sociedade. Sendo que está outorga de direito produzir as disputas políticas em tono da cultura e do reconhecimento dos patrimônios culturais. Temos assim uma variedade de sub-itens nas redefinições de patrimônios culturais.

Quando trabalhamos dentro de grupos sociais de cultura específica como é caso das comunidades de quilombo, grupos tradicionais ou em bairros de maioria afrodescendente, os conceitos de repertórios culturais ou de patrimônio cultural são de utilidade, como nos mostra Maria Batista Lima (2001) no seu estudo sobre o quilombo em Sergipe. O patrimônio cultural é parte da história da população, determina marcadores que auxiliam na produção da história local. O patrimônio cultural também é referência na constituição da memória e da identidade do grupo social, e desta forma é de interesse definir este conceito para este trabalho de pesquisa, tendo em mente que o reconhecimento da comunidade é em parte a identificação do patrimônio cultural material e imaterial.

A nossa pesquisa tem como base conceitual a análise histórico-cultural-espacial - de fundamentos africanos. Aborda os objetos, materiais e imateriais (estéticas, músicas, objetos, contos, lendas, fofocas, casos de amor, ideias, conceitos), criados numa relação entre a cultura de base africana ou cultura negra, a identidade e a subjetividade quilombola, baseando-se no imaginário social construído sobre esses sujeitos, numa base no território. Parte de um passado, por vezes mítico, relativos à constituição dos quilombos, atravessa um universo simbólico analisado e nos permite delinear uma lógica social em que a interação, o convívio e o isolamento influenciam na construção de uma identidade cultural, produz um pertencimento étnico e a partir deles se pode avançar na compreensão da existência, reconhecimento e interpretação dos objetos existentes de ordem material ou imaterial, ou seja o patrimônio cultural. Deverá produzir uma constante tensão questionando como a cultura influencia na organização social e incide sobre a identidade e a subjetividade dos sujeitos em questão. Em suma trata-se dos objetos, significados, costumes e símbolos próprios de determinada comunidade ou grupo social.

Embora haja divergências em conceituar patrimônio cultural e se tenha visões diferenciadas com relação ao que é patrimônio cultural, a partir da constituição temos bem definido, Patrimônio Cultural na Legislação Brasileira a Constituição de 1988 representou, em nível formal, um avanço considerável ao elevar à categoria de direitos fundamentais da pessoa humana os direitos culturais, expresso nos arts. 215 e 216 e ao consagrar dois princípios basilares que devem nortear a política de preservação de nosso patrimônio histórico-cultural. O primeiro

deles é o princípio da cidadania cultural: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e difusão das manifestações culturais.

Consideramos, no entanto, que dentre a inovação importante trazida pelo texto constitucional foi a de ampliar o conceito de patrimônio cultural, consubstanciado no art. 216 e respectivos incisos. Pois definem sobre o patrimônio cultural, da seguinte forma, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade nos quais se incluem:

I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados à manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O legislador constituinte, reconhecendo a importância e a significação da preservação da memória para construção da cidadania e esteio de nossa identidade cultural, reservou artigo especial, em que se ampliou a noção de patrimônio histórico. Assim, hoje, o conceito de patrimônio cultural não está mais restrito ao dito “patrimônio edificado” – a chamada “pedra e cal” – constituído de bens imóveis, representados por edifícios e monumentos de notável valor estético e artístico e que foram preservados ou até mesmo tombados pelo poder público. O patrimônio cultural brasileiro engloba também os bens imateriais ou intangíveis, que, muitas vezes, são muito mais reveladores de nossa rica diversidade cultural, expressos nos modos de criar, de saber, fazer e viver de nosso povo.

3.2.1 Patrimônio cultural material e imaterial

De início os patrimônios eram visíveis na construção das cidades e pensando apenas na visão eurocêntrica de patrimônio material da cultura ocidental. A visão em torno do patrimônio é ampliada para o campo da subjetividade e dos conhecimentos de ordem imaterial. A produção do conceito de patrimônio contempla a formatação de material e imaterial. Com referência às populações tradicionais e quilombolas a extensão do imaterial é de grande importância, principalmente que a cultura imaterial abrange uma territorialidade maior que a

parte material. As localidades de cultos religiosos, os lugares de sepultamentos, as fontes de raízes e ervas e de produtos religiosos são setores que contemplam a importância do sentido imaterial da cultura. Esta amplia as áreas geográficas de interesse e usos das comunidades.

3.2.2 Patrimônio cultural da população negra

Patrimônio cultural da população negra é tudo que confira valor à memória negra, à identidade negra e à produção da história e cultura negra. O conceito de patrimônio cultural é um acessório que auxilia na seleção e identificação dos bens culturais que sinalizam a cultura negra e produzem as identidades negras. Através do patrimônio cultural é possível constituir um acervo de bens culturais que permita a compreensão da cultura negra de uma localidade, de um bairro, de uma cidade ou de uma região geográfica. No cotidiano os destaque dados aos patrimônios culturais é o que produzem a nossa identidade cultural e o sentido da nossa inserção na sociedade. Por outro lado o reconhecimento dos patrimônios culturais de uma população específica pela sociedade representa o reconhecimento que está sociedade confere à população em questão. Por esta razão é que se realiza uma disputa política pelo reconhecimento dos patrimônios culturais da população negra. O reconhecimento dos patrimônios culturais negros é o que integra à cultura dos grupos sociais da população negra a cultura geral reconhecida da sociedade.

3.3 Africanidades e afrodescendência

Africanidade é um conceito proposto por Cheike Anta Diop (DIOP, 1963; 1981) para expressar a unidade da cultura africana em presença da diversidade espacial e temporal das culturas diversas nações e povos africanos. Na justificação da unidade cultural é tomada as origens filosóficas e linguísticas, além dos mitos de origem dos diversos povos. Africanidade mergulha numa origem comum dos povos africanos e das culturas africanas nas populações do rio Nilo na antiguidade. O que defini o sentido cultural do continente africano em contraste com os demais é a africanidade. A expressão africanidade é retomada no conceito de afrodescendência e refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem na cultura africana. Dizendo de outra forma, nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar as lutas, produzir a cultura própria da população negra brasileira e, de outro lado, às marcas da cultura africana e

patrimônio que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia.

Como conceitos o enfoque sobre as populações africanas e afrodescendentes no Brasil envolvem a compreensão das africanidades e das afrodescendências e do aprofundamento das consequências destes no cotidiano da vida brasileira. Embora existam e persistam dificuldades, sejam de ordem teórica ou ideológica, no entendimento e na identificação ampla das africanidades e das afrodescendências os conceitos são de ampla operação no trato das culturas e dos empreendimentos em torno da cultura negra. Os conceitos propiciam retirar da invisibilidade os feitos das populações negras e recolocá-los na integração da cultura brasileira como fenômeno plural. Permitem também uma conceituação a partir da história e da cultura africana de forma autônoma com relação às proposições clássicas eurocêntricas brasileiras. Fazem estas definições as bases assentados na História Geral da África produzida pela UNESCO em 1980 e editada pelo MEC em 2003.

Africanidade e afrodescendência constituíram um caminho próprio, original inaugurado em 1992, para estudar a população negra brasileira, no pós-abolição, a partir do espaço urbano e vendo a relação entre identidade e educação. Trabalho dentro do campo da história sociológica e constitui um dos ramos do pensamento Pan – Africanista no Brasil.

Africanidade e Afrodescendência (CUNHA JUNIOR, 2013). É modelo teórico conceitual para pensar as populações negras no Brasil, mas a partir do conhecimento africano e afrodescendente, com base em autores negros, africanos e da diáspora. Pensar com base na história, tendo como cenário a existência do escravismo criminoso e do capitalismo racista. Diferente pensar na escravidão negra e no escravismo criminoso, como no capitalismo apenas e no capitalismo racista.

Pensar tendo como ponto de partida a filosofia africana que tem o conceito de complexidade sistêmica para tudo. As relações múltiplas de conflito e de conformidade entre os grupos de interesse presentes na sociedade e sempre abrangendo no mínimo as áreas sociais, culturais, econômicas e políticas, procurando nãovê-las como isoladas e nem como de maior ou menor importância uma com relação a outra. Sempre tendo como base o território, a localidade e a produção das identidades negras nestes espaços. Trata-se de uma construção continua da compreensão de expressar o ser negro dentro de uma sociedade de dominação branca. Existe os marcos da cultura negra e do protagonismo das populações negras, existe a relevância da cultura negra, com ou sem a necessidade da existência do racismo antinegro. Mas pensando que o

racismo antinegro é o ser estrutural das relações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade brasileira. Nesta a produção de novos termos e conceitos é fundamental para inovação do pensamento e procura da expressão negra na pesquisa científica.

4.4 Os Movimentos Negros

Os movimentos negros podem ser descritos como movimentos sociais que dão expressão aos valores sociais da população negra e as suas reivindicações sociais (DOMINGUES, 2009). A valorização da cultura de base africana existente no Brasil recebe o título de cultura negra e tem nos movimentos sociais negros a procura da sua prática e afirmação social. Os movimentos negros são realidades existentes antes da abolição do escravismo criminoso no Brasil; sendo que dentro desta longa jornada de existência, algumas mudanças ocorreram ao longo do tempo, de localidade para localidade e de época para época. E os negros e negras escravizados, em seu tempo, em suas fugas e lutas já faziam movimentos sociais. Assim percebe-se que os movimentos sociais quilombolas são antigos e fazem parte da história nacional em todos seus períodos desde o século 16.

Ao longo de mais de quatro séculos movimentos de lutas, de resistências, de existência se constrói e, esta construção se dá através das memórias, as memórias de negras/os, de quilombolas, de descendentes de africanos com suas memórias indeléveis. Partimos que os movimentos no território africano no combate a invasões europeias e a escravização. Esses movimentos deram continuidade no Brasil, nos quilombos que existem e resistem na atualidade.

Geralmente quando se fala na literatura especializada sobre os de movimentos negros se remete com força às décadas de 70, 80 em diante, com referências anteriores nas décadas de 1920 e 1930 e com poucas extensões a movimentos amplos ao longo de toda a história do Brasil.

Na pauta conceitual e teórica dos movimentos negros surgiram com força política as comunidades de quilombos e os movimentos quilombolas. Portanto, os movimentos negros fazem parte do início das reivindicações dos movimentos em torno dos quilombos e das comunidades tradicionais. Sendo que estas referências, são tanto no campo da política, como no da cultura, da economia e das relações sociais. Tanto os movimentos sociais negros como as comunidades de quilombo adquirem uma importância na atualidade muito além de apenas

do combate ao racismo antinegro, mas como parte do cotidiano da história e da cultura nacional. São, contudo realizações produzidas pelos movimentos negros na sociedade brasileira.

3.5 Memórias de negros e negras e memórias quilombolas.

Muitos trabalhos sobre comunidades tradicionais consideram a memória mera parte da cultura, assim trabalham o problema da memória sempre como parte da cultura. No entanto, as especificidades desta memória dentro de cada cultura não são tratadas devidamente, nem respeitadas. A maioria dos trabalhos de pesquisa parte das referências dos problemas conceituais sobre os temas da memória e da história em sociedades europeias (BERGSON, 1985), (HALBWARCH, 1990), no entanto a memória pode ser vista como específica, como mostra Bosi (1979), referindo-se a velhos, grupo etários, imigrantes italianos, grupo cultural. Assim apresenta um caminho para pensarmos na existência de uma memória de negros/as quilombolas, para estudar o patrimônio cultural quilombola. Estudamos a memória coletiva de comunidades cuja particularidade é a cultura negra e localidade geográfica (LIMA, 2001).

Partindo da existência de populações negras, que estas produzem uma história, num território, neste território se processa uma cultura negra, a memória de negros e negras é produto desta cultura neste território. A memória de negros (as) está associada aos valores da cultura negra, ao processamento da vida da população num determinado território, os fatos da cultura negra deste território. Para efeito deste trabalho de pesquisa a memória coletiva de negras e negros é produzida em função da cultura, da população e do território. Para cada localidade os ênfases e seleções da memória coletiva são realizados de maneira específica.

Estamos trabalhando a memória com específica dos grupos sociais. A memória é parte da cultura e parametrizada pela cultura (SOUZA; CUNHA JUNIOR, 2011). Trata-se de uma narrativa construída e compartilhada dentro de um grupo social, a partir dos indivíduos, e sempre assentada em fatores sociais comuns ao coletivo. O grupo social e cultura são fundamentais para determinação da memória coletiva e a memória é um valor cultural do grupo social. Toda memória coletiva tem um lugar no tempo e no espaço. A cultura, o espaço geográfico e o tempo são os cenários da memória coletiva. Sendo assim as memórias coletivas são territoriais e tem significado dentro do grupo social. A memória individual e coletiva é uma construção social, depende dos valores sociais estabelecidos dentro de uma cultura.

Memórias de negras e de negros são narrativas de interpretação dos fatos pautados pela experiência social da população negra (SOUZA, 2010). Sendo que cada um dos fatos culturais pauta uma seletividade da memória com fator de importância. A memória coletiva e a individual são estabelecidas em consensos tratando do passado sempre numa perspectiva do presente. A memória coletiva reforça sempre a existência do grupo social e do pertencimento a um setor da sociedade, de forma consciente ou não. Sendo também um fato social dinâmico, marcado pelas necessidades de inscrição dos acontecimentos e da participação neles.

A memória de negros e negras é definida neste trabalho de pesquisa fora do paradigma do determinismo histórico, ou seja, pensando a nova ciência para além da forma cartesiana, considerando as continuidades e descontinuidades da história e as incertezas, dentro das teorias da complexidade e da transdisciplinaridade, contidas nas definições de africanidade e afrodescendência, demarcadas pelas especificidades de cada localidade e de cada época histórica. A memória coletiva de negras e negros é específica e dependente da cultura negra processada em cada localidade. O conceito de memória coletiva de negras e negros é importante para compreensão da identidade da população e da relação deste com o patrimônio cultural.

As memórias coletivas de um povo neste trabalho são consideradas como específicas e construídas de forma significativa em torno dos patrimônios culturais. Sendo as memoriais coletivas são o cimento social para a produção das identidades negras. A memória é formada no cotidiano, referida aos patrimônios culturais e refeita ao longo das existências da população e dos indivíduos. Parte da memória vem da infância, da dor, dos costumes, as memórias esquecidas no recanto da dor, mas e as memórias das festas, das comidas, das histórias, da produção da vida. As memórias dos fatos cotidianos e ilustram o reconhecimento das pessoas de uma localidade como parte deste lugar. Lugar na perspectiva geográfica foi definido no primeiro capítulo dessa tese. Lugares da memória são da constituição das identidades individuais e coletivas. A memória é importante para a história e para a constituição da identidade de uma população. Neste sentido é que a memória é tratada neste capítulo. A memória de quilombos vem sendo tratada por nós como um processo dependente da cultura, se tornado específico pela cultura. Portanto, a memória de negros e a memória quilombola estão intimamente associados à cultura negra e a cultura quilombola (SANTOS, 2012).

Embora a mobilidade entre áreas geográficas diversas possa ser grande numa sociedade e mesmo que os sistemas de informação sejam amplos, ainda assim a vida de uma maioria de pessoas é condicionada pelas áreas das localidades de vida, principalmente em relação às comunidades de quilombo. Cada localidade encontra nos seus habitantes as suas

formas de cultura coletiva e produzem as suas identidades como também as suas memórias coletivas, assim estas se processam nas comunidades de quilombos. Portanto as memórias são nestas hipóteses um produto dos grupos sociais específicos e condicionados à territorialidade negra.

Podemos pensar, a partir da nossa experiência com pesquisa em quilombo (SANTOS, 2012), que, no entanto a memória não é apenas um documento oral de retrospectiva do passado. Esta dialoga com outros documentos, com as mudanças de ideias sobre o passado, e se constitui também numa prospecção do futuro. As lembranças são feitas por diversas razões. Não são apenas saudosismos, glorificações ou lamentos do passado, mas contém reflexões, avaliações históricas e projeções do futuro. As memórias sempre contêm projetos de vidas e de mudanças, tanto do presente como do futuro.

3.6 Identidade cultural e pertencimento

A palavra identidade vem do latim *identitas*, assim se define a identidade como o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a coletividade perante os demais (PENALVA; SCHNEIDER, 2012). Na discussão recente sobre direitos humanos e identidade indígena é reafirmada a tese que: “A uma pessoa tem o direito de conhecer o seu passado para defender a sua identidade” (TEIXEIRA; LANA, 2008). O que significa a identidade como um patrimônio da humanidade e como acesso aos direitos coletivos.

A identidade também é a consciência que uma pessoa tem dela própria e que torna em alguém diferente das outras. Embora muitos dos traços que constituem a identidade sejam hereditários ou inatos, o meio envolvente exerce influência sobre a conformação da especificidade de cada indivíduo, assim se reconstrói ou recria a identidade.

A definição de identidade sofre na atualidade muitos ataques conceituais em função das teorias pós-modernas europeias utilizadas no Brasil. Visto que a identidade tem determinado a existência de grupos sociais diferenciados e com direitos sociais surge um campo político de disputa pela afirmação ou pela negação das identidades. As identidades são dinâmicas como a história e sua constatação é um problema político e de direitos sociais (CIAMPA, 2002).

Os direitos sociais das populações negras têm sido contestados quando se afirma não existirem no cotidiano da sociedade identidades negras. Questionar quem é negro, o que é o

negro, mostra a dificuldade de reconhecimento da identidade negra (SANTOS, 2010). Para os movimentos negros e para as comunidades de quilombo a existência de uma identidade coletiva, cultural ou política é uma questão de sobrevivência. Da existência da identidade surge com marcos de valores culturais e sociais comuns. Dela são reconhecidos os direitos sociais e civis. A identidade tem a ver com o psiquismo humano e com as formas de vida através da história e da formação da sociedade, implica na fixação do indivíduo e dos grupos de indivíduos ao meio físico.

Na busca da afirmação, tanto da identidade coletiva quanto individual, temos o protagonismo marcante dos movimentos negros.

O processo de construção de identidades grupais envolve atividade cuidadosa de elaborar versões de acontecimentos, criar biografias de personagens, histórias símbolos que sustentam o edifício identitário, um trabalho meticoloso de pesquisa e de seleção dos aspectos que irão compor o desenho no qual o grupo se reconhecerá. Assim, os afrodescendentes têm suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio discurso e nos discursos dos outros. Nesse sentido, é salutar o discurso poético que tem como papel quebrar uma uniformidade do desenho identitário, apresentando a diferença cultural não substitutiva do discurso dominante, mas como forma de rearticular a soma do conhecimento a partir da singularidade significante do “outro” que resiste à “totalização”. Consciente da importância desse discurso numa sociedade hegemônica, o poeta, como reconstrutor dessa identidade, propõe-se a remexer os vários arquivos da memória. (SOUZA, 2002, p. 99).

Identidade podemos definir como sendo os traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade, temos a identidade cultural, a identidade social, embora citamos estas, as definiremos de forma simples, pois tratamos as questões de identidade cultural e social.

Identidade cultural é o conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo. Identidade cultural são as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, de fazer e ser entre outros, que representam os hábitos de uma nação.

Identidade social é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade. Pode ser construída de forma individual ou coletiva.

Existem vários fatores que influenciam a identidade social, porque afetam as suas interações em um sistema social, como por exemplo: a idade, gênero, classe social, nacionalidade, cor, religião, etc.

É importante referir que a identidade social não está relacionada apenas com indivíduos, mas também com grupos e é consequência da identidade cultural. A identidade social tem um componente de inclusão e de exclusão, porque elementos de um mesmo grupo têm a mesma identidade social e ao mesmo tempo são diferentes socialmente de pessoas de outros grupos.

3.6.1 Pertencimento a um grupo social

Vamos iniciar este tópico considerando importante a seguinte afirmação:

A identidade cultural possui uma ligação com a pertença: pertencer a uma cultura é também se sentir parte de uma comunidade; é estar seguro, pois nela, segundo Soriano, “apresentam-se mais facilmente oportunidades de vida, especialmente se o grupo for próspero; as relações sociais são mais leais, há mais contato entre as pessoas do grupo, sendo que a formação da identidade da pessoa está ligada ao grupo que pertence”, (SORIANO, 2004); (SPAREMBERGER; RANGEL, 2013).

Pertencimento é quando uma pessoa se sente parte da vida cotidiana de uma localidade ou comunidade, sente que faz parte daquilo e consequentemente se identifica com aquele local e seu modo de vida e afirma este ser parte. O pertencimento é subjetivo, consiste numa elaboração afetiva do “querer o bem” e se considerar membro, de cuidar e viver um dado ambiente. Revindicado como fazendo parte da vida da pessoa, é como se fosse uma continuação dela própria. O pertencimento é um tanto mais que a identidade cultural é uma de revindicação consciente com um traço político do fato representa.

Neusa Santos (SANTOS, 1983) em seu livro tornar-se negro conceitua a ideia de pertencimento como um processo de auto-reconhecimento e de auto afirmação do ser negro. O pertencimento do ser negro perpassa por uma busca histórica - cultural, é um refazer-se. No pertencimento existe o dilema que não basta ser parte, mas precisa da afirmação do ser. A conceituação de identidade cultural e depois de pertencimento pode parecer desnecessária, no entanto esta aparece como problema no reconhecimento das titulações de terras quilombolas

quando membros da comunidade se dizem não quilombolas movidos por pressões políticas ou por interesses individuais quanto à posse de terra.

O pertencimento faz sentido dentro da ideia da tomada de consciência, a partir de movimentos políticos ou de fatores sociais que demandam ser parte de um conjunto social de forma explícita. O pertencimento tem como análise as ideias contidas em Pele Negra e Máscara Branca de Fanon (FANON, 1983). No pertencimento é produzida a eliminação da máscara branca em relação ao corpo negro.

3.6.2 Identidade negra

Identidade de populações negras e identidade de pessoas negras são conceitos que sintetizam os qualificadores de identidades coletivas e de identidades individuais. Vamos tomar a produção das identidades individuais e coletivas a partir da filosofia africana. Remetendo a noção de Muntu nas sociedades Bantu onde os seres humanos são considerados pessoas dentro das sociedades devido aos processos de socialização. Portanto as pessoas são Muntu em decorrência da relação com o meio ambiente, os territórios e o coletivo de pessoas.

A pessoa é decorrente das relações sociais produzidas ao longo da sua história e em constantes transformações. A noção africana não é uma relação de eu e o outro, ou de eu e a natureza, é relativa aos seres da natureza entre si, humanos e não humanos, animados de voz ou não. A relação é sistêmica coletiva decorrente de todas as interações. Vamos tomar a identidade para a situação da população negra no mesmo sentido da constituição dos seres humanos no seu conjunto, produtos das relações entre os seres humanos, dos seres humanos com a localidade, da iteração de seres habitantes de um território. Assim definir a identidade como o sentimento de existir e de pertencer a um conjunto social.

A identidade negra, individual ou coletiva, é a noção de existir e pertencer a um conjunto populacional na sociedade. Trata-se de uma noção em constante transformação, onde a identidade pode ser consciente ou não, reivindicada ou não, no entanto todas as pessoas possuem fatores que os constituem como seres humanos, e estes fatores produzem as identidades. O racismo antinegro na sociedade é um dos fatores estruturais que condiciona parte da formação da existência da população negra. Não é o único fator, mas é um dos fatores que todos nós temos

em comum. Na sociedade brasileira, conscientes ou não do racismo antinegro, todos os seres negros vivem na sua formação na sociedade as consequências do racismo.

Os fatores culturais, educacionais, de moradia e de condições de vida e de relações sociais, profissionais, regionais e ambientais também compõe a identidade. No meio urbano os bairros negros condicionam em grande proporção a formação da identidade da população negra. A identidade é formada e transformada no ciclo de vida, na relação tempo e espaço, processando as vivências dos indivíduos e tendo o meio cultural constituindo parte do processo onde absorvemos a cultura de maneira consciente e também inconsciente. A existência da identidade é um fator de síntese histórica de cada individuo e da sua comunidade. A identidade não deve ser confundida com a reivindicação política da sua expressão ou do respeito provido pela cidadania a sua existência, manifestação e proteção.

3.6.3 Identidade quilombola

Pensando quilombo como herança africana é de se notar as transformações do que era um modo africano para as sociedades atuais. No entanto na herança africana sempre permanece fatos como a religiosidade, a sociabilidade, as formas de culturas da terra e da produção dos produtos da alimentação. Mesmo o imaginário africano e ancestral que é bastante, e diferentemente da visão ocidental, na cosmovisão africana reaparece, por exemplo nas festas católicas de pretos. Nas formas de pensar o espiritual e o real, como complementares. Assim a herança africana ainda é um caminho para compreensão da produção da identidade dos quilombos. Todos ainda têm rezadeiras e até recentes tiveram parteiras nos moldes africanos e a população dos quilombos se identifica de certa maneira com elas.

Compreender e definir identidades quilombolas não é fácil definir devido as polêmicas em torno do que é ser quilombola em razão das disputas políticas. Partindo das ressignificações da palavra quilombo, esses como comunidades remanescentes são grupos com identidade cultural própria e se formaram por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Elas simbolizam a resistência a diferentes formas de saberes. Essas comunidades colonização do Brasil, esse deveria manter forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e cultura trazidos por seus antepassados. E estas ligações históricas culturais, são memórias e pertencimento de grupos ou de um povo, isso é identidade.

A identificação de uma pessoa como quilombola é autodeclaratória, segundo os mesmos princípios da Convenção nº 169 da OIT (para povos indígenas e tribais), que afirmam que “a autoidentificação como indígena ou tribal deverá ser considerada um critério fundamental para a definição dos grupos” (p. 15).

No passado era fácil saber quem era quilombola, hoje o primeiro critério para saber-se quilombola, é a autodeclaração, pois a própria pessoa que se define quilombola. Então na pesquisa do senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as pessoas ao serem abordadas se autodeclararam como: branca, preta, parda, amarela, são processo de identificação da população.

A identidade quilombola perpassa pela trajetória histórica, sem necessariamente ficar preso, atrelados ao passado, esse é a base para (re) criar a identidade quilombolas, com os saberes e fazeres dos antepassados inspirando os fazeres do presente, pois se passou a perceber que a produção desses saberes, embora fossem locais e derivassem, também, de gerações passadas, projetam-se nos quilombos, e pode se dizer que até mundialmente, na medida em que o viver natural, a preservação da natureza beneficia não apenas tais populações quilombolas, pelo seu modo de vida, mas sim a humanidade por completo. Todavia, o reconhecimento de tais saberes esbarra na sociedade eurocêntrica e nos interesses do sistema capitalista, pois somos parte de uma sociedade racista, e que enxergam na natureza apenas a oportunidade de produção de riqueza desenfreada, sem qualquer respeito à biodiversidade.

Porém nos quilombos a unidade familiar deve ser a base do sistema produtivo. Esse sistema é baseado em uma forma de cooperação simples entre inúmeras famílias, configurando uma divisão própria de trabalho, que se caracteriza pela produção para o próprio consumo e, também, para o mercado de subsistência.

O ponto principal é a relação com a herança cultural africana ou como as transformações delas, a relação como cultura local e a relação como o território de vida da comunidade quilombola. A vivência como os patrimônios culturais é o que produz a memória coletiva e podemos dizer o que gera a identidade. Sendo que a existência da identidade não o que implica na auto declaração. Muitas vezes a auto declaração não existe por medo político.

3.6.4 A identidade coletiva enquanto fator de conhecimento

Desde o advento das Nações Unidas e da Declaração dos Direitos Humanos, a confirmação da identidade de um povo funciona como instrumento do direito de autonomia deste povo (NAÇÕES UNIDAS,). Porém, os direitos sociais das populações negras têm sido postos em discussão ou em contestação quando se afirma não existirem, no cotidiano da sociedade, identidades negras brasileiras. Questionar quem é negro, o que é o negro, mostra a dificuldade de reconhecimento da identidade negra (SANTOS, 2010). Para os movimentos negros e para as comunidades de quilombo, a existência de uma identidade coletiva, cultural ou política é uma questão de sobrevivência. Da existência da identidade surgem os marcos de valores culturais e sociais comuns. Dela são reconhecidos os direitos sociais e civis.

Silva (2000) ressalta a importância das relações de poder, de cultura e das relações sociais na formação da identidade, na sua fixação ou na sua desestabilização. No presente, temos os movimentos contrários às comunidades de quilombo, forçando a desestabilização da identidade quilombola. Os argumentos sobre a mestiçagem também são formas de contestação da existência de uma identidade quilombola.

Não se trata apenas, portanto, de convivência em uma sociedade, mas do estabelecimento de laços comuns. Dentre estas ligações, a própria luta elaborada como movimento social reforça os elos de identidade. No caso dos quilombos, a identidade é reconhecida, sobretudo por apelo à história oral e à memória coletiva (SANTOS, 2010).

Tratamos neste trabalho da abordagem da identidade cultural da população negra através do reconhecimento do patrimônio histórico e cultural. O patrimônio histórico e o direito à valorização desta leva a se reconhecer as identidades individual e coletiva.

3.7 Racismo antinegro

A dominação europeia sobre as populações negras no mundo, sobre as populações africanas e a diáspora africana foi motivo de uma longa tradição de estudos e contestações pan africanas das décadas de 1970 a 1990, principalmente através da literatura africana e do teatro africano (AMPONSAH, 2010), (REIS, 1999).

Nesta crítica a dominação europeia demonstrou-se que desde o século 16 formou-se uma um conjunto de ações europeia que permitiu a hegemonia econômica, política, cultural e social da Europa e dos europeus sobre os povos do mundo. Essa hegemonia ampla, em todos os setores da vida social, na religião, na economia, no poder político e na cultura, dependeu de alguns pilares, sendo um deles a desqualificação social das populações originárias do continente africano, asiático e americano. Fizeram produzir a crença da racionalidade europeia e da não racionalidade dos demais povos, como também no contraste Europa de povos civilizados a África de um povo incivilizado.

Da difusão da religião cristã como a religião evoluída e racional devido à existência de um texto escrito e ditado pela inspiração divina foi pilar de natureza psicossocial. A religião de divina do texto bíblico e as religiões pagas, macabras, diabólica pelas formas de culto. Deus representando e entendido como ser branco, fazendo os europeus a imagem e a semelhança desse ser divino. Pilar foi o da imposição da submissão pela coerção física e moral. Não faltam matanças e maldades sistemáticas na imposição da submissão aos europeus.

Dentro do mesmo processo de imposição da submissão pela força militar realizou a faceta da残酷 sem fim que foi o aprisionamento e o sequestro de trabalhadores africanos para o escravismo criminoso nas Américas. Os 400 anos que seguem o século 16 podemos defini-lo como a era das catástrofes africana, devido à sistemática destruição do continente imposta pelos europeus. A desumanidade e a violência sistemática europeia é transvestida e descaracterizada por uma ideologia da colonização, em que se afirmava a não sacralidade do povo africano, logo a necessidade de salvação dessas almas pela fé cristã e de um discurso de “civilizar” o “não civilizado” (DOMINGOS, 2015). Importante entendermos que a crítica à denominada colonização europeia não é nova. Manoel Querino (QUERINO. 1918), intelectual, baiano em 1918, declarou que os povos africanos foram os verdadeiros colonizadores do Brasil. Dentro do processo histórico de lutas físicas entre populações africanas e europeias e das lutas culturais, a imposição do europeu como dominador e determinante dos destinos da humanidade e da subordinação africana se refinaram os métodos de dominação e subordinação, formou-se um conjunto articulado de ideias e práticas, conjunto este que denominamos de racismos contra as populações negras, na linguagem de Cunha Junior (CUNHA JUNIOR, 2008) sintetizado como racismo antinegro.

Racismo antinegro é um sistema de dominação executado pelas populações europeias, auto - designadas como brancas e sobre as populações africanas designadas como negras. A

ciência europeia do período da expansão e destruição das sociedades africanas produziram os conceitos de raças humanas, de culturas e através destes desqualificaram tudo o que tem relação com o continente africano. Sinaliza as raças africanas e as culturas como inferiores. Dos erros científicos foram feitas superações, sendo que permaneceram as estruturas sociais produzidas pelo sistema. O racismo antinegro não tem mais nada a ver com a inexistência de raça e sim com a ideologia de dominação entre os povos. A formação social brasileira é realizada pela sistemática oposição entre a população negra como escravizada dominada e a população branca como escravizadora e dominadora, estrutura que se mantém como relação social entre dominados e dominadores.

Portanto, o racismo antinegro é estrutural na sociedade brasileira e trata-se de um sistema de dominação entre grupos sociais. Clovis Moura foi o pensador brasileiro marxista que iniciou a ideia de que as contradições na formação histórica brasileira eram entre o escravizado e o escravizador, não apenas um problema da posse do capital e do trabalho (MOURA, 1988). O racismo é uma forma de poder e não deve ser confundido como preconceitos e discriminações. Embora como consequência do racismo antinegro existam as discriminações e os preconceitos, no entanto o racismo antinegro não é apenas uma atitude pessoal ou de um pequeno grupo na sociedade, ele faz parte da estrutura social. Embora o racismo seja apresentando na literatura como um fenômeno universal que afetou os judeus, indígenas e africanos, dentro de um conceito de ódio entre as raças, a abordagem nossa é diferente e específica, pois as diversas situações de sistemas racistas tiveram consequência e duração diferentes.

Existe a necessidade de especificação do racismo antinegro para não ser confundido como outras facetas das lutas sociais entre as diversas populações, devido à formulação histórica do processo e das consequências estruturais. A eliminação ou atenuação do racismo antinegro não dependem da boa vontade das pessoas ou apenas da mudança de conceitos morais e sim de mudanças estruturais produzidas por políticas públicas e ações reparadoras. Repetindo, o racismo antinegro é estrutural na sociedade brasileira e trata-se de um sistema de dominação entre grupos sociais.

3.8 Território e territorialidade

Em relação aos problemas de identidade, pertencimento que resultam na posse de um lugar ou no direito a ser dono do lugar pelo uso dos bens nele contido é que temos que dar

importância aos conceitos de território e territorialidade. São conceitos como os quais os antropólogos trabalham na determinação dos laudos de titulação das terras, mas também sobre os quais se reconstitui a história e a cultura de cada população em cada lugar. Então os casamentos entre identidade, cultura, pertencimento, território e territorialidade são a base da construção da história e da cultura de cada quilombo.

No caso das comunidades de quilombo os conceitos de território e territorialidade têm uma grande importância jurídica na atualidade, devido aos laudos antropológicos para titulação das terras terem como referência o território em estudo e a abrangência do raio de ação das atividades da população, definido pela sua territorialidade. Em relação à pesquisa sobre a história com base na oralidade e à memória coletiva, os conceitos de território e territorialidade são elementos importantes de delimitação das identidades e do patrimônio histórico e cultural.

O conceito de localidade e de lugar pode ser tomado inicialmente como designação geográfica e como uma relação primeira das relações sócio-espacial. O lugar tem vínculo com o cotidiano como uma noção intuitiva das relações entre as pessoas e o espaço geográfico. O lugar é uma base afetiva subjetiva em relação à geografia da localidade. Em que lugar você mora? Em que lugar você nasceu? Para António Arantes, (1994) embora sendo uma noção intuitiva, o lugar carrega uma dimensão simbólica relacionada ao espaço geográfico e ao território. O lugar surge da relação entre o ser humano, a coletividade e o espaço geográfico. O lugar embora afetivo é o primeiro discurso sobre o espaço geográfico, sobre a noção pessoal da geografia física.

3.8.1 *O território*

O território tem uma definição técnica, é conceito que serve de base para o estabelecimento de limites e fronteiras sobre um espaço geográfico. Podemos definir o território por um conjunto inter-relacionado de atributos ou dimensões. Sendo o primeiro de dimensão física. O território é dado pela topografia e nela os seus atributos físicos territoriais. Nesta dimensão conta a noção de fronteira ou de limite do espaço geográfico. Segundo a menção populacional, o grupo social ou a população que ocupa um espaço físico. No caso dos quilombos procura-se esta dimensão pela rede de parentesco determinados pelos laços de família.

A dimensão econômica dá-se pelas formas de exploração econômica realizada em um espaço geográfico, o que é plantado e criado ou extraído de um lugar num período de tempo. Podemos considerar uma terceira abordagem, a dimensão político-social-organizacional que está relacionada com as noções de propriedade e de uso formal dos bens materiais de uma localidade. A quarta dimensão é a simbólica e envolve as práticas realizadas num espaço físico, as

dimensões das religiões, das festas e dos favores familiares como cemitérios e lugares de adoração. Esta dimensão simbólica é produto das identidades coletivas e das representações sociais da população em um espaço físico. A dimensão simbólica é imbricada na dimensão cultural. Os territórios são conceituados do ponto de vista da construção histórica realizada pela população interna e externa a um dado espaço geográfico. A população externa também ajuda na determinação das diversas fronteiras de um dado território. O território é uma noção dinâmica, está em constante mudança, segundo as mutações da sociedade e de seus valores (BECKER, 1993).

Territórios negros ou território de maioria negra, como também territórios de maioria afrodescendentes são conceitos sobre os espaços geográficos habitados ou produzidos pela população negra sobre um lugar de moradia e suas extensões de uso. Traduzir as ideias relativas a territórios é pensar de forma ampliada do espaço geográfico que nos circunda, nos evolwe e delimita a nossa realização como ser coletivo. Pensar o espaço geográfico e todo sentido dado pela população negra que o habita. O conceito de território é uma visão ampliada do conceito de espaço geográfico em razão que da perspectiva do espaço geográfico podemos fazer várias leituras. Para a produção do conceito de território negro somamos os conceitos de lugar, com o de espaço geográfico e população negra.

3.8.2 Territorialidade

No âmbito das ciências humanas, o conceito de territorialidade refere-se às relações entre os indivíduos e grupos sociais onde são expressos os conceitos de pertencimentos em um determinado espaço geográfico. Na territorialidade a noção de lugar tem mais força que a noção técnica de fronteira.

A territorialidade é uma noção abstrata sobre territórios, reflete uma ideia de dialética sócio-espacial. A territorialidade é uma noção semelhante à de nacionalidade, aquilo que nos faz brasileiro é, sobretudo um sentimento de pertencimento ao Brasil. A territorialidade quilombola é aquilo que a faz sentir-se população quilombola (ANJOS, 2011).

O território é uma noção sobre o direito de usos e posse, sendo a territorialidade uma noção de pertencimento a um lugar. Entendamos que uma definição completa a outra sobre as noções individuais e coletivas, psicológicas e jurídicas, de relações sociais e econômicas sobre um espaço geográfico.

3.9 Conceito de Lugar

Estamos trabalhando o conceito de lugar como é apresentando pela geografia humana e envolvendo as características políticas, sociais, históricas e afetivas de como as pessoas consideram uma localidade (FERREIRA, 2000). Sabemos que em cada contexto em que o conceito de lugar é utilizado aparece como diferentes significados e referências. Estamos partindo do lugar onde os corpos, as pessoas e as populações se instalaram e como ocupam o espaço e consideram esta forma de ocupação. O lugar é um lugar de subjetividade sobre um espaço geográfico. Incluímos esta abordagem do conceito de lugar com base na geografia, visto que as pessoas dos quilombos falam muito do “seu lugar”, do “meu lugar”, do “lá do nosso lugar de vida”. “O lugar onde nós fomos criados”. (FERREIRA, 2000).

O lugar tem vínculo com o cotidiano como uma noção intuitiva das relações entre as pessoas e o espaço geográfico. Que lugar você mora? Em que lugar você nasceu? Para Antonio Arantes (1994), embora sendo uma noção intuitiva, o lugar carrega uma dimensão simbólica relacionada ao espaço geográfico e ao território. O lugar surge da relação entre o ser humano ou a coletividade e o espaço geográfico. O lugar pode ser definido como uma porção geográfica que se distingue de outro a partir de elementos físicos e simbólicos. (SANTOS, 2016).

Então dar visibilidade a este lugar geográfico-histórico, lugares de memórias se faz necessário, é importante encontrarmos os lugares nas narrativas e para mapearmos os pertencimentos e como os seres se identificam com a geografia. Tanto para a história oral como para o trabalho como os patrimônios o conceito de lugar é importante, pois é através dele que as pessoas expressam seus sentimentos, valores, direitos e necessidades de reconhecimento.

Os lugares de memória são partes dos lugares das narrativas orais e da oralidade. Funcionam como lugares simbólicos em razão que são revestidos de valores de ícones. Fazem parte das manifestações de subjetividades sentimentais e das paixões humanas por lugares e pela cultura dos lugares. Os lugares de memórias fazem parte da construção histórica, formam um conjunto documental e são bem mais potentes que os lugares físicos de existência, pois são as revelações das consciências e das identificações de lugares. Podemos tomar ciência da existência de lugares e dos seus significados pelas operações sobre os lugares contidos dentro das memórias de seus habitantes. Os lugares de memórias são parte dos documentos orais contidos nas

memórias coletivas (MARTINS, 2016). São lugares sobre os quais várias pessoas falam como dando sentido a suas próprias existências.

3.10 Comunidades rurais negras ou quilombolas

As comunidades rurais negras são conhecidas como comunidades quilombolas, bairros rurais negros, terras de preto, terras de santo e quilombos. Constituem-se como grupos cuja organização social, política, econômica e cultural se estabelece na relação com a terra em que vivem no decorrer de dezenas ou centenas de anos, em razão de processos socioeconômicos decorrentes do sistema escravista, escravidão e perpassados pela questão agrária no Brasil (GUSMÃO, 2001). As comunidades rurais negras se diferenciam conforme a característica das terras ocupadas, a geografia, a cultura, o patrimônio cultural, o tempo de ocupação dessas terras e a população que as habita. São grupos negros e mestiços ou híbridos entre populações negas e indígenas que se formaram por meio de ocupações de terras devolutas, após a Abolição ou a partir de terras compradas por negros libertos. Também se constituíram como aquisições de pagamento por serviços prestados ao Estado, doações de antigos proprietários, abandono de terras por antigos donos devido a dificuldades financeiras e aposseamento de terras doadas a santos.

3.11 População negra

População negra é um conceito baseado nas histórias e na vivencias de uma cultura de base africana. Uma definição pensando na origem africana e na experiência histórica e cultural.

Pensando os conceitos de populações como base de definição científica com o propósito na consolidação de termos de consenso para uso em pesquisas e trabalhos científicos, mas também de uso das instituições públicas. O conceito de população é muito bem determinado pelas ciências da geografia e da demografia nas quais se baseiam os censos estatísticos. Portanto população é um conceito utilizado em todas as áreas do conhecimento e em todas as instituições do governo brasileiro. Portanto definir a população negra, como população se estabelece uma paridade com os conceitos de uso do estado brasileiro. Neste sentido é que se torna importante a definição de população negra, não apenas de negros e negras, com base em raça social, mas de coletivo e com base na geografia.

População como conceito da geografia definida como um conjunto de indivíduos diversos sediados ou habitando um determinado território, formando a base social de uma comunidade local. Portanto população não é apenas um número de indivíduos, mas um número de indivíduos qualificado pelas relações sociais estabelecidas. Para a Geografia Crítica é fundamental que estudar população é analisar a sociedade. Sociedade em relação ao seu processo histórico, com base em conflitos e divisões existentes num espaço geográfico entendido como território.

Demografia corresponde ao estudo das populações humanas em um determinado momento, dentro de um território, sendo o estudo com relação ao tamanho em número de indivíduos, a distribuição, com relação a faixas etárias e localidade e a estrutura das diferenças e similaridades entre os indivíduos. Também analisa as mudanças que ocorrem na população ao longo do tempo, principalmente o crescimento populacional.

População negra pode ser definida como os indivíduos que possuem ascendência africana e desenvolveram a história social dentro do sistema de escravismo criminoso e do capitalismo racistas. Indivíduos marcados pela base histórica de descendentes de escravizados na sociedade brasileira e participantes da cultura e da história de descendentes de africanos no Brasil. População negra é um conjunto de indivíduos determinados como conceito pela história social e pela geografia humana. A demografia da população negra segue a mesma característica.

3.12 Formações de professores e prática pedagógica

A formação e trabalho docente que engloba aspectos da relação entre o trabalho docente e a formação, seja esta inicial, continuada, em espaços escolares e/ou não escolares, do campo ou da cidade requer uma releitura, de modo que esta abarca variados temas como o ensinar-aprender, a inclusão, aspectos étnico-raciais, as competências e os saberes necessários à formação, a profissionalização docente, dentre outras discussões que se imbricam na formação/trabalho pela/na pesquisa.

Pensar formação de docentes neste trabalho pode levar a fazer uma análise para uma relação da formação de professores e prática pedagógica na educação quilombola e educação do campo, tendo como material didático pedagógico o patrimônio cultural imaterial e material,

contribuindo para a consistência pedagógica, resultando em relações de identidade e elevação da autoestima dos discentes, levando a uma aprendizagem positiva e libertadora.

A sociedade exige, de forma crescente, um professor qualificado, tanto nos planos científico e tecnológico como nos planos cultural e pedagógico. Estes objetivos e ideias podem ser alcançados através de uma qualificação adequada, a partir da qual o professor terá condições de desempenhar eficazmente as funções que lhe compete no sistema educativo. Demarcamos que nem sempre o sistema educativo atende as necessidades específicas das populações, mas estamos pretendendo que assim seja.

Sabe-se que a formação do professor é um processo que ocupará toda a duração da sua atividade profissional, destacando-se três grandes componentes estruturais: a formação inicial, a formação contínua e a formação especializada. No entanto nenhuma destes componentes age isoladamente, a sua articulação com as restantes é inevitável, interferindo-se sistematicamente os seus campos específicos. Em termos de organização institucional da formação, significa isto, por exemplo, que a formação inicial deve logo pressupor o seu desenvolvimento na formação contínua e a sua diversificação na formação especializada.

Por isso a formação, deve ter como objetivo procurar o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos professores, deve ter em conta o atributo "qualidade" que caracteriza a construção de uma escola democrática, contrapondo-se à escola tradicional. Onde as práticas pedagógicas possam combater as práticas de discriminação racial dentro das salas de aulas. Que possam também atender às necessidades gerais das populações das comunidades de quilombos.

3.13 Educação quilombola e educação do campo

Para se conceber uma educação a partir do quilombo e do campo e para o quilombo e para o campo, é necessário mobilizar e colocar *em cheque* ideias e conceitos há muito estabelecidos pelo senso comum. Mais do que isso, é preciso desconstruir paradigmas, preconceitos e injustiças, a fim de reverter as desigualdades educacionais, historicamente construídas, entre campo e cidade.

A necessidade de mudança do paradigma da educação rural para o da educação do campo se dá não só pela análise crítica da escola rural como também das propostas desenvolvimentistas para o campo, em geral centradas no agronegócio e na exploração indiscriminada dos recursos naturais.

Os conceitos relacionados à sustentabilidade e à diversidade complementam a educação do campo ao preconizarem novas relações entre as pessoas e a natureza e entre os seres humanos e os demais seres dos ecossistemas. Levam em conta a sustentabilidade ambiental, agrícola, agrária, econômica, social, política e cultural, bem como a equidade de gênero, étnico-racial, intergeracional e a diversidade sexual.

Assim as escolas do campo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essas últimas são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural está majoritariamente vinculada ao campo.

Escola do Campo e escola quilombola são denominações de referência para a escola básica fornecida pelo Ministério da Educação para o atendimento de alunas e alunos das áreas rurais. Tratam de populações negras ou não. A escola do campo tem como base o entendimento de que os habitantes de uma localidade são camponeses, sem levar em conta a origem africana ou não, pensando a versão marxista da ocupação dos espaços rurais e da propriedade rural. A escola quilombola enfatiza a origem africana, as relações com a cultura de base africana e a descendência de populações escravizadas. Sendo que são conceitos incompatíveis podendo ser tratados como complementares. A ideia do campesinato negro nos quilombos não é uma ideia nova Clovis Moura já referia a ela nas suas considerações sobre canudos. O historiador Flávio Gomes publicou: Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil (GOMES, 2015), (GOMES, 2011), (SILVA, 2015).

Educação quilombola é mais que as escolas estarem localizadas nas comunidades quilombolas, pois toda escola que esteja dentro do quilombo ou atenda estudantes advindos das comunidades quilombolas deve fazer educação voltada para seus alunos, sejam quilombolas ou camponeses. Assim, estas realidades educacionais que estão postas para os quilombos estão também para os camponeses. Embora que existam entrelaçamentos entre as culturas camponesas e as culturas quilombolas, existem questões específicas que as diferenciam, uma delas é a respeito do racismo contra a população negra no Brasil. A educação quilombola deve instruir quanto ao combate e compreensão das estruturas racistas. Também dentre as especificidades temos as Diretrizes Curriculares Quilombola para orientar o funcionalismo da educação quilombola e, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, cada uma com suas diretrizes, mas andam próximas.

As escolas do campo e do quilombo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo ou quilombo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas.

É de fundamental importância os significados e sua compreensão ou leitura para obter conhecimentos. Muitas vezes os significados e as interpretações pretendidas que são realizados, ficam incompletas, são deturpadas, impedindo a visibilidade dos conhecimentos fundamentais para uma boa base educacional.

Na cosmovisão africana a ancestralidade é um dos fios condutores do pensamento africano e, a oralidade, pois expressam a existência dos seres e a sua formação, a identidade com um lugar e com tempos históricos. Expressa também uma racionalidade, quanto a compreensão da vida e das relações definidas numa sociedade.

Trabalho com estes conceitos e os defino, pois são de grande relevância e contribuição no entendimento e formação da nossa história e cultura, também pela a importância do uso destes na obtenção de conhecimentos.

Neste capítulo trato dos conceitos presentes na literatura e reformulo outros para explicitar uma base comum de termos para a tese. Foi realizada uma síntese dos conceitos para a utilização na educação quilombola e na educação do campo quilombola. Dentro do capítulo procuramos eliminar as ambiguidades presentes na literatura os nas conversas cotidianas. A revisão realizada e a síntese proposta são relativas à metodologia da afrodescendência. Procuramos as terminologias tendo por base a africanidade e afrodescendência dos conceitos.

4 QUILOMBOS RAÍZES NA LITERATURA DAS CIÊNCIAS HUMANAS BRASILEIRAS

No Brasil colonial — em todas as áreas — foram inúmeros os quilombos. Desenvolveram-se quase que ao mesmo tempo que a ocupação e expansão econômica de algumas localidades. Procuraram florestas inóspitas ou estabeleceram-se bem. Reinventaram experiências históricas de suas culturas africanas e crioulas. Tornavam-se invisíveis buscando a interiorização. Foram protegidos e rechaçados por grupos indígenas. Alguns mocambos — em alguma medida — transformaram-se em grupos de camponeses negros e mestiços, integrando-se economicamente em determinadas regiões. Fizeram, desfizeram e refizeram alianças circunstanciais com vários outros setores sociais da sociedade escravista, (GOMES, p.39,1997).

Nesse capítulo, apresento o desenvolvimento do conceito de quilombo que apresentou muitas variações desde a perspectiva dos grupos escravistas criminosos dominantes do período colonial até as definições empregadas pelas populações negras e pelos movimentos negros, passando pelas contribuições dos sistemas de produção de conhecimento acadêmico e as instituições do estado brasileiro. Ao abordarmos o conceito de quilombos estamos sempre lidando com a percepção política e social sobre as populações negras denominadas de quilombolas que variou através dos tempos e que nestas transformações existiu um considerável papel político dos movimentos negros no Brasil.

Conceituar e falar sobre quilombos trata-se principalmente de nos referirmos a uma história de lutas políticas, sociais e mesmo lutas armadas de uma população de africanos e afrodescendentes ao longo de toda a história do Brasil. Engloba um sentido de resistência à dominação escravista e pós-escravistas, como também de produção cultural, social e econômica e de transformação do acervo histórico africano as condições das localidades brasileiras. As histórias de quilombos são de uma incursão no tempo passado, no presente e no futuro. Passado histórico, presentes de lutas sociais e de reconhecimento na sociedade brasileira e futuro do usufruto de direitos o desejo de prosperidade econômica, social e cultural.

Uma série de fatores sociais marca a importância em tratarmos a temática de quilombos. Sendo que o conceito tem a importância em diferentes momentos da história brasileira e as variações de percepção sobre o significado das comunidades de quilombos para os movimentos negros, pois conhecer os conceitos de quilombos na ajuda a compreender a construção histórico-cultural brasileira. São apresentadas também, os meios os quais estas organizações impulsionam a sociedade nesta discussão pelo reconhecimento e respeito na sociedade brasileira.

Em princípio quilombo é um termo apenas associado aos estudos e designação sobre comunidades negras rurais, as suas identidades e direitos sociais. O conceito de quilombo na atualidade tem uma formulação guiada pelos conceitos de patrimônios culturais, materiais e imateriais. Sendo um dos elementos determinantes à autodefinição da população quilombola o patrimônio cultural. Para reconhecimento oficial de uma comunidade de quilombo é realizada o reconhecimento cadastral pelo Estado brasileiro e pelas diversas instituições municipais, estaduais e federais, neste processo a apresentação das comunidades é realizada com relação ao patrimônio cultural, dentro de uma visão conceitual histórica e antropológica. O reconhecimento é revertido em direitos constitucionais, relativo à posse da terra e as políticas públicas do Estado.

Políticas principalmente nas áreas de educação, saúde, economia e combate ao racismo antinegro.

Dentro dos direitos constitucionais o direito à educação para a cidadania, o conceito de quilombo é revestido de importância, resultando na educação quilombola e educação do campo quilombola, sendo ambas modalidades da educação realizadas com foco na localidade e no patrimônio cultural (BRASIL, 2012). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola indicam que educação quilombola é a realizada em estabelecimentos de ensino localizados no interior das comunidades rurais quilombolas e implicam na organização curricular em relação com as singularidades históricas, sociais, e culturais de cada comunidade. Sendo as singularidades dadas principalmente pela geografia da localidade, pela história e pelo patrimônio cultural presente nas comunidades. Diz o documento das diretrizes que:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2012, p. 1).

Destacamos que, ao falarmos de educação nas comunidades de quilombo ou para as populações quilombolas, estamos falando pelo menos de duas perspectivas. De um modo geral, a primeira é a da educação quilombola, feita pelos movimentos negros e sistematizada pelas diretrizes da educação escolar quilombola e a segunda modalidade tratada nos assentamentos rurais e denominada como educação do campo quilombola.

Na qualidade pesquisadora negra e tendo grande afinidade com as populações negras rurais guardo o sentimento do protagonismo pessoal que me faz sentir como uma guerreira e heroína, inspirada por Nzinga, cuja história apresento mais adiante, e continuadora desta luta histórica de quilombos.

O processo de pesquisa faz que eu busque energizar com energias ancestrais dos heróis e heroínas quilombolas que mudaram e fizeram a história, são eles (as) os heróis quilombolas que tombaram lutando pela liberdade: Ganga Zumba; Dandara; Acotirene; Andalaquituche; Aqualtune; Gana Zona; Ganga muiça; Acaiuba; Toculo, aos quais presto reverencias, e trilhando o caminho dos guerreiros e guerreiras, procuro escrever a história com as

contribuições que tenho em mão. Ou seja, para a pesquisa e para as pesquisadoras e pesquisadores negras e negros, quilombo tem também um significado especial, particular, de poder produzir conhecimento com base em populações em constantes transformações e com os ideais de liberdade e negritude. Neste sentido é que fui ao quilombo de Mameluco no município de Taquarana em Alagoas e, não poderia deixar de ir a Palmares, ou seja, União dos Palmares, mas conhecido como Quilombo dos Palmares, sim pisei na terra de Zumbi dos Palmares, foi uma experiência ancestral, foi entrar no túnel do tempo para ir ao encontro dos meus ancestrais, daquele solo emana energia, assim busco construir as atalaias para ver ao longo dos caminhos quilombolas, para edificar a história e salvaguardar nosso legado.

Neste sentido de pesquisadora participante, falar de quilombos no Brasil é andar pelo passado, voltar para o presente e escrever para o futuro. Neste caminho, quilombozando é que produzir este capítulo de revisão dos conceitos e de trajetórias do pensamento sobre estas comunidades negras em princípios rurais, mas também semirrurais e urbanas, tendo em mente a educação quilombola e do campo quilombola.

No início do século XX, até os anos 20 anos quando se falava em quilombos, persistia a imagem retrógrada de logo nos reportamos para um lugar no meio dos matos, isolado da civilização, totalmente apartado da sociedade, para onde os negros escravizados fugiam. Podemos denominar este conceito retrógrado como historiográfico de quilombo. Foi o conceito que por muito tempo orientou as perspectivas sobre quilombo vinda dos grupos dominante e que causava muitos prejuízos às populações quilombolas. Sendo um dos prejuízos a imagem despossuída de valor e protagonismo histórico perante a sociedade. Quando ao conceito contido historiográfico Almeida (2002) apresenta uma síntese crítica e mostra cinco dificuldades que o termo produz. Estas dificuldades são: vínculo a ideias de escravos fugidos; apresenta como grupos de população insignificante, de quantidade mínima de fugidos; sendo a localidade entendida como marcada pelo isolamento geográfico, distante da civilização, estando próximo ao mundo natural e selvagem em oposição ao mundo dito “civilizado”; a ausência da transformação do lugar pelo trabalho não existindo “rancho”, morada, benfeitoria; “nem se achem pilões nele”, sendo o pilão o instrumento que transforma o arroz, portanto, representa a sustentabilidade.

Entretanto, por uma análise historiográfica realizada por autores vinculados aos movimentos negros sabemos que quilombo é mais do que espaço físico, foram formações de movimentos pela vida digna (MOURA, 1959), (GOMES, 2015). Destacamos que o livro “Rebeliões da Senzala” de Clovis Moura (1959) foi uma publicação pioneira e renovadora da

historiografia brasileira a tratar as rebeliões negras quilombolas de forma sistemática, mostrando com fatos históricos, através de todo o território brasileiro. Nos quilombos existiu uma forma política de organização do espaço de liberdade e autonomia em relação ao sistema escravista. Entretanto na história do Brasil, Colônia e Império, não era pensado com a construção e constituição de um lugar de moradia, produção de alimentos e manutenção da vida de uma população organizada, como também de relações comerciais com o espaço geográfico circundante.

O quilombo em muitas das abordagens antigas ficava citado como apenas refúgio nas matas. No sentido de combater à esta visão inicial de quilombo como lugar no mato para onde os escravizados fugiam, é que busquei conceitos e autores com propostas e idéias renovadas. Neste sentido é que os fatos me levaram a pensar e buscar reescrever um novo conceito a partir das histórias de lutas dos quilombolas, produção, alternativas sociais e econômicas e de relativa autônoma com os sistemas de dominação. Nesta perspectiva de superação de conceitos e da escrita de nova história dentro da visão da população negra, é que os sistemas de educação, os educadores e os movimentos pela educação também reconceituaram, ou seja, repensaram o significado e a dimensão deste significado em uma reescrita da história sobre os quilombos. Ultrapassaram as ideias de um local de fuga, de resistência conceituando em termos históricos, espaciais, territoriais, culturais e jurídicos.

O conceito de quilombo reuniu os diversos significados de aglomerações de populações negras no sentido social, político, cultural e econômico, protagonistas de uma longa história, considerada como existente, tanto no período do escravismo criminoso, como no período do pós-abolição, dentro da ótica de populações remanescentes de quilombos, como comunidades tradicionais quanto à cultura, com direito à terra e à história. Abrange como busca espacial, é que, por todo o país, constituído de agrupamentos negros rurais, suburbanos e urbanos, se construíram ao longo dos anos, formando um território que é social- histórico, através da manutenção e reprodução de um modo de vida culturalmente próprio. Produzindo identidade e capital cultural próprio, relações sociais que são específicas e particulares a cada localidade e em cada tempo da história. Os conceitos implicam numa tradição dinâmica e passível de transformações condicionadas por relações internas e externas.

Vemos a importância dos quilombos como lugar de resistência, de lutas, e sobretudo lugar de africanidade e negritude. Africanidade por ter fortes elementos culturais herdados do continente africano e de negritude por desenvolver processos de auto afirmação social e de

identidade valorizando a ideia de “ser negro”. Africanidade foi definida no capítulo anterior e aqui também se faz necessário definir negritude.

Negritude, conceito que surgiu na década de 1940, iniciado na França, é uma forma política de auto determinação e valorização da população negra, que podemos entender como um conceito que trata a cultura e a história numa perspectiva da qualificação social que tinha sido roubada pelas teorias da dominação racista (FERREIRA, 2006). A negritude foi uma valorização estética da população e da expressão literária negra. A perspectiva da negritude implica numa revisão da história escrita no ocidente sobre as populações negras no mundo e isto impacta a reformulação do conceito de quilombo e que foi muito nutrido pelas práticas políticas e culturais dos movimentos negros devido à necessidade de auto - reconhecimento das populações negras e suas especificidades no âmbito do movimento social. Ser valorizado e respeitado socialmente foi sempre o desejo das populações negras no Brasil e expresso nos diversos movimentos negros. A negritude das décadas de 1940 e 1950, na França, encontrou interlocutores no Brasil, sendo que um dos fundadores do movimento da negritude Leon Damas (nascido na Guiana Francesa) visitou o Rio de Janeiro e foi casado com uma das participantes do teatro experimental do negro do Rio de Janeiro, como também Ironides Rodrigues que escreve no Rio de Janeiro um texto muito comentado: *A Estética da Negritude*, influenciado pelo movimento da negritude (RODRIGUES, 1950).

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por intensa revisão histórica feita pelos movimentos negros, dentro de uma perspectiva de consciência negra (MENDES, 2001). Neste fluxo de ideias da consciência negra surgiram vários enfoques sobre quilombos. O quilombo pausou a ser um símbolo de resistência da comunidade negra dentro da literatura e do teatro e de diversas ações sociais. O grupo Palmares, de Porto Alegre, foi o que comandou o movimento de pensar o dia 20 de novembro, como Dia da Consciência Negra e junto com ele tornou significativo para história do Brasil o Quilombo dos Palmares (CAMPOS, 2006).

As resignificações de quilombos apresentam um ápice pela existência de movimentos quilombolas e pelo surgimento e reconhecimento de quilombos urbanos. Assim se faz necessário escurecer as definições de quilombo, e trazê-las para o conhecimento das escolas, dando assim visibilidade à história que foi ocultada pela historiografia tradicional.

4.1 Quilombos conceitos e características: das formas legais, históricas e geográficas

[...] Outros ainda têm raízes
 No passado, suas nações
 E se orgulham de manterem
 Seus valores, religiões
 Seus costumes, seus assuntos
 E se agrupam, vivem juntos
 Pra preservar tradições [...]

São estas comunidades
 Quilombolas conhecidas
 Por alguns, por outros não
 É onde eles levam a vida
 De artesanato e plantio
 Há várias pelo Brasil
 Mas sua luta é sofrida[...]

Cárlisson Galdino.

Nos mapas do presente, por todo o Brasil, se localizam comunidades negras rurais e remanescentes de quilombos (ANJOS, 2004). Elas são a continuidade de um dos processos mais longo da história do período escravista e das primeiras décadas da pós-emancipação. Não se trata de um passado imóvel, como aquilo que sobrou de um passado remoto. As comunidades de fugitivos da escravidão produziram histórias complexas de ocupação agrária, criação de territórios, culturas, material e imaterial própria, práticas socioculturais e econômicas baseadas no parentesco e no uso e manejo coletivo da terra. O desenvolvimento das comunidades negras contemporâneas é bastante complexo, com seus processos de identidade e luta por cidadania. A história dos quilombos e seus desdobramentos, passado e presente são questões que necessita de uma releitura e eu diria uma reescrita.

Em razão da forma que foi realizada a ocupação do território brasileiro a divisão de terras foi sempre um problema importante de conflitos entre as populações: latifundiários, posseiros e a Igreja Católica. São conflitos que adquiriram diversos contornos e acontecem, primeiro pela existência de oligarquias escravistas, depois pelas divisões territoriais

administrativas e, por último, pela expansão das fronteiras econômicas e valorização de terras (MACHADO, 2005) (CARNEIRO DA CUNHA, 2002).

Também é necessário lembrar a promulgação lei das terras, em 1850. Depois desse decreto só poderia haver ocupação de terras através de meios legais de compra e venda ou de autorização da Coroa. Todos os ocupantes anteriores receberam o título de proprietários, com a ressalva de que tinham que morar nas terras e produzir nelas. Fatores nem sempre observados. O Estatuto das Terras do Império, de 1850, impede aos escravizados a posse de terras. Foi uma legislação com especificidade fundiária, a única que aboliu as Sesmarias do período colonial e no entanto permaneceu como única, até 30 de novembro de 1964, quando é imposto pela ditadura militar o Estatuto da Terra (GADELHA, 1989).

Os episódios do ciclo mais recente dos conflitos de terra no Brasil datam da segunda metade da década de 1990, ocorrem principalmente pela fase de reestruturação e modernização da produção agrícola nacional, das políticas de exportação agrícola e pecuárias e da concentração de renda no campo (NASCIMENTO, 2007). A violência no campo devido aos conflitos de terra é uma marca constante da história brasileira. Nestes episódios de disputas de terras é que inserem os quilombos no presente.

Quilombo e terras de quilombos não são coisas do passado, estão no presente e, em movimento no processo histórico e apresentam problemas sócio-econômicos, jurídicos contemporâneos. As comunidades quilombolas precisam ser devidamente reconhecidas pelos estados e governo federal, na atualidade histórica, e não estereotipada ou negada suas permanências que na lógica histórica foram adaptadas, revigoradas como todas as histórias em interação com os tempos, que sempre foram dinâmicas. O reconhecimento histórico é fundamental tanto para obtenção de direitos sociais como para o processo de construção de identidade.

Na Lei de Terras do Brasil, de 1850, os africanos e seus descendentes foram excluídos da categoria de brasileiros e classificados apenas como libertos. Mesmo que tivessem comprado, herdado ou recebido terra em doação, eram frequentemente expulsos dos territórios escolhidos para viver. Assim, para o povo quilombola a terra sagrada e comunitária passou a ter outro significado: a luta para mantê-la, exatamente como faziam os seus ancestrais (ANJOS, 2006, p. 62).

Andrewes (2007) chama a atenção para o fato da Colômbia e do Brasil serem os dois países da América Latina a terem uma lei, que, mesmo de forma capenga, garante proteção às terras de comunidades negras e institui ensinos afros:

Na Colômbia, os ativistas negros orgulham-se de ter conseguido proteções constitucionais para as terras de propriedade dos negros (assim como a pesquisa e o ensino sobre a história e sobre a cultura afro-colombianas, obrigatórios por lei federal), mas teme que com o desenvolvimento econômico nas planícies florestais do Pacífico, as leis não sejam adequadamente cumpridas e as famílias negras percam as terras em que caçaram, mineraram e cultivaram durante gerações (ANDREWES, 2007, p.224).

A observação de Andrewes (ANDREWS, 2007) sobre os quilombos na Colômbia e no Brasil abre uma perspectiva de tratarmos quilombo como uma forma negra hemisférica, visto que em todas as Américas existem comunidades rurais de quilombos, muitas vezes com outras denominações como “Palanques”, “Cimaroas”, ou “Marrons”.

Na Constituição brasileira de 1988, o direito das comunidades de quilombo foi consolidado dentro do item comunidades rurais e comunidades tradicionais. A formulação de comunidades tradicionais foi baseada no conceito de patrimônio histórico e cultural.

A nossa Constituição reconhece quilombo dentro do conjunto das comunidades rurais tradicionais e diz que são comunidades que no passado, realizaram o enfrentamento à sociedade escravista. Trata-se de populações com especificidades históricas e culturais, mas inseridas dentro da categoria população negra.

O reconhecimento dos remanescentes de quilombo indica uma história de movimentos sociais de luta pelo direito à terra e ao patrimônio cultural. Quilombos ou comunidades de quilombo fazem parte das reivindicações históricas, econômicas, políticas e sociais pautadas pelos movimentos negros. Os quilombos têm aspectos espaciais, temporais e culturais próprios. Constituem uma herança africana que, ao longo de décadas, realizam, naturalmente, no fazer de todos os dias, transmissões de conhecimentos técnicos, científicos, religiosos e culturais de origem africana.

Através da diversidade de processos, os negros africanos e seus descendentes construíram comunidades no meio rural brasileiro ao longo dos séculos. E com a Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 68 das Disposições Transitórias, o Estado brasileiro buscou

reconhecer às comunidades remanescentes de quilombos o direito de propriedade das terras que ocupam:

Art.216. Inciso. S5-Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

Disposições Transitórias - Art. 68- Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras são reconhecidas a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1988).

O Decreto 4.887/03 regulamentou os procedimentos para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por esses grupos. A publicação desse Decreto institui também que a caracterização dessas comunidades como remanescentes de quilombos deve ser atestada mediante autodefinição dos membros das próprias comunidades.

Estes decretos reconhecem a denominação histórica de quilombos ou de mocambos como lugares de moradia de população negra ou de origem africana. Portanto, mocambo é tratado como sinônimo de quilombo.

Na prática, a titulação das terras é a última etapa de um processo em três etapas. Somente a titulação garante o direito à propriedade da terra. Na primeira etapa, é necessário o auto-reconhecimento, ou a auto-definição da comunidade e a solicitação do reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura. A ideia do reconhecimento é baseada no recolhimento e organização do patrimônio cultural da comunidade, sua memória coletiva e histórica. Obtido o reconhecimento na Fundação Cultural Palmares, a etapa seguinte consiste na solicitação da titulação no INCRA. O processo no INCRA depende de um laudo antropológico, elaborado pelos antropólogos deste órgão. O laudo é um documento resultante de um estudo sobre a história, a cultura e o uso do território pela comunidade de quilombo. A dificuldade burocrática é a demora deste laudo, devido ao número reduzido de profissionais de antropologia.

Vemos então, que para reconhecimento das suas terras, os remanescentes precisam se auto-definir como quilombolas, o que também significa perceberem-se como parte da população negra. Esta dificuldade é devido às informações controvertidas do que é ser negro e às imposições e assimilação do racismo e o menosprezo que atinge a sua cultura. Aos que foi dada a possibilidade de perceber a importância de sua cultura, já se colocam de forma mais afirmativa

e combativa perante a sociedade envolvente, inclusive assumindo sua negritude. Assim, o desconhecimento explícito do texto do Artigo 216 da constituição de 1988 é relativizado pela prática de valorização de suas manifestações culturais, reconhecidas como patrimônio imaterial brasileiro.

Hoje, com a influência desses debates dos movimentos negros e a interferências de diversas instituições da sociedade, tais como Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, as universidades, os sindicatos rurais, os Coletivos de Professores Negros, a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, o Conselho da Participação Negra e as Organizações Não Governamentais - ONGs, já temos um movimento de comunidades negras rurais que em determinado tempo histórico se auto - identificam como comunidades de quilombo e passam a solicitar do Estado e da Federação direitos presentes na constituição de 1988, notadamente, políticas de ação afirmativa. Assim, encontramos cada vez mais comunidades negras cearenses identificando-se como negras e quilombolas.

O quilombo também pode ser visto como parte do movimento social rural, entre os movimentos que lutam pela posse da terra. Entretanto, a pauta da luta dos quilombos difere da pauta da maioria dos movimentos rurais e nem sempre sua caracterização como tal é evidente, pois ele não luta em primeiro lugar pela reforma agrária. Para os quilombos, a luta contra o racismo é tão importante como à luta pela terra. O combate ao racismo, a obtenção de respeito social na região são lutas fundamentais das comunidades de quilombo. O racismo, os preconceitos e as discriminações marcam muito a vida das populações negras rurais.

Devemos ainda ver que quilombos apareceram em toda a América Latina com nomes diferentes. O nome mais comum nas Américas é o de Marrons ou Maroons na Jamaica, na maioria das ilhas do Caribe e Guianas (BEZERRA, 2012). Palanques em Cuba e Panamá, também em Cuba usa o termo cimarrón.

4.2 Fatos da história quilombola no Brasil

Apresentar a história de comunidades quilombolas é mostrar importantes elos da cultura africana que compõe a história do Brasil, como também estudar trajetória de populações foram tornadas invisíveis na história nacional, por sua vez, constituem importantes parte da história e identidade afro-brasileira. Mostrar o universo de apenas uma comunidade quilombola é apenas representar uma simples parte de um todo muito maior, representar um quilombo é

mostrar apenas uma estrutura que por sua vez está “edificada sobre relações sociais tão complexas como qualquer outro modelo da sociedade” (MUNAGA, 2004) e que por isso, tem seu valor para a total valorização da cultura afro-brasileira no país e da dignidade das populações negras no Brasil. A história nacional carece destes complementos no sentido de um dia podermos obter sínteses que apresentem a real dimensão das populações africanas e afrodescendentes na história nacional.

Quilombos o que foram e o que são fazem parte de uma interrogação que se perpetua na maior parte da população brasileira, devido às distorções da informação sobre a nossa história. O que são os quilombos no Brasil e no Ceará ainda é uma questão presente no sistema de educação, quando realizamos formações de professores, por exemplo. Segue esta interrogação outra de como incluir os quilombos na narrativa da história do Brasil. Quilombo não é apenas um capítulo da história do Brasil, visto que atravessam toda a história nacional. Podemos afirmar que ainda temos uma história escrita e narrativas que atravessam séculos, porém permanecem narrativas hegemônicas feitas na linguagem e escrita do dominador, história dos seus causos, seus feitos “heróicos”, de suas “benfeitorias como povo civilizado”. Assim o tempo passou e a história se propagou, mas ouvímos gritos de revolta, clamor por justiça. Pois a história narrada no Brasil deu pouco ou nenhuma importância ao processo de luta e construção por partes das populações negra e indígena. Os escravizados não aceitavam a condição de coisa, de animal, de escravo, e na sua essência humana lutavam, negavam-se como escravos através de movimentos de fugas e atitudes libertárias e de negação ao sistema escravista. A não submissão foi demonstrada através de várias formas de revoltas e, das inúmeras fugas, estas que deram origem a muitos quilombos.

Os quilombos ganharam um estatuto novo na história brasileira, com o seu reconhecimento como Comunidades de Remanescentes de Quilombos na Constituição de 1988. Trata-se de uns dos temas de grande relevância na história nacional, devido a vários fatores. Entretanto, durante muito tempo este tema foi tratado como assunto de pouca importância para a historiografia brasileira.

Então fugas, lutas, quilombos surgiram, resistem e existem até hoje no Brasil, sendo que durante o período do Brasil colonial e império e até mesmo no pós-abolição o nome quilombo foi atribuído aos locais para onde os negros fugiam, assim alguns conceituaram, como Reis, Gomes, (1996):

No período escravista quilombo ou mocambos tinham definição como os denominados ajuntamentos de negro, que era conjunto com mais de cinco casas ou malocas. Definições as eram dadas pela sociedade escravista como para justificar a repressão pelas autoridades. (REIS / GOMES, 1996).

O conceito de quilombo na história do Brasil apresenta várias conotações, desde reunião de negros fugidos para o mato, até atuais significados baseados na constituição brasileira (SANTOS 1995). Os quilombos ganharam um estatuto novo na história política brasileira com o seu reconhecimento como Comunidades de Remanescentes de Quilombos na Constituição de 1988, porém a luta continua por terra, por igualdade, por liberdade e direitos.

Do ponto de vista histórico em pensar os quilombos como núcleos revolucionários, explicitamos o marco mais importante para considerarmos quilombos na historiografia nacional foi o registro do sociólogo e jornalista Clovis Moura (1959) em seu livro “Rebeliões na senzala - Quilombos, Insurreições e Guerrilhas”.

O termo Quilombo atualmente passa por uma formulação com base em conceitos de patrimônios materiais e imateriais. A reformulação do termo foi uma conquista dos movimentos sociais, movimento negro, e também uma conquista política e histórica social. Pois negras e negros durante séculos ao serem traficados e sofrerem a dor imposta pelo sistema de uma sociedade escravocrata e desumana, não se sucumbiram ao sistema, muito menos foram submissos, ou desistiram, da luta.

O nome desta população é resistência, os escravizados em geral rebelaram-se de diversas formas durante o período de escravismo colonial, e a rebeldia de maior sucesso trouxe a formação dos quilombos.

O quilombo era uma sociedade alternativa ou paralela de trabalho livre no conjunto do escravismo colonial que constituía a sociedade maior e institucionalizada. O seu agente social era o negro- escravo (escravizado) inconformado, que traduzia esse sentimento no ato de fuga. Este era o primeiro estágio de consciência rebelde. (...) O negro fugido era o rebelde solitário que escapava do cativeiro. O segundo estágio era a socialização desse sentimento, e, em consequência, a sua organização com outros negros fugidos em uma comunidade estável ou precária. Era, portanto, a passagem, no nível de consciência, do negro fugido para o de quilombola. (...) O quilombola era, portanto, um ser social com uma visão menos fragmentada da necessidade de negar coletiva e organizadamente o instituto da escravidão. (MOURA, apud MOURA, 2001, p. 103).

Os Quilombos surgiram como alternativa social, numa perspectiva de liberdade em fase ao escravismo criminoso, representando espaços de liberdade almejados pelos negros, espaços estes onde se cultivam plantas, se cultuam seus deuses e deusas, se velam os ancestrais, também estabelecem laços de fraternidade.

Assim, trago uma evolução do conceito de Quilombo, pois o termo quilombo, hoje também conhecido por Comunidades Remanescentes de Quilombo, que traz a resistência de um povo, este revelado através do patrimônio histórico e patrimônio material e imaterial presente em todo o Brasil, sendo mais forte em alguns lugares que outros.

Sobre as origens da palavra quilombo podemos encontrar algumas informações, sendo a mais conhecida a do professor Kabengele Munanga:

A palavra Kilombo é originária da língua banto umbundo, falada pelo povo ovimbundo, que se refere a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central, mais especificamente na área formada pela atual República Democrática do Congo (antigo Zaire) e Angola. Apesar de ser um termo umbundo, constitui-se em um agrupamento militar composto pelos jaga ou imbangala (de Angola) e os lundos (do Zaire) no século XVII. (MUNANGA, 2004 apud SANTOS, 2012).

Segundo Rafael Sanzio dos Anjos (2006: p 46), “a palavra quilombo tem origem na língua banto e se aproxima de termos como habitação, acampamento, floresta e guerreiro. Na região central da bacia do Congo, significa “lugar para estar com Deus”. Dos Anjos ressalta essa sacralidade na luta que os negros tiveram que empreender para manter-se nas terras que eles conquistaram:

Na Lei de Terras do Brasil, de 1850, os africanos e seus descendentes foram excluídos da categoria de brasileiros e classificados apenas como libertos. Mesmo que tivessem comprado, herdado ou recebido terra em doação, eram frequentemente expulsos dos territórios escolhidos para viver. Assim, para o povo quilombola a terra sagrada e comunitária passou a ter outro significado: a luta para mantê-la, exatamente como faziam os seus ancestrais. (ANJOS, 2006.p.62). Apud SANTOS, (2012).

Outras visões sobre o conceito de quilombo, escravidão e abolição são construídas ao longo da história com autores, tais como: Nina Rodrigues (1977); Arthur Ramos (1942), Edison Carneiro (1947); Décio Freitas (1990); Clóvis Moura (1972), Abdias Nascimento (1980). Necessário se faz breves comentários sobre esta sequência de autores. São autores, como

exceção de Clovis Moura, que modificam as visões sobre quilombos a partir de narrativas sobre os quilombos dos palmares.

Nina Rodrigues (1977) é sempre apontado como pioneiro no tratamento dos quilombos, por ter abordado o quilombo dos Palmares, no final do século XIX, como a troia negra no Brasil. Apesar do título pomposo e de ter reunido ampla documentação inovando sobre a historiografia do quilombo dos Palmares, existem muitos problemas de perspectiva conceitual. Nina Rodrigues é um médico que desenvolve o racismo científico no Brasil, sendo que todo seu trabalho é pautado pelo conceito de raças e de raças degeneradas. Portanto, ele construiu uma visão histórica do Quilombo de Palmares pensado a partir de uma racionalidade raciológica e o caracterizou como espaço geográfico de população banto, sendo que o povo banto figura nos seus estudos como atrasado em relação às populações africanas e estas populações africanas, por razões genéticas atrasadas em relação às europeias. Podemos dizer que os trabalhos de Nina Rodrigues sobre “a questão do negro no Brasil” sempre apresenta grandes ambiguidades que confunde o leitor. Estas ambiguidades são bem discutidas no artigo de Thiago Souza (SOUZA, 2013).

As narrativas de Arthur Ramos sobre o Quilombo dos Palmares são das décadas de 1930 e 1940, se inserem num ciclo de formação gloriosa da nacionalidade brasileira e do nacionalismo nacional. Apresentam-se como uma oposição às visões racistas anteriores sobre a população negra, no entanto, forma um imaginário glorioso e épico, também distante da realidade da história. Arthur Ramos é parte de um conjunto de médicos que se tornaram antropólogos e fazem uma abordagem culturalista da antropologia americana e destacam o espírito associativo do “negro brasileiro”. Colocamos do “negro brasileiro” entre aspas para destacar uma abordagem que se cristalizou em estudar “o negro”, e não as populações negras. Para o leitor que deseja maiores informações, um bom trabalho é a dissertação de mestrado de Thyago Ruzemberg Gonzaga de Souza (2014) sobre a: A epopeia do negro brasileiro: a produção da república dos palmares na escrita de Arthur Ramos. Podemos dizer que as visões de Arthur Ramos e Edson Carneiro se aproximam, quanto ao caráter nacionalista e épico nas narrativas do Quilombo dos Palmares (CARNEIRO, 1947).

Décio de Freitas foi um autor definitivo como um dos estudos mais completos sobre o Quilombo dos Palmares (FREITAS, 1973). A pesquisa e o livro de Freitas surgem dentro de um período de renovação dos movimentos e de rearticulação dos setores democráticos da sociedade brasileira na luta contra a ditadura militar. O livro de Décio de Freitas é juntamente com o de

Clovis Moura as primeiras abordagens marxistas sobre os quilombos no Brasil. Testemunhos de militantes do movimento negro da década de 1970, apontados em Amauri Mendes, registram que foi impactante o livro de Decio de Freitas sobre Palmares (MENDES, 2001).

Para Abdias do Nascimento (NASCIMENTO, 1980) podemos dizer que os quilombos e principalmente o de Palmares percorrem toda a sua vida e produção intelectual. Desde 1940, no Rio de Janeiro, já tinha destaque a sua participação no Jornal Quilombo (DOMINGUES, 2008). Abdias demarca a história dos quilombos como um paralelo com as aspirações contemporâneas das populações negras (NASCIMENTO, 2003).

4.3 A evolução sobre as ideias de quilombos na história do Brasil através dos movimentos negros

Como já mencionado, no passado não tão distante do presente, no período escravista, quilombo ou mocambos tinham, como definição, o ajuntamento de negros, que eram os conjuntos com mais de cinco casas ou malocas, com um pilão no terreiro. Essas definições eram dadas pela sociedade escravistas para justificar a repressão pelas autoridades (REIS; GOMES, 1996). Porém os movimentos negros há décadas vêm procurando resignificar o conceito de quilombo no Brasil, intelectuais negros contribuíram através de suas pesquisas e escrita antropológica e histórica.

É provável que o antropólogo negro, baiano, Edson Carneiro, tenha sido o primeiro estudioso sistemático da história do Quilombo dos Palmares a escrever sobre o assunto, em 1947. O livro “O quilombo dos Palmares: 1630 – 1695” (CARNEIRO, 1947) contou com uma primeira edição muito festejada pelos movimentos negros que estavam em grande evidência no Rio de Janeiro e em São Paulo, com importantes movimentos, como o Teatro Experimental do Negro (TEN), (NASCIMENTO, 1982), sendo reeditado em 1956 e 1958. Outro livro de importância e pouco conhecido, que passou despercebido do grande público, foi o “Reino de Palmares” escrito por M. Freitas e publicado em 1954, pela Biblioteca do Exército Brasileiro (FREITAS, 1954).

Dentro dos movimentos negros o quilombo é repensado e referenciado de diversas formas. Peças de teatro narraram a epopeia de quilombos pelo Brasil. Movimento de clubes associações e escolas de samba destacaram o nome de quilombo.

Na década de 1940 existiu um clube negro paulistano, com o nome de “Clube Recreativo Palmares”. A antes denominada União Negra Brasileira que muda de nome e que existiu até 1950.

Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, sediou uma das entidades de grande importância na década de 1970, como nome de O GRUPO PALMARES (1971-1978). As realizações deste grupo estão retratadas numa dissertação de mestrado como o nome O Grupo Palmares: um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. (CAMPOS, 2006).

Os movimentos negros brasileiros instituíram na década de 1970, o 20 de Novembro, data da morte do herói nacional Zumbi dos Palmares, como Dia Nacional de Consciência Negra. 20 de Novembro é o Dia Nacional da Consciência Negra. Tornou-se o momento de celebrar a memória Zumbi dos Palmares e Dandara, herói e heroína do povo brasileiro. Mas acima de tudo é um dia de reflexão e busca de novas formas para enfrentar o racismo antinegro que ainda hoje dificulta e tira a vida de negras e negros em todo o país.

Ainda na década de 1970, na data de 8 de dezembro de 1975, no auge das discussões sobre a importância da cultura negra e do samba liderados pelos sambistas Candeia, Nei Lopes, Darcy do Jongo e Wilson Moreira, foi fundada uma escola de samba carioca com o nome de Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Esta escola de samba existiu sem nunca participar dos desfiles oficiais e sem ser vinculadas às ligas de escolas de samba ou de organizações do carnaval. A sede foi na Fazendo do Botafogo, a Rua Ouseley 810, em Rocha Miranda, Zona Norte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (ERNESTO DA SILVA, 2008). Esta escola de samba completou 40 anos, cuja proposta não era desfilar no Grupo Especial do carnaval carioca e teve como objetivo manter a tradição do samba guardando fidelidade às raízes africanas e valorizar o patrimônio afro-brasileiro. Diziam os participantes que esta escola de samba se identificava com as populações quilombolas, como Palmares e com Zumbi dos Palmares (1655-1695), pois a sua quadra era um verdadeiro quilombo. É uma escola que fugiu do modelo habitual para se inserir na tradição das culturas africanas.

Ao povo em forma de arte Quilombo 1978

Quilombos pesquisou suas raízes
E os momentos mais felizes
De uma raça singular
E veio pra mostrar essa pesquisa
Na ocasião precisa
Em forma de arte popular
Há mais de quarenta mil anos atrás
A arte negra já resplandecia
Mais tarde a Etiópia milenar
Sua cultura até o Egito estendia
Dai o legendário mundo grego
A todo negro de “Etíope” chamou
Depois vieram reinos suntuosos
De nível cultural superior
Que hoje são lembranças de um passado
Que a força da ambição exterminou

Em toda a cultura nacional
 Na arte até mesmo na ciência
 O modo africano de viver
 Exerceu grande influência
 E o negro brasileiro
 Apesar de tempos infelizes
 Lutou, viveu, morreu e se integrou

 Sem abandonar suas raízes
 Por isso o quilombo desfila
 Devolvendo em seu estandarte
 A história de suas origens
 Ao povo em forma de arte

Música de Martinho da Vila.

Wilson Moreira / Nei Lopes, 1977 _ ED. EMI.

Música do CD de Martinho da Vila: sambas enredos de todos os tempos; apd SANTOS, 2012.

Nas universidades brasileiras, foi a antropóloga Maria de Lourdes Bandeira uma das pesquisadoras pioneiras nos estudos sobre a identidade étnica das comunidades negras rurais, tendo como base a geografia. A identidade dos grupos negros adquire um enfoque de territorialidade, que configurou uma situação de autoridade e que demarca uma especificidade. As relações sociais passam a ser analisadas com um recorte racial e a base territorial como determinante é marcada pelo uso da terra. São incluídos os modos de produção e sistemas de trocas, relações sociais e políticas com as comunidades vizinhas e as formas de sociabilidade internas, as festas e expressões culturais, bem como a memória social. Maria de Lourdes Bandeira reúne e conecta todos os fatores considerados hoje determinantes na compreensão das comunidades de quilombos. Realizou seu estudo pioneiro da territorialidade negra de Vila Bela em Mato Grosso (BANDEIRA, 1988).

A professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Ilka Boaventura Leite, através de um núcleo de pesquisas, vem, desde 1991, fazendo estudos sobre comunidades de

quilombos no sul do país e tornou-se uma das principais referências para a discussão das identidades e cidadania das comunidades negras rurais e bairros urbanos (LEITE, 1991). O Núcleo de Estudo sobre Identidade e relações interétnicas (NUER) realizou um número importante de projetos, estudos e publicações, que contribuiu decisivamente para as metodologias, enfoques teóricos e empíricos, sobre os laudos de reconhecimento das comunidades de quilombos (LEITE, 1996).

Os estudos geográficos voltados para quilombos exerceram a tarefa de determinar a grandeza numérica e as densidades das comunidades de quilombos nas diversas regiões do Brasil. Na geografia, neste trabalho, se destaca o professor da Universidade de Brasília, Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (ANJOS, 2005, 2011).

A definição de quilombos ou de remanescentes de quilombos na atualidade é vinculada à dimensão territorial, ou seja, o território define a comunidade de quilombo. Os territórios para a definição das comunidades de quilombo podem ser retirados dos enfoques dados por Santos (1996) para espaço geográfico e território que, por sua vez, se apoia na definição de patrimônio cultural.

Desta maneira, com a produção humana há a produção do espaço. O trabalho manual foi sendo relegado à segundo plano e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada até chegar a automação. A produção do espaço é resultado da ação do homem agindo sobre o próprio espaço, através de objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o território também faz parte do rol das forças produtivas (SANTOS, 1996, p. 64).

Entre os seres humanos e a natureza, existe uma relação que é cultural, política e técnica, assim, o espaço geográfico é um espaço historicamente construído.

O território ganha sua importância na definição de configuração territorial. A configuração territorial é para Milton Santos (1996) uma totalidade que articula o espaço geográfico a um conjunto da sociedade. O território tem valor econômico, não apenas pelas suas partes, mas pelo todo da sociedade que classifica, o torna institucional e atribui a ele valor social e econômico.

Na atualidade, algumas definições conceituais de comunidades de quilombos ou de remanescentes de quilombos são produzidas como respostas à necessidade de solução de problemas estruturais, históricos, culturais e jurídicos dessas populações, havendo uma

identidade de patrimônio cultural e de bens materiais e imateriais. Território, cultura, identidade e história são as categorias mais comumente presentes na discussão conceitual de quilombos como patrimônio histórico ou cultural.

O conceito de quilombo foi pensado no campo da identidade cultural, do território e da permanência histórica. O termo patrimônio cultural pode ser visto como material e imaterial, mas ambos ligados à produção da identidade e da territorialidade (LARAIA, 2004). Embora o pensamento nacional predominante no campo de patrimônio cultural tenha trabalhado por muito tempo com a ideia de monumentos e a ideia de patrimônio material, visando à preservação, hoje essas noções foram ampliadas e formatam um conceito de patrimônio cultural fundamentado na referência aos processos culturais.

Ressalta-se que a preocupação com a construção de um adequado conceito de patrimônio incide na discussão entre a nação, a identidade e a territorialidade nacionais. Assim, então, identidade e territorialidade são dois requisitos fundamentais para a referência cultural e esta, por sua vez, para os conceitos ampliados do que vem a ser o patrimônio cultural material e imaterial. Essa referência cultural tem forte vinculação com a relação de pertencimento no sentido de “nossa identidade” “nossa territorialidade”.

Atualmente, devido às novas percepções sobre comunidade negras rurais e à definição de quilombos e remanescentes de quilombos, temos visto que comunidades rurais e “urbanas,” que, antes se viam como mestiços ou brancos, estão se definindo como negras, passando a ter uma consciência política e afetiva de cor negra, configurando-se como famílias negras. Este fato está muito presente na realidade recente dos estados do Brasil e, começando a ganhar terreno no estado do Ceará. Desta forma podemos concluir que os negros enfrentaram um passado difícil, seu espírito de luta pela dignidade permaneceu e criou uma nova perspectiva, marcando um novo tempo para a vida em comunidades negras rurais como remanescentes de quilombos. Assim também buscam uma educação que respeita e valorize sua história e cultura.

Podemos pensar em definir comunidades de quilombo e remanescente de quilombo como um território de identidade coletiva de uma população afrodescendente, demarcada pela história social desta comunidade. Sendo que os laços de identidade são descritos pela memória coletiva e pelas transformações da cultura do grupo social. Para tal, podemos fazer uso tanto da definição de patrimônio cultural, como da história social comum nestas comunidades. Desta maneira, a identificação e reconhecimento das comunidades de quilombos poderia ter forte apelo à história coletiva aos laços de identidade entre os membros e uso comum do território.

Quilombos e comunidades de quilombos ou de remanescentes de quilombos são movimentos sociais rurais, que se enquadram na nomenclatura dos movimentos sociais dos anos de 1980. Embora já existentes desde épocas muito anteriores, estes movimentos sociais somente recebem visibilidade com a constituinte, dentro da ótica dos movimentos negros. E vista à teoria dos movimentos sociais, podemos classificá-los como movimentos sociais rurais de luta pela terra (LEITE, 2004, p. 83).

A nossa consciência da grandeza numérica e das densidades de comunidades de quilombos nas diversas regiões do Brasil foi produzida pelos estudos geográficos de Rafael Sanzio Araujo dos Anjos (ANJOS, 2005); (ANJOS 2011).

Portanto, devido à persistência dos movimentos negros e da mobilização de setores da vida intelectual nacional, os quilombos saem do anonimato. O que se tratava apenas como território de negros fugitivos, transforma-se em símbolos da luta da população negra por justiça social. O quilombo, na atualidade, poderia ser definido como estudo do patrimônio histórico e cultural nacional. Neste sentido é que trabalharemos neste capítulo revendo esta história recente das abordagens sobre comunidades de remanescentes de quilombos e, suas origens.

Quilombo transforma-se num espetáculo nas avenidas através de escolas de samba e de enredos de escolas de samba. Este é um enfoque sobre quilombos que apenas é indicado e não tratado neste trabalho, mas indica e importância que o conceito de quilombo tem na sociedade brasileira (SILVA, 2008). Hoje também temos os quilombos nas poesias.

4.4 As diferentes formas de formação dos quilombos no Brasil

Falar das origens instalação dos quilombos é também trazer a velha e a nova escrita, pois as narrativas das origens de quilombos no passado se remetem às fugas dos escravizados, assim reza a lenda: que os quilombos foram originados dos negros fujões, porém estudos e a oralidades nos revelam outras formas originárias dos quilombos. Para além, das fugas temos as doações, as aquisições de pedaços de terras por tempo de trabalho dos escravizados de alugues, temos ocupações e usos naturais da terra por populações negras, em locais que são apenas contestados devido à valorização das terras.

Sobre as aquisições de terras, dois exemplos históricos são o de Conceição das Crioulas, em Pernambuco e de Conceição dos Caetanos, no Ceará. Conceição das Crioulas, segundo a memória oral, as terras foram adquiridas com a venda de tecidos produzidos pelas mulheres, isto dois séculos atrás (FONSECA, 2010). No período do pós-abolição em Conceição dos Caetanos no Ceará, uma população de migrantes negros da Bahia adquire as terras no Ceará, em lugar farto em águas e distante das perseguições políticas contra negros na República (RATTS, 2009).

Então, se pode deduzir, através das narrativas dos mais velhos das comunidades e desses autores, que a construção dos quilombos pelas diversas regiões do Brasil se deu de formas variadas e não homogênea como a literatura passada apresenta. Há comunidades que foram adquiridas por doação, outras por compras, outras por pagamento de promessa, por posse ou tempo de moradia na terra, são formas diferenciadas de formações, porém estas formas de formações dos quilombos não aconteceram de formas harmoniosas, os quilombolas percussores ou fundadores sofreram ataques das mais diversas formas. Conflitos pela pose de terra são velhos, no entanto ainda hoje existem conflitos pela terra.

Portanto, ao longo desses quase quinhentos anos da presença africana no Brasil e dos afro-brasileiros que aqui foram construindo a nação brasileira, muitas ações foram desenvolvidas pelos corpos e mentes desses da população negra. Esse processo não se deu sem tensões, sem conflito. A formação dos quilombos por fuga é um exemplo clássico desse tensionamento.

Fico em dúvida se no Brasil existem algumas fontes para informar o número de comunidades quilombolas em todo o território nacional. Não se tem um levantamento definitivo sobre quantas são e onde estão essas comunidades, pois há controvérsia com relação à estatística apontada. Os levantamentos têm evidenciado que existem comunidades em quase todo o território nacional, entretanto os estudos ainda revelaram uma existência tímida de Quilombos no Ceará.

4.5 Discussões entre quilombo e campesinato negro

Na obra Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil, (GOMES, 2015), o autor Flávio Gomes dos Santos traz uma discussão sobre os Mocambos e Quilombos, reconstruindo de forma única a história do campesinato negro no Brasil. Logo

buscamos uma sessão, onde se estudamos a relação entre as comunidades quilombolas e o campo/campesinato em territórios rurais negros. Da mesma forma Clovis Moura, ao tratar de Canudos, também lança o enfoque sobre campesinato negro (MOURA, 2000).

O enfoque sobre quilombo é na origem um enfoque sem o vínculo marxista, e pensando as comunidades negras rurais como herança cultural e lutas pela terra. O campesinato negro se insere numa retórica onde a luta pela terra e organização em torno de trabalho no campo é que regra os enfoques. Esta dualidade é que produz como já indicamos a dualidade entre educação quilombola e educação do campo quilombola.

O enfoque de campesinato negro envolve também um conjunto amplo de formas e denominações sobre o campesinato, como destaca Oliveira (2006). Fazendo um recenseamento resulta na existência de diferentes tipos de camponeses, os camponeses proprietários, os camponeses assentados, os camponeses rendeiros, camponeses parceiros e camponeses posseiros. Todos possuem a terra como instrumento de trabalho e subsistência e exploram a terra a partir da mão de obra familiar. Assim concluímos esta capítulo afirmando que são vários tipos de camponeses, e de campesinatos negros, como também são vários tipos de quilombolas, como também o termo comunidades tradicionais teria também vários sentidos.

Poema Quilombola

Penso que as causas sociais

Faz com que aprendo mais Reflito meu aprender

Para amanhã saber fazer.

E sonho a cada instante Com nossa luta

Para que no futuro

A vitória seja absoluta!

Olha aí meu povo!

Os quilombolas chegando de novo Mostrando toda sua cultura

Colocando sua força de guerra Pelo direito a terra

Na habilidade da sobrevivência guerreira

Não esquecer: Oralidade, tradição e cultura

Não entramos na luta por brincadeira

A cultura negra no Brasil É maravilhosa!

Simpatia, bondade, inteligência, alegria...

Meu Deus quanta magia!

A nossa luta ligada ao coração Está ligada a nossos ancestrais

E está ligada ao nosso futuro Esta ligada a nossa emancipação

Para a construção justa E solidária de uma sociedade

Devemos conhecer os quilombolas Olhar e escutar.... E fazer parte da comunidade Correr atrás de seus objetivos Ontem, hoje, amanhã e sempre

A cada novo dia No nascente e no poente Consciência negra Luta, escola... Liberdade Mudaremos a sociedade Pois somos quilombolas de verdade Quilombola eu sou

E me orgulho de coração E que nesse encontro haja Várias trocas de informação

Falamos das comunidades Da saúde e da educação

Poema construído por integrantes da Oficina Educação das Relações Étnico-raciais em áreas Remanescentes de quilombos. 15/10/2008. Docente Prof.Ms. Lauro Cornélio da Rocha

5 CEARÁ TEM DISSO SIM: QUILOMBOS NO CEARÁ GEOGRAFIA E HISTÓRIA

No Ceará tem disso sim

Ceará Tem Disso Sim

Vou mostrar que o Ceará tem disso sim

Tem pretas, pretos, negras e negros

Tem quilombos e quilombolas,

Quilombolas com suas histórias e sua cultura, tem sim

Vou mostrar que o Ceará tem disso sim

Patrimônio afro-brasileiro

Terra de pretos

Tem sim, o Ceará tem disso sim

Marlene Pereira dos Santos, (2020).

“O Ceará tem disso não” são expressões populares que reafirmam ideologias da inexistência da população negra no estado. A sistemática das representações sociais no estado aparece em músicas reforçando as idéias do Ceará tem disso não, ou o oposto no Ceará tem disso não.

Luiz Gonzaga canta uma composição que diz:

Vocês cá da capital
Me desculpe esta expressão

(Refrão)
No Ceará não tem disso não,
Não tem disso não, não tem disso não
No Ceará não tem disso não,(...)

Nem que eu fique aqui dez anos
Eu não me acostumo não
Tudo aqui é diferente (...)

Mas também existem um CD digital no youtube que diferentemente confirma e demonstra tudo que o Ceará tem de história e cultura afro, e não é novo, pois o CD é intitulado: No Ceará tem disso sim (1993).

Então a história do Ceará e sua relação com a população e a cultura afro é mesmo negada embora apresente raízes muito fortes.

Na história dos quilombos no Ceará é indiscutível o “pioneerismo” de Ratts (1996) quando trata de quilombos e indígenas como povos invisíveis no Ceará. Dando prosseguimento em tese de doutoramento em 2001, em antropologia pela Universidade de São Paulo (RATTS, 2001). Sendo que se caracterizou como um dos principais especialistas sobre quilombos no Ceará. Ratts minerador de arquivos encontra e cita dois trabalhos antigos e precursores do reconhecimento de quilombos no Ceará, que são: Thomaz Pompeu Sobrinho, em 1958, que fala sobre uma “comunidade de negros”, em Pacajus, existente a quase um século (RATTS, 2009, p.100); e em 1967, Renato Braga, sobre a comunidade de Bastiões como um “povoado com 50 habitações, habitado exclusivamente por pretos, com a particularidade de serem todos alfabetizados”.

Ratts também registra que em 1982 pesquisadores ligados ao Núcleo de Geografia Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (NUGA-UECE) localizaram três “agrupamentos negros” no município de Aquiraz: Goiabeiras, Lagoa do Ramo e Vila dos Pereira. Por estes

elementos a existência de quilombos no Ceará se anuncia, demorando, entretanto quase duas décadas para se consolidar.

Os temas de quilombos Ceará apresentam um novo enfoque somente a partir de 2009, devido as elaborações dos laudos antropológicos para reconhecimento e delimitação das terras de quilombo no Ceará (MARQUES, 2009, 2010).

Neste período, 1990 a 2020, três cenários se formaram sobre os quilombos no Ceará, um primeiro, de revindicações e motivado pelos movimentos negros e movimentos quilombolas; o segundo vindo dos estudos acadêmicos; e um terceiro devido às políticas públicas do estado e o reconhecimento de terras pelo INCRA. A partir Constituição de 1988, as comunidades quilombolas têm reivindicado o reconhecimento de sua forma tradicional de viver em seus territórios. Neste processo muito da pesquisa acadêmica tem contribuído para reconhecimento e acesso aos direitos. Muito em função das dificuldades políticas e sociais que as comunidades quilombolas enfrentam na manutenção de sua identidade e defesa de seus modos de vida a evolução dos estudos acadêmicos tem contribuído para a educação quilombola e para os processos de identidade das comunidades. Este é um fato importante que esse capítulo dessa tese permite acompanhar e entender no desenrolar do tempo. Estamos no conhecimento dos processos históricos e sociais que levam ao reconhecimento, fortalecimento da identidade a afirmação política destas comunidades quilombolas no estado do Ceará.

O capítulo tem por título o Ceará tem disso sim, em contraposição ao tema mais recorrente na bibliografia sobre quilombos no Ceará e população negra no estado que é o da invisibilidade. Invisibilidade produzida pela história local e pelos interesses em negar os direitos sociais devido ao reconhecimento em ser população negra e em ser comunidade de quilombo.

5.1 Ceará “terra da luz”: alumando a negra história e geografia dos quilombos

A Região Nordeste é uma das cinco regiões do Brasil, é a região brasileira que possui o maior número de estados, são nove no total, entre esses está o Estado do Ceará. O Ceará é uma das 27 unidades federativa do Brasil, está situado no norte da região Nordeste e tendo limites o Oceano Atlântico a norte e nordeste. Sua área total é de 148 920,472 km², ou 9,37% da área do Nordeste e 1,74% da superfície do Brasil. A população do estado é de 9 075 649 habitantes,

conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 sendo o oitavo estado mais populoso do país.

O Estado do Ceará é possuidor de grande beleza natural, mas não foi por sua beleza que o Ceará é conhecido por "terra da luz". A braveza de seu povo é contada mundo afora, mas valentia e coragem de um jangadeiro conhecido por "Dragão do Mar" se faz necessário aqui falar, pois ele se recusou a transportar para os navios negreiros, fundeados no Porto de Fortaleza, os escravos que seriam vendidos para o Sul do País. O gesto hoje contribui para que o Ceará comece a reconhecer seus quilombos.

Ceará, terra da luz, praia, serra e sertão, já é conhecido por receber seus turistas de braços abertos, mas que precisa abraçar seu povo. Agora, munido com seu espírito de luz deve ver, empreendedor e transforma-se em terra de oportunidades, sobretudo para a população negra quilombola espalhada em seus municípios.

O estado do Ceará ficou conhecido por ser a primeira província brasileira no século XIX a abolir a escravidão. Isso ocorreu em 25 de março de 1884, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea. Foi concedida liberdade a cerca de trinta mil escravizados. Segundo a própria história, consta que Francisco José do Nascimento, mais conhecido como Dragão do Mar, este combate o tráfico através da proibição da entrada das embarcações que contrabandeava os escravizados nos portos do Ceará, já em 30 de agosto de 1881, no porto do Ceará, já não se embarcava mais escravizados. Ele conseguiu fechar os portos de embarque de escravizados na cidade de Fortaleza.

Mas até chegar essa abolição houve muitos conflitos e desesperos por parte dessa população negra, que tanto lutaram para chegar a esse momento tão importante na história cearense e, para a cultura de um povo tão sofrido e humilhado durante séculos de escravidão criminosa.

Essa foi uma forma de conter as demais províncias do Brasil, que ficará na memória de um gesto heroico de terem libertado tantos escravizados traficados durante anos para o trabalho escravo, que muitas vezes levava até a morte, pois muitos não tiveram a chance de sair com vida das senzalas em que viveram, pois muitas famílias foram destruídas.

O Ceará ficou conhecido como "Terra da Luz", essa denominação foi dada pelo fato de ter sido a primeira província do Brasil a libertar seus escravizados. Segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira (1988):

Mas será o estado do Ceará é mesmo um modelo de igualdade racial para um país que vive um preconceito social, econômico, retratando um passado que ainda hoje reflete o dia a dia do cidadão brasileiro? Além disso, essa realidade em que vivemos e fingimos não vê-la, tudo se “normaliza”. “O escravismo no Ceará foi brado, o negro era íntimo de casa, amigo da família a quem servia com humildade e sem constrangimento”.

Portanto se prega um processo de escravidão que se resume a um ponto de visão estreitamente econômico no âmbito da discriminação que como fato.

No estado do Ceará, dada a formação ideológica de negação da presença negra na constituição histórica local, o reconhecimento da existência de comunidades de quilombos ou de comunidades negras rurais é muito recente, embora, desde a origem do povoamento do estado, se noticie a existência de quilombos (NOBRE 1988). Hoje, eles fazem parte, sobretudo, do discurso social atual, já sendo reconhecidas pela Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (CEQUIRCE), 87 comunidades remanescentes de quilombos no Ceará, e 50 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Assim dado os dados da CEQUIRCE:

Em 2017, com indicação pela Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará - CEQUIRCE de 87 (oitenta e sete) comunidades, das quais foi confirmada pela CODEA (Coordenadoria de Desenvolvimento Agrário) sua existência e que constam no mapa das comunidades quilombolas do Estado do Ceará.

Diário Oficial do Estado do Ceará, (2018).

Todavia há quem apresenta outros números, com relação a quantidades de comunidades existentes, reconhecidas pela CEQUIRCE, Fundação Cultural Palmares como também pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

Para o MDS (2010) o Ceará conta com 157 comunidades quilombolas. E a Cerquice-Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará (2016) identificou no estado 85. No Ceará até o atual momento nenhuma comunidade quilombola conseguiu a titularidade de seus territórios. Algumas estão com o processo mais perto da finalização: Sítio Arruda em Araripe, Comunidades Encantados do Bom Jardim, Brutos e Lagoa das Pedras em Tamboril, Alto Alegre em Horizonte, Comunidade de Base em Pacajus, Três Irmãos em Croatá, Serra dos Chagas em Salitre e Minador no município de Novo Oriente.

No dia 8 de fevereiro de 2018 houve uma decisão histórica do STF que animou as lideranças quilombolas, a de manter o Decreto nº 4.887, de 20/11/2003, que regulamenta ocupação de suas terras: a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação das terras ocupadas. Tal conquista condensa três elementos centrais na caminhada desses grupos: visibilidade, reconhecimento e regulação fundiária.

Será de grande valia que os quilombolas consigam por toda a Década Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024) a efetividade do lema do reconhecimento, justiça e desenvolvimento. Que seja promovido os direitos dos povos de ascendência africana, posto que

são estes os mais afetados pelo racismo, com direitos humanos negados no planeta. Zelma Madeira (2018). <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2018/03/presenca-quilombola-no-ceara.html>

O Ceará é um estado que construiu uma forte resistência da população em se definir como população negra ou descendente de negras e negros. Mesmo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE indicando um alto índice de pretos e pardos (64%), permanecem as declarações de que no Ceará não há negros. O fato de se acreditar de forma ideológica que no Ceará não há negro implica que não teríamos cultura negra e nem comunidades de remanescentes de quilombos.

E falando da construção histórica da negação da população negra no Ceará, trago a música Negão de Chico César, está retrata bem a realidade da negação do ser negro no Ceará, eu sentir isto na pele.

Negão

Negam que aqui tem preto, negão

Negam que aqui tem preconceito de cor

Negam a negritude, essa negação

Nega a atitude de um negro amor

Mas pra todo canto aonde tem você, eu vou

Com o canto do olho lançam setas de indagação

Ainda não sabem, mas sabemos que opressão

É a falta de pressa do opressor pedir perdão

A quem não perdeu tempo e a muito tempo perdôo

Mas nunca esqueceu, não.

Negam que aqui tem preto, negão

Negam que aqui tem preconceito de cor

Negam a negritude, essa negação

Nega a atitude de um negro amor (...)

Negam negão, negam todo dia, negam negão, negam a população preta cearense, e negam o preto que for... (grifo meu).

Música de: Chico Cesar.

No passado, o Instituto Histórico do Ceará foi uma das organizações que trabalhou a ideia que no estado não haveria negros, visto que a produção escravista tinha sido fraca em comparação com a dos estados de Pernambuco e Bahia. A negação oficial da existência de negros no estado era dada pelas pesquisas vindas deste órgão e as suas afirmações não eram problematizadas.

A discussão sobre a população negra no Ceará tomou força a partir de 1980, com os movimentos negros e, principalmente, com o Movimento dos Agentes Pastorais Negros – APN, particularmente, entre 1985 e 1995. RATTs (2009) lembra que foi um período de (re)nascimento do movimento negro:

[...] na década de 80 nasce o movimento negro no estado, o que desencadeia um processo de afirmação da presença negra nos bairros e favelas de Fortaleza e em vários municípios do interior através, principalmente, da formação de grupos. (RATTs, 2009, P.19).

A partir da década de 1990, os movimentos negros passaram a enfatizar as revisões da história do Ceará para combater as afirmações errôneas realizadas pelos historiadores sobre a formação populacional cearense enquanto branca ou indígena. Nesta revisão, foi produzido um número considerável de dados e indicadores acerca da existência de produção escravista e de concentração de trabalho escravo nas cidades e no campo. Portanto o tema de quilombo no Ceará cresceu o interesse juntamente como os demais temas relativos a população negra e movimento negro.

5.2 Um levantamento dos trabalhos sobre quilombos no ceará e laudos do INCRA

Os trabalhos científicos com relação às comunidades remanescentes de quilombos e população negra no estado do Ceará, ainda é uma pesquisa não muito valorizada e ainda é lento desenvolvimento, mas os trabalhos acadêmicos produzidos dentro das Universidades, do estado e

fora dele, tem dado visibilidade às comunidades remanescentes de quilombos no Ceará (ALVES, 2018), (FELIPE, 2018), (SÁ, 2010), (LIMA, 2015). Assim, é que se dá a apreensão desse processo histórico de resistência dos quilombolas, fazendo das lutas do tempo presente uma continuidade da história vivenciada por seus antepassados e recebem a contribuição do registro através das dissertações e teses.

Atualmente no Ceará e na historiografia sobre o período escravista, e a existência do negro, não tem mais espaço para a negação. O sentido de uma produção acadêmica engajada deverá dar sentido e percepção positiva da participação do negro na constituição sócio cultural desse Estado.

Viajando pelos quilombos e sertão/interior do estado do Ceará, percebe-se a crescente demanda por políticas públicas que atendam de fato as necessidades de trabalhadores rurais, camponeses, enfim, pessoas que usam a terra como espaço de trabalho e ressignificação de suas trajetórias enquanto grupos sociais. Dentro do papel de ressignificação da identidade quilombola e da cultura desse a presença de estudos universitários também é relevante (MORENO, 2013), (CHAVES, 2013),

Geografia e meio ambiente também tomaram os quilombos do Ceará como tema de pesquisa, dando enfoques sobre território, uso do solo e conflitos do campo (CHAVES, 2013), (LIMA, 2015), (RODRIGUES, 2016), (RATTS, 2003), (LEINEL, 2014).

A maior concentração de trabalhos sobre quilombos no Ceará estão marcadamente na área de educação (Santos, 2012), (Santos, 2017), (nascimento, 2012), (Silva/ Petit, 2014), (Silva, 2013), (Silva, p; silva, j, 2018), (Sucupira; Brandenburg; Vasconcelos, 2017), (LIMA; SILVA, 2019). Existindo estudo nas diversas universidades do estado do Ceará.

Segue a área de História com também diversas contribuições sobre o tema de quilombos no Ceará (CAXITÉ, 2005), (SILVA, 2017).

Dentre os documentos dos movimentos sociais é de destaque a Cartilha de Mapeamento dos territórios de quilombo editada pelo GRUNEC em 2011 (CARTLHA, 2011).

Complementa o conjunto de estudos sobre quilombos no Ceará os laudos antropológicos do INCRA (MARQUES, 2009, 2010, 2013).

Na área de Serviço Social encontramos apenas uma dissertação de mestrado de 2015, cuja leitura causas diversas inquietações (COSTA, 2015). Primeiro por existirem apenas duas

referências sobre trabalhos sobre quilombos feitos no Ceará, também por tratar sobre a identidade de mulheres quilombolas e ignorar por completo a variedades de trabalhos sobre identidade e gênero feitas nos diversos programas de mestrado e doutoramento do estado do Ceará.

5.3 Quilombos, Assentamentos e quilombismo no Ceará

O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da coberta de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fartura teremos
e donos de sítio
felizes serem

Cora Coralina.

Assentamento diz respeito à instalação de novas propriedades agrícolas, como resultado de políticas públicas, objetivando uma redistribuição de terras menos concentradora, cujos envolvidos são os trabalhadores rurais sem-terra e aqueles com pouca terra. O termo assentamento, introduzido pelos órgãos oficiais, dá idéia de alocação, de fixação dos trabalhadores na agricultura, daí o surgimento de uma nova categoria no espaço rural, o assentado. Esta terminologia tenta ocultar uma ação anterior dos trabalhadores que lutaram como condenado pelo direito à terra. Esses bóias-frias, posseiros, meeiros, arrendatários ou pequenos proprietários que perderam suas terras, posições ocupadas antes do assentamento, jamais foram lembrados pelos tecnocratas como ocupantes, pois, assim fazendo, os estariam considerando sujeitos do processo e não beneficiários como são cognominados.

No decorrer dos anos, os assentamentos aparecem e resistem como a consagração da luta (conquista de um objetivo – a terra), que logo se desdobram em novas perspectivas de produção, renda, moradia e condições dignas de vida e de trabalho. Pode-se especular o assentamento enquanto como ponto de chegada, ou seja, o acesso à terra permitindo a integração social. Em muitos aspectos os estudos dos assentamentos rurais se entrelaçam com os dos quilombos e das comunidades negras rurais (PERREIRA, 2018).

Do ponto de vista de ajuste ao ambiente do seu entorno, a organização da sociabilidade do assentamento apresenta característica semelhante ao do bairro rural, descrito por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1963), referente aos caipiras paulistas. O assentamento está conformando ao meio rural como um novo processo de convívio, onde se trata a recriação de condições básicas e de ajuste social para a sobrevivência e a estabilidade produção familiar. Podemos considerar o assentamento como uma comunidade em formação, onde se tinha o vazio com o latifúndio, passa-se ter vida, isto é, o convívio social e produtivo.

Quilombos são comunidades negras rurais que permaneceram nas suas terras, lutam pela posse da terra e contém uma tradição histórica baseada na permanência na localidade. Existindo na ideia de comunidade negra quanto a maioria histórica da população, sendo que hoje comporta brancos vindo por casamentos ou laços de amizade.

Os assentamentos comportam populações negras e não negras, mesmo pessoas saídas de lugares que poderiam ser nomeados como quilombos e não foram. No assentamento existe a mudança de lugar, a re-territorialização, e a reconstrução da identidade em nova localidade, sem, contudo deixar de lado a história e a memória histórica, ou seja, nos assentamentos o modo de

vida camponês é reconstruído pela fusão do passado e do presente, uma nova forma de pensar a identidade com outro nome (COSME, 2015). Sendo que o Diário do Nordeste anunciou um primeiro assentamento de negros no Ceará em 2010 (CLAUDINO, 2010).

Portanto os quilombos são marcados pela presença historicamente incontestável de populações negras, sendo que os assentamentos, estes marcam da existência ou reexistência de população negra não é demarcada, embora ocorra e ocorre em grande quantidade. Um exemplo onde os assuntos se entrelaçam é a dissertação de mestrado de Fred Ferreira, da Universidade do Recôncavo na Bahia, com o título: *Sou sem terra sou negão: raça, racismo e política racial no movimento dos trabalhadores rurais sem terra.* (FERREIRA, 2015). Os assentamentos do ponto de vista conceitual poderiam ser pensando na perspectiva de Clovis Moura e de Flavio Gomes como parte dos novos quilombos, como o campesinato negro quilombola de novas terras, ou de nova localidade de habitação produzido na forma da reforma agrária e da política de assentamentos rurais.

As identidades são dinâmicas e as formas de produção da história também o são como as dinâmicas das populações negras, portanto o conceito de quilombo urbano estas sendo um novo enfoque sobre a questão quilombola no Ceará. Marca um novo rearranjo populacional de continuidade das lutas da população nas transferências entre as áreas rurais, com alguma urbanização, que denominamos em estudo anterior como bairro rural e as comunidades urbanas das periferias urbanas.

5.4 Os bairros negros em Fortaleza um elo entre os quilombos e quilombismo urbano

Nos estados brasileiros aconteceram dois processos de alocação urbana das populações negras. Num processo as populações foram transferidas das áreas de praia e dos centros urbanos para as áreas distantes e sem infraestrutura urbana. Os processos de eugenia e higienização urbana da República também produziram estes deslocamentos de populações negras, cujos ciclos mais famosos na história urbana brasileira formam os do Porto Alegre (COSTA, 2009) e Rio de Janeiro, mas outros registros em Salvador (AURELIANO, 2010). Estas imposições de deslocamentos de população negra ocorreram também no Ceará e seus efeitos são conhecidos na região metropolitana de Fortaleza. O segundo processo foi de populações negras que habitam lugares distantes do centro e ai permaneceram, sendo incorporados pela cidade em alguns casos e em expulso para áreas mais distantes. Seja por um processo ou por outro existem bairros negros

urbanos formando o que podemos denominar como quilombismo urbano (RIBEIRO, 1995). Tratar do quilombismo urbano é uma tendência que vai se estabelecendo e ampliando as perspectivas dos estudos de quilombos no Ceará (MATIAS; SILVA; RIBEIRO, 2019).

Os territórios negros diferenciam-se não apenas pela simples presença de pessoas negras, mas pelos processos de identificação territorial pela qual essas pessoas se apreendem destes espaços, caracterizando-se pela resistência à colonialidade, seja essa resistência engajada ou não. Sendo assim, é possível falar de territórios negros mesmo quando falamos de espaços onde a população é majoritariamente negra, como no Brasil, pois não se trata de um processo de formar guetos em espaços brancos, mas do reconhecimento da multiplicidade do espaço e seu potencial político e social. Dessa forma, buscamos nos territórios negros, marcadores que os identifiquem os como tais. Estes marcadores podem ser históricos, religiosos, socioeconómicos, políticos e culturais.

5.5 Concluindo sobre os quilombos no Ceará

Na pesquisa e nos percursos pelos quilombos do Ceará ouvir alguns relatos dos mais velhos e confirmados por alguns mais jovens sobre a compra de terras quilombolas, então não se pode dizer que quilombo é só lugar para onde a população negra fugia, nem todo quilombo se originou dessa forma, houve outras formações. E entre os grupos formantes encontra-se negros escravizados, negros libertos, indígenas, brancos, os excluídos socialmente, mas que constituía um grupo que lutavam pela sobrevivência, por liberdade e por igualdade, em fim pela vida. Os mesmos relatos são presentes nas dissertações e teses sobre quilombos no Ceará.

Os quilombos no Ceará se formaram de populações que trabalharam na produção do gado, da pesca artesanal e dos produtos locais que eram para da exportação em grande escala como foi o açúcar em Pernambuco e Bahia ou o café no Rio de Janeiro e em São Paulo. No entanto existiu um intenso escravismo local ainda dimensionado de maneira precária pela história local. Devido ao dimensionamento ainda precário pela história é que surgiu a ideologia da inexistência de negros no estado. As cidades do Ceará, como Sobral, Fortaleza, Icó e Barbalha tiveram grande comunidade negra no período escravista e cuja marca principal foi a existência de Igreja de Irmandades de Pretos (CAXILÉ, 2015), (LINHARES, 2011), (MARQUES, 2009), (SOUZA, 2006), (PEREIRA, 2015), (FERNANDES, 2016).

Além dos fatores das populações do próprio estado somam-se os migrantes, tanto da Bahia, como de Pernambuco, alagoas, Piauí e Maranhão. No conjunto histórico apresenta uma complexidade à apresentação das populações negras no estado do Ceará. Na geografia da populacional negra do Ceará a população rural, como vimos neste capítulo, apresenta dois tratamentos como quilombos ou como populações negras dentro de assentamentos da reforma agrária. Tomando a referência dos movimentos negros, devido as formas de lutas sociais, aparece uma extensão da ideia de quilombo para as populações negras urbanas em lutas sociais aqui tratado como quilombismo urbano.

Algumas conclusões são importantes na revisão bibliográfica e no conjunto de depoimentos e observações realizadas sobre quilombos no Ceará. A primeira é relativa a pesquisas que hoje se concentram nas áreas de geografia e meio ambiente. Sendo depois seguidas pelas pesquisas em educação e história. Sendo nascentes as pesquisas sobre quilombos no Ceará em demais áreas das ciências humanas. O interesse sobre o tema das comunidades de quilombo cresceu desde início do século XXI.

Embora viajando pelos quilombos é notório o clima de medo quanto à discussão dos processos de posse da terra, pouca ou raríssima documentação existe a respeito. Trata-se aparentemente de um tema tabu, o registro das violências sobre as comunidades de quilombos e as pressões para o não reconhecimento do direito à terra e a demarcação das mesmas. Somente no ano de 2019 é que existem documentos do governo do estado do Ceará confirmado a existência de um número de comunidades de quilombos e levando a cabo a efetivação de políticas públicas. Cabe destaque o início em 2015 do processo de entrega de titulações e posse de terra as comunidades do Araripe – CE, na região do Cariri (RODRIGUES, 2015).

Quanto às políticas públicas para as comunidades estas parecem irem aumentando lentamente devido à atuação de reivindicação dos movimentos negros e dos movimentos específicos de quilombolas. Um dos grandes ganhos foi a política de cotas para quilombolas da UNILAB (CASTRO, 2019).

Nas realizações sobre política pública sobre quilombo no estado tem destaque a construção de dois centros de cultura negra nas comunidades de quilombo de Novo Oriente, como também da realização de um grande processo de formação de professores quilombolas realizado através de um programa de especialização da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela Professora Sandra Petit (SILVA; PETIT, 2014).

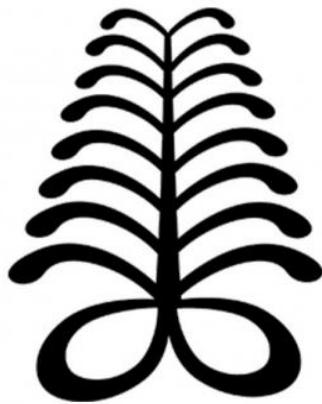
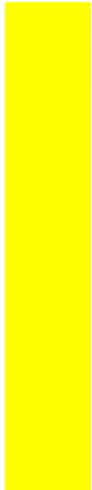
Um tema relativamente novo sobre quilombo no Ceará e que começa a surgir importantes contribuições é relativo à segurança alimentar e os regimes nutricionais de quilombos no Ceará (SÁ, 2010), (LIMA; VIEIRA, 2018).

Um tema pouco explorado, no entanto, preocupante é sobre as mudanças econômicas e com relação a produção agrícola das comunidades de quilombos. Elas eram grandes produtores e consumidores de farinha de macaxeira, sendo que as casas de farinha estão desaparecendo e os hábitos alimentares estão em mudança, mas para produtos industrializados como as massas de macarrão e outras massas industrializadas, sem nenhuma política das instituições, movimentos sociais ou estado, no sentido de reativação dessas economias (BEZERRA, 2014), (SANTOS, 2012), (SÁ, 2010).

Finalizando este enfoque sobre a produção relativa a quilombos no Ceará como o registro do Livro “Afroceará Quilombola”, que reuni um conjunto de estudo e serve como um panorama do estado da temática no estado do Ceará (SILVA; SANTOS; CUNHA JUNIOR; BIE; SILVA, 2018). E também o livro Escola da terra: conhecimentos formativos para a práxis docente do/no campo (2016). O livro é uma coletânea de artigos que resultaram de curso de aperfeiçoamento realizado entre agosto de 2014 e março de 2016, sob a organização da Profª Clarice Zientarski, da FACED, neste livro tenho capítulo com os conceitos de quilombo, o capítulo foi usado num dos módulos na formação de professores, que envolveu a cerca de 700 professores das classes multisseriadas de educação no campo, de 19 municípios do Ceará.

Dessa forma, um dos grandes desafios para as comunidades remanescentes quilombolas no Ceará, são as desconstruções das visões estereotipadas, e a criação de políticas públicas e espacialidades democráticas que lhes garantam a efetivação dos direitos sociais básicos, a manutenção e reprodução dos seus modos de vida enquanto comunidades remanescentes de quilombos.

6 O AYA: RESISTÊNCIA E PERSEVERANÇA NAS TERRAS QUILOMBOLAS



Aya é um símbolo africano pertencente ao Adinkra, esse símbolo Aya faz parte da cultura da atual região de Gana.

A simbologia está relacionada à resistência e superação, perseverança, a imagem, ou seja sua forma lembra uma samambaia, uma planta muito antiga que cresce nos locais mais adversos, tais como os vãos de uma parede de pedra, e por isso Aya é usada como símbolo de força e perseverança, e por esta razão é utilizada aqui para representar as resistências das comunidades remanescentes de quilombos aqui estudadas.

Faz-se necessário saber em que terras eu estou pisando, assim é que apresentamos localização histórica e geográfica das três comunidades quilombolas pesquisadas. O Quilombo da Base, Quilombo da Serra do Evaristo e Quilombo de Nazaré. As comunidades foram escolhidas pelas diferenças históricas constatadas em visitas anteriores. O número de três para termos um universo amplo de estudo e de trabalhos possíveis de serem realizados no tempo do doutoramento.

O estado Ceará possui um grande número de comunidades remanescentes de quilombos. Segundo dados da Comissão Estadual dos Quilombolas Rurais do Ceará (CEQUIRCE) e da Comissão Nacional de Quilombos (CONAQ), o Estado dispõe de 87 quilombos.

Neste estudo o interesse nos aspectos inter-regionais que têm relação com a geografia física e econômica das localidades e, principalmente, com o patrimônio cultural e patrimônio imaterial e material, para procurar trazer esses elementos da cultura local para a escola, estudei três comunidades quilombolas, são elas: comunidade quilombola da Base, quilombo da Serra do Evaristo e quilombo de Nazaré, essas localizadas em três regiões geográficas do estado Ceará. Sendo que o quilombo da Base, o acesso por estrada razoavelmente fácil a partir da cidade de Fortaleza, porém as outras duas comunidades o acesso é muito difícil. Quanto a escolha também a aceitação e receptividade dos líderes e quilombolas dos quilombos influiu. Porém quero frisar que em todas as comunidades por onde passei mesmo as que não fazem parte diretamente da pesquisa, eu fui bem recebida.

Embora eu conheça uma boa parte das comunidades das regiões próximas à Fortaleza, não tenho como estudar todas na tese, então corajosamente eu escolhi tratar três comunidades localizadas em três regiões geográficas do estado do Ceará, mas relativamente estas comunidades ficam geograficamente distantes umas da outra. Confesso, é preciso coragem, pernas, força e determinação para pesquisar as três comunidades, pois não é só ir lá, é conviver, é enfrentar obstáculos de deslocamentos e coleta de informações em fontes variadas, é realmente obter conhecimento.

As variações de regiões têm fortes implicações nas culturas, sendo importante a comparação entre as regiões para compreensão do contexto geral do estado do Ceará. Embora do ponto de vista da geografia as regiões são de litoral, sertão e serra, com as variações de quilombos urbanos, semi-urbanos e rurais, estes influíram nas escolhas pela diferenciação das paisagens geográficas. Por conhecer várias comunidades procurei fazer intervenção em três localidades diferentes, mas atento que, diante as comunidades escolhidas foram ponderados acesso e a disponibilidade de poder conduzir a pesquisa. Do contato com a população local e da

aceitação destas em serem pesquisadas, também as contribuições serem dadas tanto para as comunidades quilombolas como para a sociedade cearense.

Para escolher as comunidades, nas quais realizei a pesquisa, eu segui alguns quesitos como região geográfica, elementos históricos e culturais, objetivos científicos acadêmicos, também a relação de socialização e afinidade. Escolhi quilombo da Serra do Evaristo por sua história. A Base e Nazaré por todos os motivos citados, e mais por essas terem me levado a dimensões inter-relacionais com minha terra natal. Na Base as casas de farinha parecem com as casas de farinha que eu visitei na minha infância no Maranhão. Nazaré as palmeiras de coco babaçu que se parecem com as do Maranhão criando uma semelhança de paisagens. Também trata-se de um quilombo que permanece com grandes tradições construtivas das casas e dos fogões a lenha das cozinhas.

Assim escolhi as comunidades quilombolas estudadas com o propósito de contribuir com a análise e interpretação das questões que envolvem a educação quilombola do campo, patrimônio cultural das terras remanescentes de quilombos, e pela relação presente na constituição desses territórios tradicionais, relativamente às questões do marco temporal, da tradicionalidade, dos direitos culturais e da autodeclaração como direitos fundamentais, trazemos aqui uma produção acadêmica sobre os assuntos, em perspectiva multidisciplinar, e pesquisamos três comunidades quilombolas, as quais estão situadas no estado do Ceará.

O trabalho traz as três comunidades quilombolas cearense dentre muitas, foi o caminho escolhido para exame das diferentes vivências históricas e culturais, que estas venham a corroborar para a aplicação e desenvolvimento da educação quilombola.

Então vamos adentrar nas comunidades de quilombos, são elas: Comunidade quilombola de Nazaré - Arapari - Itapipoca, comunidade quilombola da Base-Pacajus e comunidade quilombola Serra do Evaristo - Maciço de Baturité.

6.1 Municípios de Itapipoca “a terra dos três climas”

Fui convidada a ir ao município de Itapipoca, nas idas e vindas, busquei conhecer a terra dos “três climas”, conhecida assim, por ter territórios de serra, sertão e mar. E através das idas a Itapipoca, estas me levou adentrar a porteira da Comunidade do quilombo de Nazaré.

Figura 41 – Praças dos três climas.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2016).

O Município de Itapipoca tem uma população da ordem de 130 mil habitantes, está localizado, na região administrativa norte do estado e possui o Distrito de Arapari, neste há as terras de pretos, o Quilombo de Nazaré.

Itapipoca faz parte do Setor Litoral Oeste do estado do Ceará, juntamente com os municípios de Paracuru, Paraipaba, São Gonçalo do Amarante e Trairi. Localiza-se na mesorregião geográfica Norte Cearense. O Município possui uma área absoluta de 1.614,68 km², que corresponde a uma área de 0,8% do Território Cearense. A Sede municipal situa-se na latitude 3°21'42" sul e longitude 39°49'54" oeste, distante cerca de 130 km da capital, Fortaleza (IPECE, 2012).

Figura 42 - Mapa de Itapipoca e distrito de Arapari onde se situa o quilombo.



Fonte: Google.

O Município de Itapipoca limita-se ao norte com o oceano Atlântico, ao sul com Itapajé, ao leste com Trairi, Tururu e Uruburetama e ao oeste com Miraíma e Amontada. A malha rodoviária que atende o Litoral Oeste conta com rodovias federais (BRs) e estaduais (CEs). Em relação ao Município de Itapipoca, o acesso pode ser feito pela CE-354, CE-085 ou pela BR-402 e BR 222. O acesso ferroviário em Itapipoca está sendo utilizado apenas para o transporte de cargas (SEMACE, 2005).

É um município grande, bem desenvolvido, com um forte comércio, onde tem as várias lojas, tem mercado tradicional, tipo feira livre, no centro da cidade, neste ainda feito o comércio no modo antigo, as bancas. E também ao lado do mercado para os paus-de-arara que circulam no interior. O município tem igrejas, escolas e uma forte estrutura urbana.

Figura 43 – Igreja em Itapipoca.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Esse município, assim, como outros do estado do Ceará, tem em suas origens históricas a presença de africanos livres e cativos, cuja mão de obra foi empregada na lavoura da cana, do café e da banana. A localidade do quilombo de Nazaré situa-se na região serrana do Município de Itapipoca, na divisa entre os municípios de Itapipoca e Uruburetama.

6.1.1 Comunidade Remanescente Quilombola de Nazaré – Arapari

Nazaré, uma das localidades de estudo desta pesquisa, localiza-se no Distrito de Arapari, Município de Itapipoca, distante cerca de 130 km quilômetros de Fortaleza, a capital do estado do Ceará.

Como eu cheguei a Nazaré, primeiro conheci a Aurila Maria de Sousa Sales, e depois o Professor Régis, ele não é do quilombo, mas é professor em Itapipoca. A Aurila é quilombola, professora e faz parte da liderança quilombola. O Régis é professor de história no município de Itapipoca.

Aurila e ele, ambos muito interessados nas questões raciais e quilombolas, então em andanças nos quilombos, eu os reencontrei em Itapipoca, em 2013, quando eu fui técnica formadora no plano de Igualdade Racial do Estado do Ceará. Então eu a desafiei enquanto mulher e liderança quilombolas a trazer seu povo ao mundo, dar visibilidade. E ali conheci também o professor Regis, ele muito interessado na temática afro, o convidei para participar nas nossas atividades, o Artefatos da Cultura Negra e o Memórias de Baobá, que são dois grandes eventos organizados pelo nosso eixo de pesquisa.

Como resultado da convivência com estas pessoas, então fui convidada a realizar formação, palestras e oficinas no quilombo de Nazaré e no município de Itapipoca.

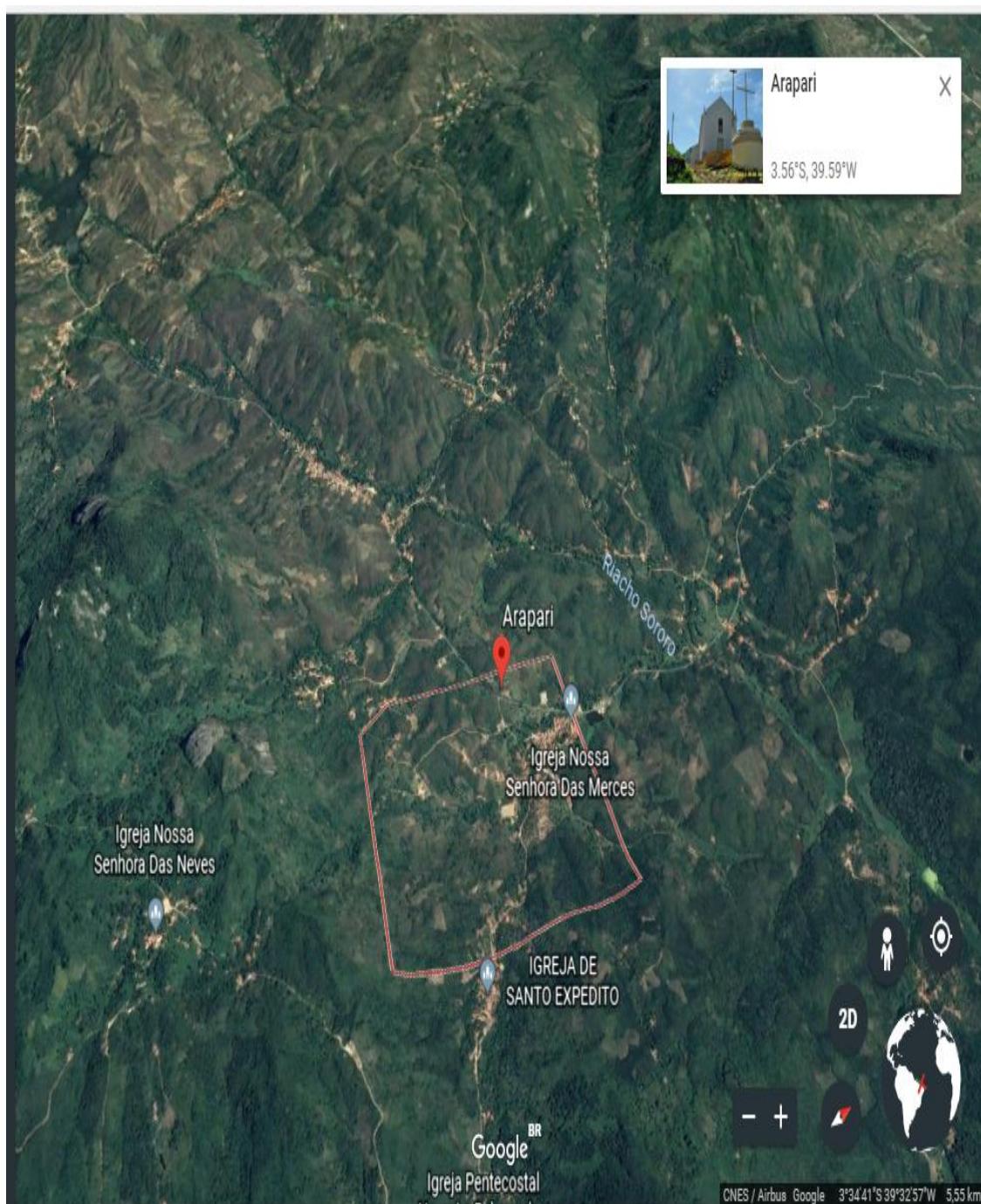
Assim fui abrindo caminho para a pesquisa nesta comunidade, construindo pontes e conhecendo a terra, também arando e semeando sementes de resistência, de igualdade, de ancestralidade para o viver quilombola.

Em 2015 fui convidada para ministrar uma palestra na comunidade quilombola de Nazaré, está me chamou muito a atenção pela quantidade de palmeiras de coco babaçu, pois logo me lembrei de minha terra natal, Maranhão. Então sentir desejo de retornar e conhecer mais a comunidade, e logo veio o final do ano e, com este o tempo de fazer o meu projeto de doutoramento. Pensei em continuar a pesquisa no quilombo de Alto Alegre, mas Nazaré não me saia da cabeça. Foi aí que num rompante de coragem escolhi pesquisar três comunidades de regiões diferentes, a começar por Nazaré. Foi se fortalecendo um relacionamento de confiança e conhecimento com o quilombo de Nazaré e seus quilombolas.

Em 2016 passei na seleção de doutorado do programa de educação da UFC, em agosto do mesmo ano iniciei os estudos e, em novembro fui convidada a participar de um evento chamado Festival Balaio Negro – Quilombos de Resistência contra golpes reacionários, este realizado no município de Itapipoca, onde se localiza o quilombo de Nazaré. Fui para Itapipoca e também para a comunidade de Nazaré, passei uma semana no município, onde realizei formação e palestras para os professores e quilombolas. A partir dessas explicações sobre as aproximação com as comunidade passamos as localizações e histórias.

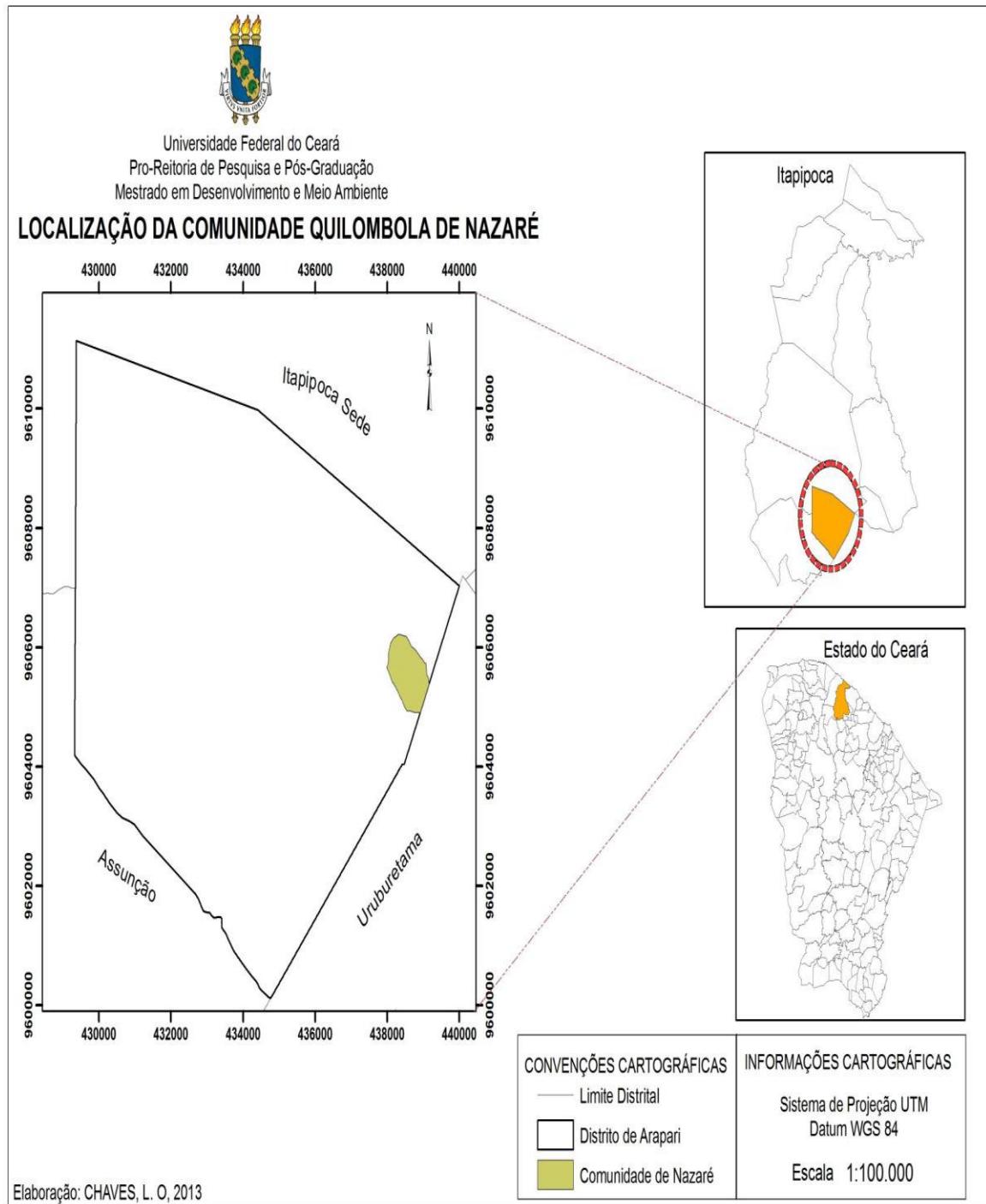
A comunidade quilombola de Nazaré, localizada no distrito de Arapari, este fica situado no município de Itapipoca. O mapa da figura número 6.4, mostra a região e o mapa da figura 6.5, amplia a localização.

Figura 44 – Mapa via satélite do distrito de Arapari no município e Itapipoca. Mapa de Arapari – Nazaré.



Fonte: (Google Earth).

Figura 45 – Mapa de localização da comunidade quilombola.



Fonte: Chaves, L. O. (2013).

Figura 46 – A igreja em Arapari, no caminho do Quilombo.



Fonte: Marlene P. dos Santos (2019).

O clima da localidade é relacionado com o relevo de serra que apresenta entre 640 a 750 metros de altitude, encontrando-se a 13 km da Sede municipal (Itapipoca). Esta região, onde hoje, se encontra a Comunidade Quilombola de Nazaré, foi ocupada por colonizadores e por quilombolas, estes apresentados nas notícias de jornais como fugitivos desde o final do século XVIII.

A geografia da localidade, com altitudes elevadas, relevo acidentado e vegetação densa e de acesso difícil foi circunstancial para a manutenção das atuais condições de vida dos moradores locais.

No presente, a acessibilidade ainda é laboriosa, pois não são todos os veículos que conseguem realizar o percurso; alguns deles foram adaptados para realizar o transporte de pessoas.

A comunidade quilombola é formada por aproximadamente 51 famílias e reúne cerca de 280 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. A comunidade começou ainda no período da colonização do Brasil. Segundo narram os mais velhos da localidade, acredita-se que o nome da comunidade, Nazaré, tenha influência da religiosidade cristã.

A comunidade quilombola de Nazaré foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente de Quilombo em 26 de novembro de 2007.

As 51 famílias que formam a comunidade vivem em sua maioria da agricultura de subsistência, criação de pequenos animais, extrativismo vegetal e prestação de serviços. Residem na localidade há quatro gerações e constituem sua organização social com fundamento nas

relações de parentesco, manifestações religiosas e criação das associações de moradores e quilombolas, garantindo assim a permanência no território tradicionalmente ocupado.

Situados em uma região geográfica de acesso difícil, os quilombolas de Nazaré não sofreram apenas com os conflitos pela titulação das terras, mas também com a negligência do poder público local e estadual. Pois ainda é muito difícil o acesso ao quilombo. Para subir a serra tem que ser de “pau-de-arara” (um caminhão aberto e com uns bancos de madeira) ou motocicletas, o meio de transporte mais usado é o pau-de-arara. O pau-de-arara sai do quilombo, todos os dias por voltas das 6:0h da manhã, desde a serra com destino ao centro do município. E o seu retorno ao quilombo é às 11h30min.

O deslocamento do quilombo de Nazaré para Itapipoca é realizado assim, veja a fotografia 47, um pau-de-arara cheio de gente pronto para sair do quilombo de Nazaré, neste dia saindo a, pois atividade realizada com professores no quilombo, o caminhãozinho estava pronto para descer a serra e levar os professores para o centro do município. Eis a imagem do pau-de-arara, nome dado aos caminhões que transportam pessoas.

Figurara 47 - Pau-de-arara cheio de gente (professores).



Fonte: acervo do quilombo.

As figuras 48 e 49, mostra o meio de transporte usado para ir ao quilombo, esses são caminhão pau-de-arara.

Figuras 48 e 49 - Paus-de-arara que vão para o Quilombo.



Foto: Marlene Santos (2019).

As viagens ao quilombo são jornada perigosa pelos meios de transportes, por uma estrada estreita com muitos precipícios. São caminhos por onde trilharam os ancestrais, sendo que em tempos passados, eles andavam a pé, e alguns tinham animais de carga, como jumentos, mulas. Hoje para ir ao município os quilombolas ainda sofrem com estradas ruins, falta de transporte, porém o caminho tem suas belezas naturais. E as figuras 50 e 51 demonstram como é o caminho, parte é barro, outra são paralelepípedos, mas em condições ruins.

Figuras 50 e 51 - Caminho para o quilombo.



Fonte: Marlene Pereira Santos (2019).

Fiz esse trajeto várias vezes. Já fui de pau-de-arara, de carona em carro particular, no entanto, a mais perigosa aventura foi na garupa de uma motocicleta e eu estava sem capacete. Sem falar que ao chegar ao topo da serra onde se localiza o quilombo, o transporte vai até às

primeiras casas, o restante trajeto para chegar à maioria das casas é de 2 a 3 Km a pé. Uma caminhada tranquila durante o dia sendo que à noite se enfrenta algumas dificuldades. Por veredas escuros, estreitas, cheias de pedras, barros, mato e árvores. Um trajeto sem iluminação elétrica, contando com lanternas, quem as tem, e com a lua, isso é, quando ela aparece, ou seja, quando é noite de lua, então se conta com a luz da lua também.

O quilombo de Nazaré tem logo na entrada um campo de areia, uma área muito bonita, com árvores, plantação de cana-de-açúcar e bananeiras, uma casa de farinha e um engenho. Estes funcionam uma vez ao ano. Andando mais um pouco avistamos, em um alto, uma casinha, onde funciona às vezes como igreja, no decorrer da semana como escola do ensino infantil, e também de salão de reunião e atividades culturais.

Figuras 52 - Campo de Futebol e Centro ou entrada do quilombo, mostra uma linda paisagem com plantação de bananas, também árvores dois jumentos amarrados à árvore, esses são usados por alguns moradores como transporte de carga. E abaixo as figuras 54 e 55, apresenta uma casa de farinha, e que também é um engenho.

Figuras 52 e 53 - Campo de Futebol e Centro ou entrada do quilombo.



Fonte: Marlene Pereira dos Santos.

Figura 54 - Casa de farinha e engenho; Figura 55 - Casa de farinha.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Figura 56 e 57 - Salão comunitário (escola e igreja).



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2019, e acervo da comunidade.

É um verdadeiro encanto andar pelo quilombo de Nazaré, porém para que habitas na comunidade mesmo já estando acostumados, enfrenta dificuldades no dia a dia, de locomoção dentro quilombo e deslocamento para o município. Outras dificuldades como: a falta de água encanada nas residências falta de terra para produção e para construção de moradia, desemprego, pois falta emprego, faltam de escolas, estrada boa e transporte. E principalmente implantação do programa saúde da população negra. Mas sigamos quilombo adentro.

Pois saindo do campo a entrada da comunidade, segue-se por veredas, ou seja, por caminhos estreitos por dentro do mato para adentra na comunidade, só assim pode chegar onde mora a maior parte das famílias do quilombo. Então começa a aparecer as casas, as figuras 58 e 59, representam um pouco dessa realidade.

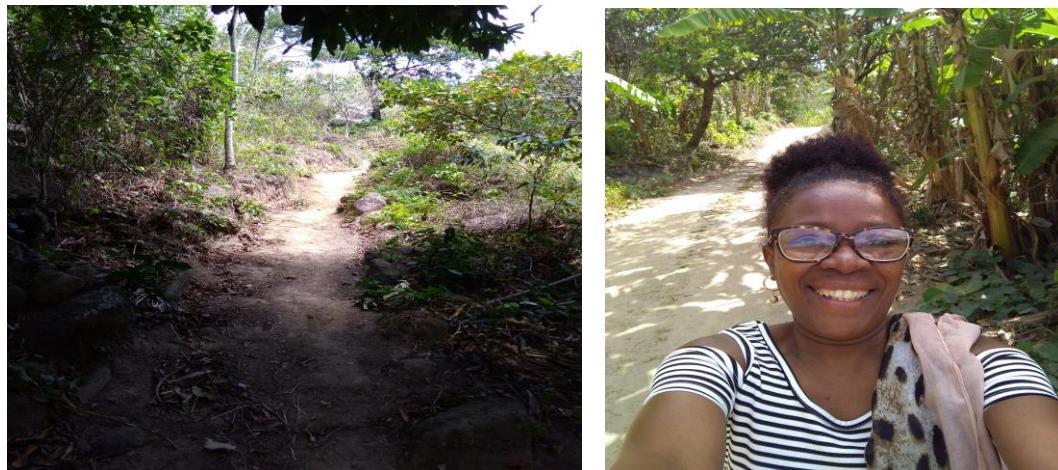
Figuras 58 e 59 - Caminhos dentro da comunidade.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Saindo das primeiras casas, mas seguindo no caminho, desbravamos ou visualizamos, e adentra-se ao quilombo de Nazaré. Assim veja as figuras 60 e 61, mostram os caminhos e paisagens do quilombo.

Figuras 60 e 61 - Caminhos do quilombo.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Então esses lugares, caminho, paisagens, é o modo de viver, tudo isso é o quilombo de Nazaré.

6.1.2 Tecendo o patrimônio cultural

No segundo capítulo tratamos das definições e conceitos, e dados estes conceituamos patrimônio imaterial e material, porém aqui tratamos de patrimônio cultural imaterial e material, para falar daqueles patrimônios que ainda não foram registrados ou reconhecidos pelo IPHAN, mas trata de saberes, fazeres de comunidades tradicionais, como os quilombos, e que muitos de seus fazeres cotidianos, suas celebrações e as próprias pessoas são patrimônios culturais.

Então quilombozando, percorrendo a comunidades, observando, conversando com um aqui, outro ali, assim percebi que o quilombo de Nazaré ainda mantém a tradição, ou seja, seus hábitos antigos junto aos novos, no seu modo de viver, mesmo hoje, pois pode se dizer que o moderno e o tradicional estão juntos. Exemplo, algumas casas ainda são de taipa, casa com fogão a gás, mas também prevalece o fogão a lenha, e até pessoas que ainda fazem trempe (uma espécie de fogareiro no chão no chão) para cozinhar.

A maioria das casas, onde habitam os quilombolas, ainda são de taipa, outras partes de taipa e parte sem ser de taipa, e também algumas que já são construções novas, feitas nos modos hoje, tijolos, cimento telhas. As fotografias das figuras 62, e 63 apresentam aspectos da cultura do quilombo.

Figuras 62 e 63 – Tipos de casas (habitação).



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Figura 64 - casinha de taipa.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Figura 65 – Trempe (fogareiro no chão). Figura 66 - Fogão a lenha; Fogão a gás.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

6.1.3 Pesquisas acadêmicas realizadas sobre a comunidade

Algumas comunidades quilombolas são alvos de estudiosos, de pesquisadores, assim tornando-se campos de pesquisa, e o quilombo de Nazaré não ficou de fora, busquei saber que trabalhos acadêmicos foram realizados sobre a comunidade, então o que já se pesquisou sobre Nazaré, foi:

- ✓ Título: Terra quilombola de Nazaré: organização social e espacial, município de Itapipoca – Ceará. Trabalho realizado pela Leilane Oliveira Chaves, no ano de 2013.

6.2 Além Do Horizonte – Pacajus

O município de Pacajus é vizinho do município de Horizonte. Como já mencionado, desde 2007 conheci o quilombo de Alto Alegre, situado em horizonte. Nas andanças por lá ouvi muito falar do quilombo da Base. E quando conversava com os mais velhos, eles diziam: Aqui era um quilombo só, tudo era família.

Depois foi dividido, então parte da família ficou do lado de lá e parte ficou do lado de cá, mas somos quase todos da mesma família. Isto é com a emancipação de Horizonte que era Pacajus, também dividiu o quilombo, a parte que fico localizada no município de Horizonte é a comunidade quilombola de Alto Alegre e a parte que continua localizada no município de Pacajus é a comunidade quilombola da Base.

Durante a pesquisa de mestrado fui algumas vezes ao quilombo da Base, onde constatei que as negras raízes da Base e Alto Alegre são a mesma, existem relação com sanguínea e histórica. O município de Pacajus, onde está localiza a comunidade remanescente de quilombo da Base, este fica justamente ao lado da comunidade de Alto Alegre. São bem próximas em vários sentidos, geográfico, relações familiares e vivências.

Então, é comum alguns moradores de Horizonte brincarem com moradores de Pacajus, uma dessas brincadeiras eu ouvi de um colega, durante meu curso de especialização em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE. Usando a música *Além do Horizonte*, do Roberto Carlos E Erasmo Carlos, quando vai falar de Pacajus, se faz uma brincadeira em cima da música e fica mais ou menos assim:

“Além do horizonte nada existe. Além do horizonte só tem mato no lugar” Porém para falar de Pacajus, eu canto:

Além do Horizonte fica Pacajus

Além do Horizonte existe um lugar

Bonito e tranquilo para gente amar

Além do Horizonte existe um lugar

Bonito pra gente morar

E para estudar

Além do Horizonte deve ter um lugar

Bonito e com muitas, culturas pra eu pesquisar

Além do horizonte tem um lugar

Onde eu possa encontrar, um lindo quilombo para sua história contar

Lalalalalalala

Além do horizonte existe Pacajus

Lá onde existe o quilombo da Base

Com história afro-brasileira

Além do horizonte existe um lugar bonito

E com quilombo para se pesquisar

Lalalalalalala, Lalalalalalarala

Além do Horizonte fica Pacajus

E em Pacajus o quilombo da Base

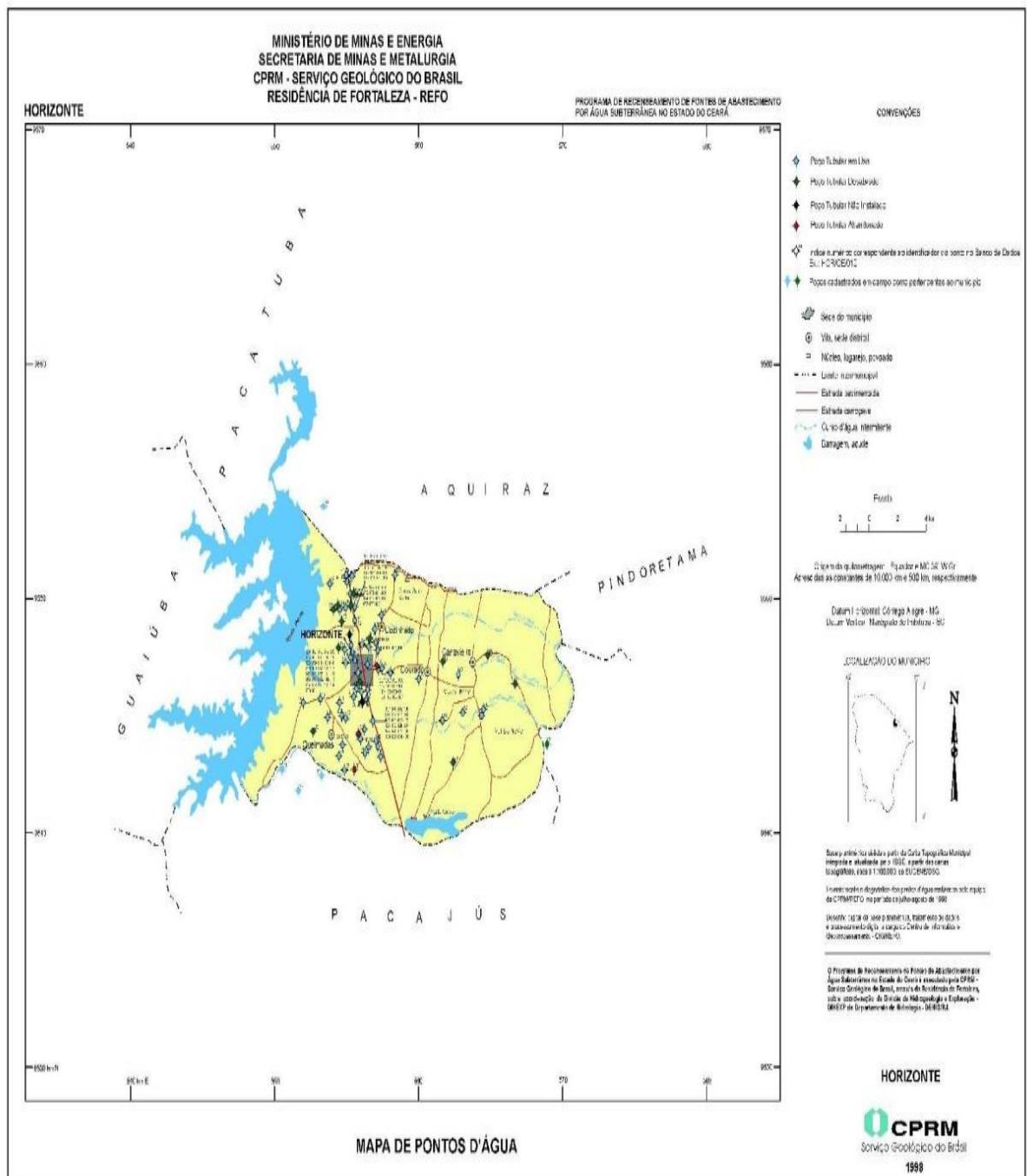
Lalalalalalala, Lalalalalalarala.

Marlene Pereira dos Santos, (2017).

Pacajus é um município do estado do Ceará, à distância para Fortaleza é de 51,1 km. A via de acesso para a capital Fortaleza é a BR-116. Localiza-se na Região Metropolitana de Fortaleza. O município surgiu na região entre às margens do rio Choró e rio Acarape e, era habitada por índios como os Jenipapos, Kanyndé, Choró e Quesito, segundo relatos estes foram os fundadores de Pacajus.

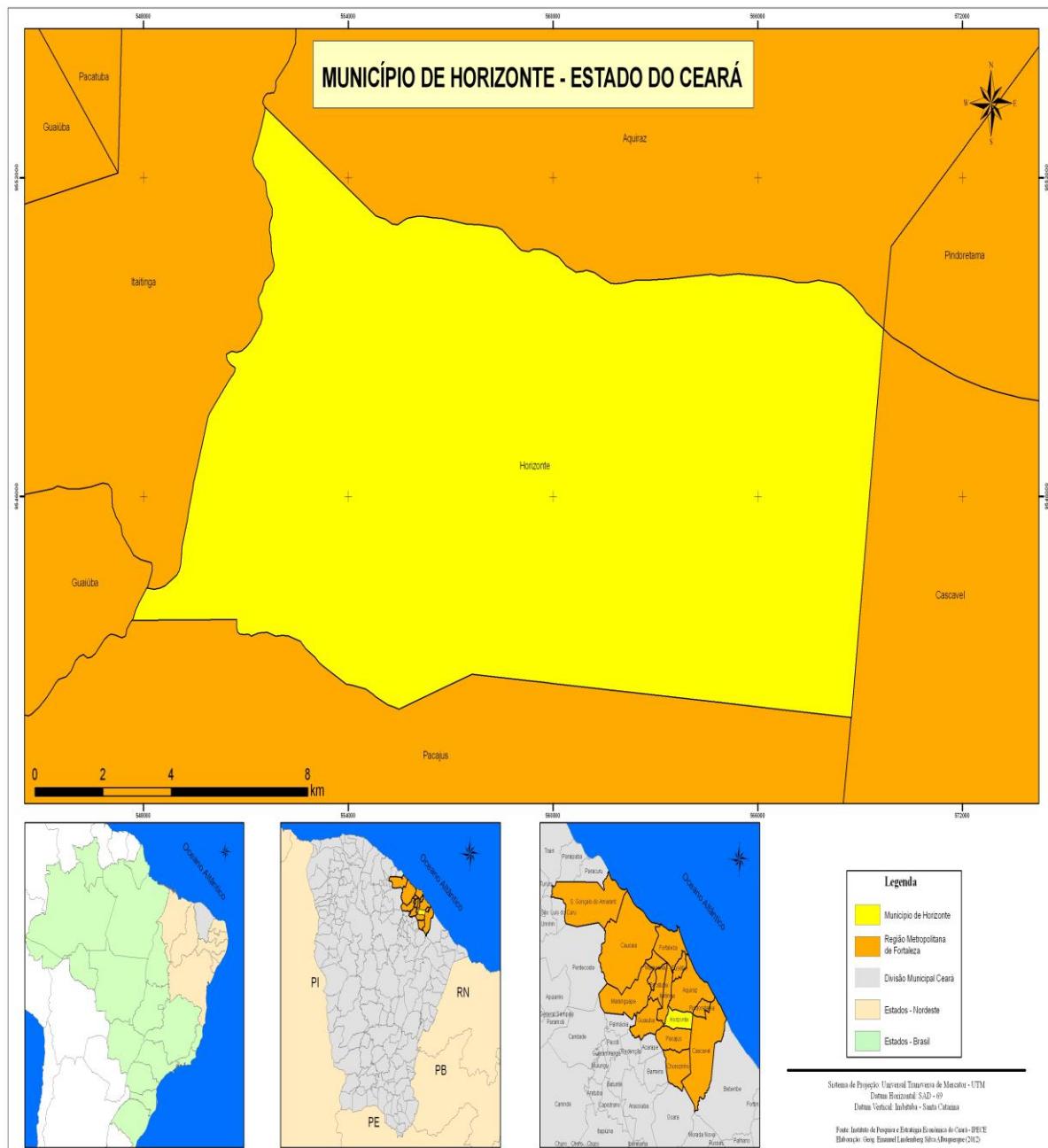
Mapa de Horizonte, pois esse e Pacajus já foram um só, e há ligações de ambos os municípios, e em Pacajus é onde se localiza a comunidade da Base.

Figura 67 – Mapa da região do município de Horizonte.



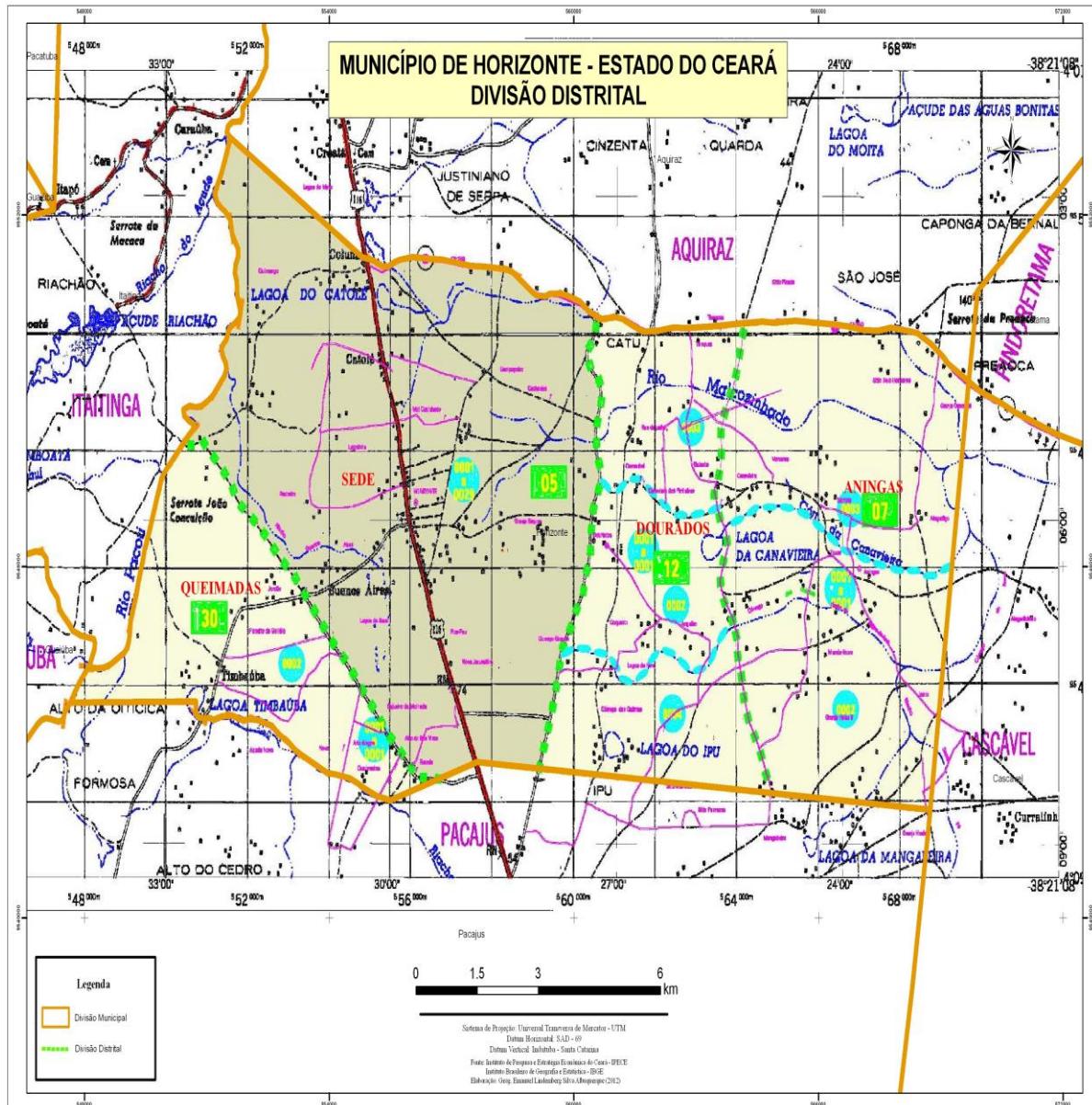
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 68 – Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 69 – Mapa do município de Horizonte – Estado do Ceará e divisão distrital.



Fonte: SANTOS, (2012)

Trago os mapas de Horizonte, pois preciso deles para localizar o quilombo da Base geograficamente e historicamente, pois existe uma relação não só de terras, mas uma relação familiar na origem das comunidades quilombolas de Alto Alegre e da Base. São duas localidades de uma mesma família quilombola, divididas por um rio. Neste trabalho estamos focalizando a comunidade de base, que pela demarcação geográfica oficial encontra-se no município de Pacajus na divisa com o município de Horizonte. Portanto parte dos dados da comunidade são referidos a cidade de Pacajus e outros a cidade de Horizonte.

Segundo as informações dadas pela prefeitura de Horizonte, a cidade é um centro urbano de industrialização recente, constituído nos últimos 20 anos, parte da Mesorregião metropolitana de Fortaleza, ficando distante 40 km desta cidade. No passado a região foi considerada agrária e dependente da produção de caju. A referência inicial topográfica de Horizonte era Olho d'Água do Venâncio.

Juntamente com a referência de Olha d'Água do Venâncio constam as origens no século passado dos denominados fundadores do povoado, Manoel Luiz da Silva, João Raimundo e Manuel Conrado Ribeiro que adquiriram as terras do então proprietário José Eufrásio de Oliveira. Inicialmente a localidade estava associada aos municípios de Aquiraz até 1933, sendo que de 1935 em diante fica pertencente ao município de Pacajus e em 1965 obtém a autonomia em relação a este. Assim sendo vemos também as histórias interligadas Pacajus /Horizonte, Alto Alegre/quilombo da Base e, no dia-a-dia e alguns documentos se refere da seguinte maneira: quilombo de Alto Alegre e adjacências para localização do nosso espaço, de interesse do ponto de vista da História e, principalmente da geografia legal.

A cidade de Pacajus tem a sua origem em 1890, sendo no início um aldeamento indígena denominado Monte Mor e depois renomeado como Guarani. Em 1920 a localidade pertenceu ao município de Pacatuba sendo restaurada a autonomia em 1935. A denominação de Pacajus foi adotada em 1943.

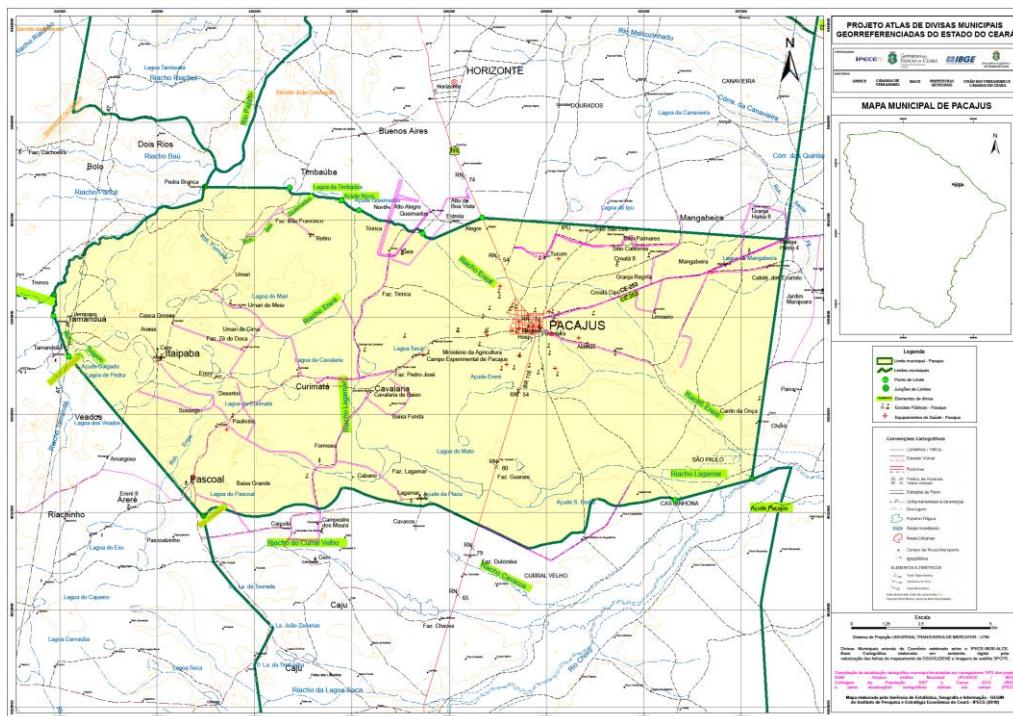
No entanto, a história da localidade remonta ao início de 1700 onde colonos portugueses disputavam a região com povos indígenas. A região fica compreendida entre o rio Açu, a Serra do Apodi e o Baixo Jaguaribe. O mapa da figura 69 apresenta a região. Os municípios limítrofes são: Horizonte, Chorozinho, Cascavel, Guaiuba e Acarape.

Figura 70 – Mapa do Ceará localizando Pacajus.



Fonte: Google, acesso em 19/5/2020.

Figura 71 – Mapa de Pacajus.



Fonte: Google,cesso em 19/5/2020. https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/02/mapas_municipais_Pacajus_2019.pdf

As comunidades de remanescentes de quilombos são frequentes em diversos dos municípios vizinhos a Horizonte. Justamente ao lado da comunidade de Alto Alegre existe a comunidade da Base na cidade vizinha Pacajus, distante 4 km, também se apresenta a comunidade de quilombo de Lagoa dos Ramos no município de Aquiraz. A presença de população negra na região existe como referência desde a época do início do povoamento por portugueses no início do século XVIII.

Durante a pesquisa de mestrado fui algumas vezes ao quilombo da Base, onde constatei que as negras raízes da Base e Alto Alegre são a mesma, existem relação com sanguínea e histórica. Então vamos para o quilombo da Base.

6.2.1 Comunidade Quilombola da Base

A comunidade quilombola da Base e adjacência compreendendo as comunidades Caetano e Retiro, localizadas no município de Pacajus no estado do Ceará,

A comunidade da Base no município de Pacajus, esta fica a distante 4 km uma da comunidade de Alto Alegre, separadas geograficamente pelo o riacho do Ererê. Porém antes do Riacho tem o início, o caminho que leva ao riacho, o qual faz divisa entre Base e Alto Alegre, para além do horizonte, está o quilombo da Base, eis abaixo o caminho, a figura 72, é uma rua do quilombo de Alto Alegre que leva e liga o quilombo da Base, as figuras 73, 74 e 75, demonstra o riacho do Ererê em fases diferentes, quando está cheio quando está seco.

Figura 72 – O caminho de Alto Alegre a Base.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2017).

Figura 73 – Riacho do Ererê cheio.



Fonte: SANTOS, M.P. dos. (2011).

Figura 74 e 75 – Riacho do Ererê quando está seco.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2012).

Os quilombos Base e Alto Alegre possuem o mesmo percurso histórico, como origens, tradições, usos do território, representações e práticas culturais. Uma identidade étnico-racial construída por meio de relações de parentesco estabelecidas entre as famílias Bento, Chagas, Gadelha, Ferreira e Ramalho, que juntas configuram um mesmo grupo étnico, o que define assim os sinais de quem pertence ao grupo. Portanto, às vezes pode-se afirmar que existe um único território quilombola, já que a sua divisão se deu apenas por conta da emancipação política do município de Horizonte. Este foi distrito de Pacajus até 1987, ano o qual obteve sua autonomia político-administrativa.

As comunidades quilombolas de Alto Alegre e Base são “irmãs gêmeas” que foram separadas, porém são vizinhas, e localizam-se, respectivamente, em Horizonte e Pacajus, sendo que a primeira está a 5 km e a segunda a 8 km de distância das sedes de seus respectivos municípios. A fronteira entre essas duas cidades é demarcada pelo curso do riacho Areré, que igualmente estabelece os domínios das duas comunidades quilombolas. Estas possuem, aproximadamente, 375 famílias, que se auto-identificam como quilombolas. Alto Alegre e Base possuem o mesmo percurso histórico, como origens, tradições, usos do território, representações e práticas culturais. Uma identidade étnico-racial construída por meio de relações de parentesco estabelecidas entre as famílias Bento, Chagas, Gadelha, Ferreira e Ramalho, que juntas configuraram um mesmo grupo étnico, o que define, dessa forma, os sinais de quem pertence ao grupo. Portanto, pode-se afirmar que existe um único território quilombola, já que a sua divisão se deu apenas por conta da emancipação política do município de Horizonte. Este foi distrito de Pacajus até 1987, uma vez que, nesse ano, obteve sua autonomia político-administrativa.

O quilombo da Base foi certificado como Comunidade Remanescente de Quilombo, em 19 de maio de 2006 pela Fundação Cultural Palmares, mediante a auto definição de quilombolas dos moradores, e também pelo seu histórico.

O quilombo da Base tem 155 famílias e a maioria dos quilombolas da Base possuem laços familiares sanguíneos com os quilombolas de Alto Alegre e adjacências, pois ante da divisão de Pacajus e Horizontes os quilombolas eram todos moradores no mesmo município e, também com uma forte ligação sanguínea porque se casavam entre parentes. Assim hoje partes dos familiares moram no quilombo da Base e outra parte mora no quilombo de Alto Alegre. Mesmo separados geograficamente há uma unidade entre os moradores dos dois quilombos.

Logo, o mito criador das duas comunidades é o mesmo e, ambas têm como fundador do quilombo o Nego Cazuza, assim os mais velhos descendentes do Negro Cazuza narram a história. Nas duas comunidades conta-se a mesma história, e conta que: Cazuza fugiu de um navio negreiro, e foi parar em Pacajus.

A história mítica narrada pelos habitantes de Alto Alegre e da Base é que a origem deles vem da Família do Cazuza, um africano que supostamente chegou ao Brasil depois das leis que proibiam o transporte de africanos para cá e foge de um dos navios ancorados na Barra do Ceará.

E essa história é contada pelo o senhor Manoel Vicente da Silva, mais conhecido como Pai Vicente, de 94 anos, bisneto de Cazuza, ele é morador do quilombo da Base, mas o seu irmão

Cirino Augustinho da Silva, que morava em Alto Alegre também narrava a mesma história do bisavô Cazuza, e foi através das narrativas dos dois bisnetos que conheci a saga do nego Cazuza.

Ele foi traficado como muitos africanos, felizmente ele conseguiu fugir, chegar em Pacajus, sofreu, mas formou família, e foi assim que se formou o quilombo da Base. E esse como os outros quilombos, não ficou parado no tempo, pois se busca melhorias, vai se construindo, e se reconstruindo. A comunidade tem igreja Nossa Senhora da Saúde, casa de farinha desativada, associação, uma escola. As figuras 76, 77 trazem algumas dessas localidades do quilombo como: a Escola Ensino Fundamental Nely Gama Nogueira, a figura 78, Associação Remanescente de Quilombola da Base (ARQUIBA). Eis abaixo as imagens da E. E. F. Nely Gama Nogueira.

Figura 76 e 77 – E. E.F. Nely Gama Nogueira.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Figura 78 – Associação Remanescente de Quilombola da Base (ARQUIBA).



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

O quilombo da Base, seu patrimônio cultural imaterial nos é revelado pela fala dos quilombolas mais idosos, quando nos fala suas memórias das casas de farinha, das festas realizadas no passado e do seu antepassado, o qual fundou o quilombo.

6.2.2 Tecendo o patrimônio cultural

O acervo de propriedades acumuladas por uma população em um dado território é seu patrimônio, e as comunidades tradicionais, as comunidades remanescentes de quilombos são possuidoras e construidoras de patrimônios. O patrimônio cultural é a expressão dos meios que conferem um legado histórico cultural e também a identidade de um povo.

Falando de patrimônios que ainda não foram registrados ou reconhecidos, mas trata de fazeres, de hábitos das comunidades tradicionais, como o quilombo da Base.

Observamos o modo de vida no quilombo da Base, percebe-se a permanência do respeito aos anciões da comunidade. Recordo uma das minhas tardes sentadas na sombra em frete casa da família que me acolheu no quilombo, entre conversas não formal e entrevistas com pessoas da comunidade. Pois enquanto conversávamos na calçada de uma casa em frente, de instante em instante passava alguém em frente, e lhes pedia a benção; do mais novo ao mais adulto, todos que passavam por ali pediam a benção. Mesmo fato, observei ao conversar com outros (as) mais antigos da comunidade. Da mesma forma observou-se a continuidade de algumas atividades como a de curandeiro; o dia que estava com o Vô Vicente, com o Sebastião, é assim os mais novos respeitando os mais velhos. Esse e outros exemplos, como a memória das roças, plantio de mandioca, casa de farinha e da produção de farinha.

Os quilombolas da Base habitavam em casa de taipas com quintais interligados, viviam da agricultura, plantavam mandioca, milho, feijão, e faziam farinha, mas o tempo passa e com ele algumas coisas se vão, porém ainda os mais velhos, mesmo com dificuldade ainda fazem pequenas roças. E em meio às novas moradias ainda resiste um ou duas casas antigas, a casa de taipa. Hoje também enfrentam dificuldades como: infraestrutura da estrada de acesso falta de uma ponte sobre o rio Ererê, Projetos Sociais, educativos e culturais, e Processo de titulação da terra que precisa acontecer. As figuras 79 e 80 representam as casas de taipa, e a 81, 82 apresentam as casas de farinha.

Figuras 79 – Casa te taipa, habitação antiga.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2012).

Figura 80 – Casa de taipa.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 81 e 82 - Casa de farinha.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2012).

6.2.3 Resumo dos trabalhos encontrados e quadro das pesquisas já realizadas na comunidade da Base

Sei que hoje as comunidades remanescentes de quilombos no Ceará começam a se tornarem lugares visados por alguns curiosos, estudantes de escolas e universidades e também por pesquisadores, na busca de saber o que é um quilombo.

Como também, alguns quilombolas estão começando a adentra as universidades, com isso, alguns demonstra o interesse em registrar a história da comunidade. São os trabalhos de pesquisa já realizados sobre o quilombo da Base:

- ✓ Título: Incursão na História e Memória da Comunidade de Quilombo de Alto Alegre-Município de Horizonte - CE. 2012. Autora: Marlene Pereira dos Santos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, 2012.
- ✓ Título: História, Memória e Identidade do Território Quilombola de Alto Alegre e Base. Autor: Geimison Falcão de Lima. Dissertação de mestrado - 2020.

6.3 Município de Baturité a terra do café

Baturité é um município do estado do Ceará. Localiza-se na microrregião de Baturité, mesorregião do Norte Cearense. Sua população estimada no último censo é de 32.968 habitantes que representa cerca de 0,38% da população do estado de Ceará.

Baturité é a terra natal de Franklin Távora, escritor do romantismo, autor de *O Cabeleira*; de Luiz Severiano Ribeiro, o fundador do Grupo Severiano Ribeiro e do Major Antônio Couto Pereire, um dos maiores presidentes do clube de futebol Coritiba, responsável pela construção do antigo estádio Belfort Duarte, atual Estadio Major Antônio Couto Pereira.

O município apresenta um clima ameno e água em abundância, com um marco da presença católica que é o grupo de igrejas, conventos e mosteiros que ainda resistem ao tempo e alguns deles convertidos em hospedarias nos dias atuais.

Figura 83 – Igreja da matriz – Baturité.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2018).

Figuras 84 – O mosteiro dos jesuítas visto do centro de Baturité.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2018).

Figura 85 – Mostreiro dos jesuistas.



Fonte: Google. Acesso em 14/05/2020.

Sobre uma das principais fontes de economia, reza a lenda que em 1824, Manoel Felipe Castelo Branco trouxe do Pará para Baturité, mudas de café, este trouxe transformações na atividade econômica e vida social local. Assim na metade do século XIX, Baturité tinha como principal atividade econômica a cultura do café, chegando na época a deter 2% de toda a produção brasileira. Há relatos de que o café de Baturité era um dos mais apreciados nas cafeteria francesas. Com o crescimento da cultura do café surge a necessidade de uma via mais rápida de escoamento da produção para o porto de Fortaleza, que era feita através das precárias estradas da época.

Então neste contexto, em 1870, um grupo de comerciantes lança a proposta de construir a primeira ferrovia no estado, constituindo juridicamente a Estrada de ferro de Baturité e um porto em Fortaleza. Em 1882, é inaugurada a estação ferroviária de Baturité, pela qual o café foi transportado diretamente ao Porto de Fortaleza. A cultura do café, entre 1870 até a superprodução e a superoferta de 1929, impulsiona a economia e a vida social de Baturité, bem com a modernização da cidade.

Figura 86 – Plantação de café.



Figura 87 – Ferrovia e Maria fumaça.



Fonte: Google.

Então a agricultura do café, a construção da estrada de ferro, todo isso requer uma mão de obra especializada, o que reflete o uso da mão de africana ou seja de certa forma o uso do trabalho escravo, a história da cidade reflete essa realidade.

Figura 88 – Oblisco, marco de fundação da cidade. Localiza-se na Praça da Matriz, ao lado da sede da Prefeitura Municipal.



Fonte: Google.

Figura 89 - Localização de Baturité no Ceará. Figura 90 - Localização de Baturité no Brasil.



Fonte: Google.

6.3.1 Comunidade quilombola Serra do Evaristo no Maciço de Baturité

A Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo localizada no Município de Baturité, a 3 km da sede e à 106 km da capital cearense, comunidade que está localizada a 12ou km do centro da cidade de Baturité, possui cerca 160 famílias e 650 habitantes, tendo uma divisão interna de famílias sendo estas: Bentos, Soares, Venâncios, Juliões e Leandros.

O acesso a esta comunidade não é fácil, mas fui movida pela a busca de conhecimentos.

Junto com a vontade de saber mais sobre aquele território, veio também a dificuldade de chegar até lá, uma vez que fui alertada por uma colega moradora sobre a precariedade nos meios de transporte que dão acesso a localidade, que contam com apenas um pau-de-arara, descolando-se às seis da manhã com destino a sede de Baturité, cuja distância aproximada é de 12 km. O transporte retorna apenas às onze e meia. Esse foi o meio de locomoção utilizado por mim. A localidade é de difícil acesso, tendo em vista que a principal estrada é estreita com muitas curvas, alguns trechos possuem calçamento de pedra e barro, este é o caminho trilhado pelos antepassados e o mesmo que trilhamos hoje.

Figura 91 - Caminhão pau-de-arara. Figuras 92 e 93 – Eu e os quilombolas no pau-de-arara.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

A experiência de andar no pau de arara é dolorosa fisicamente, pode-se ter uma análise da paisagem, a partir de uma visão ampla da localidade, na medida em que estes são vislumbrados ao longo dos caminhos como formas de inscrição territorial e geográfica, através dos mecanismos de dor e sujeição (assujeitamento), no meu caso um pouco de medo, curiosidade, mas também um misto de aventura, beleza e encantamento.

Figuras 94 – Lago no caminho;

95 – Caminhos do Evaristo.

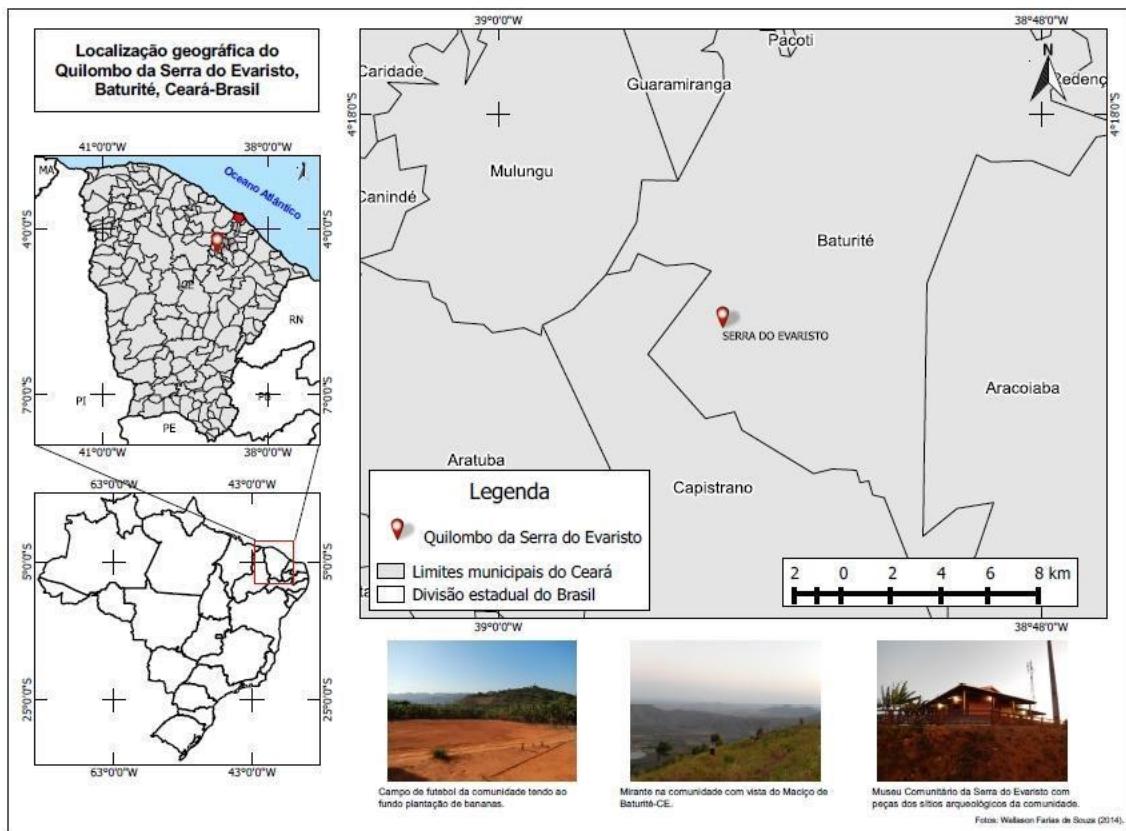


Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Na cabine do pau de arara (caminhão) cabem somente três pessoas e na parte da carroceria são instalados “assentos”, travas de madeiras estreitas de pau-ferro, sem a garantia de qualquer segurança aos passageiros. Em um trajeto com subidas bastante íngremes, em curvas

sinuosas, o “sacolejar” produzido pelos percursos da estrada, aumentam o desconforto, e impõe a inscrição da dor nos corpos, com uma rotina cotidiana das populações rurais do nordeste, em especial, a população negra da comunidade da Serra do Evaristo e Serra de Nazaré. Nesse sentido, pode-se fazer uma analogia ao período colonial, onde os colonizadores impunham o disciplinamento sobre os corpos através dos castigos, da senzala, o pelourinho, a fugas mato a dentro em busca de viver, e dos mecanismos de sujeição. Segundo Fanon “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (Fanon, 2008, p. 34).

Figura 96 – Mapa de localização da comunidade quilombola.



Fonte: Laboratório de Cartografia (LABOCART- UFC) (2014).

A comunidade Quilombola da Serra do Evaristo foi certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2010. E a comunidade possui associação quilombola, um ponto de cultura, um sítio arqueológico e o museu, uma igreja, uma escola, essa é de ensino infantil e fundamental, é a escola 15 de novembro. As figuras abaixo mostram a igreja e a escola da comunidade.

Figuras 97 – Igreja. Figura



98 – A frente da escola.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2018).

Figura 99 – A escola parte interna.



Figura 100 – Casas na comunidade



Fonte: Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2018).

6.3.2 Tecendo os patrimônios culturais

A começar pelo o caminho que leva ao quilombo Serra do Evaristo, é bonito, perigoso por conta da estrada com suas curvas e abismos, e com transporte ruim. No passado se plantava para comer, porém sempre houve o problema da falta de terra para plantação. Então na comunidade se vive com algumas dificuldades de subsistência.

Figuras 101 – Maneira de ir ao quilombo. Figuras 102 e 103 - Caminhos da serra do Evaristo.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2019).

Em outros tempos indígenas e quilombolas andavam a pé, percorriam estes caminhos a pé. Também consta que no passado viviam da caça e da agricultura. Hoje a alimentação sobe e desce de pau-de-arara, se procura praticar a agricultura de subsistência, porém falta terra.

E o quilombo por ter o ponto de cultura e o museu, também busca a prática do turismo cultural.

6.3.3 Quadro das pesquisas já realizadas nas comunidades

Comunidade quilombola Serra do Evaristo – Baturité / CE.

TRABALHOS ACADEMICOS (MONOGRAFIA/ ARTIGOS)	INSTITUIÇÃO ORIENTADORA	AUTOR (ES)	OBSERVAÇA
Plantas medicinais para fins ginecológicos: usos e concordância entre gerações femininas de uma comunidade quilombola.	NILAB		
A importância da escola no processo de autor reconhecimento étnico-racial: a experiência da comunidade quilombola serra do Evaristo	ECE	of.ª dr.ª Michælia Rosilene Ribeiro de Andrade	
Gestão das águas na comunidade quilombola da serra do Evaristo, Baturité - Ceará	FC	of. dr. José Lemos Pereira ampaio of.ª. dra. Anna Ferreira Lima	
Quilombo e educação: diálogos e interlocuções na escola e comunidade quilombola da serra do Evaristo	NILAB	ofa. dra. Vera Regina Rodrigues Iva.	danizio Soares Gonografia do curso de especialização em poligualdade racial

Baturité/CE.				retoria de ucação a distânc NILAB, ano: 2016
Evaristo: identidades, demarcação e lutas (estudo etnográfico do quilombo da serra do Evaristo em Baturité - CE)	UFC		anoel Johnson Sa usa iany Silva de Mo orge Luis	
Identidade e dinâmicas territoriais: uma etnografia na comunidade quilombola serra do Evaristo	UFC		uciana D'almeida ermont	
Comunidade do Evaristo: memória e cultura de um povo	FMB		arcos Mayrton ula Cavalcante osé Ivanildo Te Silva	ps://anais.faculdadu.br/wp-content/uploads/2017/09/e-artigo-comunidade-varisto-memoria-cultura-de-um-povo.pdf
Comunidades rurais: memória e história. A experiência cotidiana do trabalhador rural em comunidades brasileiras e africanas. A comunidade do Evaristo	UNILAB		aria do Carmo Fe desco	
A contribuição do homem simples na construção da esfera pública: os trabalhadores rurais de Baturité – Ceará	UFC		nia Pereira	
A dança de São Gonçalo na comunidade quilombola da serra do Evaristo, um primeiro olhar para seu registro coreográfico			ia Carla Araúj ma na Teresa M omes3	
Entre inovações éticas e reminiscências estéticas, a serra do Evaristo: parentesco, política e religião em um quilombo cearense.	UFRJ			

Responsável pelos dados: Evandro C. Ferreira

Presidente da CK Serra do Evaristo

Data: 31/01/2019.

Não terminando, mas dando uma pausa nesse capítulo no qual descrevi as comunidades quilombolas, as quais pesquisei, quilombo da Base, quilombo da serra do Evaristo e quilombo de Nazaré, são muitas coisas para dizer, porém trago aqui as principais sobre estas três comunidades estudadas.

7 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES QUILOMBOLAS

O território é a nossa identidade.

Marlene Pereira dos Santos.

7.1. Ancestralidade, cosmovisão africana e patrimônio cultural

A ancestralidade é um valor social nas sociedades africanas tradicionais que aparece na sociedade brasileira através das religiões como o candomblé e a umbanda. Através da compreensão do conceito de ancestralidade podemos a forma de pensar a história e a organização social africana. A cosmovisão africana tem como um de seus elementos de importância à ancestralidade. A ancestralidade é um *assunto* amplo nas culturas africanas, pois existe uma ancestralidade das pessoas e de suas famílias e a ancestralidade da comunidade. A ancestralidade está ligada à identidade dos lugares, das pessoas e das comunidades (CUNHA JUNIOR, 2009). As comunidades nas culturas de base africana explicam a sua história de origem e a sua continuidade pela ancestralidade. As religiões de origem africana são consideradas como de culto dos ancestrais. Apresentam os ancestrais divinizados presentes nos mitos de criação da humanidade ou das nações africanas como os seres mais antigos. Recebem denominações como Inquices, Vodus e Orixás e são cultuados em cerimônias diversas. Mas também existem homenagens e cultos aos ancestrais mais recentes ligados aos antepassados das famílias, cultuados pelos membros das famílias.

As sociedades africanas e as religiões de base africana acreditam que os seres humanos vivem em ciclos de vida e voltam através das gerações ao convívio na terra. A ancestralidade, no entanto, é ligada às pessoas e aos bens materiais por eles criados. A localidade e as transformações imposta pelos grupos populacionais também constituem parte da ancestralidade. A transmissão dos conhecimentos nas sociedades de culturas de base africana é comandada pela oralidade e tem sempre íntima relação com a ancestralidade. O podemos definir como a territorialidade, relativo ao espaço geográfico habitado, num período histórico é parte da ancestralidade.

Também ligado à ancestralidade estão às representações sociais definidas como festas e danças. Tantos as festas como as danças são elos de sociabilidade e de expressão das energias que comandam as dinâmicas das vidas nas sociedades de base africanas. Devido a estas razões a palavra, a ancestralidade, as festas, as danças e os locais das comunidades são elementos essências para conhecermos as culturas de base africanas. Desta compreensão é que estas figuram nesta tese de doutoramento. As representações das danças nos terreiros de candomblés são parte da compreensão e da representação da ancestralidade que tem como outra forma de apresentação dos mitos, provérbios e versos sobre os orixás.

A ancestralidade e das suas expressões e formas de culto tratadas nessa tese está baseada no texto “O terreiro e a cidade” de Muniz Sodré (SODRE, 1988). Então é parte da história das populações negras, traduz os conceitos ligados a religiosidade e também a identidade. O quilombo pode ser pensando como uma terra ancestral, devido à existência de uma cultura de base africana, como um lugar habitado por uma população por gerações a fio e de onde saem todas as referências de vida de seus habitantes em intima relação com a natureza e como valores subjetivos no campo espiritual.

Nos territórios pesquisados temos as formas de ancestralidades dadas por um lado pela grande religiosidade da população dos quilombos. Mesmo em processo de grande mudança de religião, como católicas para evangélicas, a fé religiosa é um elemento de força cultural.

Outra maneira de entendermos a ancestralidade é a sociabilidade, as formas de convívios e as festas. A organização das roças, das casas e dos quintais, e os quintais também fazem parte da ancestralidade, assim vemos como são os quintais e que produtos que cultivam.

Existe o conhecimento da agricultura que é transmitido de forma oral durante as jornadas de trabalho e existe o conhecimento das plantas medicinais que são encontrados nos três quilombos. Dentre estes conhecimentos apresentamos alguns para ilustrar a compreensão do tratamento dado a cultura e a ancestralidade. Como exemplos apresentamos:

a) A agricultura – no quilombo da Base,

Agricultura de subsistência é uma modalidade que tem como principal objetivo a produção de alimentos para garantir a sobrevivência da família, do agricultor, do grupo e da comunidade em que está inserido, ou seja, ela visa suprir as necessidades alimentares das famílias rurais e das famílias quilombolas.

Essa forma de plantar, basicamente a plantação é feita geralmente em pequenas propriedades (minifúndios), com pouco ou quase nenhum recurso tecnológico. Os instrumentos agrícolas mais usados são: enxada e foice. A finalidade principal é a sobrevivência do agricultor e de sua família, não para a venda dos produtos excedentes, em contraposição à agricultura comercial.

A agricultura de subsistência foi e ainda é usada nos quilombos, no campo, na zona rural, hoje bem menos por falta de terra para o plantio.

No quilombo da Base, algumas pessoas ainda plantam, fazem roça, entre estas pessoas tem senhor Manuel Vicente, 94 anos de idade, nunca foi a escola, mas ele sabe o período certo para

preparar a terra, para plantar e para colher, sabe qual a fase da lua indicada para o plantio, ele sabe o tempo certo para plantar o inhame, também por ser rezador e curandeiro, sabe quais as plantas medicinais que podem ser usadas nas curas, exemplo: banho de jenipapo para problemas na pele. Ele sabe o tempo de plantar cada uma das espécimes da sua roça.

No quilombo tem a casa de semente, é parte de um projeto, pelo qual se recebe as sementes, e também se compartilha, para não deixar acabar as espécies, e ter o que plantar na época de plantio. A casa de semente fica bem próximo à casa do Sebastião, o presidente da Associação dos Remanescente de Quilombo da Base (ARQUIBA), esse cuida da casa de semente, e também planta no seu quintal feijão, banana, limão, laranja, pitanga, pimenta, erva cidreira, capim santo, urucum, alfavaca, acerola. Ele tem um poço, de onde pega água para molhar a plantação no quintal.

Uma boa parte dos moradores plantam algumas coisas no quintal, e alguns dos mais idosos ainda fazem roças, umas roças perto de casa, mas outra distante por falta de terra para plantar onde moram. As figuras abaixo mostram roçar perto das casas da comunidade, quintais que tem plantação de feijão e outras plantações, e também as sementes armazenadas, para serem distribuídas para plantar.

A figura 104, mostra a roça em frente à casa do Sebastião, a 105, 106, são plantações de feijão e de outros produtos, no quintal dele; e a figura 107: é Senhor Vicente e pé de inhame que ele plantou no quintal.

Figuras 104 - A roça em frente a casa.



Figura 105 - Plantação de feijão.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2019).

Figura 106 - Plantação no quintal



Fonte: Fonte: Marlene P. dos Santos. (2019).

Figura 107 - Senhor Vicente e pé de inhame.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2011).

O senhor Manuel Vicente tem uma pequena plantação no quintal de casa, onde planta inhame, mas possui a sua roça distante dali, plantando vários produtos como feijão, milho e inhame. Manuel Vicente, homem que mesmos com seus 94 anos de idade, anda muito, para ir e vir do trabalhar na roça, anda pela comunidade toda realizando suas atividades, visitas as pessoas.

A figura 108, mostra o “banner” sobre o projeto da casa de sementes, Eu e Sebastião com o folheto do Candeeiro, esse traz pontos importantes da história do quilombo. E as figuras 109 e 110, mostram como é feito o armazenamento das sementes, essas são usadas para a preservação da espécie e para a distribuição com quem faz plantio no quilombo.

Figura 108 - Eu e o Sebastião, mostrando o folder da história da Base.



Fonte: Wendy da Silva E. (2019).

Figura 109 e 110 - Sementes na Casa de semente.



Fonte: Wendy da Silva Evangelista. (2019).

Esses são muitos dos elementos ligados a ancestralidade ou conhecimento dado pelos ancestrais da comunidade.

b) Quilombos e o uso das plantas medicinais

As plantas medicinais são usadas há muito tempo por nossos antepassados e são conhecidas por terem um papel importante na cura e tratamento de algumas doenças. Em algumas comunidades, essas plantas simbolizam a principal forma de tratamento, de determinadas patologias, e em outras comunidades as plantas forma intermediaria de tratamento.

As plantas medicinais normalmente são utilizadas após a indicação de um mais velho, de amigos e familiares, uma vez que poucos médicos indicam o uso desses produtos. Elas podem ser usadas frescas, logo após a coleta, ou então secas, dependendo da espécie e de como ela deve ser preparada. O modo de preparo também varia com a espécie e deve ser avaliado cuidadosamente. Em alguns casos, por exemplo, utilizar a planta como chá pode fazer com que os efeitos dela percam-se, por isso a importância de ouvir aquelas e aqueles que detêm conhecimento do uso das plantas.

Muitos das nossas pretas, dos nossos pretos e nossos pajés foram e são conhecedores da manipulação das plantas medicinais, nos quilombos quase sempre tem alguém que herdou ou desenvolveu o saber de usar, manipular as plantas para a promoção do bem estar, da cura e da saúde.

No quilombo da Base tem o Senhor Manuel Vicente, rezador, benzedeiro e curandeiro, nessas funções sempre usam as plantas medicinais, assim se dar a medicina popular nas comunidades tradicionais, como os quilombos e tribos indígenas.

A medicina popular, sendo dinâmica e nunca estática, mas mesmo que passe por modificações pelo o entrelaçamento das culturas, a medicina popular permanece, pois quem nunca recorreu a medicina popular, um chá, um xarope? O uso das plantas medicinais é milenar e por muitos povos, e no Brasil os africanos e indígenas inseriram a medicina popular no passado e a preservam no presente.

E no quilombo da Serra do Evaristo, fiquei sabendo das plantas medicinais, através de um trabalho realizado na escola, pelo professor Evandro Clemente com os alunos. Os alunos pesquisaram algumas espécies vegetais existentes no quilombo, e o título do trabalho foi: Plantas medicinais cultivadas na comunidade da Serra do Evaristo. Plantas como: aroeira, alecrim, capim santo, erva cidreira.

As plantas medicinais são muitos importantes quanto fármacos tradicionais, o uso as plantas estão presentes no promover a saúde nos quilombos, assim é comum encontrar nos quintais das casas quilombolas algumas ervas medicinais, em alguns também se plantam algumas hortaliças. Fazem parte de um conjunto de patrimônios culturais, também ancestrais.

c) Quintal produtivo e plantas medicinais no quilombo de Nazaré.

Nos quilombos por onde andei, presencie em quase todo quintal das casas algumas plantas medicinais, todavia, em uma casa no quilombo de Nazaré, me surpreendi, pois para além de algumas plantas medicinais, havia árvores frutíferas, então ali me foi apresentado um quintal produtivo.

Os Quintais são áreas nos arredores da casa, logo quintal produtivo é a área nos arredores de uma casa, ou seja, uma pequena propriedade, um pequeno terreno onde se planta. No quintal próximo a casa a família planta e cultiva plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas e medicinais. Para a família agricultora é no quintal que está grande parte dos alimentos para o consumo do dia-a-dia é nesse espaço que os membros da família desempenham suas atividades destacando a importante presença e participação da mulher como a principal colaboradora na composição da diversidade de plantas e espécies que compõem esse quintal.

É uma área próxima a casa, que às vezes o solo tem melhor fertilidade, pois recebe todo o material orgânico que é proveniente das sobras de alimentos e também pela ciclagem de nutrientes das folhas de árvores que se decompõem, mas outro pode não ser em terreno tão bom,

e enfrentar dificuldade como falta de água. Mas as plantas que crescem neste ambiente são plantas saudáveis.

Assim, no quilombo de Nazaré, encontrei plantas medicinas e um quintal produtivo muito interessante, esse pertence a uma mulher que mora num ponto alto da serra e um pouco rochoso.

No quilombo de Nazaré conheci a Anita Porfirio da silva Costa, nascida em 25 de dezembro de 1968, tem 52 anos de idade, Anita tem um quintal produtivo, ela planta no quintal e nos arredores de sua casa vários tipos de plantas, desde plantas medicinais a plantas ornamentais.

As plantas medicinais que tem no quintal são: Arruda, agrião, duas espécies de boldo, malva, manjericão, alfavaca, anador, hortelã, cidreira, capim santo, quebra-pedra, mas além dessas tem as hortaliças cebolinha, coentro, pimenta malagueta, urucum. Também há as plantas frutíferas como pé de laranja, pé de limão, pitanga, acerola. As figuras 111 e 112, mostram algumas das plantas do seu quintal, na área da casa, da esquerda para a direita hortelã, boldo e malva.

Figura 111 - Hortelã, boldo.

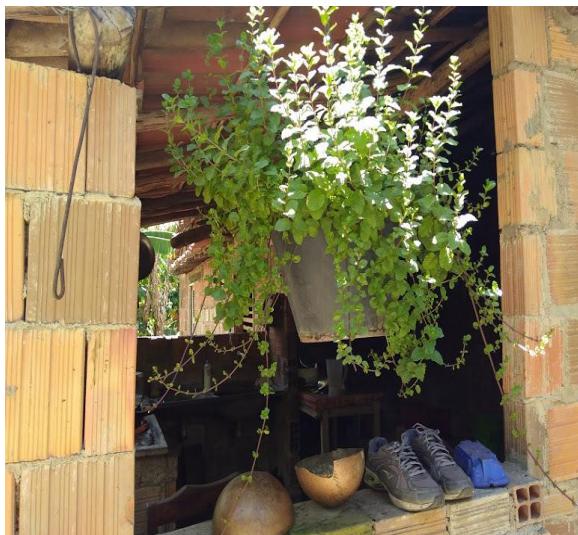


Figura 112 - Malva.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Figuras 113 e 114 - Arruda e flores.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Mas a Anita não para por ai, tem um lugar para além de da sua casa, onde ela planta e cultiva uma variedade de plantas, na parte de horta tem: alface, agrião, couve manteiga, cebolinha, coentro, salsa, tomate e tomate cereja, pimentão, pimenta de cheiro, pimenta malagueta, abobora, e parte de frutas tais como: abacaxi, também chamado de ananás, pé de banana, e também tem plantado capim santo.

Ela cuida muito bem da sua plantação, já recebeu alunos de faculdade que foram lá pesquisar, reportes, pois é curioso saber por que só ela tem um quintal produtivo grande, bonito e realmente produz uma diversidade, essa serve para seu consumo, porém ela procurou vender o excedente, e ela disse:

Eu tenho muita coisa plantada aqui, já teve mais, as pessoas vêm aqui ficam admiradas e alguns falavam porque você não vende? Eu dou para quem precisa, mesmo assim tinha muito, então resolvi descer a serra, e ir vender em Itapipoca, no começo foi bom, até vendi umas coisas, mas depois foi ficando ruim, voltava muita coisa, as pessoas também falavam de mim. E eu parei de vender lá, mas continuo plantando minhas coisas, tenho água aqui no fundo da minha casa.

Relato de Anita Porfirio da silva Costa, em novembro de 2017.

As figuras 115, 116, 117 e 118, são fotos do quintal reprodutivo da Anita, 115, canteiro de plantação alface, 116 é um canteiro de plantação variado, tem tomate, tomate cereja, abobora, capim santos e mastruz; Já a figura 117, Anita mostra o canteiro e a variedade de espécies plantada nele, e 118, um lado do quintal onde é plantado pé de acerola, bananeira, macaxeira e mandioca. E todos os canteiros são em terrenos rochosos que não é dada fácil de plantar neste tipo de solo, no entanto a Anita consegue cultivar horta e plantas diversas, percebe se tudo bem cuidado.

Figura 115 – Plantação de alface.



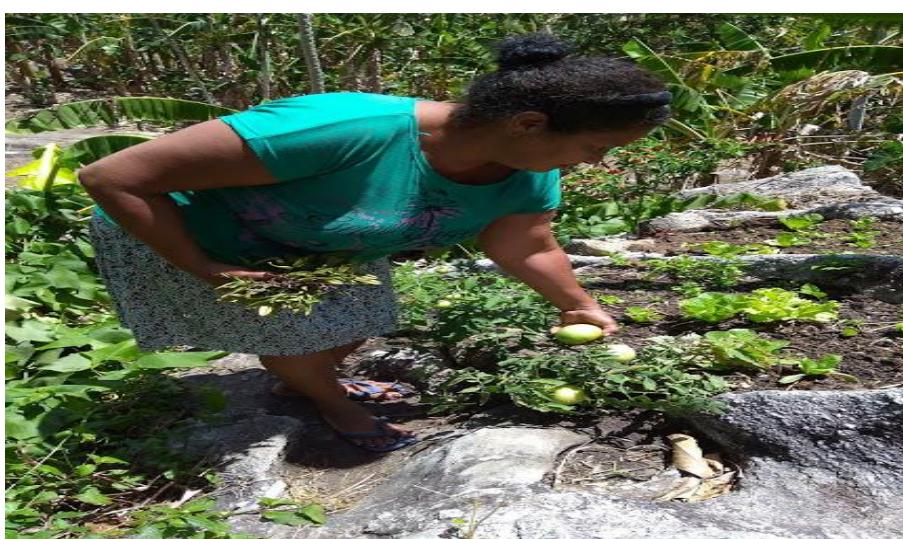
Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Figura 116 – Plantação variada no quintal.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Figura 117 – Anita e a horta.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Figura 118 – Plantação de mandioca, macaxeira e banana.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

E Anita fala que dar muito trabalho, ela trabalha muito para cuidar e manter as plantas, porém ela gosta.

Então caminhando e conversando ela me mostrou todas as plantas, depois continuamos, e chegamos num lugar maravilhoso, que fica após cercado onde ela planta, ali a nossa frente uma linda nascente de água, um pequeno oásis, esse ajuda na irrigação das plantas.

É necessário alimentar o corpo, porém é fundamental cuidar, prevenir contra as doenças, e caso tenha alguma doença, através das ervas, quem as sabe manipular, quase sempre faz um remédio, seja um chá, um xarope, lambedor (espécie de mistura de mel com plantas medicinais), faz uso das planas medicinais, isso vem de muito tempo, é uso da fitoterapia.

Figura 119 – Nascente de água, Eu, Anita e o filho dela.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2012).

7.2 Memórias de negras e negros quilombolas, oralidade e história oral, Palavra e oralidade a partir dos africanos

Antes e depois da abolição da escravatura o território brasileiro esteve marcado pela presença de comunidades negras que ainda hoje resistem às pressões de latifundiários, de especuladores imobiliários e até mesmo do poder público pela manutenção ou reconquista de seus territórios. Nos quilombos da Base e de Alto Alegre uma boa parte do território foi ocupada por empreendimentos governamentais como o canal do trabalhador e o canal da integração, ambos construído em terras do quilombo, assim diminuindo a terra onde os quilombolas poderiam plantar.

Logo, o processo de territorialização quilombola constitui-se muitas vezes, na luta para continuar a existir, na reinvenção, reformulação ou recriação de uma identidade política portadora de direitos que é informada por uma memória social quilombola. Assim a memória, neste sentido, tem grande importância, visto que em sua maioria as comunidades possuem uma forte tradição oral e que encontra na recriação e reinvenção de suas identidades uma oportunidade de recriação historiográfica, e legitimar a existência dos grupos social, como uma instituição de direito, sendo o mais requerido o do direito a terra. Esta parte, portanto, reflete a memória, oralidade populações quilombolas para entender as relações existentes entre memória, território e identidade quilombola. A memória constitui a história coletiva. A demarcação do território é também um problema da memória coletiva. O que considera pertence do território quilombola é explicado por recursos da memória.

A memória coletiva de comunidades negras, como uma particularidade devido à cultura negra destas populações e devido às condições de vida de cada população. Quando me refiro à memória de negros geralmente aparece a pergunta, o que ela tem de particular? Esta memória difere de outras memórias? Acreditamos que sim devido à relação entre oralidade, memória e cultura. Cada grupo social tem a sua forma de trabalho da memória dado pelos tipos de fatos sociais que tem maior importância nestas comunidades. Um exemplo marcante é no relativo a memória de grupos urbanos negros com relação ao samba e ao carnaval. A memória aparece nos relatos guiados pelas composições dos sambistas (VARGENS, 2001). Portanto, a memória coletiva de populações negras é orientada pela base cultural processada na localidade, sendo assim é particular e difere das memórias de grupos sociais do mesmo período por estarem em territórios geográficos distintos. Tomado que a memória de cada quilombo é resultado em

parte do elo territorial e do tempo histórico neste estudo é denominada como memória de negros quilombolas.

Estou trabalhando com a hipótese de que as memórias coletivas e mesmo a individual sejam produto da cultura realizada numa determinada sociedade, num determinado período histórico. Que o enfoque sobre os fatos (materiais ou imateriais) que são importantes ou não para os indivíduos guardam uma relação íntima com a cultura. Sendo assim a memória é em parte resultado do patrimônio cultural e histórico de uma localidade. Os bens culturais de uma rua compõem o acerto cultural ou repertórios culturais dos seus habitantes e freqüentadores. Este patrimônio de bens culturais e históricos é parte das operações da memória e constituem também uma das áreas de formação das identidades coletivas. Quem morou a infância toda numa determinada rua ou num determinado bairro tem impressões e lembranças comuns a outros moradores do mesmo período e adquiriram valores sobre estes fatos de forma muito semelhantes. Este conjunto de lembranças são fatos registrados na memória que tem operações sobre a idéia de pertencimento ou não a determinada realidade social, econômica, política e cultural condicionada pelo bairro ou pela rua. O mesmo processo ocorre nos quilombos.

Embora a mobilidade entre áreas diversas possa ser grande numa sociedade e mesmo que os sistemas de informação sejam amplos ainda a vida de uma maioria de pessoas é condicionada pelas áreas das localidades de vida. Cada localidade teria nos seus habitantes as suas formas de cultura coletiva e produziram as suas identidades como também as suas memórias coletivas. Portanto as memórias seriam nestas hipóteses um produto dos grupos sociais. Teríamos no caso das populações vivendo em áreas de maioria negra a formação de uma memória negra, relacionada à cultura negra local e correlacionada a identidade negra. Estas memórias de negras e negros seriam, portanto resultado das vivências em territórios de maioria negra. Para pesquisa afrodescendente temos admitido e comprovado este processo em diversos trabalhos. (SOUZA, 2010), (SILVA, 2011), (LIMA, 2001).

O que particulariza cada uma das comunidades e o que torna singular a história de cada comunidade, falo que cada comunidade tem seu jeito se ser, seu modo de viver, e aqui as três comunidades pesquisadas, começando pelo quilombo da Base, esse tem uma ligação histórica familiar com o quilombo de alto Alegre, está localizado em uma região que é meio litorânea e serrana, fica na região metropolitana, terra plana, próximo de Fortaleza, a capital do Ceará. Já o quilombo do Evaristo localizado no topo da Serra do Maciço de Baturité, ali foi encontrado urnas com restos mortais de ser humano, e dança de São Gonçalo, que não tem nem na Base e nem em Nazaré.

Nazaré que assim como Evaristo se localizam na serra. Nazaré onde encontramos palmeiras de coco babaçu, muitas bananeiras, nascente de água. Em Nazaré o mais incrível vem da paisagem, parece que é encantada ou escondida pela vegetação, porque para ver a comunidade e seus habitantes, é preciso andar pelas veredas, caminhos por entre os matos, a terra ainda natural, com muitas árvores frutíferas, como jaqueiras, mangueira, cajueiros, laranjeira, e outra fruteiras. E todas essas maravilhas a gente só ver quando adentra nos caminhos do quilombo.

Em Evaristo a entrada da comunidade é dada por um terreno descampado em frente à escola e para onde convergem muita das atividades coletivas da comunidade. Este descampado serve de campo de futebol e possui uma grande mangueira de onde se abrem os diversos caminhos para as casas da comunidade. Entre Nazaré e Evaristo, em razão da paisagem serrana e do clima comum existem grandes semelhanças quanto a vegetação, o solo e a distribuição das casas no território. O difícil acesso por estradas é também uma característica comum.

Nas duas comunidades, constatei que cada uma é diferente na sua formação histórica e na relação com as cidades próximas.

Percebe-se que cada uma tem suas particularidades, o que não impede de ter características ou histórias parecidas, isso constatei durante o estudo de campo, pois observando, estudando e convivendo percebe-se as semelhanças, exemplo disso é a comunidade Serra do Evaristo e comunidade de Nazaré, existem a mesma estrutura funcional do campo na entrada, grande árvore, plantação de cana de açúcar e os caminhos de acesso as casas. No entanto esses caminhos são diferentes nas duas comunidades, sendo que a diferença mais perceptível é da densidade de mata em torno dos caminhos. Em Nazaré a mata é mais fechada em torno dos caminhos.

E na comparação entre as comunidades da Base e do Evaristo, estas comunidades carregam em seus históricos elos indígenas, pois contam que a região foi habitada durante muito tempo por indígenas, depois com a chegada dos africanos, se misturou, porém os quilombos se mantiveram firme na terra quilombola, hoje quilombo da Base e Quilombo do Evaristo, que mesmo com tendo tido a presença indígena em sua história, o legado africano permanece com mais força.

As historias da ocupação do território também apresentam diferenças, na comunidade da Base como de Alto Alegre e os fatos mais relevantes da memória são a vinda do escravizado fugido e a lutas contra posseiros. Memórias de lutas que não encontramos em Nazaré e Evaristo.

Na memória coletiva da comunidade da Base é muito presente a história da origem da comunidade quilombola vinculada à história de africanos traficado e da luta pela liberdade, e aqui à saga do negro Cazuza. É a história de uma fuga, conforme narrou Manoel Vicente da Silva, de 94 anos de idade, mais conhecido como Pai Vicente, porém por ter me tornado amiga e irmã de coração de alguns dos netos do senhor Vicente, passei a tratá-lo por Vô Vicente. O Vô Vicente é bisneto de Cazuza e habitante mais idoso do território quilombola da Base.

Ele conta que seu bisavô Cazuza veio da África, foi trazido, e quando chegou aqui fugiu do navio na Barra do Ceará, foi correndo até chegar em Pacajus. Ele disse:

Ele não era daqui não, ele era da África. Fugi lá da Barra do Ceará [...] meu bisavô, Cazuza, foi pego a dente de cachorro, amaram ele pra amansar, ele era valente. Fundou aí o Alto Alegre. Ele, quando veio lá da Barra do Ceará, ele não veio direto pra lá não. Ele veio pra lá pro Saco, de Horizonte. [...] lá ele passou um bocado de tempo, [...] aí foi que o João Beiju disse: — 'Seu canto não é aqui, aqui tá muito habitado, 'cê vai lá pro canto em tal que lá tá desabitado, pra tomar conta de lá.'

Relato de Manuel Vicente da Silva . (SANTOS, 2012).

Trago também a narrativa de Cirino Augustinho da Silva, já falecido, esse morava em Alto Alegre, outro bisneto do Cazuza e irmão do Manoel Vicente da Silva, que mora no quilombo da Base. - Nasci em 24 de maio de 1929, tenho 82 anos, graças a Deus. Trabalho todos os dias, trabalho e gosto, eu tenho prazer de trabalhar, mas pelo gosto do pessoal eu não andava só não. Seu Cirino representa o passado é das pessoas que vivia da agricultura, e ele contava suas histórias do seu cotidiano, e sem mesmo ser interrogado ele falou em tom pausado e solene:

Eu comecei trabalhar com seis anos de idade, já tava na roca ao lado do meu pai, trabalhava graças a Deus. Meu pai me contava o passado do velho, meu bisavô, o Cazuza. Ele veio da África, e soltaram ele como um animal, ele fugiu do porto da Barra do Ceará. Da Barra ele veio correndo até Pacajus, em Pacajus foi pego e amansaram ele. Pegaram ele a dente de cachorro, ele foi morar na aldeia num lugar em Pacajus, feito para os índios. Relato de Cirino Augustinho da Silva, (SANTOS, 2012).

Segundo Santos (2012), assim todos os membros da comunidade repetem a mesma história que se tornou o mito de origem das famílias que compõem Base e Alto Alegre. A aldeia

indígena de Pacajus é parte da história local. O porto da Barra do Ceará até Pacajus são mais de 60 quilômetros, mas é uma distância passível de um fugitivo ter percorrido em dois dias. A história da origem da comunidade se completa da seguinte maneira:

Depois de manso veio de lá para cá, caiu aqui em alto Alegre, na Gameleira, naquele tempo não era ainda do seu Horácio Domingos, é agora. No tempo se formou a gente mesmo. E da Gameleira veio depois pra Alto Alegre, casou com uma tia minha lá de Buriti, formou família que de fato é meu pai Raimundo Augustinho da Silva, ai ele morreu e passou o terreno pro papai, papai tomou de contar. Ai em 1920 apareceu o dono do terreno de Alto Alegre, sem ser dono, ai só podia morar quem pagasse. (Apud SANTOS, 2012, p.82-3).

Relato de Cirino Augustinho da Silva, (2012).

Na comunidade quilombola de Nazaré as histórias, ouvi algumas narrativas sobre como era a vida na comunidade em outros tempos, e também de como é hoje o dia-a-dia das pessoas, as memórias, pois o senhor de 80 anos de idade, Sr. Raimundo Virgílio de Sousa, esse nasceu em 06.02.1940, agora com seus 80 anos, com parte da visão comprometida, tem dificuldade para andar. Mas na conversa me fala como era andar no quilombo antigamente, ele disse:

amente eu andava isso tudo, era uma mata, as casas distantes uma da outra, e agente andava os caminhos é por dentro do mato mesmo, tinha muitas frutas, antigamente tinha pé de abacate, mas agora não tem mais. Hoje estou ruim da vista, é difícil para andar, mas a gente andava aqui por estes caminhos de noite sem lua.

Fala de Raimundo Virgílio de Sousa, (2017).

A figura 120 apresenta o senhor Raimundo Virgílio e eu, quando conversamos na casa dele, sobre como era o quilombo no passado.

Figura 120 – Raimundo Virgino de Sousa.



Fonte: Antônio Rodrigues Alves, (2017).

Na Serra do Evaristo as histórias orais das origens são aquelas as quais foram sendo contada ao longo dos anos. E o mito quanto o fundador do Evaristo, os moradores falam da seca, também falam do índio Evaristo.

Cada lugar, cidade, comunidade, assim toda sociedade tem seu o “mito fundador”, por exemplo, o mito fundador do Ceará, envolve uma história de amor, narrada pelo romancista José de Alencar, na obra Iracema. O romântico autor procurou construir a origem da nacionalidade em uma visão idílica do índio idealizado e romantizado.

O mito não explica, ele faz reviver o tempo dos ancestrais [...] É no mito que se guarda a estrutura mesma dos valores culturais africanos atualizados na sua dinâmica civilizatória [...] sugere um certo modo de viver no mundo [...] Vivencia o mistério [...] Ele é menos um encadeamento lógico gramatical e mais uma gramática das intensidades. (OLIVEIRA, 2007, p. 226-227).

Já o mito fundador da Serra do Evaristo envolve as secas, as fomes, as dificuldades, como fatos bem marcados. E esses são fotos da memória, nos é revelado através da palavra e da oralidade. A memória distancia-se do presente pode-se afirmar o caminhar no passado da história em direção ao mito. Assim na comunidade Serra do Evaristo a seca gerou um dos possíveis mitos fundadores da comunidade e a dança de São Gonçalo. Devido à falta de água foi feito um pedido a São Gonçalo e por meio de um milagre a água voltou a brotar na fonte, assim foi realizada a dança como forma de agradecimento e pagamento da promessa. Outro mito

fundador, rememorado pelos moradores mais idosos é o fato do Evaristo, o primeiro morador, ser um guerreiro indígena, memória reavivada, a partir das escavações, já que a comunidade também é um sitio arqueológico.

O que relato, as memórias e as histórias, e costume de um povo que viveu em um passado não muito distante, coisas que estão ligadas a religiosidade, a tradição deste povo, mas que também este passado não ficou no passado, ele é presente, percebe se através da oralidade, da palavra oral. Os mais velhos contam, hoje alguns jovens já recontam os mitos, os causos e as lendas.

No Evaristo, quando fui a escola vi num mural o nome de algumas lendas locais, outras são escritas do Sr. A.R.de C., 47 anos, agricultor, casado, católico, pai de duas filhas, quilombola e considerado uma das lideranças da comunidade da Serra do Evaristo. Essa possui lendas como: A casa Chica Jardilino; A moradia mal assombrada; O Batedor de portas; A Botija; A mangueira do fato; A Tocha de fogo voadora; A mulher que andava com uma criança; A procissão de pessoas; Chuva de pedras nas casas.

7.2.1. A palavra e a oralidade nas sociedades africanas tradicionais e nos quilombos

O nosso referencial conceitual nesta tese tem como base os conceitos de africanidade e afrodescendência. Conceitos que implicam na existência de uma base africana e na produção de uma diversidade de situações culturais na afrodescendência. Certamente que os valores sociais da palavra e da oralidade sofreram grande variação entre as sociedades africanas e os quilombos na atualidade no Ceará. No entanto, como marco da permanência da oralidade podemos citar a forma de contar os casos nas comunidades quilombolas e as formas de contar as histórias de assombrações durante as horas de trabalhos conjuntos, como foram as farinhadas nos diversos quilombos. Como são as histórias caseiras entre as gerações. Portanto o nosso marco teórico de partida é a oralidade africana, a nossa chegada é as formas de narrar os fatos importantes para a comunidade nos quilombos pesquisados no Ceará.

A importância da oralidade nas sociedades africanas pode ser avaliada pelo número imenso de provérbios e contos que fazem parte do cotidiano da vida africana. A oralidade é uma forma educativa sistematizada nas famílias e na educação informal, na qual os adultos são responsáveis pela socialização das crianças e jovens de uma localidade (KENYATTA, 1934). Esta sistemática da oralidade nas sociedades tradicionais, no mundo rural africano, é bem

descrita no romance de Chinua Achebe (ACHEBE, 1983). Neste romance como também em outros de autores africanos preocupados com a tradição e a transmissão do conhecimento nas sociedades africanas, os personagens, repetidas vezes, usam provérbios e contos na transmissão de uma ideia ou conceitos da sociedade. Como nos mostra Eduardo de Oliveira (OLIVEIRA, 2003) os valores sociais africanos estão ligados à ancestralidade, à família e à comunidade. Tanto ancestralidade como comunidade são valores com força na territorialidade e na formação histórica e cultural de uma localidade. A Palavra nestas comunidades é como parte do sagrado.

A magia faz parte de seu contexto como saber relacionado à movimentação das forças energéticas, algo necessário para estabelecer o equilíbrio no universo, por isso a oralidade comporta também a sacralidade da palavra mágica, que envolve, além do verbo e da gestualidade, toda a musicalidade. Por sua vez, essa voz divina que é a musicalidade e realiza pelo ritmo, enquanto cadência encantada de tudo que vive. Mas para que a fala produza um efeito total, as palavras devem ser entoadas ritmicamente, porque o movimento precisa de ritmo, e tanto ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vaivém que é a essência do ritmo. (BÁ, 1982, p. 186).

A compreensão de história trazida pela minha pesquisa está presente nos relatos registros de memória e história, ficando claro, ou melhor, ficando escuro que transformar o discurso oral em conhecimento escrito, é mais uma forma a visualizar a oralidade.

A Palavra nas sociedades africanas tem a força da criação. Traduzem a existência daquilo sobre o que se fala e produzem energias que dão um conteúdo de significado do material ou espiritual ao que foi falado. As Palavras nas sociedades africanas são próprias das pessoas e dos tambores. Os tambores falam para a compreensão humana e para além desta. Constituem formas de comunicação entre as gerações presentes e os antepassados. Em todos os sentidos a Palavra tem um valor e um significado cultural e social de extrema importância nas culturas africanas. Deste valor quase que sagrado da palavra é que se forma a importância da oralidade na construção do pensamento africano e nas formas de transmissão do conhecimento.

Assim, as sociedades africanas apresentam oralistas ilustres responsáveis pela forma de tratamento métrico da oralidade e pelos conhecimentos das histórias das comunidades africanas. Estes oralistas são denominados de grios em algumas sociedades da região da África Ocidental. São contadores oficiais das histórias das nações, povos e sociedades africanas. Os grios vêm de famílias africanas, associadas a cantorias e música instrumental. O grio é um oralista

que representa a importância da oralidade nas sociedades africanas (KOUROUMA, 1970). Nas sociedades africanas não existe uma separação formal entre os conhecimentos religiosos e os demais. Estes sempre são integrados nas diversas formas de conhecimento. Assim, os oralistas são em parte historiadores e memorialistas das comunidades. Esta separação entre o religioso e o profano, entre o conhecimento empírico da tradição e o científico das escolas, é uma consequência da afrodescendência, fica bem mais demarcada na cultura brasileira, e torna-se um problema em função do racismo antinegro que leva a desvalorização da cultura e do conhecimento cultural africano.

A oralidade de base africana é manifesta na cultura brasileira como mostra Luiz Carlos Santos no seu texto sobre Sons e Saberes (SANTOS, 1995). As formas das narrativas orais fazem parte da forma das populações negras contarem as suas histórias e também é parte do patrimônio cultura das comunidades de tradicionais brasileiras. A oralidade constitui uma forma de preservação do passado e, portanto, um dos constituintes das lembranças coletivas e dos elementos desta memória coletiva de base africana que possibilita o acesso a história pela oralidade.

A oralidade desses povos pode ser simbolizada pela imagem e função do griot e dos mais velhos, os que têm experiências e conhecimentos que representa esta memória e a transforma em uma narrativa descritiva que reafirma a tradição cultural deste povo, Hampat Bâ descreve muito bem:

A memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo o acontecimento se inscrevia na memória como cera virgem... Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra que o griot Diêli Maadi tocava enquanto Wangrin me contava sua vida... “ (Bâ, 2003).

Então a oralidade é um fato importante e ainda presente nos quilombos. Na sociedade contemporânea temos o fenômeno da supervalorização da escrita, sendo em boas parte a transmissão da cultura dependente da escola e, portanto da cultura escrita. Nas culturas de base africana a transmissão do conhecimento tem por base e por forma a oralidade. A oralidade baseada no princípio da palavra nas sociedades africanas é analisada. Esta oralidade africana é retomada no contexto brasileiro e faz parte da cultura brasileira de diversas formas e por diversos fatores. Assim este trabalho tem como base a oralidade do contexto africano e afro-brasileiro.

Insere-se no campo da poética oral de base africana ainda pouco conhecida no Brasil, mas muito praticada entre os grupos de terreiros muito tradicionais também encontrada nas danças de tradição africana. A análise destes contextos da oralidade afrodescendente está ganhando nova dimensão no contexto da cultura do Ceará devido às novas pesquisas universitárias sobre as referências negras africanas, formação cultural do estado e no cotidiano da nossa população (SUCUPIRA; BRANDENBURG; VASCONCELOS, 2017), (LIMA; SILVA, 2018), (SILVA, 2017).

As culturas de base africana perfazem uma boa parte das culturas do nordeste brasileiro, trazendo consigo esta oralidade de base africana. Os Oriks presentes nos terreiros de candomblés são um bom referencial que se estende para diversas práticas culturais.

Também é importante incluir as formas de cordéis e cantorias realizadas no nordeste como exemplo da força da oralidade na manutenção da cultura através da memória coletiva.

7.3 Contextualizando território, territorialidade e territórios quilombola

Território, Territorialidade

A Terra é o meu quilombo Terra, território, territorialidade

(...) Eu estou apaixonado Por uma menina Terra Signo de elemento terra Do mar se diz terra à vista Terra para o pé firmeza Terra para a mão carícia Outros astros lhe são guia

(...) De onde nem tempo nem espaço Que a força mande coragem Pra gente te dar carinho Durante toda a viagem Que realizas no nada Através do qual carregas O nome da tua carne Terra, Terra, Terra Por mais distante O errante navegante Quem jamais te esqueceria.

Terra – Caetano Veloso, (Canção inserida na trilha sonora do filme Ori).

Como vimos o território é um espaço delimitado na natureza por um grupo (social) ou indivíduo, animal ou ser humano. Com o qual se identificam e (via de regra) são identificados. Onde encontram e ou produzem os meios materiais à sua existência. E territorialidade é a percepção que temos do poder exercido por um indivíduo ou, um grupo, em dado espaço geográfico. É algo mais cultural do que físico. Assim em um mesmo território, podem ocorrer muitas territorialidades.

Então território é a área geográfica onde um Estado soberano exerce sua soberania e, territorialidade é a ação dos agentes sobre o território, ou seja, o modo de agir em seu espaço territorial.

No caso das comunidades de quilombo os conceitos de território e territorialidade têm uma grande importância jurídica na atualidade divido aos fatores dos laudos antropológicos para titulação das terras terem como referência o território em estudo e a abrangência do raio de ação das atividades da população definido pela sua territorialidade.

Em relação à pesquisa sobre a história com base na oralidade e na memória coletiva, os conceitos de território e territorialidade são elementos importantes de delimitação das identidades e do patrimônio histórico e cultural.

Os territórios não são iguais, eles são particulares, tem a sua personalidade individual, portanto os territórios podem ser identificados pelas diferenças entre uma conformação sócio-espacial e outras circundantes.

A territorialidade é uma noção abstrata sobre os territórios, reflete a uma ideia de dialética sócio-espacial de um território. Trata de uma interpretação de valores sobre o que está sendo realizado ou pensado sobre determinado território. Tem um sentido de solidariedade orgânica entre os indivíduos num espaço geográfico. A territorialidade é uma noção semelhante a nacionalidade, aquilo que nos faz brasileiro é sobre tudo um sentimento de pertencimento ao Brasil. A territorialidade quilombola é aquilo os faz sentir como uma população quilombola. Dimensiona o espaço (abstrato) entre os que estão dentro e os que estão fora, mesmo por razões diversas utilizem do mesmo território. A territorialidade regula relações como o uso comum de um rio ou lagoa entre comunidades diversas e de origens diversas, mas com sentimentos também diversos de pertencimento a localidade (ANJOS, 2011).

A terra é a fonte de renda e sustentabilidade dos quilombos, sendo um espaço comum onde se formam vínculos sócio-culturais. Portanto, a relação destas pessoas com o território em que ocupam é algo único, particular, fruto da história, do medo das perseguições e do instinto de sobrevivência que os levaram a se fixar em determinados pontos. Nos dizeres de Rafael Sanzio dos anjos:

É no território étnico, um espaço político, físico e social, que estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, um espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, dotado de uma população com traço de origem comum. A terra tem grande importância na temática da pluralidade cultural brasileira, no processo de ensino, planejamento e gestão, principalmente no que diz respeito às características territoriais dos diferentes grupos étnicos que convivem no espaço nacional. (SANZIO, 2006, p. 15).

Aqui entra a pergunta de como definir o território nas três comunidades estudadas. Definir os limites das comunidades quilombolas não é algo fácil de fazer, mas aqui me reporto principalmente aos elementos demarcadores das comunidades pesquisadas, pois o quilombo da Base, o quilombo do Evaristo e o quilombo de Nazaré, cada um têm seus demarcadores territoriais, ou seja, aquilo que define a posse da terra até onde é o espaço do quilombo. Então os limites, físico e geográfico sendo no quilombo num dos casos é delimitado por riacho, em outro nem se quer há um marcar concreto e existe um marco imaginário.

O quilombo da base faz limite com quilombo de Alto Alegre, e o que separa os dois é o Riacho do Ererê, esse em período chuvoso fica cheio, aparece os peixes, fica muito bonito e até a criançada aproveita para tomar banho e brincar. Mas os habitantes da Base para irem a Alto alegre ou a BR 116, onde muitos vão trabalhar nas fabricas que se localizam em Horizonte, tem que atravessar o riacho a pé, com água quase na cintura, por falta de uma ponte. Quando passas as chuvas, ou no período não chuvoso, o qual a aqui no nordeste chamamos de verão, nesse o riacho fica seco, assim os habitantes podem ir e vir a pé, de bicicletas ou de moto de uma comunidade para a outra.

As figuras 121 e 122, mostra o riacho Ererê em período de chuva, então fica cheio, e essa cheia se deu em de 2020.

Figuras 121 e 122 - Riacho do Ererê.



Fonte: Francisca Edileuda da Silva, (2020)

Já no quilombo da Serra do Evaristo e no quilombo de Nazaré não encontrei elementos físicos de delimitação territorial, só os marcos imaginários. Tendo ou não ponte, riacho ou linha imaginária que delimitam que marcam as divisas dos quilombos, isso não os faz lugares isolados do restante dos outros lugares e do mundo

Porém não se deve pensar que essa relação de pertencimento, advinda da territorialidade e que se manivesta no cultivar cotidiano dos lugares, sobreviva apenas quando um determinado grupo ou comunidade permaneça isolado ao contato ou à interferência de fatores transformadores, pois apesar de muitas cultivarem essa ideia, sua sobrevivencia derivado de ações internas ou externas. Ao contrário, as contradições e conflitos são decorrências comuns da vida em sociedade e fortalecem os vínculos sociais.

Os quilombos não são territórios isolados, e a despeito das dificuldades, essas são muitas, como a luta quilombola para fazer valer seu direito ao território evidencia a necessidade de se assegurarem os lugares desse grupo e os processos de significação que fazem do território uma referência para a reprodução social e cultural da coletividade. Com a garantia do território, pode-se resgatar o significado de cada lugar com a potencialidade necessária ao desenvolvimento das características que a identidade encerra, pressuposto para a luta contra as espoliações provocadas pela expansão dos modelos hegemônicos de apropriação territorial.

7.4 As identidades, identidade individual e identidade coletiva

Alguns autores dentre eles, tecem importantes análises sobre as diferentes concepções do conceito de identidade e esses autores são unâimes em dizer que é difícil estabelecer uma definição justamente por conta do caráter multidimensional e dinâmico do conceito de identidade. É essa dinamicidade que confere, de acordo com Cuche (1999, p. 196), a “sua complexidade, mas também o que lhe dá sua flexibilidade representativa. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações”.

7.4.1 Identidade negra e Identidade Quilombola

Identidade de Populações Negras é um conceito que sintetiza os qualificadores de identidades coletivas. A identidade tendo como partida a filosofia africana e os conceitos de africanidade e afrodescendênci. Do Muntu nas sociedades Bantu onde os seres humanos são considerados como pessoas devido aos processos de socialização (CUNHA JUNIOR, 2010), como resultado com a vida social e da relação com o meio envolvente.

A pessoa é resultado de relações sociais produzidas ao longo da sua história em constantes transformações e do ambiente em que se encontra inserida. Pessoa é resultado do que denominamos de patrimônio cultural e da identidade cultural. Como afirma Cunha Junior: A noção africana não é uma relação do eu e o outro, ou do eu e a natureza, é relativa aos seres da natureza, animados de voz ou não. A relação é sistêmica coletiva decorrente de todas as interações (CUNHA JUNIOR, 2010).

O conceito de identidade negra é parte da africanidade enquanto a formação da pessoa e da relação desta como o meio ambiente, ou seja, com o território e com a cultura produzida nele. Reafirma a identidade como produto da cultura da localidade.

A identidade é parte da formação do ser humano e da sua relação com o meio que está inserido, mesmo quando as pessoas não conseguem definir a sua identidade ela existe.

7.4.2 Identidade Quilombola

No segundo capítulo se definiu conceito identidade quilombola, assim aqui apenas faço uma síntese do conceito de identidade quilombo, essa é o modo de ser, de pensar, rezar, comer, fazer de um grupo, denominado de remanescente de quilombo ou quilombola.

O ponto principal é a relação com a herança cultural africana ou como as transformações delas, a relação como cultura local e a relação como o território de vida da comunidade quilombola. A vivência como os patrimônios culturais é o que produz a memória coletiva e podemos dizer o que gera a identidade. Sendo que a existência da identidade não o que implica na auto-declaração. Muitas vezes a auto declaração não existe por medo político.

7.4.3 Como se constroem as identidades quilombolas positiva: um problema para a educação

Reconhecer, respeitar este grupo, sua cultura e história, são passos básicos, e que podem favorecer o desenvolvimento das identidades quilombolas, de forma positiva. Sendo a educação que promova as identidades positivas depende de uma análise entre as teorias e as práticas educacionais contidas dentro das proposições dos movimentos negros.

Como se constroem não é uma relação teórica e prática, elas se constroem sem teoria. Como se ensina a identidade é uma relação teórica e prática. Como se comprehende é uma relação prática teórica.

Pensar maneiras que possibilitem para o desenvolvimento ou construção da identidade quilombola positiva, é perpassa pela a releitura da história, pela a valorização da sua herança histórico cultural africana e construção de uma nova história. É necessário trabalhar a auto estima em casa e principalmente na sala de aula.

Todavia sabemos que a população negra foi e é a população que sofre racismo, mal tratos, o sistema escravista foi de uma ferocidade em todos os sentidos, e crueldade desumana, que permanece na memória social, com isso buscou destituir o negro de sua história e cultura, e ainda inferiorizar as culturas dos nossos antepassados. Com uma carga social negativa, isso para os afroascendentes não é fácil se ver preto, “preto e quilombola”, pois esses conceitos para muitos estiveram e ainda estão atrelados a escravo, a coisas ruins, então isso influenciou de forma muito forte e negativa na negação do ser negro e na formação da identidade. Pois se atribuiu vários características e arquétipos negativos para a população negra, tais como: “cabelo ruim”, preto sujo, burro, não quero alongar essa lista, isso é o racismo que a população preta sempre sofre.

O racismo, que procura aniquilar a pessoa negra, que deixa marcar profundas, e que diz que uns são superiores e outros inferiores, e esse está nas instituições, a escola é uma dessas instituição, então se faz necessário identificar e combater o racismo, em Munanga (1996, p.223) defini “o racismo é uma desumanização e negação da humanidade do outro, uma destruição muito profunda que a mobilidade social não resolve”, então é preciso combater essa destruição para construir identidade positiva.

Buscar valorizar as narrativas orais dos moradores, suas festas, sua cultura, pois essa é uma base para dialogar sobre construção de uma identidade quilombola positiva, e ter um pertencimento quilombola positivo.

Então tem se buscado na prática é diminuir ou minimizar as discriminações raciais, e desconstruir os arquétipos negativos, através conhecer a história dos africanos e sua cultura, revendo a literatura, melhorando os livros didáticos, falando dos conceitos de quilombo, das lutas e memórias da população negra. Diminuir e minimizar é o que se tem conseguido na prática sendo que o ideal é eliminar esses fatores das discriminações raciais e culturais.

Esta identidade, que em tudo contraria os interesses históricos e psicológicos do negro, tem sido uma tradição na história do negro brasileiro em ascensão social. Entretanto, a construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta esta dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditório ou fragilmente, batem-se para construir uma identidade que lhe dê feições próprias, fundadas, portanto, em seus interesses,

transformadora da história – individual e coletiva, social e psicológica.
(SOUZA, p.78, 1983)

Mas de vinte anos depois da publicação de “Tornar-se negro” podemos observar que já temos um novo cenário se descontinando na sociedade brasileira, mas que ainda possui poucas definições quanto ao respeito da identidade negra. Isto, contudo, se apresenta como um desafio constante e necessário para as lutas de combate ao racismo e de conquista da cidadania do negro que passam assim, necessariamente pelo desafio da sua ascensão social, e que passa pela necessidade de (re) afirmar sua identidade, e para isso precisa de exemplos e referências positivas.

O legado cultural acumulado por grupo ou uma população em um dado território, forma seu patrimônio cultural. E esse patrimônio cultural é a expressão dos meios que conferem também identidade. As identidades se formam na relação da população com um dado território. O território, patrimônio e a identidade singularizam a existência de uma população e explicitam as suas formas de vida e os seus valores sociais. Por isso a necessidade da efetivação da educação escolar quilombola ou educação formal dialogando com a educação não formal e com o patrimônio cultural local.

7.5. Os patrimônios culturais Imateriais encontrados nos territórios pesquisados

Discutimos aqui o reconhecimento do patrimônio cultura na educação, e que o reconhecimento e a preservação de patrimônios não cabem apenas ao poder público. Devemos atuar como educadores na comunidade, fazendo com que ela se aproprie desses patrimônios e exerça o seu poder de resguardar, transmitir e ressignificá-los, deixando de lado a invisibilidade do patrimônio cultural da sua comunidade, e também deixando de lado uma postura passiva das lamentações por vê-los abandonados e/ou quase destruídos.

Para referência do material recolhido remetemos a Constituição Federal inclui como patrimônio cultural brasileiro as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinado às manifestações artístico-culturais e os sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, garantindo o pleno exercício dos direitos culturais e responsabilizando o Estado pelo apoio, proteção, valorização e

difusão das manifestações culturais indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1988).

Quando se trabalhamos de dentro de grupos sociais de cultura específica como é caso das comunidades de quilombo, grupos tradicionais ou em bairros de maioria afrodescendente, os conceitos de repertórios culturais ou de patrimônio cultural são de alguma utilidade como na mostra (SANTOS, 2012) no seu estudo sobre o quilombo em Alto Alegre – Ceará. O patrimônio cultural é parte da história da população, determina marcadores que auxiliam na produção da história local. O patrimônio cultural também é pensado como uma referência na constituição da memória e da identidade do grupo social, e desta forma é de interesse definir este conceito para este trabalho de pesquisa, tendo em mente que o reconhecimento da comunidade é em parte e identificação do patrimônio cultural material e imaterial.

Devido às disputas políticas e os processos de dominação entre os grupos sociais ou mesmo em razão das especulações imobiliárias e avanços do capitalismo alguns patrimônios culturais são passíveis de ameaça de extinção. Para proteção destes acervos culturais é que as Nações Unidas se preocupou com a definição de patrimônio cultural e formulou a seguinte proposição tendo em vista principalmente os bens imateriais (UNESCO, 2003), (UNESCO, 2006):

Patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO 2006, p.)

A noção de patrimônio cultural é dinâmica, essa implica na identificação das construções de valores, símbolos, signos, modos de vida e instrumentos materiais presentes nas adaptações dos seres humanos na ocupação de um determinado território. Os bens materiais e imateriais são apresentados em intima relação e produzidos no suprimento das necessidades de

realização da vida nos seus diversos aspectos. A ideia de patrimônio cultural pode ser sintetizada como um legado entre as gerações e dado um conjunto de bens construídos, reconhecidos por uma sociedade, como representativos de sua história e da sua produção social, é o testemunho da presença das pessoas em determinado espaço geográfico (SANTANA, 2009, p. 35).

A terra é a fonte de renda e sustentabilidade dos quilombos, sendo um espaço comum onde se formam vínculos sócio-culturais. Portanto, a relação destas pessoas com o território em que ocupam é algo único, particular, fruto da história, do medo das perseguições e do instinto de sobrevivência que os levaram a se fixar em determinados pontos. Nos dizeres de Rafael Sanzio dos anjos:

É no território étnico, um espaço político, físico e social, que estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, um espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, dotado de uma população com traço de origem comum. A terra tem grande importância na temática da pluralidade cultural brasileira, no processo de ensino, planejamento e gestão, principalmente no que diz respeito às características territoriais dos diferentes grupos étnicos que convivem no espaço nacional. (SANZIO, 2006, p. 15).

Faz-se necessário buscar identificar, respeitar os patrimônios culturais, por isso o redirecionamento das preocupações mundiais foi fator importante para que o mundo enxergasse novos patrimônios e se desprendesse do reducionismo artístico e histórico. Elementos como as convenções e os tratados internacionais refletem o despertar para o dinamismo inerente às manifestações culturais, e acontecimentos como: Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, ambas aprovadas pela UNESCO respectivamente em 1972 e 1989, Convenção de Diversidade Biológica, assinada durante a ECO 92, Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, de 2001, e Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 2003, todas elas são importantes na contextualização acerca da nova concepção de patrimônio cultural. (SOUZA, 2005, p.7).

A memória social e os elementos associados a ela também se inserem no acerto dos repertórios culturais denominados de modo geral como patrimônio cultural. Neste sentido a escrita da história oral depende da identificação e do recolhimento do patrimônio cultural, sendo imaterial e material.

Os bens de natureza material, como os conjuntos arquitetônicos e monumentos tombados como patrimônio são os mais visto, porém, existem outros bens que também são importantes para comunidades e estado, porém não registrados e não são edificados. E nesses não edificados identificamos o patrimônio pertencente aos quilombos.

Percebe se que fazem parte do patrimônio de uma sociedade as práticas, os saberes, as formas de expressão, as crenças, as técnicas e as celebrações que formam a sua identidade cultural e que nos são transmitidos através das gerações. Pois é, este conhecimento que não está nas paredes dos monumentos, nem nas bibliotecas ou nas escolas, mas no saber transmitido pelos nossos antepassados, é o que denominamos de patrimônio cultural imaterial.

As comunidades de certa forma direta ou indireta busca manter o costume, às vezes, mesmo sem refletir sobre essas práticas no dia a dia, e as pessoas das comunidades quilombolas estão buscando e preservando o patrimônio cultural imaterial e material. Através da vida familiar e da vida em sociedade, aprendemos a degustar os alimentos e nos acostumamos com os sabores das refeições. Aprendemos a cultivar os alimentos e a cozinhar, a rezar e a crer nos deuses, a encenar brincadeiras e a fazer brinquedos, a cantar e fazer instrumentos para o canto, a dançar e fazer tambores, a fazer e ler poesia, a ouvir histórias e a imaginar, entre outras coisas.

Então estudar descrever estes patrimônios imateriais das comunidades é importância para a relação de pertencimento dos quilombolas, também pode ser fundamental na educação quilombola, assim usei as imagens para explicitar os patrimônios culturais imateriais dos quilombos, nos quais pesquisei. Início o inventário do patrimônio cultural imaterial dos quilombos pesquisados, lembrados os mais velhos, os anciões, ou seja, através dos os troncos velhos. Pois esses são as mestras e os mestres dos saberes populares, sendo que os consideramos os nossos “griotes e griotá”, os mais velhos dos quilombos pesquisados.

Apresento com imagens os patrimônios imateriais dos quilombos da Base, da Serra do Evaristo e da Serra de Nazaré. Assim as figuras 123 - Manuel Vicente da silva, 94 anos, bisneto de Cazuza o fundado do quilombo da Base, e a figurara 124 é senhora Maria Amélia Gadelha da Silva, moradora mais idosa da comunidade do Quilombo da Base, nessa foto ela estava com 93 anos de idade, porém hoje estaria com 103 anos de idade, mas faleceu aos 97 anos de idade, mesmo fazendo a passagem os ancestrais estão presentes na memória e na história.

Assim como o quilombo da Base, o quilombo da Serra do Evaristo e o quilombo de Nazaré também tem seus mais velhos, suas histórias, como: a figura 125, Tico Manduca e 126 José Soares, alguns dos guardiões da memória do quilombo da serra do Evaristo, pois os professores e alunos da Escola Osório Julião, passaram a chamar os seus ancestrais. E a figura 127 é senhor Raimundo Virgino de Sousa, de 80 anos de idade, décadas de vida e assim compartilha seu conhecimento guardado na memória.

Figura 123 - Manuel Vicente da silva, 94 anos - BASE. Figura 124 - Maria Amélia Gadelha da silva, 93anos (in memória).



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 125 - Tico manduca. Figura 126 - José Soares – Evaristo. Figura 127 - Raimundo Virgino de Sousa - Nazaré.



Nas comunidades rurais e nos quilombos mesmo em presença da escrita até hoje se ensina aprende pelo uso da palavra e pala oralidade. No entanto em se tratando da educação é importante trazer essas narrativas também na escrita.

7.5.1 Quilombo da Base e seus Patrimônios imateriais

Falar, descrever o patrimônio cultural dos quilombos, é mergulhar na história passada e emergir no hoje, pois durante as idas aos quilombos, sempre tirei um momento para andar pela comunidade, e sempre teve alguém para me acompanhar, então íamos quilombo adentro conversando, observando e conhecendo a comunidade como suas casas, plantas, e as pessoas e como elas vivem.

Foi através das caminhadas a pé, e de moto que conheci o quilombo da Base, e encontrei o que restou das casas de farinha, a última casa de taipa, as roças com plantação de milho, feijão, mandioca, mas também me permitiu conhecer as pessoas, como elas vivem, seus altares e seus santos, o que fazem e como fazem.

E encontrei nas fotografias um meio de narrar e mostrar estes patrimônios, e assim o faço uma narratividade com as figuras, em: 128 e 129 apresentam as casas de farinha no quilombo da Base, essas são lugares onde se transforma a mandioca em farinha. O lugar ou abrigo destinado ao preparo da farinha de mandioca foi e é chamado de casa de farinha, e na fase pré-colonial uma casa de farinha, nada mais era que um abrigo de palha ou sapê, às vezes com apenas um lado fechado, coberto de palha e chão de terra batida tendo, o qual em alguns lugares mudou um pouco a estrutura física, todavia as casas de farinha possuem: um tacho, uma roda de madeira com ferro, corda para girar a roda, caititu (triturador), coxo de madeira, aparador da massa, prensa, peneira onde passa a massa triturada, rodos de pau, que são utilizados para revolver a massa, e também cuias repartidas ao meio, como utensílios para mexer e jogar para o alto a farinha, até a farinha ficar no ponto certo.

Mas as casas de farinha além da produção de farinha de mandioca, foram lugares da prática do viver comunitário, e de atividades sociais e manifestações culturais, como as festas alegres com dança, muito beiju e as tapiocas. Nas farinhadas celebravam não apenas o resultado final de um dia de trabalho ou um ciclo, mas também os vínculos familiares que hoje são relembrados pelos mais velhos, memórias saudosas que o tempo não apaga.

E como podemos ver a figura 130 que mostra um senhor quilombola voltando da roça, numa carroça carregada de maninva que são os caules ou talos da mandioca, então parece uma atividade do passado, porém, ainda hoje tem alguns que fazem roças de mandioca. Também mostra um pouco do dia-a-dia da comunidade, como a figura 131 Maria Joana da Silva, uma

senhora quilombola que transita a pé do quilombo de Alto Alegre ao quilombo da Base, a fotografia foi tirada no momento em que ela parou em frente a roça que fica em frete a casa do Sebastião, para falar com os parentes.

Figura 128 e 129 - Casa de farinha e seus equipamentos.



Fonte: SANTOS, M. P. dos. (2012).

Figura 130 – O homem na carroça. Figura 131 - Mulher e seu cajado.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

As figuras 132 e 133 representam como eram as casas no passado, elas eram feitas de taipas, técnica muito usada nas zonas rurais do nordeste, nos quilombos também, hoje a presenças das casas de taipa estão desaparecendo, e dando lugar para outros tipos de habitação. E as figuras: 134 é um altar de santos católicos de um morador do quilombo, 135, 136 mulheres no seu dia-a-dia em tarefas de casa, elas estão debulhando feijão, assim as fotografias mostram os modos de rezar, de fazer e de viver no quilombo da Base. E que a debulha do feijão faz parte da cultura local.

Figura 132 e 133 - Casa de taipa.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 134 - Altar dos santos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 135 e 136 – Mulheres desbulhando feijão.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

7.5.2 Quilombo Serra do Evaristo e seus Patrimônios imateriais

A Comunidade Quilombola Serra do Evaristo localiza-se na microrregião do Maciço de Baturité, região norte do estado do Ceará, no município de Baturité, no topo da serra, em uma região geograficamente íngreme, com escassez de recursos hídricos e de difícil acesso, cuja principal estrada é estreita, construída com pedra e barro, permeada de subidas sinuosas e com longas curvas. No topo da Serra, a exuberância e beleza da paisagem e da vegetação local são ainda mais fascinantes, sendo possível visualizar, do alto do refúgio comunitário, toda beleza do entorno, outros municípios.

O quilombo Serra do Evaristo além ser agraciado de beleza pela natureza, é visibilizado pela presença dos seus ancestrais, pois até na terra ainda há presença deles, isso se comprova através dos achados arqueológicos, que hoje se encontram no museu da comunidade.

Em março de 2012, tiveram início os trabalhos de escavação em um sítio funerário, de onde foram coletados inúmeros vestígios materiais pré-históricos. Um acervo arqueológico resgatado da escavação ali realizada pelo Iphan-CE, que formou o Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Esse foi fundado em 2013, teve um Seminário, onde se falou do processo que culminou no salvamento do sítio arqueológico e na construção do museu. O Seminário, organizado pela própria comunidade, pois houve também participação e envolvimento direto dos quilombolas nas escavações e na construção do Museu.

Alem dos arqueólogos e técnicos, as escavações no Sítio Funerário Evaristo contaram com o trabalho dedicado de sete estudantes dos ensinos fundamental e médio, moradores da comunidade Quilombola do Evaristo que atuaram nas atividades de pesquisa e socialização dos resultados. A participação dos alunos foi também motivada pela população local.

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/446/museu-comunitario-recebe-achad>

O sítio foi descoberto quando artefatos e utensílios de barro, urnas e fusos afloraram, ou seja, foram aparecendo na terra, na comunidade quilombola da Serra do Evaristo. "Foi um professor da comunidade que me contatou, em vista dos objetos aparecerem de maneira muito frequente, como em frente à igreja e as escolas".

As figuras 137 mostra parte da igreja, o ponto de cultura e a escola no quilombo do Evaristo, pois elas se encontram todas no mesmo lugar, e 138 mostras marcas no lugar em frente à escola, onde foi feito as escavações arqueológicas, processo realizado para retirar os objetos antigos encontrados ali.

Figura 137 - Da esquerda para direita parte de igreja, ponto de cultura e escola. Figura 138 - A frente da escola como marcar do trabalho arqueológico.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

A comunidade Serra do Evaristo fica localizada acerca de 500 metros de altitude e a nove quilômetros de Baturité, então houve os trabalhos arqueológicos de escavação e após esse, também teve a construção do museu, onde reuniu o material coletado, a fim de se apropriar da história local, também não se perder a identidade territorial dos povos que habitaram no passado.

Figuras 139 - Equipe de escavação; Figura 140 - Os *objetos recolhidos irão compor um museu.*



Fonte: internet.

As ações realizadas na área pelo IPHAN atendem às reivindicações da Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, certificada pela Fundação Palmares. Um dos grandes destaques do trabalho da equipe, coordenada pelos arqueólogos Igor Pedroza e Cláudia Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi o achado de um esqueleto humano que, de acordo com as observações iniciais do professor Sergio Monteiro, consultor em arqueologia funerária, aponta para um “indivíduo adulto, com mais de 50 anos de idade, de constituição física relativamente robusta, depositado no interior de uma urna funerária em posição sentada e pernas flexionadas”. Com as descobertas arqueológicas está sendo possível estudar os modos de vida das populações que habitaram a área, especialmente aqueles relacionados às práticas funerárias.

diariodonordeste.com.br/cidade/museus/museu-comunitario-recebe-achados-arqueol

O Museu Comunitário da Serra do Evaristo possui urnas funerárias, machadinhos polidos, fusos, entre outros inúmeros vestígios arqueológicos com mais de 700 anos que compõem o acervo. Também entre os materiais resgatados no quilombo Serra do Evaristo estão fragmentos de recipientes cerâmicos, ossos de animais como lagartos, tatus, peixes, pequenos carnívoros e aves. Então tantos os achados arqueológicos como pesquisa realizada na localidade comprovam que a comunidade em tempos passados dominava agricultura, a fiação de algodão e a fabricação de cerâmica.

Com a execução do plano de ação, as escavações foram de fato compensatórias, com relação ao resultado. Na área envolvida, foram encontradas 30 urnas funerárias e mais de 50 machados de pedra, além de fusos, comprovando, assim, que os povos dominavam o tear do algodão. A informação comprovava que grupos indígenas ocuparam o local pelo menos dois séculos antes da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500. Iphan/CE, (2012).

As figuras 141 e 142 apresentam o museu comunitário do quilombo da Serra do Evaristo, um dos lugares que guarda e busca preservar a história e o patrimônio cultural da comunidade.

Figuras 141 e 142 - Museu do quilombo Serra do Evaristo.



Fonte: Evandro Clemente.

E além do museu tem outros patrimônios culturais imateriais como a dança de São Gonçalo na Serra do Evaristo, e essa é ligada a religiosidade na Serra do Evaristo, é o catolicismo popular. As festas, os eventos giram em torno da igreja católica. Diariamente existem programações na igreja, tais como: santo ofício, terço dos homens, novenas, catequese. Nas reuniões diárias, estão presentes, no mínimo, vinte pessoas entre homens, mulheres e crianças. A Serra do Evaristo é uma comunidade que se desenvolveu no alto da Serra e ali construíram sua existência, produzindo e ressignificando suas crenças, entre as quais se destaca a Dança de São Gonçalo. Lá, a religiosidade é expressa na paixão pela dança de São Gonçalo e constitui um ethos da comunidade. A figura 143 mostra a forte presença da religião católica, pois tem a igreja, mas no salão cultural onde acontecem algumas reuniões também tem um altar e os santos.

Figura 143 – Altar e os santos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Assim trago a representatividade através das fotografias 144 essa mostra Festa de São Gonçalo, e a figura 145 traz um manequim vestido com a roupa de São Gonçalo, esse manequim fica na escola para que todos os alunos conheçam as tradições.

Figuras 144 - Festa de São Gonçalo.



Figura 145 - E roupa de São Gonçalo.



Além da dança de São Gonçalo, o quilombo tem parteira e tem a prática do usos das plantas medicinais para a cura, assim eu diria que tanto a dança quanto as plantas são remédios para o corpo e para a alma, e são patrimônios culturais assim como as parteiras. Então como parteira da comunidade trago Maria Ester de Souza, 90 anos de idade, e dado os relatos dos quilombolas sobre parteira, conhecemos Maria Ester:

Maria Ester de Souza ou ainda Maria Julião Ramos, nome que recebeu após o casamento, na época com 14 anos, é o nome da Mãe Ester, de 90 anos, parteira durante muitos anos na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Mãe de 16 filhos, nascida e criada na Comunidade da Serra do Evaristo, aprendeu o ofício de parteira com a Dona Feliciana como era conhecida a Sra. Maria de Lourdes da Conceição que também era parteira nesta mesma localidade e com a senhora Alda, esposa do Sargento Sebastião. Começou seu ofício nesta comunidade em uma época em que a vida era bastante simples, não havia energia elétrica, nem estrada que dava acesso a cidade de Baturité, fato esse que contribuía para que quase todos os partos realizados na localidade fossem feitos por parteiras. Além da Serra do Evaristo, assistia também famílias de outras localidades da redondeza como Carões, Castelos, Oiticica, Jardim e Jordão.

O ofício das parteiras era uma prática comum, assim como uso das plantas medicinais na cura das enfermidades, e uso das plantas ainda é uma prática utilizadas até hoje por vários povos, e nos quilombos também, pois está presente nas três comunidades estudadas e em outras.

O uso de plantas medicinais para cura de doenças é um costume bastante antigo dos moradores da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo. Em 1996 teve início essa localidade a formação de um grupo sobre a coordenação de Dona Maria do Socorro Fernandes Castro, que passou a realizar um trabalho de orientação de uso das plantas medicinais e a produção de remédios caseiros.

Como resultado não conclusivo, destaca-se que a festa e Dança de São Gonçalo, a prática do ofício de parteiras e uso das plantas medicinais, tudo isso são manifestações religiosa, culturais e patrimoniais que carrega significados potentes que se refletem na organização comunitária, assim, as práticas pedagógicas podem utilizar esta manifestação cultural na perspectiva de reconhecimento e fortalecimento dos vínculos identitários e pertencimento da comunidade quilombola.

7.5.3 Quilombo de Nazaré e seus patrimônios imateriais

No quilombo de Nazaré, em novembro de 2017, foi para a comunidade, passei dois dias na casa da Ana Carla, quilombo, professora, e também já foi líder da associação quilombola de Nazaré. E nos dias, os quais fique lá realizei boas caminhadas pela comunidade, a primeira delas aconteceu, foi muito emocionante descobri o mundo que se esconde dentro dos matos, pois acompanhada pelo jovem Antônio Rodrigues Alves, 28 anos de idade, porém ele é mais

conhecido por Toinho, esse foi meu guia quilombola, nesta etapa da pesquisa de campo. Ele me mostrando uma boa parte da comunidade, foram umas quatro horas de caminhada pelo quilombo, iniciamos então a pesquisa pela a casa de farinha e o engenho, que ficam logo na entrado do quilombo, depois seguindo passamos no local onde iniciaram a construção da escola, mas está parada. E uma obra que estava para ser concluída em 2018.

As figuras 146, 147 e 148 mostram a casa de farinha e o forno onde torra a farinha de mandioca, no quilombo de Nazaré.

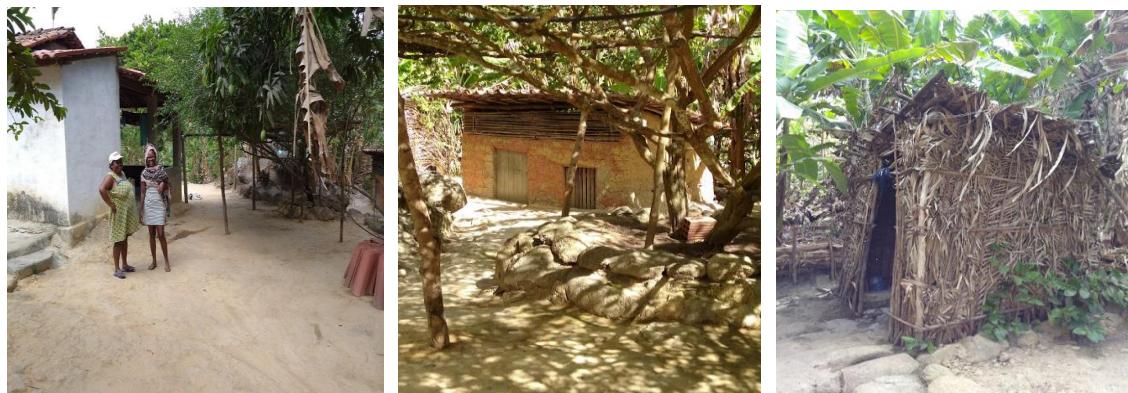
Figura 146, 147 e 148 - Casa e forno de farinha.



Fonte: Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Na longa caminhada, para aqui, conversa ali, foi se descampando, ou seja, foi se vislumbrando como é o quilombo, o que ele tem, como se vive seus habitantes, como saberes e fazeres. Assim percebem-se as casas de alvenaria e taipa, quintais sem cerca e nem mura, ou melhor, só os muras naturais, pois a própria a natureza, as árvores e arbustos se fazem muros naturais. E a fotografia 149 mostra a casa da Dona Rita de Lima Santos, nascida em 12.04. 1958, está com 62 anos de idade, sua casa hoje é coberta de telha, paredes de tijolos e cimento, que é uma casa que tem um quintal sem muro ao seu redor, figura 150 uma casinha de taipa (uma despensa) e figura 151 traz uma casa de palha (uma espécie de privada no chão), então a residência quilombola e o que tem em seu entorno, como a casinha de taipa que serve de deposito ou despensa.

Figura 149 - Casa, quintal sem muro; Rita e Eu. Figura 150 - Casa de taipa, 151 - Casa de palha (banheiro).



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Algumas casas ainda são de taipa, onde ainda algumas têm o banheiro fora da casa, e feito de palha, também tem casa com fogão a gás, mas também prevalece o fogão a lenha, e até pessoas que ainda fazem trempe (uma espécie de fogareiro no chão) para cozinhar.

Andando pelas veredas, por dento do mato, fui conhecendo o patrimônio natural, o patrimônio cultural imaterial do quilombo. No quilombo ainda o modo do viver está em sintonia com a terra e seus elementos, se percebe no caminho, no entorno das casas, as árvores frutíferas e ouvindo o cantar dos pássaros. E algo encantador que deveria ser natural em outros lugares, é a existência de casa sem muros, ou seja, casas com quintais sem muros de cimento, em algumas apenas a vegetação como divisão dos espaços entre as casas, essa é uma forma de divisão do espaço ainda presente em Nazaré, mas que está desaparecendo em outros quilombos.

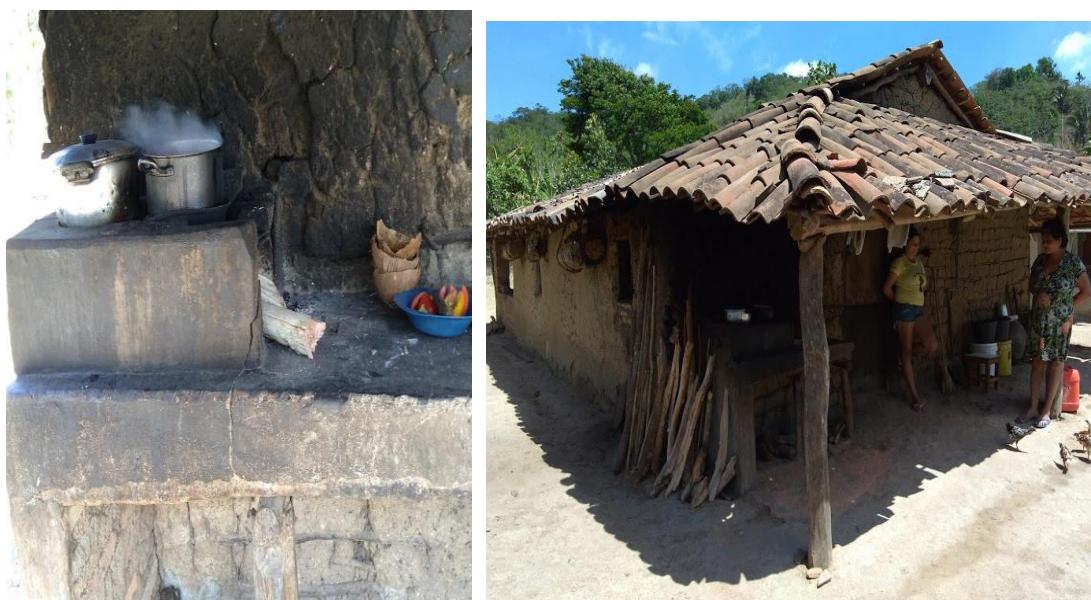
A figura 152 apresenta trecho do caminho e a linda paisagem dentro do quilombo de Nazaré, e a 153 mostra a paisagem, plantação e os quintais sem muro.

Figura 152 - caminho e paisagem. Figura 153 - quintal sem muro e paisagem.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Figura 154 - Fogão a lenha. Figura 155 - Casa no quilombo de Nazaré.



Fonte: Marlene P. dos Santos. (2017).

Dias no quilombo, convivendo com os moradores, e percorrendo a comunidades, percebo sua beleza, a natureza, o cotidiano dos quilombolas, mas observei e também conversei com várias pessoas, as quais falam u pouco como vivem. Eles vivem em meio a natureza, gosta de viver na serra, e tem algumas dificuldades.

Constatei algumas situações do dia-a-dia no quilombo, como:

Moradores que ainda sofrem perseguição por conta da terra, conflitos pela posse de terra, e as pessoas tem medo morrer, aparece gente armada andando pela comunidade, “os donos da terra”.

Nazaré tem nascentes de água, mas também há conflito entre alguns quilombola e donos de terra pelo uso da água, um exemplo, é o caso que acontece um quilombola, que o chamo de o “Homem da nascente” ele me contou que sofre por que vendi uns garrafões de água, pois ele retirava de uma nascente, o dono não gostou, alguém denunciou, e disse que ele estava explorando o meio ambiente de maneira inapropriada, mas o intrigante é que um dos representantes do órgão responsável pelo meio ambiente é da família do denunciante, eles proibiram a retirada de água, multou o quilombola, esse está procurando água na nascente no lugar onde mora.

E o Homem da nascente, me mostrou um pouco do patrimônio natural existente no quilombo, andamos mais ou menos uns 600m para chegar a uma bica d’água, essa no momento tinha pouca água, porém quando é período de chuva fica cheia, além da bica foi me mostrando árvores e flore que tem na região.

Figura 156 e 157 - A bica no quilombo de Nazaré.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Em meio às dificuldades, os quilombolas resistem como e com patrimônios naturais e patrimônios culturais.

Concluímos da existência de uma forte ligação entre os elementos dos patrimônios culturais, materiais e imateriais, como a memória e com as identidades coletivas dos grupos sociais, no caso os grupos sociais afrodescendentes. Mas como processos sociais (históricos e culturais) particulares, específicos e irreprodutíveis em outras condições.

Dentro dos parâmetros do conhecimento africano esta relação entre memória e patrimônio cultura é forte, teríamos que a memória coletiva é reflexo em grande parte da existência de bens patrimoniais, sendo também a memória coletiva um patrimônio cultural.

8 MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: AS GUERREIRAS DA RESISTÊNCIA ANCESTRAL

Mulheres

Nós somos Mulheres de todas as cores
 De várias idades, de muitos amores
 Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei
 De Elza Soares, mulher fora da lei
 Lembro de Anastácia, Valente, guerreira
 De Chica da Silva, toda mulher brasileira
 Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo
 Minhas regras
 Agora, mudou o quadro

Mulheres cabeça e muito equilibradas
 Ninguém tá confusa, não te perguntei nada
 São elas por elas
 Escuta esse samba que eu vou te cantar

Eu não sei porque tenho que ser a sua felicidade
 Não sou sua projeção
 Você é que se baste
 Meu bem, amor assim quero longe de mim
 Sou mulher, sou dona do meu corpo
 E da minha vontade
 Fui eu que descobri Poder e Liberdade

Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim

(Versão) (part. Doralyce), Silvia Duffrayer.

8.1 Mulheres Negras protagonista da/na história

Devido ao protagonismo das mulheres negras nos quilombos e na história das populações negras e devido à ausência de menções das lideranças nos trabalhos realizados por estas é que estamos escrevendo este capítulo.

A ausência das menções de reconhecimento da importância das mulheres negras é um fato histórico, há uma omissão deliberada e sistemática, repetida em todas as instituições e presente na educação. Sobre as mulheres negras e suas realizações de um modo geral pouco se fala durante as aulas, nas escolas e nas reuniões públicas sobre a memória negra do país. Quando se fala não vai além de menções sobre a escravidão e os abusos sexuais sobre elas, ou das funções delas no trabalho doméstico. Ainda mais grave porque quase nada de edificante é ensinado sobre a participação das mulheres negras na história. Por isso, que neste capítulo busca resaltar a fundamental importância das mulheres negras que dedicaram suas vidas para mudar a história da África e do Brasil. Começo com exemplos históricos africanos, brasileiros e passo depois para os quilombos do Ceará.

A trajetória da mulher negra tanto no passado como no presente é marcada pelo esquecimento, desrespeito, e uma tentativa de invisibilidade, pois seus grandiosos feitos quase nunca são evidenciados. E foram e são muitas mulheres negras grandiosas em sua trajetória histórica. Apesar de grandiosas, muitas outras mulheres negras foram condenadas ao esquecimento histórico: apagadas de livros de história, banidas de discussões em classe, arrancadas de contos infantis e relegadas, no máximo, ao papel de esposas de algum herói.

Neste capítulo a intenção é fazer aportes a educação quilombola, reconhecendo a necessidade e importância de mostrar a diversidade da participação das mulheres negras na história desde o escravismo a atualidade. Com profissões importantes para história brasileira e da população negra as mulheres negras existiram como pretas do tabuleiro, quitandeiras, costureiras, negra de ganho, rezadeiras, fianneiras, líderes quilombolas, líderes de revoltas e batalhas, professoras negras, empregadas domésticas, líderes religiosas, escritoras e parlamentares, ou seja, mulheres negras na construção da história e do país.

Durante o escravismo criminoso muitas das profissões que foram fundamentais para a organização da vida nas cidades eram realizadas por mulheres negras e por organizações de mulheres. O comércio urbano de produtos das mais diversas formas era organizado por mulheres

negras. A importância delas no meio urbano no comércio de legumes, frutas e verduras são marcantes, pois o nome quitanda e quitandeiras passam para fazer parte da língua portuguesa do Brasil e não existe no português de Portugal. O escravismo de mulheres de ganho, as ganhadeiras, produziu uma classe urbana de escravizadas empreendedoras que agenciavam a venda do seu trabalho e de seus produtos de forma independente e somente pagando prestação semanal ao escravizador (CAVALCANTE, SAMPAIO, 2012). As irmandades supostamente católicas, apenas muitas vezes nominalmente católicas, reuniram muitas dessas mulheres escravizadas de ganho e através delas foram feitas construção de igrejas e de propriedades dessas irmandades que superava por vezes a importância urbana das irmandades de brancos. Nessas irmandades realizou-se a educação de parcela da população negra como a história mostra na irmandade de Sobral que constituiu a primeira escola pública da cidade (SOUZA, 2006). As irmandades eram administradas por dois corpos de juízes, um feminino e outro masculino, como o mesmo poder de decisão.

Durante a maior de tempo da história do escravismo criminoso, e mesmo depois dele muitas das profissões auxiliares a medicina nos hospitais, casas de saúde, e nas residências foram executadas por mulheres negras, parteiras e auxiliares de enfermagem. Como também a medicina de uso da população em sua maioria foi produzida pelas curandeiras e rezadeiras.

A nossa história pouco fala das populações negras livres e que também omite as mulheres negras livres de importância da vida social mesmo no período do escravismo criminoso. Como diz a história oral do quilombo de Conceição das Crioulas de Pernambuco as terras foram compradas pelas mulheres com dinheiro resultante da fiação de tecidos (ZACARIAS, 2016).

Nos levantamentos bibliográficos realizados percebeu-se a falta de materiais acadêmicos sobre essas mulheres negras, suas contribuições, participação e legado histórico, eu busco mais protagonistas negras que marcaram a história: a maioria dessas heroínas é pouco reconhecidas e registradas na história oficial; então em quanto mulher negra é uma honra trazer comigo as mulheres negras, as nossas ancestrais. Consideramos que não vamos preencher esta lacuna toda dentro de apenas um capítulo, mas deixamos marcadores para serem utilizados ou desenvolvidos na educação quilombola.

8.2 Mulheres Negras, Rainhas e heroínas africanas: resistência, presença, participação e construção de um legado histórico

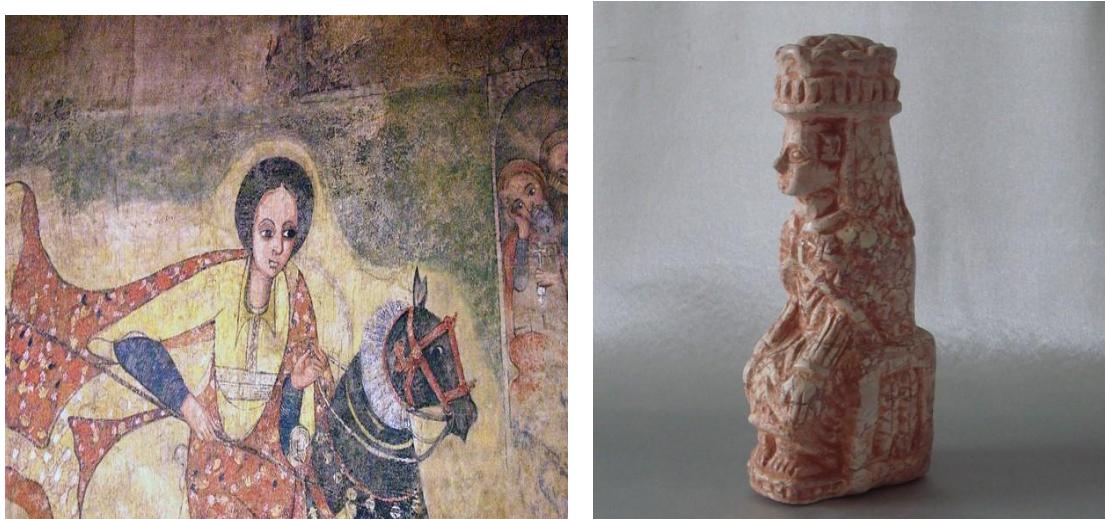
África tem nas suas histórias o registro de rainhas e guerreiras. Desde o Egito antigo, passando pela Núbia, Egito, Etiópia, Nigéria, Congo, Gana, Guiné Bissau, África do Sul e Benin. O continente tem uma história de luta das mulheres que eram combatentes assim como os homens. Apenas algumas referências marcantes mais conhecidas na literatura africana é que vamos transcrever nesse texto.

Makeda - A rainha de Sabá (960 antes de Cristo)

A história da Rainha de Sabá, Makeda, datada de 960 anos antes da era cristã, se confunde com a história do Cristianismo Copta na Etiópia e com a própria história da fundação das dinastias cristãs nesse país. Essas histórias são narradas num livro etíope denominado *Kebra Negast* (WALLIS BUDGE, 2013). A rainha de Sabá aparece em textos bíblicos também. A descrição dessa rainha nos textos bíblicos é como poderosa, bela e corajosa. Contam às histórias que o reino de Sabá era muito poderoso na região do Mar Vermelho e que a rainha visitou o rei Salomão, também poderoso na região. Que nas tratativas solenes da visita a rainha se converteu a religião judaica, dando inicio ao aparecimento de uma população judaica na Etiópia. Nesta conversão a rainha também concebeu um filho de Salomão que se tornou o primeiro imperador das dinastias Etiopês que governaram essa nação por mais de um milênio. Na visita paira uma grande dúvida histórica, que a rainha teria recebido a Arca da Aliança, um baú de madeira contendo as tabuas das leis dos antigos israelenses (MUNRO-HAY, 2005).

No século primeiro da era cristã, com o aparecimento do cristianismo a Etiópia se tornou a primeira nação cristã no mundo pela conversão de parte da população judaica. A rainha de Sabá faz parte da história oficial da Etiópia e é muito prestigiada na população cristã. As figuras¹⁵⁸ e ¹⁵⁹ são representações etiopesas da rainha de Sabá. Na atualidade existe um grande esforço científico e arqueológico para reescrita da história do Reino da Rainha de Sabá (PHILLIPSON, 2012).

Figura 158 e 159 – Representações na Etiópia da Rainha de Sabá, A esquerda um quadro antigo das Igrejas Coptas. A direita um estatua também antiga.



Fonte: www.alamy.com/stock-photo/elitre.html.

NZINGA ou Njinga Mbandi (1583 - 1663)

Rainha Ginga de Angola, a líder da resistência africana no enfrentamento a dominação europeia na África.

Existem várias formas de escrever o nome dessa rainha histórica que é um dos maiores símbolos de resistência do povo africano às invasões europeias. Podemos considerar o nome completo como Nzinga Mbandi Ngola Kiluanji. No livro de Nei Lopes: “Bantos, Malês e Identidade Negra” temos uma biografia da rainha Ginga (LOPES, 1988). A palavra Nogola é o título de realeza, significa rainha. O nome de Angola para a região foi dado pelos portugueses em razão da palavra “Ngola” na língua quimbundo.

No século 15 a região de Angola e do Congo figuravam importantes reinos devido à riqueza comercial da região (PARREIRA, 1997). Entre estes reinos estavam o do Ndongo e do Congo. O rei do Congo era imperialista sobre a região e tentava a submissão dos reinos vizinhos do Ndongo, Kassanje, Dembos, Kissama e da Matamba. Nesta mesma época os europeus realizam comércio com a região e compravam tecidos, marfins e cobre. Depois se puseram a caçar e escravizar africanos. Das relações comerciais que os europeus mantinham na região africana, os europeus procederam as invasões de dominação e se aliaram ao reino do Congo que se converteu em reino cristão. A rainha Nzinga sucedeu seu pai no trono e realizou um processo de resistência às invasões europeias se tornando um pesadelo para os portugueses. Os portugueses propuseram a uma negociação e a paz na região. Uma das cláusulas da negociação

imposta pela rainha Ginga era a proibição da escravização de africanos. Nesse acordo a imposição dos portugueses era a conversão da rainha ao catolicismo, sendo que ela foi batizada como Dona Ana de Souza. Embora os portugueses aceitassem o acordo não cumpriram e as guerras voltaram e ela lutou pela independência do Ndongo, sendo vencida. Seu pai era rei da Matamba e com a morte dele a Nzinga lutou pelo trono. Ganhou a luta pelo trono e se tornou a rainha da Matamba, dando continuidade à luta contra as invasões europeias e contra os colaboradores com os europeus. Nzinga estabeleceu uma guerra de estratégia de guerrilha e que produziram os primeiros quilombos. As Congadas Brasileiras são a memória das lutas entre o Ndongo, Matamba e o reino do Congo, e contra a invasão europeia na região. A rainha Nzinga faleceu com 82 anos em 1663. Em muitas cidades de Angola existem monumentos em homenagem a ela. Nas figuras 160 e 161 apresentam um monumento de Luanda em homenagem a ela e uma gravura retratando a sua imagem. Em romance histórico Jose Eduardo Agualusa narra de forma incrível a história da rainha Ginga (AGUALUSA, 2014).

Consta da história que houve outra negociação de paz e que a rainha Ginga reorganizou a economia da Nação. Mas após a sua morte os seus 7000 soldados foram aprisionados pelos portugueses e enviados para o Brasil onde foram escravizados. Os portugueses conseguiram controlar a região em seu favor somente em 1671.

Figura 160 - Apresentam um monumento de Luanda em homenagem a Nzinga.



Fonte:www.pinterest.com.

Eis abaixo uma das figuras de Nzinga, mais conhecida por nós:

Figura 161 – Gravura representando a Rainha Nzinga



Fonte: Capa do Livro-Editora Casa das Letras.

Amina - a rainha de Zaria, Nigéria (século XV)

A rainha Amina nasceu em provavelmente em 1533 na cidade de Kano, reino de Zaira. Ela é conhecida na história da Nigéria como a rainha guerreira e se tornou um símbolo legendário entre as populações Hausas do norte de Nigéria (JONES, 2000).

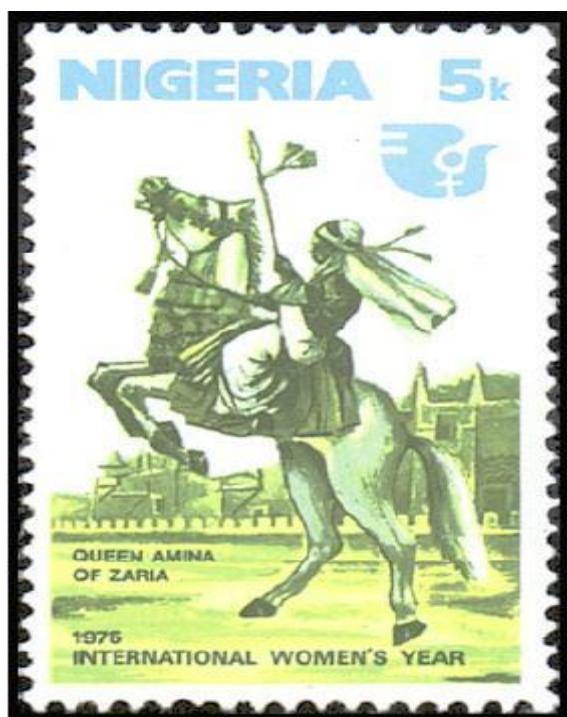
A atual Nigéria no século XVI era constituída de diversos povos e diversas nações, Ibos, Iorubas, e Hausas. O povo Hausa era composto dos reinos de Katsina, Daura, Kano, Zazzau, Gobir, Rano e Garun-Gabas.

O principal feito da Rainha Amina foi de criar um hábil e treinado exército, anexar uma grande região em torno dos povos Hausas e participar do eixo trans-saariano de comércio de longa distância o que trouxe riqueza e poder para seu povo. Ela utilizou os conhecimentos sobre o ferro do povo Hausa e introduziu armaduras de metal e capacetes para o exército. Os principais produtos comerciais dos Hausas eram noz de cola, couros, ouro, sal, tecidos, rena (tinta) e escravos.

A rainha Amina arquitetou nova forma de construção das cidades devido às invasões dos povos caçadores de seres humanos para escravização. Produziu cidades fortificadas contendo altos muros de terra crua com estrutura de madeira. O que se tornou um protótipo de fortificação para toda a região. Durante seu governo foram criados um número considerável de fortificações que posteriormente ficaram denominadas como as muralhas de Amina e que muitas delas existem até hoje.

A imagem apresenta um selo da atual Nigéria em homenagem a Rainha Amina de Zaira.

Figura 162 – Selo Nigeriano em homenagem a rainha Amina de Zaira.



Fonte: Museu nacional da Nigéria.

Yaa Asantewa (1840 – 1921) - Reino de Ashanti, Gana. (Século XIX)

Yaa Asantewa é um dos símbolos da Gana na luta contra o colonialismo Inglês. Ela era membro da família real Ashanti, que atualmente é parte de Gana.

Em meados do século 19 o povo Ashanti formava uma federação de diversos estados muito prósperos devido ao comércio de ouro. No mesmo período os invasores ingleses faziam diversas incursões sobre a região africana ocidental. As pressões comerciais e os problemas internos dos estados Ashanti levaram a uma guerra civil entre 1883 e 1888. Os Ashantis ficaram enfraquecidos o que facilitou a invasão Inglesa e a deportação do rei e de membros ilustres do

governo. Embora que a influência dos ingleses fosse forte os Ashanti nomearam um novo rei e deram continuidade a sua autonomia relativa (ARHIN, Brempong, 2000).

O símbolo do estado, além do rei era o trono de ouro. Os ingleses exigiram a entrega do trono de ouro como forma de reduzir o poder dos governantes Ashanti perante o povo. O povo Ashanti ficou dividido em obedecer aos ingleses ou resistir. A mesma hesitação foi também entre os membros da federação Ashanti. Neste momento houve um forte discurso Yaa Asantewa, no qual ela critica as forças masculinas e diz que vai convocar as mulheres a defender a honra do país. A tomada decisão dela que a levou a liderar uma rebelião do povo que passou para a história como a Guerra do Trono (ARHIN, Kwame, 1983). Ela assumiu o governo e lutou contra os Ingleses durante um longo período. Derrota foi presa e exilada. A figura 163 apresenta a rainha entre trajes de guerra.

Figura 163 - Fotografia da rainha ganense Yaa Asantewa em trajes de guerra.



Fonte: afrolegenda.com.

Essas mulheres africanas guerreiras sintetizam o espírito de lutas das mulheres que deram continuidade a inúmeras batalhas no Brasil.

8.3 As mulheres negras nas menções da história do Brasil

Abordar a história da população negra no Brasil, assim como as especificidades em relação à mulher negra escravizada, mulheres negras em geral é sem dúvida um exercício que

vem sendo buscado cada vez mais pelos estudiosos na recente historiografia social da escravidão, e entre eles podemos destacar: Mattoso (1982), Silva Dias (1984), Giacomini (1988), Rocha (2001), Schwartz (2001), Gomes (2003), entre outros. Falar da mulher escravizada ou mulher quilombola num período de extrema opressão a população negra é penetrar no universo de quem viveu a experiência de ter tido sua identidade invisibilisada, ter sido submetida à violência, mas também destacam suas ações de resistência ao sistema. Porém, em 1980, período que se inaugurou uma nova fase sobre pesquisas acerca da escravidão, diversos temas vêm sendo abordados com relação as vivências de mulheres e homens negros e a fundamental relevância que teve o papel desempenhado pelas mulheres dentro desse contexto entre outras abordagens. Mulheres e homens negros contribuíram para a construção do Brasil, porém aos homens tem destaque e lugar no pódio e as mulheres a invisibilidade. Mas as mulheres sempre conquistaram e continuam conquistando seu lugar no pódio, na história, na ciência, em todos os lugares onde quisermos ir e estamos.

Então, falar, escrever e traz as mulheres negras em quanto protagonista na construção da história do Brasil se faz necessário. As várias mulheres negras, mulheres simples, guerreiras, fortes, quitandeiras, quilombolas, profissionais liberais, artistas, atletas e ativistas políticas que fizeram e fazem à diferença no país, eu digo também no Ceará e nos quilombos.

Mulheres negras, a história é repleta de personalidades negras que foram importantes nas mais diversas áreas, apesar das adversidades, mulheres personalidades importantes na trajetória histórica do Brasil, eu diria do mundo.

Aqualtune: princesa e comandante militar de Palmares—(c. 1600 -?).

O quilombo dos Palmares foi uma das maiores construções de resistência da população negra no período escravista. Aqualtune é uma personalidade feminina que esteve presente nas lutas africanas e que reaparece nas lutas de Palmares no Brasil. Embora a sua biografia seja pequena sabemos pela literatura e pela oralidade fatos relativos a sua vida (SEGABINAZI; SOUZA; MACEDO, 2017), (MAZZA,2017). Ficou conhecido que Aqualtune nasceu no Reino do Congo, era uma princesa que ocupou um importante papel na sua terra natal. Comandou um exército de 10 mil homens contra o Reino de Portugal defendendo seu território. Suas tropas foram derrotadas e o seu povo aprisionado e vendido no infame comércio de seres humanos para o escravismo no Brasil. Desta forma foi vendida, trazida para engenhos em Alagoas no Brasil. Nestes engenhos participou de rebelião bem sucedida e escapou para a região

do Quilombo dos Palmares, sendo, portanto parte dos iniciadores de Palmares. O seu nome passa para a história, pois teria comandado uma das vilas de Palmares. Também consta ter tido três filhos, sendo um deles Ganga Zumba que depois comandou o quilombo.

Muitos historiadores contestam a existência, e reclamam da precisão histórica, no entanto para o povo negro seu nome, sendo mito ou não é uma referência forte de existência na luta pela formação e consolidação de um dos quilombos mais importantes para história do Brasil. Mesmo com a documentação escassa ela aparece e ganhou nome, portanto é importante como referência. Devemos lembrar que a história desse período foi realizada em sua maioria por documentos produzidos pelos escravizadores e que não tinham interesse em detalhar a imagem e a bravura das personagens negras.

Dandara (? – 1694) guerreira do Quilombo de Palmares.

Dandara guerreira negra que fez história sendo um dos nomes principais da resistência quilombola do país do século XVII, mas quando citada, referem-se a ela especialmente por ter sido a companheira de Zumbi dos Palmares, mas Dandara se destaca por seus feitos.

Tratada na história – esposa de Zumbi, mas quem foi Dandara?

Não se sabe a sua data nem local de nascimento, mas acredita-se que ela tenha nascido no Brasil e desde muito nova vivido no Quilombo dos Palmares, em Alagoas. Teve três filhos com Zumbi e lutou em muitas guerras de resistência contra os colonizadores até que foi capturada e morta por eles, junto a outros quilombolas, em fevereiro de 1694.

Tereza de Benguela (? -1770) - rainha do Quilombo de Quariterê.

Tereza de Benguela, o dia 25 de julho é oficialmente no Brasil o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. A data comemorativa foi instituída pela Lei nº 12.987/2014. Sendo que vários trabalhos de pesquisa narram fatos sobre essa heroína (BANDEIRA, 1988), (LACERDA, 2012), (SIQUEIRA, 1990).

Tereza de Benguela é considerada de forma religiosa Bantu como a reencarnação de Nzinga Mbande no Brasil. Benguela é uma região de Angola. Consta da história de do Estado de Mato Grosso a existência do quilombo de Quariterê, de localização imprecisa, pois pode ter se deslocado na região, no entanto é certo que se localizou nas margens do rio Guaporé um lugar de difícil acesso pela mata densa, o que serviu de proteção ao quilombo. Tereza de Benguela foi a grande líder desse quilombo entre 1750 e 1770. Por esta razão se tornou uma das principais personagens ícones do cenário de luta de resistência negra e quilombola do estado de Mato-grossense e também nacional. Seu nome e sua história estão relacionados também com a cidade

de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital do estado entre 1752 a 1820, devido às relações dos quilombos com a cidade e da grande população negra desta cidade.

Diz à história que Tereza de Benguela viveu no quilombo e constitui família com seu marido José Piolho. Eles com demais membros do quilombo eram os negros fugidos das minas de ouro e das fazendas da região. Seu marido José piolho liderou o quilombo até sua morte em 1740 sendo substituído por Tereza de Benguela. Ela impôs nova organização à produção do quilombo e houve um aumento na produção de milho, mandioca e outros alimentos. O quilombo além de alimentar a sua população comercializa com habitantes das vilas da região. Tinham também o cultivo de algodão e a produção de tecidos para vestimentas.

A rainha Tereza de Benguela, devido a sua forma de governo criou um modo parlamentar de administração tendo uma casa grande de reunião do conselho. Devido às lutas bem sucedidas na manutenção do quilombo recebeu a fama de possuir poderes sobre naturais e por isto ficou muito temida pelos seus inimigos.

No ano de 1770 os portugueses organizaram um grande ataque que destruiu o quilombo, matou grande parte da sua população e aprisionou parte dos integrantes e sua rainha. Durante a prisão a rainha Tereza de Benguela foi exposta a muitas humilhações públicas na cidade de Vila Bela. Ela morreu na prisão e teve sua cabeça cortada e exposta em praça pública.

O quilombo Quariterê se reorganizou e durou pelo menos até 1795 onde sofreu outro duro ataque e foi possivelmente extinto.

Maria Firmina dos Reis (1825 - 1917)

A primeira escritora negra e primeira escritora na história do Brasil. Escreve numa época difícil para uma mulher negra, devido ao escravismo e todas as restrições sociais para mulheres no seu tempo. Na primeira edição nem seu nome figura na capa do livro. Consta apenas: Ursula / Romance Original Brasileiro/Por Uma Maranhense / San'Luis / Na Typographia do Progresso/Rua Sant'Anna, 49 — 1859, (REIS, 1859). Um romance abolicionista editado 30 anos antes da abolição e tendo como um dos personagens um escravo, que por seu caráter ocupa lugar de destaque no plano da obra.

Professora, escritora, jornalistas e abolicionista é uma das figuras impares na história nacional pela sua trajetória de vida surpreendente. O conjunto da obra de Maria Firmina dos Reis e sua biografia são apresentados numa edição especial da Câmara dos Deputados de 2018 (REIS, 2018). Sua produção literária tem os seguintes títulos: romances Úrsula (1859) e Gupeva

(1861/1862), os poemas de Parnaso maranhense (1861), Cantos à beira-mar (1871) e grande número de outros poemas publicados de forma variada em diferentes jornais como “O Domingo” e “O País”. Produziu uma infinidade de texto, como teor crítico social e podemos dizer dos primeiros discursos feministas do Brasil. O maior exemplo é o conto “A escrava”, de 1887, publicado na Revista Maranhense. Produziu na música e na poesia como ironia como se pode ver em “Hino à liberdade dos escravos” ou no “Auto de bumba-meу-boi”.

Destaca-se as posições sobre a situação das mulheres e dos escravizados, portanto foi abolicionista e feminista (MENDES, 2006). Sendo um discurso importante como pioneira sobre o feminismo e como situação da mulher negra.

Como educadora foi aprovada como professora para a cidade de Guimarães no Maranhão em um concurso nacional aos 22 anos de idade. Ao assumir a vaga dispensou os privilégios dados aos professores império, que era o transporte em literinha carregada por escravos. Fundou escolas gratuitas para crianças pobres e foi pioneira na criação de escolas mistas para meninas e meninos.

Luiza Mahin articuladora da revolta dos Males

Dois são os fatos que marcam a personagem de Luiza Mahin na história do Brasil, o fato de seu nome estar associada a organização da Revolta dos Males em Salvador e o de ser mãe do advogado e abolicionista Luiz Gama (GONÇALVEZ, 2010), (RAMOS, 1959). Sendo que principal documento sobre Luiza Mahin é uma carta do seu filho Luiz Gama a um amigo Lucio Mendonça descrevendo a mãe e sua biografia (GAMA, 2006).

Luiza Mahin foi uma figura legendaria de várias revoltas na Bahia, incluindo a dos Males de 1835 e da Sabinada de 1837 (FREITAS, 1985), (LOPES, 1988). Devido seus antecedentes africanos e sua liderança foi declarada Rainha da Bahia pelos revoltosos. Ela nasceu na África Ocidental, na região do Estado de Ondo na atual Nigéria, natural do povo Mahin. Uma região de cultura nagô, com grande influência Islâmica e cuja população conhecia a escrita nagô em caracteres árabes (LOPES, 1988; 2006). Viveu um período das invasões inglesas na região e foi capturada, deportada para o Brasil, onde foi vendida para os escravizadores da Bahia.

Na Bahia, mesmo na condição de escravizada de ganho, se estabeleceu como comerciante, na categoria de negras de ganho, ou ganhadeiras, como negra de tabuleiros de quitutes, que tinham uma liberdade relativa, constituíam as suas moradias próprias e

administravam seus próprios negócios, somente pagando tributos semanais ao escravizador. Por esta condição além de ter transito pela cidade pode utilizar da sua casa para reuniões de revoltosos. A sua participação foi descoberta e ela foi perseguida na Bahia fugindo para o Rio de Janeiro (GAMA, 2006). Ela desaparece no Rio de Janeiro sendo possivelmente deportada para África pela sua atuação política. Ela é um dos símbolos das mulheres negras em luta constante pela liberdade e se tornou inspiradora de grupos de mulheres negras que levam o seu nome.

Antonieta de Barros (1901-1952) - professora, jornalista e deputada estadual por Santa Catarina. Ativistas das causas da educação, das mulheres e contra a discriminação racial.

Antonieta de Barros é um marco na política brasileira e no feminismo negro para causas democráticas. Deputada pelos setores socialistas do Partido Liberal Catarinense e elegeu-se deputada estadual (1934-37), sendo impedida do exercício político pela ditadura Getulista implantada pelo golpe de 1937. Filiou-se depois da ditadura Vargas ao Partido Social Democrático e concorreu as eleições de 1945 ficando como suplente a deputada. Depois foi eleita outra vez tendo assumido mandato em 1947 e legislado até 1951 (NUNES, 2001).

Nasceu em 1901 em Santa Catarina, nas primeiras décadas após a abolição do escravismo, onde as marcas do sistema ainda eram fortes, sendo ela filha da ex-escravizada Catarina Barros. Foi pioneira nas lutas pela libertação das mulheres no Brasil e pelo combate à discriminação racial. A República no Brasil tinha marcas conservadoras e somente instituiu o voto feminino em 1932, entrando para a constituição em 1934, sendo, portanto Antonieta de Barros uma das pioneiras do voto feminino. N sua história consta a ligação como a Federação Brasileira para o progresso Feminino, movimento que luto pela conquista dos direitos da mulher (ESPINOLA, 2015).

Antonieta de Barros se formou professora normalista em 1921, coisa muito rara entre a população da época. As escolas normais eram reduto dos filhos e das filhas das elites locais e a educação era restrita a uma parcela mínima da população. Foi ativista das causas da educação. Fundou o Curso Particular Antonieta de Barros de alfabetização da população pobre tendo dirigido esta instituição até sua morte em 1951, sendo que o curso durou até 1964. Como professora lecionou em diversas instituições de Florianópolis, no Colégio Coração de Jesus, na Escola Normal Catarinense e no Colégio Dias Velho, do qual foi diretora no período de 1937 a 1945. Foi também professora e pessoa de destaque no Instituto de Educação de Florianópolis, entre os anos de 1933 e 1951, tendo dirigido esta instituição entre 1944 a 1951, quando se aposenta (NUNES, 2001).

Participou ativamente de toda a vida cultura da cidade de Florianópolis e do Estado de Santa Catarina, sendo jornalista e escritora. Dentre seus feitos estão: a fundação e direção do Jornal A Semana (1922 -1927); articulistas da revista quinzenal Vida Ilhoa. Com o pseudônimo de Maria da Ilha publicou em 1937 o livro “Farrapos de Idéias”.

Com a sua morte é que foi possível avaliar a sua importância política e educacional devido ao grande número de pessoas que compareceram aos funerais no dia 28 de março de 1952. O enterro registrado na imprensa foi uma verdadeira consagração popular (ESPINOLA, 2015).

Carolina de Jesus (1914-1977) – Escritora, urbanista autodidata, intelectual e celebridade social.

A vida produziu injustiças e Carolina de Jesus as viveu todas. Passou dificuldades de sobrevivência e mesmo assim produziu riquíssima material sobre a realidade das favelas e da vida de mulheres negras que migram das fazendas para cidade do interior, das cidades do interior para as capitais. Mestre, poderíamos denominá-la da sociologia urbana de uma época, onde poucos estudiosos se preocupavam com o tema. Viajou e apresentou seu livro em vários países socialista da Europa onde seu livro foi traduzido. No Brasil, no entanto, por não fazer parte da intelectualidade acadêmica ficou desconhecida e pouco valorizada. Apenas foi retomada pela militância feminina dos movimentos negros e daí lida e apreciada e reintroduzida como grande intelectual que foi (MELO, 2014), (FERNANDEZ, 2015).

Se livro famoso “*Quarto de despejo*” foi publicado em 1960, considerado como um sucesso vendou trinta mil exemplares em uma edição e cem mil exemplares na segunda edição. Quase que um recorde nacional de venda. O livro foi sucesso internacional traduzido para treze idiomas em quarenta países. A autora é um marco inegável na literatura nacional dos anos de 60. Também é um trabalho precursor dos trabalhos de urbanismo sobre favelas e a vida nas favelas.

Carolina realizou em vida mais três publicações importantes: “Casa de Alvenaria” (1961), “Pedaços de Fome” (1963), “Provérbios” (1963). Possui dois livros póstumos: “Diário de Bitita” (1982) e um conjunto de poemas inéditos com o título de “Antologia pessoal”. (MELO, 2014), (FERNANDEZ, 2015).

Sua história é muito inédita e muito comum. Fez parte das vidas de famílias negras no período do pós-abolição, num imenso êxodo entre as fazendas e a cidades devido a forma absurda que realizada a abolição, sem políticas públicas e sem direitos para a população negra. Nasceu numa fazenda em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914. Os pais migraram para a cidade ela foi trabalhar como doméstica, e estudou dois anos apenas no colégio Allan Kardec, a primeira escola espírita do Brasil para crianças pobres. Em 1947 foi morar em São Paulo, onde participou do fenômeno urbano das primeiras favelas indo morar na favela do Canindé. Vivia como catadora de papel velho que vendia para os depósitos de reciclagem e criou sozinha três filhos, João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Morreu pobre e desassistida em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo em 13 de fevereiro de 1977.

Tia Ciata (1854 - 1924). A zeladora da cultura negra no Rio de Janeiro.

O samba brasileiro existe para o mundo devido grandes batalhadoras nas diversas regiões do Brasil. Uma das senhoras importante das contribuintes para o desenvolvimento da cultura do samba e da cultura negra no Rio de Janeiro foi a Tia Ciata, cujo nome era Hilária Batista de Almeida, nascida em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, migrando para o Rio de Janeiro quando tinha 22 anos de idade. Além de Tia Ciata, várias outras mulheres baianas migraram para o Rio de Janeiro, foram muitas tias, Tia Amélia, Tia Perciliana, Tia Bebiana, Tia Perpetua, Tia Veridiana, as tias baianas que foram a grande base da comunidade baiana no Rio, rainhas negras que construíram o que foi chamado de “pequena África.”

Mas a mais famosa de todas baianas, a mais influente foi Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata, guardada em todos os relatos do surgimento do samba carioca e dos ranchos (onde seu nome aparece gravado Siata, Ciata, ou Assiata), como na memória dos negros antigos da cidade. (...) Seu nome oficial afirmado por seus descendentes e que figura nos livros que se referem à baiana é Hilária Batista de Almeida. Entretanto, no seu atestado de óbito, está como Hilária Pereira de Almeida; numa petição para sócia do Clube Municipal encaminhada por seu filho João Paulo em 1949, este escreveria o nome da mãe como Hilária Pereira Ernesto das Silva. (MOURA, 1983).

Muitos nomes, porém Tia Ciata, como ficou conhecida, mas uma mulher como muitas outras mulheres negras, de força, mulher de grande iniciativa e energia, Tia Ciata fez sua vida trabalhando constante, como quase todas as pretas; e ela tornou-se, com outras tias baianas de sua geração, a iniciadora da tradição “carioca” das baianas quituteiras, atividade que tem forte fundamentação religiosa, e que foi recebida com muito agrado na cidade.

Era mãe de santo (Candomblé), quituteira, empreendedora, partideira e, posteriormente, Matriarca do Samba, por ter cedido a sua casa, no centro do Rio de Janeiro, para as rodas de samba, até então um ritmo proibido no país, que deram espaço ao surgimento de grandes nomes da música brasileira, como Pixinguinha.

Hilária Batista ganhava a vida vendendo **quitutes**, fazendo consultas em sua religião e organizando essas festas que tornaram-se tradicionalmente famosas na cidade. O primeiro samba de sucesso gravado no Brasil, em 1917, chamava-se "*Pelo Telefone*", e foi gravado na casa de Tia Ciata.

Ciata de Oxum, Orixá que expressa a própria essência da mulher, patrona da sensualidade e da gravidez, protetora das crianças que ainda não falam, deusa das águas doces, da beleza e da riqueza. Da vida no santo e no trabalho, Ciata era festeira, não deixava de comemorar as festas dos Orixás em sua casa da praça Onze, quando depois da cerimônia religiosa, frequentemente antecedida pela missa cristã, se armava o pagode. Nas danças dos Orixás aprendera a mostrar o ritmo no corpo, e, como relembra sua contemporânea, D. Carmem, “levava meia hora fazendo miudinho na roda”. Partideira, cantava com autoridade respondendo o refrão nas festas que se desdobravam por dias, alguns participantes saindo para o trabalho e voltando, Ciata cuidando que as panelas fossem sempre requentadas, e que o samba nunca morresse. (MOURA, 1983).

Virginia Bicudo, a intelectual originalíssima

Certamente a professora, pesquisadora, educadora, socióloga e psicanalista Virginia Bicudo apresentou as características de uma intelectual que deveria figurar entre os marcos da ciência e da intelectualidade brasileira e que devido ao sistema racista intelectual brasileiro permanece pouco conhecida e os seus trabalhos encobertos pelo crime de ocultação nacional dos brilhantismos da população negra. Foi pioneira nos estudos sobre Psicanálise e sobre relações raciais no Brasil (TEPERMAN; KNOPF, 2011).

Ela foi neta de escrava alforriada do interior de São Paulo. Dentre as várias injustiças sofridas devido ao racismo seu pai, Theófilo Bicudo, passou a vida carregando a frustração de não ter sido admitido na escola de medicina devido à cor da pele. Antes os exames de ingressos eram arguições públicas, provas orais e dependendo dos componentes do júri os negros não entravam. O pai de Virginia Bicudo foi uma pessoa culta como muitos negros antigos de São Paulo, como narra o professor Cunha em algumas das suas aulas sobre negros em São Paulo, no entanto somente conseguiu trabalhar nos correios, como funcionário público e que sofreu as a-

barreiras do racismo e pretendeu dar aos filhos condição melhor para que não sofressem, no entanto os filhos sofreram. Um dos depoimentos de Virgínia Bicudo ela diz que mais se conhece o preconceito racial brasileiro quanto mais se ascende na escala social (TEPERMAN; KNOPF, 2011). Seu pai proporcionou a entrada de Virginia na prestigiosa Escola Normal da Praça da República, frequentada pelas elites paulistas, onde ela se forma em 1930. Foi a mesma escola onde estudou e formou anos mais tarde a professora Eunice de Paula Cunha, mãe do professor Henrique Cunha.

Formada como professora primária (Nível técnico que desapareceu na atualidade) passou a exercer cargos nas Secretarias de Educação do Estado e do Município de São Paulo, sendo cursou a escola de Educadores Sanitários, uma escola higienista de nível universitário, que depois da fundação da Universidade de São Paulo em 1937, vira para da escola de Saúde Pública. Desse curso ela ingresso para o departamento de Saúde Mental da Secretaria de Educação. Em 1933 é aberta em São Paulo a Escola Livre de Sociologia, com o curso de sociologia para estudar o processo de modernização do estado de São Paulo. Virgínia Bicudo ingressou nessa escola em 1936, e começa na escola a trabalhar em pesquisa sobre Saúde Mental juntamente com o professor da cadeira de Psicanálise e Higiene Mental da Escola Livre de Sociologia. Também no mesmo período fez seções de Psicanálise com uma psicanalista alemã de origem judaica que imigrou para o Brasil devido às perseguições na Alemanha. Desse conjunto nascem duas coisas que traça a vida de Virgínia Bicudo. Ela se tornou uma psicanalista (autodidata), escreveu um livro sobre saúde mental editado em 1956 (BICUDO, 1956) e deu início a atividades de ensino de psicanálise junto as Universidades brasileiras, a USP e depois UNB. Foi uma das primeiras pessoas a demonstrar que o racismo e a discriminação racial causam doenças graves. Em 1970, a pioneira que fundou o Grupo Psicanalítico de Brasília, que depois virou o Instituto de Psicanálise de Brasília. Foi muito discriminada como psicanalista, pois antes os psicanalistas eram de formação da medicina, e por ela não foi acusada de charlatanismo. No entanto também desenvolveu trabalhos pioneiros sobre relações raciais no Brasil (VELOSO, 2019).

Cursou sociologia e entrou para o primeiro programa de mestrado em sociologia realizado no Brasil pela Escola Livre de Sociologia. Realizou interessantíssima pesquisa de mestrado, orientada pelo professor americano Donald Pierson. Utilizou em método experimental de pesquisa. Partiu da sua realidade e dos depoimentos dos pais, o pai negro, a mãe branca, e de depoimentos de 31 pessoas sobre as relações raciais, daí que procurou a formulação teórica e os encaminhamentos conceituais, também muito guiada pela psicanálise. Como contestou a

sociologia que se formava na Universidade de São Paulo, encabeçada por Florestan Fernandes, os seus trabalhos nunca foram divulgados. Ela enfrentou o mundo do racismo e do machismo, entrelaçados com as ideológicas brasileiras sobre o racismo. Ela não é citada em nenhum trabalho de sociologia como pioneira e nem como pesquisa pioneira existente.

Virginia Bicudo também realizou uma pesquisa importantíssima em década de 1946, sobre as atitudes raciais escolares dos alunos das escolas públicas (BICUDO, 1947). Um dos poucos documentos sobre essa pesquisa está no capítulo do livro organizado pelos professores da USP, Roger Bastides e Florestan Fernandes (BICUDO, 1955).

Concluirmos, dentro os argumentos que justificam esse capítulo, que existe um silencio, racista e machista sobre a mulher negra no Brasil e um de exemplos marcantes é a história da Virginia Bicudo. As personalidades negras que influenciaram a história do mundo.

Como curta conclusão desse tópico.

A dívida histórica que o Brasil tem com as negras e negros é gigantesca em razão das riquezas produzida de fatos históricos e a pobreza na sua exposição. E para as mulheres negras uma das grandes consequências enfrentadas por conta da herança escravista é a prática histórica de uma sociedade que tenta a todo custo as invisibilizar, desde sua eu e estética até suas contribuições para a formação histórica do país.

Neste capítulo muitas mulheres negras poderiam ser incluídas, temos a certeza que apenas abrimos o tema em termos de educação quilombola e de referencias para a educação brasileira. O realizado é apenas um ponto de partida sem a pretensão em explorar todo o tema.

8.4 A força das mulheres negras história urbana Brasileira: As irmandades, quitandeiras e ganhadeiras

As diversas formas de organização coletiva empreendidas pela população negra no Brasil durante o período escravista são, sem dúvida, um dos aspectos mais atraentes e intrigantes da nossa história, principalmente quando consideramos o importante papel desse tipo de iniciativa no conjunto das ações de resistência étnica, resistência das mulheres negras e afirmação social que produziram.

As Irmandades de Pretos existiram em todas as cidades brasileiras antigas, não são fatos isolados, aparecem na história como forma de organização e estratégia que a comunidade negra se utilizou para poder estar inserido socialmente na sociedade. Em todas as irmandades a presença das mulheres negras foi marcante, mesmo os estatutos dessas irmandades atestam a importância das mulheres como juízas tomando parte da administração. Em 1720, no estatuto das Irmandades do Rio de Janeiro consta a existência de Juíza e Juiz (SILVA, 2008). Especificamente abordaremos a irmandade Nossa Senhora da Boa Morte da Bahia, pois foi um exemplo histórico da maneira encontrada pelas mulheres para tornarem-se autônomas, levando em consideração que a mesma era exclusivamente formada por mulheres negras. Assim, as mulheres desempenhavam um papel importante na Irmandade e eram elas quem prestavam assistência aos negros, práticas assistencialistas. Portanto, com a formação da confraria elas passaram a ter mais altivez, no sentido que puderam dar visibilidade a sua cultura bem como sua religiosidade, levando em consideração que para pertencer a Irmandade as mesmas tinham que está sendo pertencente a Religião de Matriz Afro-brasileira, o Candomblé A apresentação dessa irmandade é por ser o local onde a organização foi mais fortalecida e posteriormente se estenderam para outros estados como mostram as autoras Larissa Viana (2007) e Marilda Santanna (2016).

Pela história ao que tudo indica a Irmandade da Boa Morte surge na Bahia e se espalha em outras regiões levando em consideração que essas Confrarias tenham sido instrumentos de lutas ou resistências em busca da recriação do passado culturalmente negado as populações negras, como também procuraram dar assistência de saúde, invalides e de enterro aos membros da Irmandade que também se fortalecem mediante a religiosidade. A dimensão da importância das irmandades da Boa Morte pode ser avaliada pelas construções das igrejas e da sede dessas em Salvador e Cachoeira na Bahia.

Figura 164 - Fotografia da Irmandade em Cachoeira.



Fonte: Henrique Cunha Junior – 2003.

Figura 165 - Fotografia da igreja da Boa Morte na Barroquinha.



Fonte internet.

Figura 166 - Fotografia da procissão das mulheres da irmandade em Salvador.



Fonte Internet.

Irmandades Religiosas da Boa Morte se destaca o papel da mulher enquanto gênero representativo. A importância como organizadoras dentro da sociedade, responsáveis através de seu cotidiano, por conquistar espaços econômico, social e cultural. Conquistas em contextos históricos totalmente adversos. Conquistas essas mulheres realizaram e que somente agora a história começa a dar destaque. Dentro de uma sociedade onde a cultura negra sempre foi reprimida e discriminada a irmandade é um exemplo significativo de vitória sobre as dificuldades. Uma organização de mulheres negras, de religião africana em uma sociedade machista e racista constitui um marco importante de referência para a educação da população negra e para a educação quilombola. A irmandade da Boa Morte estabeleceu padrões de expressão social e organização das populações negras.

Embora possa ter certa visibilidade da Irmandade da Boa Morte ela ainda é insuficiente na educação da população negra. A irmandade constituída por mulheres e mesmo as outras irmandades negras são em parte representação de um segmento social de mulheres negra que trabalhavam nos mercados como quitandeiras e negras de tabuleiro como veremos mais adiante.

Quitandeiras e negras de tabuleiro

(...) No tabuleiro da baiana tem:

Vatapá, oi, caruru, mugunzá,
tem umbu
Pra Ioiô (...).

Raízes do Samba: Carmen Miranda.

No tabuleiro das mulheres negras tem: história, cultura, tradição, religião; tem o que alimentava o Brasil.

Quintandeiras ou negras de tabuleiros era denominação dessas mulheres que transplantaram da África para o Brasil o comércio ambulante em tabuleiros. Mulheres negras, que por sua vez, vendiam principalmente “gêneros da terra”, tais como fumo, aguardente, peixe seco, leite, bolos, broas e biscoitos. Formaram um conjunto social que a história do Brasil deu pouca importância, mas que aparecem nas histórias de todas as cidades brasileiras a exemplo de Manaus, Belém, Salvador, Florianópolis e Porto Alegre (CUNHA JUNIOR, 2019). Elas eram empobrecidas, escravizadas, libertas ou forras, negras de ganho e que tiveram o tabuleiro o meio de inserção nos mercados, mas como forma de saírem da pobreza e de sobrevivência. Havendo casos que se tornaram pessoas de posse econômica mesmo a situação de escravizada de ganho.

Quitandeiras no Brasil é uma herança africana, a palavra kitanda de origem da língua quibundo, falada na região da atual Angola. A palavra quitanda remete as vendas de hortaliças, legumes e temperos em tabuleiros ou bancas em caixotes nas ruas, mas no Brasil foi ampliada para denominar os pequenos mercados, pequenas lojas de venda de verduras. Logo quitandeiras ou negras de tabuleiro foram denominações que as negras comerciantes ambulantes receberam em todos os lugares no Brasil.

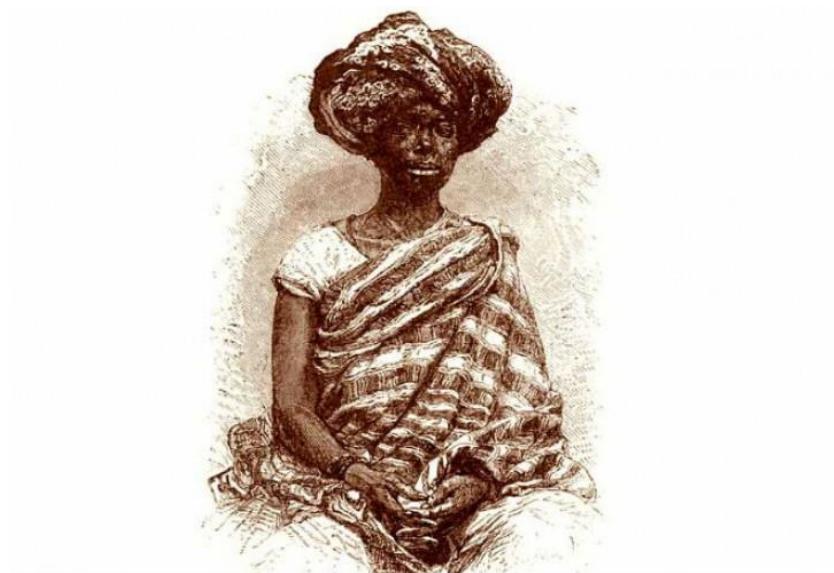
Nos séculos XVIII e XIX, o termo quitandeira era utilizado para denominar as escravas negras que vendiam alimentos nas ruas levando tabuleiros, daí sua denominação de “negras de tabuleiro” ou “negras de ganho”. No entanto o termo foi assumindo diferentes características locais, como no caso de Minas Gerais, onde as negras de tabuleiro se congregavam nas regiões de exploração mineira (Paiva, 2001); (Figueiredo, 1993, 1997). Dois exemplos de iconográficos das quintandeiras e negras de ganho são as figuras 167 e 168.

Figura 167 – Fotografia de negras Quitandeiras no Rio de Janeiro



Fonte: (Marc Ferrez) Acervo Instituto Moreira Salles.

Figura 168 - Negra comerciante em desenho.



Fonte: reprodução da revista Fórum.

As negras de tabuleiro e as quitandeiras formaram uma “classe trabalhadora específica” na história do Brasil que precisa ser mais estudada e difundida nas histórias de mulheres brasileiras. Constituem um patrimônio cultural imaterial da população negra nas diversas dimensões que o conceito possa ser utilizado. São mulheres que com seu trabalho construíram um marco da história urbana das cidades brasileiras.

8.5 As quilombolas o lado das mulheres negras: Família, resistência, cultura e liderança no Ceará

Mulher Negra

Da África fui arrancada,
 escravizada, desumanizada
 Violentada pelo senhor
 Tiraram meu filho
 pra eu amamentar o filho do estuprador
 Trabalhando na lavoura e na agricultura
 Essa é a vida de negra, dura.
 Mas não me acomodei,
 resisti Com meus irmãos de cor
 Quilombo construí
 O que não tolero, não aceito
 Alguém cheio de preconceito
 Com tudo que tenho feito e vivido
 Dizer que quilombo é lugar de preto fugido
 Quilombo era espaço de resistência e luta
 Construído com muita labuta
 Onde negro, índio e branco pobre
 Viviam em comunhão
 Sem exploradores nem opressão.
 Dandara, Acotirene, Luisa Mahin
 E outras negras do passado
 Nos deixaram um grande legado
 A união e resistência do povo escravizado
 Minha inteligência, chamam de intuição
 Doméstica é o que nos resta de profissão
 Dondoca, sexo frágil não nos cabe não
 Nesta sociedade monocultural
 Minha luta pelo direito à igualdade social
 Não apagou minha diferença étnico-racial

Sou muito mais que essa franzina aparência
 Eu sou pura resistência Minha arma é minha consciência.

Preta Nicinha Estudante de Pedagogia da UFMA e militante do Quilombo Urbano do Maranhão.

Quilombos territórios de mulheres negras, de guerreiras, heroínas, poderíamos descrevê-las como “as guerreiras da resistência”. A forma que se apresentam nas histórias brasileiras de quilombos podemos dizer que herdaram a nobreza de dignidade e heroísmo de luta da mãe África.

No Ceará as histórias das mulheres negras nos quilombos é uma continuidade das histórias na sociedade brasileira e mesmo na história africana como mostramos através das heroínas e rainhas que apresentamos em itens anteriores.

Família, mulheres, resistência e culturas, têm questões críticas, e se faz necessário refletir acerca “da invisibilidade” das mulheres nos quilombos e a é em relação e posição de luta, de poder e resistência mantida pelas mulheres nos quilombos e na cultura, pois essa visão foi construída durante as muitas idas as comunidades quilombolas. A presença da mulher nos quilombos torna-se notória nos quilombos de longa duração, onde se tem o desenvolvimento de geração a geração.

Ao adentrar nas residências quilombolas, conviver com as famílias, percebo as protagonistas da história, são elas, as mulheres, mães, filhas, irmãs, tias, esposas, solteiras, chefes da casa, líderes, estudantes, professoras, são elas que mesmo ainda não tendo o respeito e valor que merece, mas estiveram e estão sempre à frente na defesa dos ideais do seu povo, da sua comunidade, da cultura, da educação. As mulheres quilombolas no campo trabalham pesado, lutam uma luta desigual, porém são dotadas de criatividades, habilidades e competência para trilhar as encruzilhadas da vida.

As mulheres quilombolas sempre estiveram e estão na luta para defender seu povo, elas e, nós guerreiamos de várias formas, às vezes no embate, às vezes sutil, pois percebe se a força e o trabalho valoroso das mulheres, elas fazem de quase tudo, é quem gera a vida, quem sustenta e administra a casa, organizações e escolas, quem educa os filhos, quem faz o artesanato, quem vai a busca de educação escolar, em fim embora não sejam valorizadas, mas elas estão à frente das batalhas.

Quando visito as comunidades remanescentes de quilombos vejo o poder das mulheres quilombolas, mulheres de força e poder que sempre estiveram à frente na luta por liberdade e igualdade. Hoje as encontramos nas associações e, a maioria das atividades nas comunidades quilombolas é realizada pelas as mulheres, elas desempenham grandes papéis, mas ainda não tem seu reconhecimento em quanto líderes e professoras, quase sempre só são citados os homens. Porém as guerreiras já estão buscando levantar a bandeira da visibilidade das mulheres negras quilombolas, pois muitas delas são líderes natas.

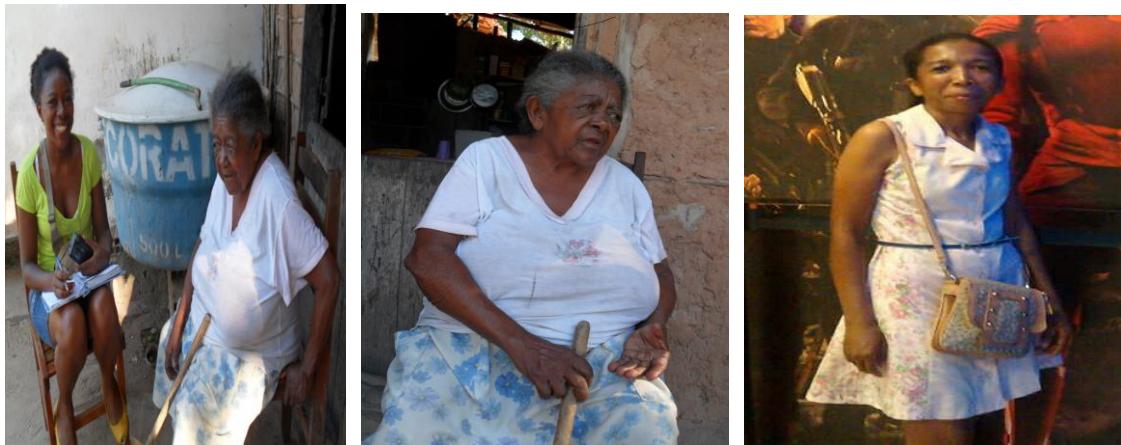
Mulheres quilombolas na liderança, essa é uma função que muitas mulheres têm desempenhado ao longo dos anos. E hoje nos 86 quilombos mapeados pelo movimento quilombola do estado do Ceará, pelos menos 35 quilombos são liderados por mulheres, mesmo que não seja, na presidência das associações, é em outras frentes, então, se percebe o quanto as mulheres marcam presença, trabalham em muitos setores e desempenham várias funções.

Assim trago algumas das muitas mulheres negras quilombolas do Ceará, pois na minha trajetória, em quanto pesquisadora, ocorre uma incursão nos quilombos do Ceará, e nos quilombos conheci muitas mulheres quilombolas negras, e sobre outras ouvir narrativas de suas lutas e resistências, não dar para falar de todas, mas cito algumas dessas mulheres quilombolas, são elas:

Maria Alves da Silva, (in memória), conhecida por mãe Davel, parteira. Ela estava com 82 anos quando a conheci, eu diria que uma campeã em realizar partos. Ela é casada com Francisco Domingos da Silva, e era a parteira da comunidade quilombola de Alto Alegre e quilombo da Base.

E ainda em Alto Alegre, trago a Professora Francisca Edileuda da Silva, pessoa muito dedicada na comunidade, trabalha com crianças, e sempre procurando visibilizar e valorizar a história, cultura e os ensinamentos dos mais velhos, faz parte do projeto as bonequeiras, essas são mulheres quilombolas que fazem bonecas negra de pano, no e estar sempre se esforçando para ajudar seja na escola, na igreja, e principalmente as outras mulheres bonequeiras. Ela é uma guerreira. As imagens 169 e 170 Maria Alves da Silva parteira, essa conhecida como mãe Davel (in memória), 14 a professora do quilombo de Alto Alegre Francisca Edileuda da Silva.

Figura 169 e 170 – Eu e mãe Davel, e mãe Davei. Figura 171 - Professora Francisca Edileuda da Silva.



Fonte: Marlene P. Santos, 2011.

Comunidade quilombola de Conceição do Caetano onde conheci uma das mulheres mais respeitadas de Conceição dos Caetanos, Maria Caetano de Oliveira, mas conhecida como Dona Bibiu. E ela fala que inicio sua luta, sua trajetória muito cedo, diz: meu filho quando eu tinha 14 anos, eu assumi bem novinha, faz quarentas e um ano de resistência.

E quando pergunta o que conseguiu nesses 41 anos como matriarca e liderança da comunidade, qual lição que ela conseguiu passar para as novas gerações que ficaram a frente, ela responde: Bibiu – A lição que eu passei foi dar o exemplo do que eu fiz,

E para dizer quem é essa mulher negra quilombola, perguntei a quem a conhece, e ninguém melhor para descrevê-la, do alguém da própria comunidade, Adail disse:

Hoje atualmente sou articulador cultural e representante da comunidade, esse trabalho do resgate da valorização da cultura afro-brasileira dentro da comunidade deu início com a matriarca da comunidade quilombola de Conceição dos Caetanos, Maria Caetano de Oliveira, conhecida como Dona Bibiu, ainda hoje ela é a referência para todos, porque ela deu início ao processo de construção da comunidade, mesmo hoje está afastada de algumas ações da comunidade por conta de saúde, mas mesmo assim sempre dar sua contribuição para que a comunidade não pare no retrocesso. Ela foi e ainda é uma peça fundamental para a minha geração. Ela consegui fazer tudo isso, mas também ensinou a todos para que tenha sempre pessoas da comunidade envolvidas nas ações afirmativas dentro da comunidade. Tenho uma admiração profunda pelo trabalho dela, desenvolvidos ao

longo desses anos. Ela sempre terá meu respeito e minha eterna admiração. Hoje posso falar que tudo que me tornei, ela foi a principal responsável pela minha construção não só pessoal, mas também como representante da comunidade. Adail Caetano, (2020).

A fotografia traz a Dona Bibiu, uma mulher negra, grande líder quilombola.

Figura 172 - Dona Bibiu do quilombo de Conceição dos Caetanos.



Fonte Marlene P. dos Santos, (2020).

Em Águas pretas, dona Toinha, nome Antonia Lopes, mais conhecida por dona Toinha, e para muitos na comunidade, tia Toinha. Ela fala:

Meu nome é Antonia Lopes, mais conhecida por Toinha, e pra muitos na comunidade tia Toinha. Sou professora, já aposentada, sou graduada em português, pós-graduação em psicopedagogia, e em gestão escolar. Sou mãe, avó e bisavó, me formei com muita dificuldade, mas com muita força de vontade. Me sinto um pouco liderança no quilombo, não é fácil, mas tento desenvolver um trabalho de resgate de nossa identidade. Eis um pouco de minha história.

Depoimento de Antonia Lopes; em 17/03/2020.

A figura 173, Dona Toinha e eu no quilombo de Água Preta, onde ela morra, mulher simples, de muita sabedoria e força.

Figura 173 – Eu e dona Toinha no quilombo de Água Preta.



Fonte: Acervo pessoal.

Saindo de Águas Pretas, fui ao município vizinho Itapipoca, lá subi á serra, e chegando no quilombo em Nazaré, conheci a Aurila Maria de Sousa Sales, ela é mulher negra quilombola, mãe, professora, presidente da Associação Remanescente dos Quilombolas de Nazaré (ARQNA), uma das líderes na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Também sua irmã Ana Carla de Sousa, que é professora, já foi presidente da Associação, mãe, é quem me recebeu na comunidade, e ela realiza um trabalho de catequese com as crianças e jovens da comunidade. Uma pessoa dedicada, essas irmãs são mulheres negras quilombolas que lutam pela melhoria de sua comunidade.

Figura 174 - Aurila e Eu. Figura 175 - Ana Carla e as crianças no quilombo de Nazaré.



No quilombo do Veiga, encontrei Ana Maria Eugênio da Silva, mas como Ana Eugênia, pois assim ela gosta de ser chamada. E me falaram: ela é valente, mas é boa pessoa, eu a conheci. Ana Eugênio: mulher preta, mãe, cotista, líder e provedora de sua família e militante do movimento social. A militância iniciou-se nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na década de 90.

Ela é graduada em serviço social pela Universidade Estadual do Ceará (UEC), e estudou financiada pelo o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), em 2018. Atualmente discente no curso de Antropologia pela a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na pós-graduação em interdisciplinaridade pela UNILAB.

Frase da Ana: Lutar não é crime, é somente através da luta que chegamos a um outro modelo de sociedade, onde todo e todas tenham voz e vez.

E vindo para os quilombos da região metropolitana, município de Caucaia, o qual possui 11 comunidades quilombolas reconhecidas oficialmente pela Coordenação das Comunidades Quilombolas do Ceará (Cerquice) e nove certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), Caucaia é o município com o maior número de quilombos no Estado. E que também possui um bom número de liderança feminina.

E assim trago a líder quilombola Maria dos Prazeres, mulher quilombola e liderança feminina, Maria dos Prazeres Campos dos Santos, quilombola e mãe de quatro filhos Presidente da Comunidade Remanescente de Quilombo Cercadão dos Dicetas, Caucaia - CE. Professora da rede Pública municipal de ensino de Caucaia, no Anexo quilombola do Cercadão. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale Do Acaraú - UVA. E ela se apresenta e se define assim:

Meu nome é Maria dos Prazeres Campos dos Santos, tenho 56 anos de idade, Nascida, criada e residente na comunidade Remanescente de Quilombo Cercadão dos Dicetas, sou professora contratada da rede municipal de Caucaia-CE, a comunidade sempre foi liderada pelo público feminino, Na qual tenho prazer em poder contribuir junto com os demais membros da Associação sempre na medida do possível, através da educação, cura espiritual , ações sociais entre outros, porém nem sempre é fácil não somos vistos e reconhecidos pelos governantes, até para leciona dentro do quilombo, os professores da comunidade têm que fazer a seleção juntos com todos os professores da rede, pois há seleção específica quilombola mas nosso Anexo não está na lista de escolas por não ter o INEP , sempre período de lotação mantemos a resistência, enfim sempre buscamos nosso reconhecimento com muita determinação, Sobre as demais comunidades e lideranças sempre

estamos a nos comunicar em todos os quilombos têm suas especificidades e dificuldades, sempre acreditando na força feminina.

Depoimento de Maria dos Prazeres.

São muitas as mulheres quilombolas, negras mulheres de luta e equilibradas, não dar para escrever sobre todas, pois encontrei muitas mulheres, cada com sua história, e ao mesmo tempo são histórias que se interligam. Mas aqui não posso deixar de falar de um momento importante na história das mulheres quilombolas do nordeste, foi a realização do primeiro Encontro das Coordenadoras da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ, na Região Nordeste no Ceará, em 2017, onde eu participei das atividades desse primeiro encontro de mulheres líderes quilombolas.

Percebe e confirmar a força das mulheres negra quilombolas, sua determinação, e digo que não existe luta quilombola sem a participação feminina, pois elas se organizam e fazem acontecer.

É neste sentido, que as mulheres quilombolas do Brasil, realizaram, em Brasília-DF, entre os dias 13 e 15 de maio de 2014, o I Encontro Nacional, com o objetivo de consolidar a luta pela terra, avaliar as políticas públicas e promover o diálogo entre as várias organizações quilombolas do Brasil. Participamos ativamente da construção e realização da Marcha das Mulheres Negras em 2015, um marco histórico na luta das mulheres negras do Brasil e não paramos pois seguimos realizando encontros estaduais, regionais, municipais de mulheres quilombolas por todo país, realizamos 03 Oficinas de mulheres: Kalunga – GO, Região Pantaneira – MT e no Piauí e em 2017 realizaremos: 1º Encontro das Coordenadoras da CONAQ da Região Nordeste no Ceará e a Oficina Nacional de Mulheres no Estado do Rio de Janeiro, que servirão para nos nortear nossos passos no emponderamento das mulheres quilombolas, o qual se dá em suas mais variadas formas, gestos e manifestações, enfrentando a desigualdade racial, social, de gênero, geração e etnia.

<http://conaq.org.br/coletivo/mulheres/> acesso em, 05-06-2020.

Figura 176 - Eu e mulheres quilombolas, em Alto Alegre.



Fonte: Ana Carolina Fernandes, 2017.

Figura 177 - Oficina de Mulheres Quilombolas, quilombo de Alto Alegre.



Fonte: Ana Carolina Fernandes, 2017.

É fundamental o papel e importância da mulher na comunidade quilombola, pois, como em todas as comunidades, o papel da mulher é de suma importância para a comunidade quilombola, onde essas talentosas guerreiras encontram diversas limitações no território rural das comunidades, mesmo assim, sempre prontas ajudam para manter o equilíbrio da comunidade e seu bom funcionamento. As mulheres nos quilombos desempenham diversos papéis tanto no ambiente doméstico quanto no rural, e em outros, onde no primeiro ela possui a tarefa de cuidar da casa, das crianças e, acima de tudo, de promover a educação não formal e cultural, com o intuito de não deixá-la cair no desuso. Já no ambiente rural, o local de trabalho de parte das

comunidades remanescentes, a mulher desempenha a função de auxílio na lavoura, também nas realizações sociais.

Assim trago algumas das muitas mulheres negras quilombolas do Ceará, e para continuar falando do protagonismo das mulheres negras quilombola, vou para as comunidades quilombo da Base, quilombo Serra do Evaristo e Quilombo de Nazaré, e trago algumas mulheres em especial, não por ser mais ou menos importante em relação a outras, mas pelo protagonismo e pela as experiências de vida.

8.6 Mulheres quilombola no quilombo da Base – “mulher parteira”

A população feminina é muito grande, na cidade, no campo, e nos quilombos não é diferente, no quilombo da Base conheci muitas mulheres, percebo como elas são ativas, muitas trabalham fora do quilombo nas fábricas, outras já trabalharam em empregos doméstico, e durante meu estudo no quilombo o grupo mais presente nas atividades foram as mulheres, sempre estão presentes. As mulheres negras quilombolas, sempre trabalharam, e percebo que mesmos tendo que cuidar da família, elas fazem várias tarefas, quando tem os eventos são elas quem fazem acontecer, decoram, fazem comidas, convidam pessoas, fazem cerimonial.

Inclusive quero aqui registrar que na minha pesquisa campo, teve a vivência Quilombozando Patrimônio cultural e Educação Quilombola, as mulheres se fizeram presente em peso, a figura mostra parte das mulheres que participaram, elas são resistência. Mas quero destacar a parteira do quilombo e outra mulher.

Eis a figura abaixo, Eu e um grupo de mulheres do quilombo da Base, na Vivência sobre patrimônio cultural imaterial.

Figura 178 - Mulheres quilombolas da Base e Eu.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

E mesmos não estando a frente da liderança da associação, mas quase tudo funciona através delas, e como dá para citar todas, trago todas na pessoa da parteira, Dona Irene Chagas da Silva, Vó Irene, mulher que com sua coragem e simplicidade ajudou as outras mulheres da comunidade trazer seus filhos a este mundo. Dona Irene, ela foi parteira do quilombo da Base.

Figura 179 - Dona Irene, parteira do quilombo da Base.



Fonte: Arquivo da comunidade.

Dona Irene Chagas da Silva, 94 anos de idade, parteira do quilombo da Base, quando lhe pergunta como foi ser parteira, ela disse:

Os meninos que peguei, eu ainda contei até perto de cem, e o trabalho que peguei, eu ainda era muito nova quando comecei pegar menino.

Era acompanhado de reza ou de medicina?

Irene – era acompanhado de reza que a gente sabia, reza nossa senhora do Bom Parto. Eu pedia a Deus que era para eu ir feliz nos partos das mulheres que eu peguei, e para não acontecer nada com ela, e não aconteceu, graças a Deus, eu me apegava com Deus e nossa senhora do Bom Parto, e graça a Deus todas elas foi em paz.

Eu era bem procurada, meu marido que não queria deixar eu ir, eu ia de teimosa. Eu não gostava muito, não, mas eu tinha pena da pessoa vir me buscar, vir atrás de mim, eu não era parteira, eu só pegava menino mesmo.

Depoimento de Irene Chagas da silva, 94 anos de idade, em 09.06.2020.

Quando perguntei ao presidente da associação quilombola da Base, sobre qual a importância da Dona Irene para ele e para a comunidade, ao que ele respondeu:

Sebastião Francisco da Silva, 44 anos de idade, ele responde:

Ela é muito importante para nossa comunidade, ela foi a primeira moradora, ainda viva até hoje, então para nós é um orgulho muito grande ter ela como uma anfitriã da nossa comunidade, pela as histórias que ela conta, que quando chegou aqui era só mato e a raposa vinha na beirada da porta, então tudo isso é importante para nós da comunidade, e para os netos, bisnetos, tataranetos, e outros.

A comunidade da base tem seu patrimônio imaterial, e Dona irene que mesmo ela dizendo que não era parteira, só pegava crianças, mas esse é o ofício das parteiras, pegar crianças ou seja, trazer os bebês ao mundo. As parteiras fazem todo o trabalho de pasto, assim ajudam as mulheres grávidas a dar à luz, e a Dona Irene fazia este trabalho, e hoje a Maria José da Silva Paula, nascida em 08-01- 1950, hoje está com 70 anos de idade, conhecida como Tia Mazé, ela é filha da Dona Irene, ai percebe a tradição, a herança matriarcal, tudo isso é patrimônio cultural imaterial.

E esse ofício de parteira, que quase sempre era passado de mão para filha, mas também tinha suas exceções, como é o caso da Dona Irene, que tem como suas “herdeiras” a filha Tia Mazé, e a nora Raimunda Sousa da Silva, nasceu em 27-05-1951, ela é conhecida no quilombo por Tia Buda, Buda tem 69 anos de idade. Porém tanto a filha como a nora disseram ter aprendido o ofício de parteira com outra pessoa.

Tia Mazé disse como e com quem aprendeu ser parteira:

Eu acompanhei a mãe numa reunião, e na reunião da Dona Iara, eu prestei atenção e eu aprendi, eu andava mais minha mãe, mas ela não mim ensinou nada, eu que aprendi mesmo por minha cabeça. Prestei atenção, aprendi, e começaram a me chamar pra mim fazer partos. Eu fiz os primeiros partos, das meninas da Fátima, um bocado de gente eu fiz parto, fui convidada pra ir pro Horizonte aprender mais, mas eu não fui, eu tinha medo porque eu não sabia ler, mas a mulher disse que não tinha nada a ver, eu ia aprender mais. Já peguei muitos meninos, o último menino que eu peguei foi o menino do Jorge e a menina da Marte. Minha mãe nunca me ensinou, eu acompanhei ela, ela ia fazer reunião lá no Pacajus, eu acompanhava muito ela, eu prestava atenção e aprendi tudo direitinho, graças a Deus hoje estou na idade que estou, mas se aparecer alguém para ganhar nenê, eu ainda sei e fazia o parto.

Tia Mazé, em 08-06-2020.

As reuniões as quais ela se refere, foram curso de treinamentos para as parteiras, para que elas pudessem junto a sua prática juntar a alguns cuidados da medicina moderna, e também para que pudesse ter um cadastro para a retirada de produtos de higiene, nos portos de saúde, produtos como: álcool, algodão, gases, em fim o material necessário para realizar os partos.

Tia Buda disse com quem aprendeu ser parteira:

Eu aprendi com a Dona Carmen, uma velha da cavalaria, que sempre fazia partos, ela fez o parto da Fatinha, da Duce do Manezinho, e eu assisti com ela, foi com ela que eu aprendi, ela me deu muitas instruções.

Sebastião – a senhora tem uma noção de quantas crianças, a senhora pegou;

Tia Buda – Eu peguei um bocado de crianças, só da Nenê peguei três, da Julia do Oscar peguei Três, da Fátima dois, da Dona Joana dois, da Lucia do Manezinho, e peguei os meus também, foi ai umas vintes cinco crianças. E aquela Gracilene, eu peguei cortei o umbigo, eu tive ela sozinha, ela sorriu, tive meus filhos quase tudo só.

Era comum no passado as parteiras, mas não ficou no passado, elas continuam no presente em algumas comunidades quilombolas e outras zonas rurais, e já há na medicina médica e enfermeiras que falam no parto humanizado, esse seria com o acompanhamento de parteiras e médicos, tem mulheres buscando essa prática hoje.

8.7 Mulher quilombola no quilombo serra do Evaristo – “mulher mestra”

O quilombo da Serra do Evaristo tem muitas mulheres, como os outros quilombos, mas aqui não dá para falar de todas, e uma não é mais importante que a outra, assim

representando as mulheres guerreiras da comunidade, faço na pessoa da Maria do Socorro Fernandes Castro, 51ano de idade, ela é professora e mestra da cultura, mãe.

Maria do Socorro é procurada por alunos de Universidade, para saberem sobre as plantas medicinais na comunidade, também pelos os alunos da escola do quilombo, os próprios quilombolas falam que Socorro se destaca por ser guia da dança de são Gonçalo, coordenadora do grupo de medicina alternativa. Uma líder na serra do Evaristo, que usa seus conhecimentos para os benefícios da comunidade.

Maria do Socorro Fernandes Castro, negra, servidora pública municipal aposentada,casada, natural de Baturité, nasceu em 08 de agosto de 1965 e é filha do casal Francisco Antonio Fernandes e Francisca da Silva Fernandes ambos já falecidos que foram dos primeiros moradores negros a desbravarem a serra e a começar o povoado que hoje vem a ser conhecido por Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Mãe de família exemplar de 3 filhos: Felipe Fernandes, Ana Cássia Fernandes e Levi Fernandes, Dona Socorro, como assim é conhecida, é uma das principais responsáveis pela preservação e transmissão da Dança de São Gonçalo às gerações futuras na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, localidade em que reside desde que nasceu.

Se destaca não só por ser Guia da Dança de São Gonçalo como também por ser coordenadora do Grupo de Medicina Alternativa e animadora dos Cantos e das Celebrações Religiosas da Comunidade. Mantém viva a tradição da ladainha de Nossa Senhora rezada em latim, que é cantada durante a festa da padroeira da Serra do Evaristo, Nossa Senhora da Conceição.

Liderança incontestada na Serra do Evaristo, há 25 anos utiliza seus conhecimentos acumulados no âmbito familiar e em capacitações sobre as plantas medicinais para ajudar as pessoas no restabelecimento de sua saúde. O sucesso desse trabalho coordenado por Dona Socorro é tamanho que tem sido objeto de estudo por universitários da UNILAB (Universidade da Integração Luso Brasileira) e IFCE (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará) dentre outros. Relato da comunidade.

Então o quilombo tem grandes mulheres como as mulheres que trabalham com as plantas medicinais, mulher parteira da comunidade e desse conjunto é que trago Maria Ester de Souza, 90 anos de idade. E para falar de seu ofício de parteira, busquei a comunidade. Assim nos relatos dos quilombolas sobre parteira:

Maria Ester de Souza ou ainda Maria Julião Ramos, nome que recebeu após o casamento, na época com 14 anos, é o nome da Mãe Ester, de 90 anos, parteira durante muitos anos na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Mãe de 16 filhos, nascida e criada na Comunidade da Serra do Evaristo, aprendeu o ofício de parteira com a Dona Feliciana como era conhecida a Sra. Maria de Lourdes da Conceição que também era parteira

nesta mesma localidade e com a senhora Alda, esposa do Sargento Sebastião. Começou seu ofício nesta comunidade em uma época em que a vida era bastante simples, não havia energia elétrica, nem estrada que dava acesso a cidade de Baturité, fato esse que contribuía para que quase todas os partos realizados na localidade fossem feitos por parteiras. Além da Serra do Evaristo, assistia também famílias de outras localidades da redondeza como Carões, Castelos, Oiticica, Jardim e Jordão.

São muitas mulheres que contribuem para o a construção e desenvolvimento dos quilombos, seja no quilombo da Serra do Evaristo, seja no Quilombo de Nazaré, em fim em todos os quilombos há a presença e o trabalho das mulheres.

8.8 Mulher quilombola no quilombo de Nazaré – “mulher mãe”

Comunidade de Nazaré nesta ouvi relatos de uma mulher negra forte, e de uma em especial, segundo o relato de suas filhas, pois a Aurila Maria Sousa Sales e a Ana Carla de Sousa, me falaram sobre sua mãe, Maria da Conceição Silva Sousa. Elas falaram que a mãe era uma mulher diferente das outras mulheres quilombolas, era adiantada para seu tempo. A narrativa da Aurila sobre sua mãe:

Minha mãe se chama Maria da Conceição Silva Sousa, faleceu aos 58 anos de idade, de Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Mulher guerreira, e de um gênio forte, tinha muita fé, mais não era alienada a nenhuma religião, era católica da forma que acreditava, gostava de rezar em casa. Rezava o terço, e sempre rezava o rosário que, sempre estava com ela. Era devota de Nossa Senhora da Conceição, pois também seu nome era Conceição. Sempre falava que por ser das filhas mais velhas, ajudou a criar seus irmãos homens e cinco mulheres.

Nada intimava minha mãe, sempre botava a fé na frente de tudo e conseguia sempre superar todas as dificuldades.

Teve seis filhos, três homens e três mulheres, mas criou os cinco, pois a mais velha faleceu, com nove meses após o nascimento. Ela nos criou com muita honestidade e mostrando que se não seguíssemos os seus conselhos o mundo ensinava tudo e sempre dizia que: não ia nos prender porque quando nós nos soltássemos era com a corda toda. Ai era pior, ai sempre dizia vão com cuidado pra saber voltar.

Trabalhava muito na roça e tirava banana e ia pra feira com as cargas nos jumentos andando sete a quatorze léguas a pé, só pra ir saindo de Nazaré, nas sextas-feiras às uma e meia da madrugada, pra chegar em Itapipoca de manhã, e vender as bananas, fazer as compras e voltar pra casa, pois meu pai, na época era doente da cabeça e das costas.

Depoimento de Aurila Maria de Sousa Sales, em 28/02/2020.

Os problemas sofridos pelas as mulheres negras quilombolas, parecem iguais aos das outras mulheres, mas além desses, tem as discriminações raciais. Com relação as mulheres quilombola em Nazaré, percebi que mulheres muitas novas, que já sofre de hipertensão e depressão algumas entre os 28 a 30 anos. Em todos, de formas diferentes, licenciadas ou não as mulheres sofrem com o machismo, sofre violência, perseguição, o machismo está em todo lugar, de acordo com cada cultura e sociedade, toda via não se pode dizer que é normal, não devemos aceitar e nem normalizar.

E as mulheres lutam, não desistem de consegui vencer os obstáculos para alcançarem vitória em suas e em nossas trajetórias de vida. E uma das lutas, é a busca pela educação escolar, muitas mulheres pretas não tiveram oportunidade de estudar, pois se para os homens pretos já foi difícil estudar, agora imagine as mulheres pretas. Porém nunca desistimos.

São pretas, mulheres negras quilombolas que trabalham, são as construtoras, formadoras e líderes. Também são mulheres muitas vezes sofridas, que passam por inúmeras dificuldades, por isso as chamo de guerreiras, como tais, muitas batalham para viver e ajudar os seus a viverem, nessas batalhas, algumas vitórias.

No estado do Ceará, tenho acompanhado este percurso das mulheres negra quilombolas, percebido como tanto as mulheres como a juventude estão conseguindo conquistar seu lugar no pódio, no território, e principalmente na liderança e na educação tem havido uma conquista significativa das mulheres e juventude quilombola, exemplo o encontro de mulheres liderança da CONAQ realizado em 2017 no Ceará, outro a juventude quilombola adentrando na universidade através de cotas para indígenas e quilombola, então através de um sistema de cotas para indígenas e quilombolas laçado pela A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma instituição de ensino superior pública federal brasileira, sediada na cidade de Redenção, no estado do Ceará.

Dado o Edital – Indígenas e Quilombolas a Pró-Reitoria de Graduação da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) torna público o processo seletivo específico para ingresso de estudantes quilombolas e indígenas nos cursos de graduação presencial ofertados pelos Campi Ceará e Bahia para ingresso no semestre 2019.1, com início previsto em 06 de maio de 2019.

A UNILAB hoje apresenta um quadro de mais de 30 alunos quilombolas distribuídos nos cursos de administração pública, agronomia, antropologia, ciências biológicas, história, humanidades, letras, pedagogia, química e sociologia.

As mulheres pretas, as mulheres pretas quilombolas, nós mulheres pretas, pois eu falho desse lugar de pertencimento, e em quanto mulheres pretas, sempre tivemos que trabalhar, enfrentar muitos obstáculos como: a ter a cor preta, cabelos crespos, o machismo, o sexíssimo, e esse ainda se duplica pois ser mulher e preto ai as coisas se tornam mais difíceis, pois em se tratando de cargos, os homens brancos são preteridos, depois mulheres brancas, homens pretos e por último as mulheres pretas, mas desde de séculos passados as mulheres pretas fizeram buscaram quebrar estas amaras, como mostrei trazendo a história de algumas destas mulheres.

Mulheres negras têm história para contar, este capítulo estimular a inclusão social das mulheres negras, por meio de dá visibilidade e do fortalecimento da reflexão acerca das desigualdades vividas por elas no seu cotidiano, na sociedade, no mundo do trabalho, e na superação do racismo e desigualdades, pois as desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira afetam diretamente as mulheres negras.

9 CULTURA E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E DO CAMPO: PARÂMETROS EDUCACIONAIS DOS QUILOMBOS E DO CAMPO

“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Movo-me como educador porque primeiro movo-me como gente (Paulo Freire)”.

9.1 Do cotidiano da história para a educação quilombola e do campo

Somente poderá haver uma boa educação quilombola se ela for baseada na realidade dos quilombos, nas necessidades dos seus habitantes e na clareza de propósitos dos educadores com relação à população quilombola.

Começamos o capítulo com a ressalva importante de que a “A Educação quilombola” e a “Educação do campo” em muito são referentes à mesma população negra em áreas rurais e se confundem quanto aos conteúdos. Sendo que a origem da separação é a partir dos grupos políticos que trabalham a educação com as populações negras rurais, uns com foco na cultura negra e outros com foco na identidade de camponês. Entendemos que de uma forma geral a educação quilombola abriga a necessidades das populações e não seria necessário separá-las como tem ocorrido. O primordial poderia ser unificá-las. Camponês, dentro do conceito de campesinato, quanto a morador e trabalhador nas áreas rurais e de origem de populações negras.

Não Vou Sair do Campo

Não vou sair do campo
 Pra poder ir pra escola
 Educação do campo
 É direito e não esmola

O povo camponês
 O homem e a mulher
 O negro quilombola
 Com seu canto de afoxé
 Ticuna, Caeté
 Castanheiros, seringueiros
 Pescadores e posseiros
 Nesta luta estão de pé

Cultura e produção
 Sujeitos da cultura
 A nossa agricultura
 Pro bem da população
 Construir uma nação
 Construir soberania
 Pra viver o novo dia
 Com mais humanização

Quem vive da floresta
 Dos rios e dos mares
 De todos os lugares
 Onde o sol faz uma fresta

Quem a sua força empresta
 Nos quilombos nas aldeias
 E quem na terra semeia
 Venha aqui fazer a festa

Gilvan Santos.

Pensar a educação brasileira não é uma tarefa fácil, muito menos acompanhar seu desenvolvimento, apesar desse ser lento, pois quando se pesquisa o cronograma histórico educacional percebe-se que quase sempre de década em década se efetuava algum tipo de mudança no sistema educacional brasileiro, sistema este construído com base no sistema educacional europeu. Porém não se pode negar que não houve mudanças, assim se faz necessário fazer um passei nos passados para refletir o presente.

A exclusão a que a população negra está submetida, é potencializada com a exclusão educacional, desde história do passado, e hoje são muitos os fatores que mostram a exclusão da população negra no ambiente escolar, também há os dados estatístico, esses confirmam e mostram a grande exclusão educacional. A exclusão dos negros do processo de escolarização vem sendo construída ao longo da história da educação, pois é notório desde início da construção do sistema educacional brasileiro, sistema esse que segue o modelo europeu.

Historicamente, a educação brasileira se mostra excludente, esteve fortemente contextualizada à divisão e aos interesses de classes, prova disso, são as várias transformações mapeadas e ordenadas pela própria historiografia da educação ao longo de sua trajetória. Influências conservadoras europeias, e históricas, como a informalidade no processo de aculturação, o autoritarismo, o reprodutivíssimo, a participação dos Jesuítas e as diversas reformas de ensino que perpassam desde o Marquês de Pombal (1759) até o advento da atual Constituição (1988) representam vestígios de uma educação alienadora, excludente, e também reprodutora ou reforçadora da desigualdade. A identidade de quem aprende e de quem ensina são grandes fatores de integração dos alunos a educação a ao pertencimento a sociedade. Fatores que a educação não tem promovido nas comunidades de quilombo e quando promovem é de forma simplista e parcial. São ações isoladas e não pensadas no conjunto da educação. A ausência da identidade é correspondente a ausência de igualdade social, faz parte das formas de produção das desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. Desigualdade sobre a população negra é um conjunto de desigualdades uma delas é da desigualdade educacional quanto a identidade social e cultural dos alunos e educadores.

As desigualdades acumuladas na experiência social da população negra, e principalmente as desigualdades nos processos de escolarização, e isso tem sido denunciado há muitos anos pelo movimento social negro, por estudiosos das relações raciais, e, mais recentemente, também pelas análises no âmbito de órgãos governamentais no Brasil. São desigualdades graves e múltiplas, afetando a capacidade de inserção da população negra na sociedade brasileira em diferentes áreas e comprometendo o projeto de construção de um país democrático e com oportunidades para todos. Podemos listar alguns documentos que demonstram as desigualdades educacionais no Brasil. O primeiro documento é de 1852 da escola do Predestato passos, transscrito em dissertação de mestrado onde lá naquela época já reclamava das desigualdades educacionais (SILVA, 2002). Segue os trabalhos da Frente Negra brasileira sobre educação, com as críticas ao sistema educacional brasileiro e com a manutenção de uma escola própria (RODRIGUES, 2008). Existe um documento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, órgão do governo brasileiro, que desde 1996 fez pesquisa demonstrando as desigualdades entre populações negras e brancas e destacando os índices educacionais (IPEA, 2011). Portanto mais de um século de documentos sobre as desigualdades na educação com relação a população negra.

Baseados nos dados do censo de 2010, algumas conclusões simples podem ser tiradas. “Brancos chegam em maior proporção ao final da trajetória escolar na idade certa” (KESLEY, 2018). Uma conclusão relativa a vulnerabilidade social e a pobreza onde a população negra figura entre os 76% dos mais pobres. Outra sobre a desigualdade educacional. Sendo que os jovens brancos chegam em maior proporção ao final do ensino médio. Para a população de jovens entre 15 a 17 anos, 11,6% dos negros estão fora da escola, indo para 10,2 % para os pardos e 7,2 % para os brancos. Apenas 62% dos negros estão matriculados no Ensino Médio, sendo que esse número para a população branca é de 76%.

De acordo com o documento das Diretrizes nacionais da Educação Quilombola, vejamos Comunidades quilombolas no Brasil: dados escolares e legais:

O número de comunidades quilombolas no Brasil é elevado, mas ainda não existe levantamento extensivo. Sabe-se que há quilombos em quase todos os Estados da Federação, mas não se tem conhecimento de existirem em Brasília, no Acre e em Roraima. Segundo dados da SECADI/MEC, os Estados com maior número de quilombos são: Maranhão, com 318; Bahia, com 308; Minas Gerais, com 115; Pernambuco, com 93, e Pará, com 85. No entanto, é válido esclarecer que, em alguns Estados como o Maranhão, foram

registradas mais de 400 comunidades no levantamento realizado, em 1988, pelo Projeto Vida de Negro, do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN/MA).

De acordo com o Censo Escolar de 2010, existem no Brasil 1.912 escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos. Desse total, 1.889 são públicas e 23, privadas. Das públicas, 109 são estaduais, 1.779, municipais e apenas uma é federal.

Em 2010, havia nessas escolas 31.943 funções docentes. 3 Destas, 31.427 professores atuavam em escolas públicas e 516, em escolas privadas. Dos professores das escolas públicas, 9.754 trabalhavam nas estaduais, 21.624, nas municipais, e 49, na federal.

Estavam matriculados na Educação Básica, em 2010, 210.485 mil estudantes em escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos. Desses, 207.604 nas escolas públicas e 2.881, nas privadas. Dos estudantes da escola pública, 42.355 estavam nas estaduais, 165.158, nas municipais e 91, na escola federal. (MEC, 2012).

Do total de estudantes matriculados no Brasil, 15,2% encontravam-se na Região Norte, 68% na Região Nordeste, 10,9% na Região Sudeste, 3,1% na Região Sul, 2,8% na Região Centro-Oeste.

Do total de matrículas estaduais, 12,4% diziam respeito à Região Norte, 68,5% à Nordeste, 17,4% à Sudeste, 0,6% à Sul e 1,1% ao Centro-Oeste. Do total de matrículas municipais, 16,2% estavam na Região Norte, 67,6% na Nordeste, 9,2% na Sudeste, 3,7% na Sul e 3,2% no Centro-Oeste.

Do total de matrículas federais, 100% estavam na Região Nordeste, já que o Censo de 2010 encontrou apenas uma escola.

Do total das matrículas públicas (federal, estadual e municipal), 15,5% encontravam-se na Região Norte, 67,8% na Nordeste, 10,9% na Sudeste, 3,1% na Sul e 2,8% no Centro Oeste.

Do total de matrículas privadas, 0% está na Região Norte, 82,9% na Nordeste, 13,1% no Sudeste, 1,1% no Sul e 3% no Centro-Oeste. (MEC, 2012).

Percebem-se mudanças na educação brasileira, são inegáveis os avanços que a educação brasileira vem conquistando nas décadas mais recentes. Considerando as dimensões do acesso, da qualidade e da equidade, no entanto, pode-se verificar que as conquistas ainda estão restritas ao primeiro aspecto e que as dimensões de qualidade e equidade constituem os maiores desafios a serem enfrentados neste início do século XXI.

A educação básica ainda é marcada pela desigualdade no quanto a qualidade e é possível constatar que o direito de aprender ainda não está garantido para todas as nossas crianças, adolescentes e jovens. Estudos realizados no campo das relações raciais e educação explicitam em suas séries históricas que a população afrodescendente está entre aquelas que mais

enfrentam cotidianamente as diferentes facetas do racismo que marcam a sociedade brasileira. O acesso às séries iniciais do Ensino Fundamental, praticamente universalizado no país, não se concretiza, para negros e negras, nas séries finais da educação básica. Há evidências de que processos discriminatórios operam nos sistemas de ensino, penalizando crianças, adolescentes, jovens e adultos negros, levando-os à evasão e ao fracasso, resultando no reduzido número de negros e negras que chegam ao ensino superior, cerca de 10% da população universitária do país.

Sabe-se hoje que há correlação entre pertencimento étnicorracial e sucesso escolar, indicando, portanto que é necessária firme determinação para que a diversidade cultural brasileira passe a integrar o ideário educacional não como um problema, mas como um rico acervo de valores, posturas e práticas que devem conduzir ao melhor acolhimento e maior valorização dessa diversidade no ambiente escolar. E o marco legal deve ajudar que de fato aconteça. A existência do sucesso e insucesso é fortemente relacionada com a identidade do aluno e a identidade promovida pela educação. Devemos notar que um dos fatores de insucesso dos alunos é o abandono, ou seja, a evasão e não continuidade dos estudos, o desanimo com relação a dar sequência aos estudos.

A Lei 10639/2003, é um marco histórico. Ela simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira. A lei revela varias coisas, primeiro uma demanda específica de setor da população por uma política específica, saindo das políticas universalistas. Marca a tomada da consciência histórica pelas instituições da existência do racismo e dos prejuízos antes negados como existentes. A tomada do Conselho Nacional de Educação em atender as reivindicações históricas dos movimentos sociais negro, quando elaborou parecer no sentido de orientar os sistemas de ensino e as instituições dedicadas à educação.

Importante destacar a luta dos movimentos sociais ao criar um conjunto de estratégias por meio das quais os segmentos populacionais considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que estas sejam tratadas de forma justa e igualitária, exigindo que o elogio à diversidade seja mais do que um discurso sobre a variedade do gênero humano. Nesse sentido, é na escola onde as diferentes presenças se encontram e é nas discussões sobre currículo onde estão os debates sobre os conhecimentos escolares, os procedimentos pedagógicos, as relações sociais, os valores e as identidades dos alunos e alunas.

Na política educacional, a implementação da Lei 10639/2003 traz possibilidade de estabelecer novas diretrizes e práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e afro-brasileiros no processo de formação nacional.

Cabe destacar que a recente legislação educacional brasileira vem propondo espaços no currículo para inserção de temas que contemplem e viabilizem discussões sobre a pluralidade e diversidade cultural, fruto dos movimentos sociais. Entretanto, no sentido de superar o caráter homogeneizador e excluente do espaço escolar, alguns professores dentro da escola vêm buscando meios no sentido de pôr em prática aquilo que a legislação propõe, muitas vezes enfrentando toda sorte de adversidades e desafios específicos.

O Ministério da Educação, seguindo a linha de construção do processo democrático de acesso à educação e garantia de oportunidades educativas para todas as pessoas, entende que a implementação ordenada e institucionalizada das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação para a Diversidade Etnocultural é também uma questão de equidade, pertinência, relevância, eficácia e eficiência (UNESCO/OREALC, 2007).

Portanto, com a regulamentação da alteração da LDB Lei n. 9.394/1996, trazida inicialmente pela Lei 10639/03, e posteriormente pela Lei 11645/08, buscou cumprir o estabelecido na Constituição Federal de 1988, que prevê a obrigatoriedade de políticas universais comprometidas com a garantia do direito à educação de qualidade para todos e todas. A lei não faz mudar a realidade, serve de referência e permite uma cobrança legal, como também a existência indica caminhos e aponta perspectivas, instrumentaliza o cidadão ou cidadã e a sociedade com direitos, instigando a mobilização pelos ideais nela contidos possibilitando a exigência do que está estabelecido.

Pois sendo lei ainda que devesse ter ocasionado mudanças, mas ainda há muito desconhecimento, negligencia, já fez 16 anos da lei 10.639/03, mas ainda chego às formações de professores, nas jornadas pedagógicas e nas escolas e encontro mais da metade dos professores que nunca ouviram falar da lei, nunca tiveram formação sobre as questões.

Porém é importante dizer que em 2006, foi publicado pela SECAD, guia de orientações e ações para a implementação da Lei 10.639/ 2003, onde a educação quilombola já constava, como um item específico, relativo tanto as escolas localizadas em quilombos, quanto às escolas que atendem quilombolas. E em 2010, houve a Conferencia Nacional de Educação CONAE, 2010), em seu documento, um capítulo sobre educação quilombola, já tinha um debate e propostas pautando a educação quilombola. E no documento da CONAE, 2010, estava previsto o direito à preservação das manifestações culturais das comunidades remanescentes, da sustentabilidade de seus territórios, da questão da alimentação (merende escolar de acordo com

os hábitos alimentar loca), formação diferenciada para os professores das escolas quilombolas, a criação de um programa de licenciatura quilombola, e a elaboração de materiais didático-pedagógicos específicos (CONAE, 2010). Então a educação escolar quilombola definiu se como mais uma modalidade de educação, essa se definiu nos seguintes termos:

Art. 41. A Educação Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-racial de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural (MEC, 2010).

As escolas quilombolas ou as que atendam alunos oriundos dos quilombos devem ter alguns quesitos a cumprir. A elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. De acordo com tais Diretrizes:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (p. 42).

Orienta-se também pelas deliberações da Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010). De acordo com o documento final da conferência, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/as profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (C0NAE, 2010, p. 131-132).

9.2 Educação quilombola e Educação Escolar quilombola: definição

Eu aprendi histórias em casa, contada pelos meus mais velhos, meu avô, que ao viajamos juntos, sempre ao longo da viagem me contava estórias, percorremos as estradas da vida ele me contando estórias, mas na escola contam tudo diferente. Aprendi a respeitar a natureza, os mais velhos, e ele me ensinava como viver. Mas na escola se aprende de forma diferente, tem que fazer as tarefas e tem que saber ler e escrever. Porém hoje, obtive novos conhecimentos importantes sobre o povo negro, povo inteligente, guerreiro e forte. Assim faz-se necessário entender o que é educação quilombola e o que chamamos de educação escolar quilombola.

No sistema educacional busca-se diferenciar educação informal e educação formal, na educação ou no sistema de ensino aparece essa duas, e são conflitantes, enquanto deveriam andar de mãos dadas, assim também aparece a dualidade com relação á educação quilombola e educação escolar quilombola.

Existe uma educação quilombola que é aquela que acontece independente da escola, ou seja, aprendizagem acontece no dia adia, em vários lugares e momentos. Aprende-se e ensina através dos fazeres, dos saberes, da tradição oral, se aprende através das brincadeiras, das manifestações culturais, e algo espontânea. (FURTARDO; PEDROZA; ALVES, 2014). No entanto em termos de inserção social existe a necessidade de uma educação formal. Nessa educação formal a existe a necessidade da especificidade quilombola.

A escola não é o espaço hegemônico da educação, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB 9.394 em seu Art. 1º “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de pesquisa e ensino, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Assim, a educação no Quilombo é aquela desenvolvida pelos sujeitos nas suas práticas cotidianas, seja, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações das tradições culturais, na relação de sustentabilidade com a natureza, enfim, no modo de ser e estar no mundo. Conforme Brandão (1981) “a educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Ainda, destaca que as formas de educação produzidas e praticadas servem para reproduzir entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da comunidade e do campo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação deve habita”. (BRANDÃO, 1981, P.10-11).

Entender o que é educação quilombola, de acordo com:

Título III

Da definição de educação escolar quilombola

Art. 9º A Educação Escolar Quilombola compreende:

I - escolas quilombolas;

II - escolas que atendem estudantes oriundos de
territórios quilombolas.

Parágrafo Único Entende-se por escola quilombola

aquela localizada em território quilombola. (BRASIL, 2012).

Em 20 de novembro de 2012, a Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação publicou a resolução de número 08 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Transcrevemos abaixo a definição de Educação Escolar Quilombola:

I- Na Educação Escolar Quilombola, a Educação Básica, em suas etapas e modalidades, compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, a Educação Especial, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância, e destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica. (MEC, 2012).

II – compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III – destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV – deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V – deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

VI – deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade. (BRASIL, 2012).

A Educação Escolar Quilombola compreende as escolas dos quilombos, bem como, as escolas que atendem estudantes oriundos das comunidades quilombolas. Como se trata de educação escolar, sua organização deverá levar em conta os tempos do calendário escolar formal, articulados com os tempos e os processos organizativos das comunidades, podendo assim, a educação escolar quilombola, ser organizada em séries anuais, períodos semestrais, alternâncias, ciclos e grupos não seriados.

Quanto à educação quilombola o documento da CONAE diz:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/as profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. MEC - Doc Base DOCUMENTO FINAL - 05/27/2010. (133 A) 133 132

Neste sentido, a fim de consolidar ações que se direcionam às suas especificidades, incluindo nestas, a cosmovisão da comunidade, valorizando a identidade histórica e cultural da população Quilombola com o estabelecimento de práticas que evidenciem a presença e influência da cultura africana nos diversos segmentos da sociedade brasileira, na literatura, na música, na culinária, na arquitetura, na linguística, na arte, dança para que se evite que a história de exclusão e invisibilidade se repita, a exemplo do relato abaixo:

Na escola tinha dia que não tinha merenda, e água tínhamos que levar de casa, quando também tinha. Neste tempo Horizonte pertencia ao município de Pacajus, muitas crianças desistiram de estudar principalmente quem tinha muitas crianças. Porque tinham que trabalhar para ajudar em casa, quando a taxa escolar foi abolida foi então que podemos comprar a farda da escola. Nesta escola fiquei ater o fundamental II. O médio foi na Sade do município.

No período das férias trabalhava junto com minha Mãe a casa de farinha, todo dinheiro que ganhava na raspagem da mandioca era para comprar meu material escola, no período do caju ajudava meu avô apanhar castanha, pela manhã e a tarde ia para a escola pois sempre ouvir meus pais falar todo que

eles podia mim dar de bom era o estudo que eles não estudaram por falta de oportunidade, pois isto era minha maior motivação. (SANTOS, 2012).

A educação quilombola deve propor aos sujeitos quilombolas despertar a história de sua comunidade, suas práticas culturais e saberes. Procurando vivências baseadas nos valores ancestrais, considerando o respeito, o tempo para aprender, o cuidado coletivo e o respeito à natureza. A vida no campo deve ser valorizada pela educação quilombola como também orientar no uso dos conhecimentos desenvolvido pela humanidade.

Desta forma, é imprescindível implementar ações e propostas de promoção da igualdade racial nas Instituições de Educação por meio de práticas institucionais e pedagógicas que integrem o princípio educativo da diversidade étnico-raciais que agora tem sua condição de premissa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a entrada em vigor da Lei nº 12.796/13. Assim como traduzir em ações o que prevê a lei 10.639/2003.

Assim entendo a necessidade de se conhecer e valorizar o patrimônio cultural local na educação. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola na Educação Básica (2012) os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos político-pedagógicos”. (BRASIL, 2012, p. 34). Também é aquela que se desenvolve nas comemorações festivas, sendo a festa um momento de reafirmar valores simbólicos que registram a memória ancestral da comunidade e possibilitam um aprendizado singular sobre a identidade cultural das Comunidades de Remanescentes de Quilombos. Apreender a importância do período de preparação e realização das festas permite desvendar algumas das lógicas desse modo de vida quilombola e perceber, nas ações específicas do lúdico-sagrado do tempo da festa, as teias de significados que compõem um tecido cultural trama sobre esse alicerce da sociedade local. Através do acompanhamento das festas e da sua preparação podemos entender como adequar o passado ao presente, ao reelaborar a herança cultural dos ancestrais, possibilitando, além disso, manter um diálogo com a sociedade envolvente, através da negociação e renegociação constante dos referenciais simbólicos, dos quais essas comunidades se apropriam para constantemente ressignificá-los. (MOURA, 2005, p.73). As festas nas Comunidades de Remanescentes Quilombolas podem ser realizadas anualmente e são atividades intrinsecamente ligadas a religiosidade, que se traduz na devoção a um “Santo”, ente sagrado que a comunidade venera, ex.: São Benedito, nossa senhora do Rosário. A organização da festa reúne os mais velhos,

adultos, jovens e crianças da comunidade, e nessa dinâmica os mais velhos como portadores um saber construindo na experiência de vida ensinam aos demais a importância e os significados da manutenção da tradição. E esta acorda nos jovens o pertencimento afro e, despertar para a reconstrução ou renovação da identidade individual e coletiva. Para Theodoro (2005, p. 96) “a pedagogia de base africana é iniciática, o que implica participação efetiva, plena de emoção, onde há espaço para cantar, dançar, comer e partilhar, ”. Ainda, conforme a autora reverenciam-se os mais velhos, que têm mais axé (força de vida), o que se traduz como mais sabedoria.

Pensar o processo de escolarização nos quilombos implica assumir o compromisso de ressignificar o currículo escolar, as práticas didático/pedagógicas, buscando contemplar as necessidades e demandas dessa população. Na concepção de Moura (2005), quando se fala na transmissão de valores que ocorre através das festas, está apontando para um modo de educação não formal que é utilizada entre os moradores dos quilombos e que deve ser levado para a educação escolar quilombola, (MOURA, 2005, p.73). Nesse sentido, a Proposta Pedagógica Quilombola apresenta-se como uma construção dialógica a partir dos anseios e interesses das comunidades quilombolas. Deve buscar uma proposta curricular se faz por meio da afirmação das vozes dos quilombolas. Não se deve focalizar superficialmente a especificidade cultural e ambiental, pois assim pode-se estar reforçando o discurso dos privilegiados dos grupos dominantes na sociedade. A reforma curricular precisa reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aula e de se criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos demais como sujeitos e não como objetos.

Nesse capítulo reforçamos a necessidade e importância do entrelaçamento dos conteúdos escolares com as necessidades locais, os saberes históricos e cotidianos que tecem a vida no quilombo.

Ao defender uma política de educação escolar voltada às Comunidades Remanescentes de Quilombos, não significa advogar pela extração/minimização dos conteúdos escolares, selecionados a partir da concepção que os classifica como conhecimentos pertencentes à cultura universal, e, portanto, defende-se que a Escola Quilombola deve disponibilizá-los a educação escolar de maneira contextualizada. Trata-se de uma dimensão curricular que reconheça as singularidades socioculturais e históricas das comunidades quilombolas, suas formas de organização comunitária, seus patrimônios materiais e imateriais, seus conflitos e

lutas, seus protagonismos históricos, e se considere como ponto de partida para dialogarem com os conteúdos escolares; portanto, se afasta de um currículo fechado e eurocêntrico.

9.2.1 Educação escolar quilombola do campo: história, cultura, memória, luta e resistência

Do ponto de vista da geografia e da economia as considerações sobre os territórios quanto a sua natureza de ocupação permanecem divididos entre rural e urbano. Desde 1950 na sociedade brasileira apresenta uma literatura que discute o rural e o urbano, muito em função da urbanização acelerada do período e também pela grande expansão do agronegócio e do surgimento de muitos conflitos em função da ocupação de terras. Nesse período, 1950 - 2000, as atividades agropecuárias definiram as formas de uso dos recursos naturais entre as agriculturas de sobrevivências e as de grande escala, as atividades econômicas primordiais tanto para sobrevivência humana como para os negócios de exportação e neste processo articularam espaços geográficos, relações sociais e as políticas, e formas de ocupação e uso dos recursos naturais e desta forma representam uma importante base para compreensão e discussão da formação da sociedade brasileira. Estando compreendido nesta discussão os direitos sociais, individuais e coletivos (PERICO, RIBEIRO, 2005). Dentro da discussão rural e urbano, estão elencados as populações de quilombos e as do campo, sendo um dos qualificadores a denominação de populações tradicionais.

Compreendemos com base em Arruda (1999) que as populações classificadas no âmbito de “tradicionais” são as que apresentam uma forma de ocupação do espaço geográfico e uso dos recursos naturais relacionados com a subsistência. São populações que do ponto vista econômico possuem uma fraca articulação econômica com os mercados de consumo. Executam um modo de produção baseado em uso intensivo de mão de obra familiar e empregam tecnologias produção com reduzido impacto sobre o meio ambiente e provenientes de conhecimentos patrimoniais de transmissão pelo uso. São populações geralmente classificadas como caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e outras variantes. Sendo as populações indígenas não se inserem nesta categoria. São Populações que possuem como denominador comum à ocupação do território de há muito tempo e não têm registro legal de propriedade privada individual da terra. Usualmente reconhecem como definindo apenas o local de moradia como parcela individual, sendo o restante do território encarado como área de utilização comunitária, com seu uso regulamentado pelo costume e por normas compartilhadas internamente.

Em razão dos movimentos sociais denominados como quilombolas e movimentos da terra ou campesinos, surgiu na educação brasileira duas correntes de educação rural com grande semelhança e muitas interseções: educação quilombola e educação do campo. A educação quilombola apresenta como eixo aglutinador do conhecimento o patrimônio cultural afrodescendente e a educação do campo as formulações de classe social e relações capitalistas.

No ano de 1996, quase quatro anos após a discussão ter entrado em pauta no Senado, é aprovado o texto da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que define as diretrizes e bases da educação nacional; em seu artigo nº 28, a LDB/1996 estabelece que: Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Os Estados brasileiros impuseram a população negra à permanência na zona rural, e os que se encontravam na zona urbana foram empurrados para os bairros periféricos e, para a zona rural, assim está população foi deixada a margem, mas não se deixaram vencer, lutaram e lutam pelos seus direitos básicos. Um destes direito o qual trataremos aqui e o direito a educação de/com qualidade.

A realidade das escolas do campo e das comunidades quilombolas demonstra que seus Projetos Político-Pedagógicos não contemplam os saberes, os fazeres e os valores dos sujeitos históricos que compõem essas comunidades tradicionais. A práxis didática e pedagógica, e a proposta curricular não atendem à identidade cultural, principalmente das/nas comunidades do campo e quilombolas. Acredito que isso caracteriza uma problemática importante, na qual os conhecimentos científicos contribuirão significativamente para a identificação das fragilidades e das potencialidades, no sentido de respaldar as discussões e definir as metas e ações para solucionar os problemas identificados nos diagnósticos, seguindo os critérios científicos e as orientações das diretrizes das políticas públicas nacionais, estaduais e municipais, sempre se referindo a Educação do Campo e Educação Quilombola. Para se efetivar e dar credibilidade à transformação proposta nas leis é que a qualificação de professores da educação nas escolas e nas comunidades de quilombolas de Nazaré, Base e serra do Evaristo, no Ceará se realizaram.

Nesse sentido, o trabalho busca contribuir na proposta curricular com um programa didático e pedagógico para a Educação do Campo/Quilombolas da Rede Municipal de Educação, além de contribuir com a formação continuada dos educadores para que estes possam refletir e se sentir preparados e motivados a contribuir com o processo de aprendizagem dos estudantes do campo e das comunidades quilombolas.

A modalidade educacional da Educação do Campo e Educação Quilombola em cada município precisa da ressignificação dos Projetos Político-Pedagógicos das Escolas do Campo, com a participação da comunidade escolar para incorporar os fazeres, os saberes e os valores dos sujeitos históricos das comunidades tradicionais e quilombolas; e do acompanhamento da proposta de construção, planejamento, desenvolvimento e avaliação do Projeto de Intervenção Interdisciplinar de cada escola no ano letivo. Os resultados esperados são o acompanhamento dos projetos de intervenção interdisciplinar escolar em todas suas etapas; a organização de eventos e apresentação dos projetos da/na comunidade escolar de caráter de culminância na Semana da Consciência Negra; e a avaliação do processo da ressignificação dos PPP das Escolas do Campo e Educação Quilombola.

Construtores do Futuro

Eu quero uma escola do campo
 Que tenha a ver com a vida com a gente
 Querida e organizada
 E conduzida coletivamente.
 Eu quero uma escola do campo
 Que não enxerga apenas equações
 Que tenha como chave mestra
 O trabalho e os mutirões. [...] Gilvan Santos.

Então para definir educação do/no campo busquei embasamento segundo o texto das diretrizes curriculares a Educação do campo, essa diz que educação do campo é uma modalidade da educação que ocorre em espaços denominados rurais. Diz respeito a todo espaço educativo que se dá em espaços da floresta, agropecuária, das minas e da agricultura e ultrapassa, chegando também aos espaços pesqueiros, a populações ribeirinhas, caiçaras e extrativistas. É destinada às populações rurais nas diversas produções de vida já citadas, assim como serve também como denominação a educação para comunidades quilombolas, ou população negra em assentamentos rurais.

Diretrizes operacionais para educação básica das Escolas do campo

Art. 2 – parágrafo único

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação inerente a sua realidade, encontra-se na temporalidade e saberes próprio dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuro, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva do país. (BRASIL, 2002, p. 32).

Quanto à educação do campo:

- a) O princípio do respeito à diversidade cultural, nos termos da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, amplamente reproduzida no direito brasileiro, é aplicável ao campo e à educação do campo para reconhecer as diferenças e valorizar suas especificidades. Segundo a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, ela é um imperativo ético inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem às minorias e os dos povos autóctones. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos garantidos pelo Direito Internacional, nem para limitar seu alcance.
- b) Assegurar uma política pública nacional de educação do campo e da floresta como direito humano, superando as desigualdades socioespaciais, étnico-raciais, de gênero, geracionais, de orientação sexual e de pessoas com deficiências.
- c) Consolidar uma política nacional para a educação do campo e da floresta (de caboclos/as, indígenas, extrativistas, ribeirinhos/as, pescadores/as, quilombolas, migrantes de outras regiões brasileiras e estrangeiras, agricultores/as familiares, assentados/as, sem-terra, sem-teto, acampados/as e de segmentos populares dos mais diversos matizes), articulada com o fortalecimento do projeto alternativo de sustentabilidade socioambiental que assegure a formação humana, política, social e cultural dos sujeitos, a partir do documento Referências para uma Política Nacional da Educação do Campo do Ministério da Educação e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD), das propostas da Comissão Nacional de Educação do Campo e em diálogo com os movimentos sociais do campo.
- a. Garantir a oferta e financiamento da educação do campo no País, levando em consideração a diversidade e as desigualdades regionais. e) Garantir a oferta e permanência e ampliar o acesso à escola do campo, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos/ as, de pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, entre outras, residentes nas zonas rurais, em todas as etapas da educação básica e na superior, observando-se que o atendimento infantil deve ser oportunizado na própria comunidade, e garantindo-se, para os demais casos, o transporte escolar intracampo.

No documento da CONAE (2010), que já se recomendava com relação as considerações da educação do campo:

- Elaborem seu projeto político pedagógico (P.P.P.) específico, que articule processos de investigação, desenvolvimento social e sustentável e mundo de trabalho;
- Ofereçam formação inicial continuada de professores;
- Considerem a necessidade de flexibilizar o calendário escolar;
- Ofereçam alimentação escolar de acordo com as especificidades e características da região do campo, inclusão digital para esta população e elaboração para esta população e elaboração de material didático;
- Garanta infraestrutura e transporte, materiais e livros didáticos específicos, além dos equipamentos, básicos, como biblioteca, área de esporte e laboratórios.

Mesmo assim é necessário reconhecer que texto sobre Educação no Campo apresenta uma grande generalização com relação aos espaços denominados como rurais. Abrange os diversos espaços misturando ecossistemas com áreas de exploração econômicas. Como também inclui a educação indígena e quilombolas, sendo que estas possuem também diretrizes curriculares próprias. Na educação no campo, é preciso considerar a diversidade contida nos espaços rurais, contemplando no currículo escolar as características de cada local, bem como os saberes ali presentes. Que são também propostas contidas na educação quilombola. No entanto é necessário não misturar a educação quilombola com a indígena, primeiro pelas diferenças históricas e culturais dessas populações, segundo em respeito às reivindicações dos povos indígenas quanto a educação indígena, feita em língua indígena e em território indígena, realizada por educadores indígenas. O fato de serem populações vítimas de racismo não é suficiente para tratá-las num mesmo programa de educação. O racismo não deve ser pensado como uma categoria universal, encontramos racismos diversos e com formatações e consequências diversas. Como também são racismos combatidos por movimentos sociais diversos autônomos entre si e cada qual com reivindicações próprias, sendo que a solidariedade e colaboração entre os movimentos é que tem importância política.

No que diz respeito às políticas públicas para a educação do campo no Brasil, ainda há grande demanda para pôr em prática as diretrizes curriculares, isso não é apenas para o fortalecimento da cultura, mas também para o desenvolvimento da agricultura e dos modos tradicionais de produção.

9.3 Quais as problemáticas da educação quilombola do campo no Ceará

Apesar do estado do Ceará apresentar regiões de praia, serra e sertão, a principal característica geral são as necessidades hídricas e a disputa pela terra e pela água. As culturas e a economia implicam em desenvolver uma educação que permita superar as adversidades climáticas e as de acesso a terra. As viagens pelos quilombos sempre mostram as pessoas andando muito para chegarem a terras aráveis, ou seja, terras que possam plantar o que implica que as comunidades possuem pouca terra onde habitam, e mesmo assim estas estão em disputas. A problemática é da posse de terra e da ampliação do espaço ocupado, seguido dos implementos de superação das secas.

O estado do Ceará e as instituições cearenses, inclusive a Universidade Federal do Ceará, alimentaram a ideologia de o escravismo no Ceará foi pouco intenso, por não existir a cultura da cana de açúcar e, portanto o Ceará não apresentou na sua história a presença intensiva de populações negras. São uma soma de erros ideológicos transformados em cultura acadêmica e referendada pelos especialistas de ciências humanas. Primeiro o Ceará sempre apresentou culturas da cana de açúcar para o uso não na produção de açúcar, mas de rapadura e cachaça. Existiram na história efetivos escravizados em diversas regiões do estado voltados para as plantações de cana de açúcar, principalmente nas zonas litorâneas e no Cariri.

Outro erro histórico é não associar à produção de gado ligado a presença das populações negras. Sendo que os usos finais da carne de sol e do couro implicaram na presença de populações negras nas cidades. O demarcador da existência histórica de grande população negra nas cidades do Ceará foi a existência de Irmandades do Rosário de Pretos. Então a história do Ceará é uma história de populações negras e nelas aparecem as histórias dos quilombos. Portanto o que existe de específico com relação ao estado do Ceará na educação quilombola é o combate a historiografia oficial que afirma na inexistência de grandes populações negras no estado. Dado que contraria mesmo os censos onde mais da metade da população se declara como não branca.

Para contextualização da realidade a escola poderia oferecer oficinas de métodos rudimentares de bombeamento de água ou então do tratamento da água (PECORA, 2006). Embora muitas comunidades estejam ligadas as redes municipais de fornecimento da água a falta de água é uma realidade mesmo nos centros urbanos. Outras formas são sobre a construção de casas modernas e confortáveis com técnicas antigas da taipa (LOPES, W. G. R.; ALEXANDRIA, 2008), (ARAUJO, 2009). Temas como o melhor aproveitamento da lenha para

produção de doces e farinhas, processos que permitem a economia doméstica e mesmo a venda externa (BOTELHO, 1986).

Também a escola poderia trazer comparação da vida na cidade e da compra em supermercados e as vantagens em produzir localmente ou de poder produzir localmente e não comprar pronto, pois o comprar pronto implica na necessidade de ganhos em dinheiro, o que é difícil e cria maiores dependência da cidade e dos governos.

Nas áreas da produção da identidade poderia haver a reintrodução da dança, da música e do teatro em termos de refletir e criar peças teatrais sobre a realidade local e sobre a história e memória local (OMAR, 2018).

Como conclusão, obtenção da terra, da água e da identidade negra no Ceará são as bandeiras específicas para a educação quilombola do campo.

9.4 O quilombo e o campo têm negros: presença /ausência do negro no currículo da educação do campo e quilombola

Teoricamente as escolas já atendem os alunos advindos dos quilombos e campos, apenas do ponto de vista físico e presencial, mas não basta só estar dentro da escola, se faz necessário currículo e práticas pedagógicas que trabalhem com a cultura local e com as necessidades diversas dos quilombos e dos camponeses. É necessário refletir como estão compostos os currículos e projetos políticos pedagógicos, e o porquê da grande evasão dos alunos. Esses não permanecem até a conclusão do ciclo de formação. As práticas educacionais massacraram os alunos com conteúdos a atitudes que os ignoram como pessoas de áreas rurais. Existe um rolo compressor pedagógico comprimindo, amassando tudo que é mente humana em período de formação. Assim não respeitando e nem permitindo uma prática educacional flexível, com base na cultura e história dos Quilombolas e camponeses, assim visando uma educação com elementos do pertencimento cultural desta população.

Educação quilombola é mais que as escolas estarem localizadas nas comunidades quilombolas, pois toda escola que esteja dentro do quilombo ou atenda estudantes advindos das comunidades quilombolas deve fazer educação voltada para seus alunos, seja quilombolas ou camponeses. Assim estas realidades educacionais que estão postas para os quilombos estão

também para os camponeses. Embora que existam entrelaçamentos entre as culturas camponesas e as culturas quilombolas, existem questões específicas que as diferenciam, uma delas é a respeito do racismo contra a população negra no Brasil. A educação quilombola deve instruir quanto ao combate e compreensão das estruturas racistas.

As escolas do campo e do quilombo são aquelas que têm sua sede no espaço geográfico classificado pelo IBGE como rural, assim como as identificadas com o campo ou quilombo, mesmo tendo sua sede em áreas consideradas urbanas. Essas últimas são assim consideradas porque atendem a populações de municípios cuja produção econômica, social e cultural está majoritariamente vinculada ao campo.

9.4.1 O currículo: Base Nacional Comum Curricular, equidade e igualdade

Em um país como o Brasil, com autonomia dos entes federa-dos acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, é um tanto difícil rever e pôr em prática o currículo, mas a busca por equidade na educação demanda currículos diferenciados e adequados a cada sistema, rede e instituição escolar. Por isso, nesse contexto, não cabe a proposição de um currículo nacional.

Então temos as várias modalidades dentro do sistema educacional, entre estas temos a modalidade educação escolar quilombola e educação do Campo, mas para que essas modalidades sejam efetivadas, aconteçam de verdade nas salas de aulas dos quilombos, se faz necessário a implementação do currículo, é de longas datas que se reivindicam mudanças quanto à educação da população negra e quilombolas, mesmo sendo recente a discussão no currículo. Como nos mostra Silva:

Embora a discussão sobre a educação escolar e currículo quilombola seja recente no Brasil e se inscreva num marco referencial legal apenas no início do século XXI, no ano de 2003, e, ainda, que a produção de conhecimento seja ainda incipiente [...] a validação desses povos pelo Estado Nacional, ocorreu tardivamente, uma vez que os quilombos são uma realidade brasileira desde 1540 e o conhecimento produzido no continente africano sobre os princípios africanos para educar estão postos há muitos séculos atrás. (SILVA, 2017).

É preciso rever o currículo, esclarecer o que devemos entender pelo termo “currículo”. O termo é usado com vários sentidos e várias definições têm sido apresentadas, de modo que é importante estabelecer no início o que queremos que por ele se entenda em todo o decorrer deste texto.

O que é currículo? E do que trata e como trata?

Temos um currículo oficial e um currículo real, e chega-se praticamente ao mesmo ponto quando se considera a distinção que às vezes se faz entre o currículo oficial e o real. Com currículo oficial indica-se o que está determinado no papel, em programas, prospectos, etc., e currículo real denota aquilo que se faz na prática. Essa diferença pode ser percebida de forma consciente ou inconsciente, e a causa de qualquer diferença entre eles se deve ou a tentativa deliberada, por parte dos professores ou de outros, no sentido de enganar, a fim de que o que oferecem pareça mais atraente do que na realidade é, ou simplesmente ao fato de que, como professores e alunos são humanos, as realidades de qualquer curso nunca estarão exatamente à altura das esperanças e intenções daqueles que o planejaram.

É certo que há organização do currículo, porém essa organização do currículo se tornou necessária porque, com o surgimento da escolarização em massa, precisou-se de uma padronização do conhecimento a ser ensinado, ou seja, que as exigências do conteúdo fossem as mesmas. A base do conteúdo podem ser a mesma, mas precisa refletir as especificidades de cada grupo, o ser humano como um todo, e não só conteúdo.

Porque, o currículo não diz respeito apenas a uma relação de conteúdos, mas envolve também:

“questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor, quanto em todas as relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela, ou seja, envolve relações de classes sociais (classe dominante/classe dominada) e questões raciais, étnicas e de gênero, não se restringindo a uma questão de conteúdos”. (HORNBURG e SILVA, 2007, p.1).

Veiga (2002) complementa

“Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito.” (VEIGA, 2002, p.7).

Desta forma a organização do currículo é para acontecer dentro do projeto-político pedagógico da escola, deve estar em acordo como os princípios básicos da elaboração desse tipo de documentos (SANTOS; CAVALCANTE; ALVES, 2018). Devemos notar sempre que o currículo tende a privilegiar a cultura europeia, a cultura urbana e a cultura do sul do Brasil, portanto existe a necessidade de uma criteriosa análise e reflexão das pessoas participantes da elaboração e em particular a atenção constante como os propósitos da educação quilombola (CAMPOS, 2017), (CAVALCANTE, 2017).

Sempre se faz necessário pensar no currículo como um documento de base em constantes mudanças. A prática docente faz com que o currículo passe por constantes elaborações e adaptações ao contexto da escola e ao momento histórico presente, ao cotidiano da escola. A reflexão sobre a necessidade de um currículo dinâmico é importante, porque a nossa educação muda nomenclatura, leis, mas não os programas e o currículo para que de fato contemple o contexto escolar como um todo, e para todas e todos e voltado a um lugar, uma determinada comunidade precisa passar por revisões. Conforme Veiga (2002, p. 7) afirma, “a análise e a compreensão do processo de produção do conhecimento escolar ampliam a compreensão sobre as questões curriculares”. Hoje em dia, a organização do currículo escolar se dá de forma fragmentada e hierárquica, ou seja, cada disciplina é ensinada separadamente e as que são consideradas de maior importância em detrimento de outras recebem mais tempo para serem explanadas no contexto escolar.

Vários autores apontam para a possibilidade de o currículo não ser organizado baseando-se em conteúdos isolados, pois vivemos em um mundo complexo, que não pode ser completamente explicado por um único ângulo, mas a partir de uma visão multifacetada, construída pelas visões das diversas áreas do conhecimento. A organização do currículo deve procurar viabilizar uma maior interdisciplinaridade, contextualização e transdisciplinaridade; assegurando a livre comunicação entre todas as áreas.

O currículo é uma questão tão importante no aspecto escolar, assim surgiram muitas teorias curriculares que mostram que apesar de essas teorias não serem perspectivas acabadas, “elas convertem-se em marcos orientadores das concepções sobre a realidade que abarcam, e passam a ser formas, ainda que indiretas, de abordar os problemas práticos da educação.”

Assim como é importante entender o que é o currículo, também é fundamental a construção do Projeto Político Pedagógico (PPP), pois esse pode garantir a efetivação ou realização da modalidade educacional proposta. São fatores cruciais que a nossa observação do que ocorre nas escolas quilombolas e não quilombolas mostram que os PPP não são bem elaborados, são feitos

sem a participação das comunidades e os currículos são ditados pelas instâncias fora da escola, vindos da administração municipal ou estadual.

9.4.2 Construindo coletivamente uma proposta de organização curricular e pedagógica para as escolas quilombola e do campo

A Constituição de 1988 é um marco para a educação brasileira porque motivou uma ampla movimentação da sociedade em torno da garantia dos direitos sociais e políticos, dentre eles o acesso de todos os brasileiros à educação escolar como uma premissa básica da democracia. Ao afirmar que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo” (Art. 208), ergueu os pilares jurídicos sobre os quais viria a ser edificada uma legislação educacional capaz de sustentar o cumprimento desse direito pelo Estado brasileiro. No bojo desse entendimento, a educação escolar quilombola e do campo passa a ser abordada como segmentos específicos, porém traz implicações sociais e pedagógicas próprias. Com isto surgem reivindicações.

A política da educação quilombola e do campo tem estado a reivindicar um processo educativo para os sujeitos das comunidades quilombolas e do campo, que seja mediado por relações de trabalho e de cultura própria dos sujeitos. Essa política educacional deve se comprometer com um processo de ensino-aprendizagem com conhecimentos que estejam vinculados aos referenciais teórico-práticos que proporcionem mudanças na condição de exclusão dessa população. Logo, a história e cultura afro-brasileira e africana possibilitarão aos grupos sociais, existentes no quilombo e no campo, um direito que foi negado por longo tempo na educação brasileira. Então o caminho para fazer educação quilombola, ou seja, nas comunidades quilombolas e no campo parte da resistência das populações de negras e negros desde período colonial até hoje. E perpassa pelos movimentos sociais, pelas leis, diretrizes.

Então trago pontos das Diretrizes Curriculares Para a Educação Quilombola, deve contribuir para compreendermos a base da educação quilombola;

Título IV

Da organização da educação escolar quilombola

Art. 10 A organização da Educação Escolar Quilombola, em cada etapa da Educação Básica, poderá assumir variadas formas, de acordo com o art. 23 da LDB, tais como:

IV - alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos;

V - grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Art. 11 O calendário da Educação Escolar Quilombola deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas, econômicas e socioculturais, a critério do respectivo sistema de ensino e do projeto político-pedagógico da escola, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto na LDB.

§ 1º O Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, deve ser instituído nos estabelecimentos públicos e privados de ensino que ofertam a Educação Escolar Quilombola, nos termos do art. 79-Bda LDB, com redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004.

§ 2º O calendário escolar deve incluir as datas consideradas mais significativas para a população negra e para cada comunidade quilombola, de acordo com a região e a localidade, consultadas as comunidades e lideranças quilombolas.

§ 2º O calendário escolar deve incluir as datas consideradas mais significativas para a população negra e para cada comunidade quilombola, de acordo com a região e a localidade, consultadas as comunidades e lideranças quilombolas.

Art. 12 Os sistemas de ensino, por meio de ações colaborativas, devem implementar, monitorar e garantir um programa institucional de alimentação escolar, o qual deverá ser organizado mediante cooperação entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e por meio de convênios entre a sociedade civil e o poder público, com os seguintes objetivos:

I - garantir a alimentação escolar, na forma da Lei e em conformidade com as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;

II - respeitar os hábitos alimentares do contexto socioeconômico-cultural-tradicional das comunidades quilombolas;

III - garantir a soberania alimentar assegurando o direito humano à alimentação adequada;

IV - garantir a qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos, bem como seu aproveitamento, estimulando práticas alimentares e estilos de vida saudáveis que respeitem a diversidade cultural e étnico-racial da população;

Art. 13 Recomenda-se que os sistemas de ensino e suas escolas contratem profissionais de apoio escolar oriundos das comunidades quilombolas para produção da alimentação escolar, de acordo com a cultura e hábitos alimentares das próprias comunidades.

Parágrafo Único Os sistemas de ensino, em regime de colaboração, poderão criar programas de Educação Profissional Técnica de Nível Médio para profissionais que executam serviços de apoio escolar na Educação Escolar Quilombola, de acordo com o disposto na Resolução CNE/CEB nº 5/2005, fundamentada no Parecer CNE/CEB 16/2005, que cria a área Profissional nº 21, referente aos Serviços de Apoio Escolar.

Temos pontos importantes nas diretrizes, mas isto não assegura que no dia-a-dia aconteça de fato o que pretende a legislação.

A escola é o lugar em que a sociedade legitimou para ser o espaço de produção e reprodução do conhecimento acumulado no decorrer da história da humanidade. Por esse motivo, cabe à política curricular, que orienta o desenho curricular da escola, proporcionar a

preparação dos seres humanos na perspectiva de entender as diferenças das pessoas que participam desse espaço educativo.

Diferença que foi interpretada pelo conhecimento hegemônico como inferioridade. Entretanto, a diferença, nesta nova ordem, deve ser entendida não como um fator que inferioriza, mas como um Direito Fundamental dos seres humanos. A diferença garantida na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A elaboração de um desenho curricular como forma de fortalecer a diversidade e a diferença dos fatores sociais e culturais precisa se constituir do sentimento, conhecimento e do significado de pertencimento dos atores sociais que compõem o cotidiano escolar, podendo assim mudar a política do conhecimento oficial hegemônica.

Vendo as considerações anteriores temos que a educação no campo quilombola e a educação no campo são duas formas específicas de educação para áreas rurais que no estado do Ceará, são regulamentadas por leis e possuindo suas diretrizes curriculares. No entanto tais existências não resultam em uma efetiva transformação que tenha presença efetiva nas salas de aula. Na pesquisa realizada temos um início de práticas positivas, mas não se configura numa realidade efetiva. As ações isoladas e pontuais, alguns raros professores procuram trabalhar na direção das diretrizes curriculares. O estudo realizado nesse trabalho mostra uma grande necessidade formação dos professores, de mudança dos projetos políticos pedagógicos e das mentalidades dos administradores e professores com relação as suas práticas educativas.

Assim se faz necessário trazer para o debate a questão da formação e formação continuada do professor para a mudança curricular, destaco neste aspecto a relevânciaposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola de o professor ser prioritariamente da comunidade, ou se não for que tenha uma formação para que conheça, respeite, e que possa compartilhar da identidade de ser quilombola. Isto fortalece a cultura, a ancestralidade e dá sentido ao fazer a educação escolar quilombola.

9.5 Patrimônio cultural imaterial e material: afro saberes e fazeres pilar para educação escolar quilombola do campo

Quando falamos de patrimônio cultural e trazemos para a comunidade, precisamos sair da visão de patrimônio só como coisa herdada, precisamos ir para além, pois o patrimônio cultural não é apenas herdado, mas é transmitido, criado e ressignificado em função do que

existia e foi transformado. É também o patrimônio que ainda não foi registrado o reconhecido pelo órgão responsável. Todos os fatos ou coisa importantes no cotidiano da vida das pessoas de uma comunidade é um bem patrimonial.

Assim busquei nos quilombos, junto com os quilombolas identificar, reconhecer os fazeres e saberes, as manifestações, e as próprias pessoas como parte do patrimônio local, para que as pessoas e os grupos sociais possam ser sujeitos ativos, protagonistas e produtores da cultura entendida como plural.

E as minhas rodas de conversas e atividades com os professores e a comunidade, foram como uma espécie de inventário participativo do patrimônio, pois ele é um meio de escutar a comunidade, e de construímos juntos, a comunidade tem seu patrimônio, as pessoas são parte, são construtores desse patrimônio. E o inventário ajuda á compreender as memórias e as identidades de um patrimônio cultura, se reconhecer o patrimônio cultural local, e também valoriza e reforça o pertencimento da comunidade, assim a comunidade deve ter um papel ativo no processo de patrimonialização. E a sala de aula pode ser o ambiente de ajudar de forma positiva para propiciar a relação conhecimento e vivencia, tendo uma educação para o patrimônio e através do patrimônio.

Nas vivências pedagógicas percebe-se quantos se tem, e a importância, pois ver que a seu modo de viver, de fazer é cultura, é patrimônio. Como as festas de cunho religioso realizadas, as manifestações culturais na Comunidade Remanescente de Quilombo de Nazaré, Serra do Evaristo e Base e sua importância nas práticas pedagógicas, na perspectiva do reconhecimento e fortalecimento identitário da comunidade quilombola. São exemplos de Patrimônio cultural local:

Na comunidade da Base tem as celebrações da padroeira, que é nossa senhora da Saúde. A Afrobanda, uma banda formada com os jovens da comunidade da Base e Alto Alegre, essa banda nasce de um trabalho de aulas de percussão, grupo de capoeira e maculelê, há também em novembro o concurso da escolha da mais bela negra da comunidade. E na comunidade do Evaristo a manifestação mais falada é a dança de São Gonçalo, essa é uma tradição antiga, que todos os anos se repetem. Já no quilombo de Nazaré a celebração mais falada, e programada todos os anos, no mês de agosto acontece a festa da padroeira, que é nossa Senhora de Nazaré, junto a essa celebração tem a missa afro, toda acompanhada com atabaques, pandeiro, as crianças e jovens tocam durante a missa, também tem o coral afro e grupo de dança afro.

9.6 Tecendo a teia da educação quilombola: patrimônio cultural local e educação

Processos educativos formais (ocorrem no interior dos sistemas de ensino convencionais, como a escola) e não formais (ocorrem fora de estabelecimentos de ensino, como na família, nas brincadeiras, nas celebrações, entre grupos de amigos, em museus, plantando uma árvore, fazendo a roça, fazendo farinhada, na debulha do feijão, etc.).

Então não foi por acaso, que pensei e penso em uma educação escolar, onde se conheça e valorize o patrimônio, e o ser humano, o ser e os corpos negros. Mas é uma prática que ainda é vista ou utilizada por poucos professores. E para que isso aconteça de forma mais ampla nos quilombos e no campo pensei também na formação continuada das professoras e professores que trabalham em escolas localizadas nos quilombos ou escolas que recebam alunos oriundos dos quilombos.

A referência de ser humano completo em corporeidade, sensibilidade e consciência está posta nesta afirmativa. Não basta ensinar, é necessário ensinar considerando que existe um corpo que aprende num ritmo e que se expressa de diversas formas e não basta produzir conhecimento alheio ao corpo às múltiplas dimensões desse corpo, é necessário produzir um conhecimento que respeite a especificidade de ser quilombola, porque todo mundo não é igual, (SILVA, 2017)

As oficinas e vivências educacionais que realizei as apresento como proposta de referência aos princípios da educação escolar quilombola situadas na dimensão da ancestralidade. Destacamos que a metodologia do patrimônio cultural, das africanidades, cultura afro-brasileira, ou metodologia afrodescendente, está presente na experiência educativa desenvolvida em Base, Evaristo e Nazaré.

Então subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileiras, por isso a importância de subsidiar as vivências práticas na pesquisa como procedimento metodológico junto com os quilombolas e professores.

Patrimônio pode ser então, tudo o que alguém diz e faz a respeito dele, expandindo o sentido de herança reivindicado e/ou apropriado. Daí o termo patrimonialização ser empregado para designar todo o processo de constituição de patrimônios na sociedade. Pois Constituição de 1988 define o Patrimônio Cultural brasileiro da seguinte forma: “(...) bens de natureza material e

imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Criei as vivências, oficinas e palestras como método de intervenção em grupo quilombolas, foram realizações com a intenção de refletir sobre o patrimônio cultural, e tomar consciência do patrimônio cultural existente nas três comunidades pesquisadas, que são: Quilombo da Base, quilombo Serra do Evaristo e quilombo da Nazaré, porém acreditamos que o patrimônio, e os resultados podem fundamentar a educação escolar quilombola em geral. O diferencial deste meu trabalho foi à busca coletiva do conhecimento sem induzir os resultados. As vivências incluem, rodas de conversas, percursos pela comunidade, recolhimentos de materiais que sejam significativos para os participantes. É discutido a importância dos locais, objetos, falas e descrições, depois anotados e instituídos como patrimônios.

A proposta e conceito foi em ser capaz de identificar toda a dinâmica cultural como patrimônio, propiciando reconhecimento em potencial da diversidade do país, sobretudo com o registro da cultura popular, que culminou na luta pela fragmentação de identidades nacionais vistas como homogêneas. Apesar da repressão cultural vivenciada na sociedade, gestou-se o entendimento de que o patrimônio cultural quilombola, e brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, devendo incluir também as manifestações culturais representativas para outros grupos que compõem a sociedade brasileira – os índios, os negros, as classes populares em geral.

São incutidas marcas de uma herança cultural de intensa segregação racial e econômica. A tese tem os ideais de fornecer caminhos para uma maior percepção e valorização dos modos vida e problematização de questões que afligem essas comunidades, buscando o crescimento da participação no processo grupal, a construção da autonomia, o desenvolvimento de estratégias de gestão coletiva e autogestão em ambos os grupos. Nas intervenções realizadas utilizou-se como metodologia suporte as oficinas de grupo, bem como técnicas de Dinâmica de Grupo e subsídios teóricos da Pesquisa-ação, Pesquisa-participante e Análise Institucional.

As vivências realizadas, foram parte da pesquisa de campo, foi uma intervenção educacional para provocar reflexão analítica a partir da construção da proposta de escolarização nas Comunidades Remanescentes de Quilombos. Para tanto, apresenta-se brevemente alguns pontos singulares na trajetória de elaboração e uso da Proposta Pedagógica Quilombola e uma discussão sobre educação quilombola e educação escolar quilombola, articulada com o currículo escolar, a tradição cultural da comunidade quilombola e o patrimônio cultural material e

imaterial, com relação ao estado do Ceará e focalizando as três comunidades estudadas. Todavia a proposta serve para os demais estados feitas as devidas considerações sobre a localidade.

Assim uma das abordagens metodológica da pesquisa de campo, que apliquei nas comunidades quilombola da Base, Evaristo e Nazaré, foi uma vivência, intitulada: **Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola**, que é uma atividade como um inventário participativo do patrimônio, pois através desta atividade dialogamos e pensamos como fazer a educação quilombola, e principalmente como uma busca ou caça ao tesouro, formei grupos para que assim buscássemos os tesouros, ou seja, os patrimônios culturais dos quilombos. E em cada um dos quilombos estudado, a vivência “**Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola**” foi aplicada, porém mesmo sendo a mesma atividade, ela foi realizada de forma diferente, cada uma tem seu tempo e necessidades.

A base da vivencia, a qual eu realizei nas três comunidades, teve um cronograma de organização, que se deu da seguinte forma, em círculo, apresentação, uma roda de conversa dirigida, fiz divisão do grupo em duplas, e cada uma ficou com algumas das designações, alguns exemplos abaixo:

1. Quem é a pessoa mais idosa; 2. Objetos antigos usados na comunidade;
3. Causos, contos lendas, estórias contadas pelos mais velhos; 4. Festejos antigos e novos;
5. Celebrações; 6. Religiões de matriz africana;
7. Comidas típicas ou tradicionais (antigas e atuais);
8. Artesanatos; 9. Plantas medicinais;
10. Parteiras, benzedeiras, rezadeiras;
11. Casa de farinha; 12. Escola; 13. Habitação (casa) antigas;
14. Agricultura (quais os produtos cultivados, como é plantado e utilizado);
15. Brincadeiras antigas.

Na histórica trajetória dos quilombos os quilombolas foram sempre deixados a margem, mas os movimentos e militantes buscaram pautar essa população para afirmar e dar visibilidade à sua existência, assim é indispensável a inclusão dessa história no currículo da educação nacional, em especial a escola quilombola, uma vez que estas escolas estão em território quilombola e a prática educativa deve ser desenvolvida prioritariamente por professores quilombolas e a relação ensino-aprendizagem envolve não só professores, mas toda a

comunidade. Neste sentido pensei a formação professores, professores quilombolas e todos os quilombolas que pode participar.

Para que os conhecimentos, saberes e fazeres da comunidade quilombola possam dialogar com a escola, é preciso que a escola se reconheça quilombola e entenda que a comunidade aprende e ensina o sentido de ser quilombola no território e fora dele, constroem conhecimento em torno da resistência das práticas cotidianas afrobrasileiras numa luta social e política [...] redescobrindo a cada dia, a importância de sua história e o significado de ser quilombola no passado e na atualidade (LARCHERT, 2013, p. 14), (apud. Silva, 2017).

9.6.1 Comunidade remanescente do Quilombo da Base: resultado das vivências

As vivencias realizadas na Base e nas demais comunidades, foram momentos de está com as pessoas, moradores e professores do quilombo, onde interagimos e construímos juntos, pois não quis só ir lá fazer perguntas, mas sim compartilhamos, pois cheguei lá com meus conhecimentos de professora pesquisadora, porém eles detêm, possuem o conhecimento local que foi compartilhado comigo, assim ambos compartilhamos e aprendemos.

Em 21 de setembro de 2018, fui ao quilombo, antes de adentra no quilombo da Base, passei pelo quilombo de Alto Alegre, desse parti de moto, tendo como guia o Francisco Erinaldo da Silva Alves, porém é conhecido tanto no Quilombo de Alto Legre, ao qual pertence, como no Quilombo da Base, onde realiza trabalhos, é conhecido por Naldo, aqui vou trata-lo sempre por Naldo. Então, ele me levou de moto par o quilombo da Base, passei o dia todo na comunidade, visitamos a casa do líder da Associação dos Remanescentes de quilombo da Base (ARQUIBA), Sebastião Francisco da Silva, está com 44 anos de idade, ele está na presidência da associação quilombola, conversamos, conheci mais pessoas da família, os ouvir falarem das necessidades e desejos desses, e também combinamos as vivências, as quis foram realizadas com os professores e moradores do quilombo. Na fotografia da figura número 180, apresento o registro da reunião.

Figura 180 - Reunião na casa do Sebastião.



Fonte: Naldo, (2018).

Depois eu e o Naldo fomos para a escola, chegando à escola um professor que já tinha ouvido falar sobre mim e havia lido minha dissertação, conversamos sobre a pesquisa dele e a minha, sobre a escola, depois entramos, ele foi embora, então fui conversar com a coordenadora, uma professora de história. A coordenadora falou sobre os trabalhos realizados na escola, mostrou-me algumas coisas: fotos, livros, pinturas e uma comenda que foi feita para agraciar as pessoas da comunidade. Observei os alunos durante o recreio / intervalo, depois voltamos a conversar, e ela então falou da ideia de fazer algo referente à história da comunidade e que isso é um casamento perfeito com meu trabalho da tese.

Observações feitas no decorrer sobre a comunidade:

- Na comunidade quilombola da Base só tem a Escola Ensino Fundamental Nely Gama Nogueira, essa era do maternal ao 9º ano, porém mudou, agora só atende do maternal ao 5º ano, as outras sereis são oferecidas no município de Pacajus, então os alunos precisam se deslocar da comunidade até o centro no município, assim as outras escolas do município pôr a entender alunos quilombolas, também deveria ter uma educação escolar quilombola, ou seja, que atenda e atente para estes alunos, suas necessidades e seu patrimônio cultural.

A diretora da escola ensino fundamental Nely Gama Nogueira, é a Ceiça Nogueira, conversamos, e ela mostra desejo em melhorar a escola, e a educação. Então percebo que a escola é relativamente boa, no pátio tem pinturas com representatividade afro. Já busca inserir a

cultura quilombola e história na educação informal mesmo que ainda de forma pontuais. Teve avanços com relação aplicação da lei 10.639/03. Mas a coordenadora disse: “As coisas são feitas na marra, não são as leis que fazem a gente trabalhar, a gente trabalha na marrar”.

As imagens abaixo mostram a escola, as atividades que já foram realizadas alusivas ao dia da Consciência Negra, e a cultura afro-brasileira. Da esquerda para a direita tem as figuras: 181- uma pintura na parede da escola, 182 - um mural com fotos de pessoas da comunidade, 183 e 184 – capa de cordéis feitos pelos alunos da escola. Também a figura 185, mostra os instrumentos musicais de percussão, eles estão na escola Nely Gama Nogueira, são instrumentos da Afrobanda, funciona sob o comando do Naldo, sendo uma banda de referência nas cidades Pacajus e Horizonte.

Figuras 181 - Pintura na parede da escola. Figura 182 - Mural de fotos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Figura 183 – Capas de cordéis. Figura 184 - Objetos de representatividade afro.



Fonte: Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Figura 185 - Instrumentos de percussão.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Então no processo de observação, mas que também já fui participando, pois além de observar, conversar, fazer entrevistas semiestruturadas, também realizei momentos de conversas coletivos, onde as pessoas me pediram para falar sobre quilombos, dá dicas de como fazer o histórico da comunidade. Esse processo foi composto de etapas e de trabalhos de discussão e conversas, ocorridos em várias idas ao quilombo. As reuniões erram marcadas, sendo às vezes se marcava, mas não acontecia na data marcada. Tivemos muitos imprevistos, chuvas com estradas difíceis e problemas de transporte, falta de comunicação com a rede de telefonia fora do ar, ou as pessoas terem ocupações não previstas e doenças. Mas os trabalhos sempre foram realizados.

Em 23 de julho de 2019, sábado, fui novamente ao quilombo da Base, foi muito bom, ver e viver as relações familiares na comunidade, conhecer mais do dia-a-dia, o que fazem, seus fazeres e saberes, o que plantam e como estão as pequenas roças, e também vi como funciona a casa de semente, essa é um projeto para ajudar a comunidade a ter sementes para serem plantadas nos quintais e nas roças. Ainda muitas das pessoas que consegue fazer roças mesmos com a dificuldade de ter terra para se plantar. A figura 186 mostra o “banner” sobre o projeto da casa de sementes e um resumo da história do quilombo.

Figura 186 - Banner o Candeeiro



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figuras 187 – 188 - A roça no quilombo da Base.



Marlene P. dos Santos, (2019).

- **Primeira atividade – Vivência Adansonia: Patrimônio e educação quilombola**

No dia 25 de julho de 2019, neste dia realizei uma atividade de campo, que foi a vivência sobre patrimônio e educação escolar quilombola, e na comunidade da Base, a atividade se deu de uma forma muito especial, pois foi plantando Baobá. Trata-se de uma árvore ancestral africana que existente em muitos lugares no Brasil e permite do ponto de vista pedagógico uma leitura de ligação entre o continente africano e o Brasil. O Baobá apresenta nomes variados no continente africano e está presente em alguns países africanos, é uma árvore conhecida como Calabaceiras, embondeiros, toda via, seu nome científico é *Adansonia digitata*. Baobá é um patrimônio das africanidades e das afrodescendencias.

Há mais de 10 anos estou produzindo mudas de Baobá e as distribuindo para uso pedagógico. Assim levei mudas de Baobá para os trabalhos pedagógico quilombo. Nas atividades temos o Baobá como símbolo de força ancestral, resistência e vida. Na literatura disponível para educação encontramos vários livros que falam do Baobá, como Rei de Keto, de Antonio Olinto. Na oficina realizada no quilombo eu li contos sobre Baobá, como A semente que veio da África, de Heloisa Pires e o Coração do Baobá, de Celso Sisto. Na literatura com uso do Baobá encontramos também a formação em matemática com o jogo de mancala e o uso das sementes do Baobá.

Abordei o patrimônio cultural enquanto herança, e patrimônio local hoje presente, e que as pessoas como parte pertencente e construtora desse, precisa conhecer ou reconhecer, e se apropriar do patrimônio tanto na educação quilombola como na educação escolar quilombola, assim também na educação formal como na educação informal.

Plantando um Baobá no quilombo como símbolo do legado histórico africano na nossa história, de oralidade, resistência e vida. A atividade propõe conhecer o reconhecer o patrimônio cultural imaterial e material local, pois mesmo estando ali às vezes as pessoas não se dão conta.

Primeiro momento, eu esperei na casa do líder da comunidade, chegar todas as pessoas, que aceitaram o convite para participar daquele dia de atividade, primeira parte da atividade foi uma roda de conversa na varanda da casa do Sebastião, para nos conhecemos todos, falei da minha pesquisa, expliquei a vivência, tinha muitas pessoas, todos animados.

Após tudo explicado e apresentado, e reunido o grupo, fomos todos atravessando quintais, seguindo trilha até chegar à Barragem, local dentro do mato, onde tem uma lagoa, a

área aonde nós plantamos a muda de Baobá, essa eu tinha doado para a comunidade há uns 3 anos, ele já estava no quilombo há um bom tempo esperando o momento de ser plantada num local adequado e o dia, esse dia tinha chegado.

Narrei à história do Baobá, e pós ter falado sobre a importância dele e daquele momento, então fizemos um ato e reverencia, e o plantamos, contei com a presença de vinte oito pessoas da comunidade da Base, entre crianças, jovens, adultos, mulheres, homens, foi um momento de aprendizagem e encanto. As figuras 189, 190, 191 e 192 mostram a atividade realizada.

Figuras 189 - Os quilombolas reunidos. Figura 190 - Caminhada para plantar o Baobá.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 191 - A Barragem no quilombo da Base.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 192 e 193 - Plantando Baobá no quilombo da Base.



Fonte: Acervo pessoal, (2019).

Segunda Vivência - Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola

Essa vivência foi realizada na associação quilombola (ARQUIBA) nessa tive a presença de vinte pessoas, então foi ai que lancei o desafio de buscamos juntos o que tem na comunidade. Essa foi Vivência: **Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola**, a qual denominei assim por ter sido uma atividade de busca ao Patrimônio, ou seja, esse foi o procedimento de trabalhar com as comunidades pesquisada o patrimônio local e educação escolar quilombola, para que se reconheça e aproprie se dos patrimônios locais para que desde cedo o aprendizado nos territórios quilombola sejam também uma educação patrimonial. As figuras 194, 195 ilustram as atividades realizadas na Associação Quilombola da Base. Também a figura 196, mostra as bonecas negras, resultado de uma oficina realizada pelo Naldo.

Figuras 194 – 195 - Vivência com os quilombolas.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figuras 196 - Bonecas negras feitas pelo Naldo e feitas na comunidade.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

À tarde na casa do Sebastião, fiz um resumo da atividade com um grupo menor, sete pessoas, professores quilombolas e outros quilombolas, então formadas as duplas e fizeram suas escolhas.

Então chegou senhor Manuel Vicente da Silva, mas conhecido como Pai Vicente, ele está com 94 anos de idade, e ainda trabalha plantando na roça, também planta inhame e gosta de contar suas memórias. Ele é agricultor, curandeiro e benzedeiro/benzedor. Eu pedi que ele me benzesse, então os quilombolas que estavam ali, todos quiseram ser benzidos, foi uma fila de gente para serem benzidos e ler a mão. Então perguntei se tinha dia e hora para benzer, também o que usa? Ao que ele respondeu: - Benze qual dia e qual hora que a pessoa estiver doente, hora que precisar. E usas folhas de pião e outras. A figura 197, mostra senhor Vicente após ter rezado em mim, fez a leitura da minha mão, e depois realizou leitura na mão de outras, de algumas pessoas da comunidade. As figuras 198 e 199 registram o encontro com o senhor Manuel Vicente.

Figura 197 - Sr. Manuel Vicente e Eu. Figura 198 - Sr. Manuel Vicente e grupo do quilombo.



Fonte: Acervo pessoal, (2019).

E o senhor Vicente ainda me ensinou fazer um banho com jenipapo.

Banho de Jenipapo

Modo de fazer:

Cozinha 2 jenipapos com bastante água,

Depois deixa esfriar;

Banha-se, não se enxuga, deixe secar;

E se deita.

Então foi um dia de pesquisa intervenção, também de inventário do patrimônio cultural local, foi muito bom, pois no final do dia já tínhamos visto muitas coisas sobre o patrimônio cultural material e imaterial, sendo que este patrimônio é reconhecido por nós, e não pelo IPHAN. A comunidade tem estória da pedra encantada, têm cinco parteiras, o senhor Vicente que benzedeiro, curandeiro, um patrimônio imaterial do quilombo.

A figura 199 mostra o Manuel Vicente, “griot” da comunidade, patrimônio cultural imaterial.

Figura 199 - Sr. Manuel Vicente.



Fonte Marlene Santos, (2019).

Dadas as vivências e práticas da pesquisa de campo no quilombo da Base, recebi de alguns dos participantes das atividades, relatos do que buscara sobre a comunidade, como o histórico da igreja, sobre as carnaúbas e o que se fazia com ela no passado, narrativas sobre as parteiras do quilombo, são partes dos patrimônios culturais locais, são patrimônios imateriais.

Dado o inventario coletivo, os materiais registrados:

As parteiras

O aprendizado, normalmente, seguia caráter hereditário, ou seja, a filha de uma parteira acompanhava sua mãe no atendimento às mulheres em trabalho de parto auxiliando-a de acordo com as necessidades, possibilitando, assim, após algum tempo de prática o aprendizado para continuidade do ofício.

Dona Irene Chagas da Silva, 94 anos de idade, parteira do quilombo da Base, disse:

Os meninos que peguei, eu ainda contei até perto de cem, e o trabalho que peguei, eu ainda era muito nova quando comecei pegar menino.

Era acompanhado de reza ou de medicina?

Irene – era acompanhado de reza que a gente sabia, reza nossa senhora do Bom Parto. Eu pedia a Deus que era para eu ir feliz nos partos das mulheres que eu peguei, e para não acontecer nada com ela, e não aconteceu, graças a Deus, eu me apegava com Deus e nossa senhora do Bom Parto, e graça a

Deus todas elas foi em paz. Eu era bem procurada, meu marido que não queria deixar eu ir, eu ia de teimosa. Eu não gostava muito, não, mas eu tinha pena da pessoa vir me buscar, vir atrás de mim, eu não era parteira, eu só pegava menino mesmo.

Depoimento de Irene Chagas da silva.

Quando perguntei ao presidente da associação quilombola da Base, Sebastião Francisco da Silva, sobre qual a importância da Dona Irene para ele e para a comunidade, ao que ele respondeu:

Ela é muito importante para nossa comunidade, ela foi a primeira moradora, ainda viva até hoje, então para nós é um orgulho muito grande ter ela como uma anfitriã da nossa comunidade, pela as histórias que ela conta, que quando chegou aqui era só mato e a raposa vinha na beirada da porta, então tudo isso é importante para nós da comunidade, e para os netos, bisnetos, tataranetos, e outros.

Sebastião Francisco da Silva, 08.06.2020.

A comunidade da base tem seu patrimônio imaterial, e Dona Irene que mesmo ela dizendo que não era parteira, só pegava crianças, mas esse é o ofício das parteiras, pegar crianças, ou seja, trazer os bebês ao mundo. As parteiras fazem todo o trabalho de pasto, assim ajudam as mulheres grávida a dar à luz, e a Dona Irene fazia este trabalho, e hoje a Maria José da Silva Paula, nascida em 08-01- 1950, hoje está com 70 anos de idade, conhecida como Tia Mazé, ela é filha da Dona Irene, ai percebe a tradição, a herança matriarcal, tudo isso é patrimônio cultural imaterial.

E o ofício de parteira, que quase sempre era passado de mão para filha, mas também tinha suas exceções, como é o caso da Dona Irene, que tem como suas “herdeiras” a filha Tia Mazé, e a nora Raimunda Sousa da Silva, nasceu em 27-05-1951, ela é conhecida no quilombo, por Tia Buda, Buda tem 69 anos de idade. Porém, tanto a filha como a nora disseram ter aprendido o ofício de parteira com outra pessoa.

Tia Mazé disse como e com quem aprendeu ser parteira:

Eu acompanhei a mãe numa reunião, e na reunião da Dona Iara, eu prestei atenção e eu aprendi, eu andava mais minha mãe, mas ela não mim ensinou nada, eu que aprendi mesmo por minha cabeça. Prestei atenção, aprendi, e começaram a me chamar pra mim fazer partos. Eu fiz os primeiros partos, das meninas da Fátima, um bocado de gente eu fiz parto, fui convidada pra ir pro Horizonte aprender mais, mas eu não fui, e eu tinha medo porque eu não sabia ler, mas a mulher disse que não tinha nada a ver, eu ia aprender mais. Já

peguei muitos meninos, o último menino que eu peguei foi o menino do Jorge e a menina da Marte. Minha mãe nunca me ensinou, eu acompanhei ela, ela ia fazer reunião lá no Pacajus, eu acompanhava muito ela, eu prestava atenção e aprendi tudo direitinho, graças a Deus hoje estou na idade que estou, mas se aparecer alguém para ganhar nenê, eu ainda sei e fazia o parto.

Tia Mazé, em 08-06-2020.

As reuniões as quais ela se refere, foi curso de treinamentos para as parteiras, para que elas pudessem junto a sua prática juntar a alguns cuidados da medicina moderna, e também para que pudesse ter um cadastro para a retirada de produtos de higiene, nos portos de saúde, produtos como: álcool, algodão, gases, em fim o material necessário para realizar os partos.

Tia Buda disse com quem aprendeu ser parteira:

Eu aprendi com a Dona Carmen, uma velha da cavalaria, que sempre fazia partos, ela fez o parto da Fatinha, da Duce do Manezinho, e eu assisti com ela, foi com ela que eu aprendi, ela me deu muitas instruções.

Sebastião – a senhora tem uma noção de quantas crianças, a senhora pegou?

Tia Buda – Eu peguei um bocado de crianças, só da Nenê peguei três, da Julia do Oscar peguei Três, da Fátima dois, da Dona Joana dois, da Lucia do Manezinho, e peguei os meus também, foi ai umas vintes cinco crianças. E aquela Gracilene, eu peguei cortei o umbigo, eu tive ela sozinha, ela sorri, tive meus filhos quase tudo só. Depoimento da Tia Buda, em 08/06/2020.

Eram comuns no passado as parteiras, mas não ficou no passado, elas continuam no presente em algumas comunidades quilombolas e outras zonas rurais, e já há na medicina médica e enfermeiras que falam no parto humanizado, esse seria com o acompanhamento de parteiras e médicos, tem mulheres buscando essa prática hoje.

9.6.2 Comunidade remanescente do Quilombo da Serra do Evaristo: resultado das vivências

A pesquisa de campo é algo que apresenta muito trabalho para realiza-la. Demanda ir à busca do desconhecido, consiste em estudar para conhecer, pode se encontrar o imaginado ou não, são desencontros e encontros.

Em 13 de janeiro de 2018, fui ao Maciço de Baturité, dormir na cidade, no dia seguinte, uma sexta-feira, subir a serra com destino à comunidade quilombola Serra do Evaristo, e vou dizer neste dia foi razoavelmente fácil subir a serra, pois um amigo me levou de carro, mas

todas aquelas curva e abismos dava um frio na barriga, porém o desejo de conhecer, e adentra este quilombo venceu o medo.

Ao chegar à comunidade, fui recebida pelo o presidente da associação quilombola, o professor Evandro Clemente, com o quem eu já havia conversado várias vezes por telefone. Depois em encontro no quilombo as nossas conversas foram varias. Enquanto conversávamos, ele me mostrou a escola, a igreja, o salão que é um espaço reservado para a realização das atividades do quilombo e me apresentou o vice presidente da associação quilombola, o senhor José Edilmar.

A escola, o salão, o ponto de cultura e a igreja ficam todos bem próximos, no mesmo terreno, então em quanto ele ia me mostrando a comunidade, íamos conversando, assim foi me contando e, o Evandro fala o sobre o quilombo, que em 2012 com a pesquisa na comunidade, realizada pelo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), intensificou o trabalho, ou seja, as atividades de aceitação de ser quilombola, mas a aceitação dos membros da comunidade em se autodefinir quilombolas ainda está em processo, isto acontece através de ações afirmativas. Nestas conversas me foi dito sobre a importância da pesquisa que estamos realizando quanto o auto - reconhecimento como comunidade de quilombo. A comunidade se reconhece como tal, sendo que o nome quilombo é novo.

Então quando nos encontrávamos em uma sala próxima á igreja, ele me mostrou alguns dos trabalhos já realizados na comunidade, como artigos, ações que ele realizou com os alunos, uma fotografia, e nessa ocasião eu perguntei:

- Quais as atividades culturais que tem no quilombo?

Ao que ele respondeu:

- Temos a dança de São Gonçalo. E tem um artigo com o tema: A dança de São Gonçalo na comunidade quilombola Serra do Evaristo: um primeiro olhar para seu registro cartográfico; das autoras: Ana Carla Araújo de Lima e Iana Teresa Moura Gomes.

Assim seguimos quilombozando, saímos da sala e voltamos para a escola, conheci toda a escola, por sinal do pátio da escola se tem uma vista maravilhosa da serra. As figuras 200 e 201 apresentam paisagens da região e da comunidade.

Figura 200 – A vista da serra vista do pátio da escola. Figura 201 - Pátio da escola e salas.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Na escola fui apresentada a coordenadora da escola e alguns professores, conversamos, apresentei meu projeto de pesquisa para os professores. Então tivemos um intervalo para o almoço, como era dia de planejamento escolar só uns dois professores foram almoçar em casa, pois tem o horário de almoço, mas voltaram a pós o almoço. E eu neste intervalo aproveitei para saber detalhes sobre a escola cujo o nome é Escola 15 de Novembro.

A Escola 15 de Novembro no quilombo da serra do Evaristo, localizada na zona rural da cidade de Baturité – Ceará. É uma instituição mantida pela prefeitura municipal de Baturité. A escola foi construída em 1983, oferta atualmente a educação básica para uma média de 150 discentes (alunos) nas modalidades da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Os 150 alunos são distribuídos nos turnos manhã e tarde. Indo para aspecto funcional, administrativo e físico, assim segue como parte de sua estrutura administrativa, a escola conta apenas com uma coordenação pedagógica, e o corpo docente composto por um total de nove, e seis são da comunidade, professores todos efetivos. Sendo que são 16 funcionários compõem a equipe da escola, além da coordenação pedagógica e dos professores, sendo eles: 2 vigias, 3 auxiliares de serviço gerais, 1 merendeira, e 1 monitor de informática, sendo todos efetivos.

A Escola 15 de Novembro após 34 anos de sua construção passou por mudança de nome, pois os líderes da comunidade junto com os moradores conseguiram em 2017 mudar o nome da escola, que desde 2017 passou para Escola de ensino Infantil e Fundamental Osório Julião.

Osório Julião de Castro nasceu em 22 de junho de 1901, cresceu e viveu sempre na comunidade do Evaristo. Trabalhou na agricultura. Faleceu aos 96 de idade.

Segundo relatos das pessoas da comunidade, ele era caridoso e ajudava muito as pessoas e amava a comunidade, então ele doou algumas terras para a construção de alguns prédios da comunidade, como terreno onde foi construído a escola, a igreja, o ponto de cultura e o posto de saúde. Foi um homem de grande importância para a comunidade, por conta das suas boas ações. A imagem 202 é a fotografia o Sr. Osorio Julião e esposa.

Figura 202 - Osório Julião.



Fonte: Acervo da comunidade.

As respectivas imagens 203, 204, 205 e 206, são sobre a localidade, retrata um pouco do quilombo e sua escola.

Figura 203 - Igreja, ponto de cultura e Escola. Figura 204 - Faixa Educação escolar quilombola na entrada da escola.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Figuras 205 - Escola. Figura 206 - Painel da escola com os moradores mais idosos.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

***Primeiro momento - roda de conversa com professores e moradores do quilombo**

De acordo com a conversa com Evandro, se percebe que ele procura fazer um trabalho de valorização e afirmação com os estudantes e a comunidade quilombola, e também valorização da cultura local, isso através de atividades culturais e produção de textos. Os textos produzidos na forma de conto, também foi feito um projeto cultural na escola e um dos trabalhos foi sobre plantas medicinais. Então passei para o trabalho e socialização com o grupo.

Este foi o momento, era dia de planejamento letivo dos professores, contei com a presença da coordenadora, a professora Neide, o presidente da associação, o professor Evandro Clemente, e mais quatro professores. Participei do planejamento, ouvir as colocações dos professores, falaram das dificuldades, mas também falaram que se esforçam para fazer uma educação melhor. Então eu fiz uma abordagem pedagógica, através de objetos que tinham na sala onde nos encontrávamos e na escola, para sugerir uma aula na perspectiva de educação escolar quilombola e identificação e valorização do patrimônio cultural. Na fotografia da figura 207 está registrada a atividade, mostra parte do primeiro momento com os professores na escola, e a 208 é da segunda vivência e formação com professores, coordenadora e quilombolas do quilombo Serra do Evaristo.

Figura 207 - Liderança/professoras (es) do quilombo e eu.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Figura 208 – Vivência e formação no quilombo do Evaristo.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

***Segundo momento – vivência: Patrimônio e educação quilombola**

Em 30 de setembro de 2019, eu fui quilombozar, ou seja, fui novamente ao trabalho de campo, em uma manhã de sexta-feira, muito cedo, sai de Fortaleza em um táxi coletivo, fui á Baturité, chegando lá, fico andando na feira livre local até 10h45min, então fui para a local onde pega o pau-de-arara, esse é o carro no qual subir a serra.

E porque retratar esse cotidiano? Pergunto e respondo, por que este é o dia-a-dia dos quilombolas, crianças, jovens, adultos e idosos, pois é, andando nós mesmos caminhos e

andando com eles, todos os dias pessoas descem da serra para o município, seja para trabalhar, estudar ou fazer compras do que necessita. Os jovens precisam fazer isso todos os dias para irem à escola, e eu o fiz, para não ficar só no que ouvir falar ou dizer, mas fui viver para aprender, assim caminho do saber. Processar o conhecimento não é só ouvir os relatos, foi necessário a vivencia do cotidiano e surgirem os achados da pesquisa. Uma busca constante que faz parte de participar, ouvir e questionar, isto faz parte do processo de busca sistemática e critica. Processo mais intenso que a etnografia. E pode ser o caminho do aprender, andar e viajar educação formal e educação não formal juntas, quem sabe uma viagem de pau-de-arara seja necessária para perfeita compreensão do cotidiano, pois encerra diversas paradas, contacto muitas pessoas e paisagens.

A figura 209, mostra os paus-de-arara no local de embarque, de onde eles saem da cidade de Baturité para a Serra do Evaristo, as figuras 209 e 210 são os moradores do quilombo, nós estávamos indo ao quilombo, e aproveitei para conversar, saber sobre o quilombo, e admirar a linda paisagem, pois essa é um patrimônio cultural natural. Se um dia ela deixar de existir, a memória pode fazer com que ela não se apague, e a escola deve ser um dos lures de (re) viverem estes patrimônios.

Figura 209 - Caminhões pau-de-arara; Figuras 210- Moradores do quilombo no pau-de-arara.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Então à tarde, após o almoço, a coordenadora Neide e os professores chegaram para participar da vivência, essa foi realizada na escola do quilombo. Em uma sala, com um ambiente ornamentado com objetos afros que represente ou tenha relação com o patrimônio cultural local. E em círculo iniciei a atividade tocando um tambor, sem ser uma percusionista, pois ainda estou

aprendendo a tocar. Sim procurei dar meu tom, e cantado uma música, assim seguiu, cada um se apresentou escolhendo algo que fazia durante a sua fala, algo relacionado a patrimônio, tocar, cantar, recitar.

No quilombo do Serra do Evaristo, a vivência foi um pouco diferente das anteriores, pois quando apresentei o projeto de pesquisa, o professor Evandro me falou que tinha realizado com os alunos atividades sobre as coisas da comunidade, como lendas, plantas medicinais, percebi que já se realiza algumas atividades pontuais, assim encontro terreno para proceder e desenvolver um dos meus procedimentos metodológicos, que a Vivência intitulada: **Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola.** Sendo esse um processo de trabalhar ou coletar o patrimônio cultural local, e realizar o registro, esse busco fazer num procedimento no qual professores, alunos e principalmente os quilombolas participem, então realizei o trabalho com os professores que trabalham no quilombo e alguns moradores do quilombo, realizando uma oficina de como trabalhar educação escolar quilombola a partir do patrimônio cultural.

A escolha dos professores aconteceu de acordo com a disponibilidade deles e o dia de planejamento, então eu tive que em dias de sexta-feira, pois era o dia melhor para eles, assim, nomes dos Professores que participaram das atividades comigo no quilombo do Evaristo, as professoras e professores que participaram foram esses: Evandro Clemente Ferreira, Professor; Francisco Antônio da silva Freitas, professor; Antonia Erivaneuda Soares de Castro, Coordenadora pedagógica; Heluiza Freitas da silva, professora; Maria do Socorro Fernandes, mestra da cultura; Maria Aurenice de Castro, professora; Maria Rainara da Coata Soares, professora; Cláudia Andreia Narciso de Lima, professora; Aurelena da Costa, professora; Ana Cássia Fernandes, professora.

As figuras 211, 212 e 213, revelam um pouco de como foi realizada a oficina com as professoras e os professores da Escola Osório Julião, no Quilombo Serra do Evaristo.

Figura 211, 212 – Vivência com professoras e professores.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 213 - Os professores, professoras e eu.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Alguns dos patrimônios encontrados, através do trabalho que realizei com os professores, como a festa de São Gonçalo, as lendas, plantas medicinais, mestra da cultura. A festa de São Gonçalo é uma tradição que já vem de muitos tempos, e que a comunidade procura manter, e passar para os mais novos para não se acabar, os causos e lendas que eram contados pelos mais velhos, hoje são reproduzidos, recontadas ou contadas, no Evaristo, foi realizado trabalhos com os alunos, os trabalhos viraram mural na escola, com ilustração e o nome de algumas das lendas. E também tem Sr. A.R.de C., 47 anos, agricultor, pai de família, ele escreve e conta as lendas. Eis os nomes das lendas e alguns exemplos:

- A casa Chica Jardilino; A moradia mal assombrada; O Batedor de portas; A Botija; A mangueira do fato; A Tocha de fogo voadora; A mulher que andava com uma criança; A procissão de pessoas; Chuva de pedras nas casas.

A fotografia 214 apresenta um mural da escola onde figuram as lendas locais.

Figura 214 - Mural das lendas.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2018).

Abaixo apresento algumas das lendas contadas na comunidade.

A casa Chica Jardilino

Ao anoitecer as pessoas que se encontravam na casa de Dona Chica Jardilino, podiam acompanhar um fenômeno sobrenatural que intrigava a todos que acompanhavam.

Quando as pessoas escutavam um barulho do lado de fora, mais precisamente em cima de um pé de graviola. O barulho era como que os frutos que haviam em cima do pé de graviola, cada fruta se debatiam provocando um barulho como que fosse cabaças batendo umas nas outras, isto quando as pessoas estavam dentro de casa. Ao sair para ver os frutos da gravoleira notava-se que os frutos estavam todos quietos sem se mexerem e sem produzirem nenhum ruído.

A mulher que andava com uma criança

Neste tempo não existia luz elétrica, e as casas eram distante umas das outras. Ao escurecer as famílias se recolhiam em suas casas quase todo morador deste lugar cotava alguma visão que tivera neste lugar. E o que contavam era que ao anoitecer uma mulher passava pelo caminho com uma criança chorando. Quem a via notava que se tratava de uma alma andarilha.

Sempre que passava, ia sempre à mesma direção e só uma pessoa escutava o choro da criança e só uma pessoa via o vulto da mulher com a criança nos braços.

A procissão de pessoas

Seu Francisco contou que era tarde da noite que passava uma procissão. A procissão era de pessoas subindo da parte baixa da serra do Evaristo, subindo em direção para onde hoje foi construído o museu. Na inauguração do museu foi realizada uma caminhada vinda lá da igreja do Evaristo em direção ao museu, relembrando essa visão que as pessoas contavam.

As fotografias 215 e 216 são fotografias que mostram como acontece a festa de São Gonçalo no quilombo da Serra do Evaristo.

Figura 215 e 216 – Festa de São Gonçalo.



Fonte: acervo da comunidade.

Dentre as observações e conclusões que se notar é que, mesmo a escola sendo regida pelo ensino regular seguindo o mesmo ensino das demais escolas do município, percebe-se através das análises feitas com os docentes da escola, um aprendizado que se torna diferenciado, no sentido que busca dialogar através de uma educação que valoriza a cultura local, considerando e valorizando a etnicidade e historicidade desse público (alunos da comunidade quilombola).

De quilombo em quilombo eu fui, e lá fui eu de pau-de-arara novamente, dessa vez a Nazaré, realizei a pesquisa de campo, em períodos diferentes, mas o meio de transporte utilizado para chegar ao destino é o mesmo, o velho pau-de-arara.

9.6.3 Comunidade remanescente do Quilombo de Nazaré: resultado das vivências

Nesta oficina eu começo me dirigindo aos participantes e afirmando através de uma pergunta: Sabia que mesmo que não tenha nenhuma leitura, estudo, pesquisado sobre o patrimônio imaterial, você participa de sua transmissão e preservação? É sim a resposta seguindo exemplos do cotidiano.

Quando prepara um beiju, uma tapioca no café da manhã, quando lê um folheto de cordel, quando faz aquela receita de doce que sua avó lhe ensinou, aquela renda na toalha sobre a mesa, quando conta os causos, quando participa de uma cerimônia religiosa ou de uma festa na comunidade em que vive, você está usufruindo e preservando o patrimônio cultural imaterial da sua localidade e, porque não dizer, da humanidade.

Ao manter ou recriar o costume, mesmo sem refletir sobre essas práticas no dia a dia, as pessoas estão preservando o patrimônio cultural imaterial. Aprendemos a degustar os alimentos e nos acostumamos com os sabores. Através da vida familiar e da vida em sociedade aprendemos a cultivar os alimentos e a cozinhar, a rezar e a crer nos deuses, a fazer brinquedos e brincar, a cantar e a dançar e Tocar e fazer tambores, a ler poesia, a ouvir histórias, entre outras tantas coisas.

Assim como estudar o patrimônio, e pensar no fazer a educação escolar quilombola do campo acontecer em diálogos, onde se pense nessa população, e se faça uma educação para esta.

As atividades da pesquisa de campo na comunidade quilombo de Nazaré foram diferentes, como eu já disse cada comunidade tem suas especificidades, porém têm muitas coisas em comum, e Nazaré, uma das coisas que tem em comum com a comunidade do Evaristo, é estarem localizadas em regiões serranas de difícil acesso, mas abençoadas com pela natureza com muita beleza. Mas as necessidades, algumas são as mesmas, outras não, e cada uma tem seus patrimônios. E para saber sobre os patrimônios de Nazaré, um dos procedimentos foi também a vivência: **Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola.**

O primeiro momento foi observação e a roda de conversa, só depois a Vicênciade busca do patrimônio. Antes descrever a roda de conversa é conveniente explicar a viagem para chegar na localidade do quilombo e as impressões colhidas andando pelos caminhos da

comunidade, que por si só constituem um patrimônio cultural importante. A paisagem e os lugares são parte do patrimônio cultural natural.

***Viajando, chegando e vendo tudo, anotando e fotografando.**

Mas antes de contar a historia da roda de conversa tem o detalhe nada simples em chegar no quilombo que eu descrevo assim. Fui ao quilombo de Nazaré para realizar a primeira vivência, em 2017, mas chegar à comunidade foi uma aventura perigosa, me senti no “Rally dos Sertões”, pois tive de ir de moto, porém o problema não foi ir de moto, e sim ter realizado esta subida serra de moto sem capacete, numa estrada cheia de curvas perigosas, abismo. A estrada é parte de paralelepípedos e parte de cão de barro e areia, então subir a serra nessas condições, carregando mochilas, e ter que se segurar para não cair, pois a subida é muito íngreme, foi necessário, faz parte da pesquisa, e de certa forma contribuiu para conhecer o território, o lugar, um pouco da geografia, e o modo de vida e dificuldades enfrentadas com a falta de estrada boa, também a falte de transporte. A figura 217 ilustra a estrada que leva a comunidade.

Figura 217 - O caminho do quilombo de Nazaré.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

A trajetória não foi fácil, mas não é só dificuldades, tem a vivência, a aprendizagens, e a beleza da paisagem ao longo do caminho, e estar no quilombo, vale a pena, é um encontro com a natureza. Fiquei dois dias no quilombo, hospedada na casa da Ana Carla, durante os dias, nos quais fiquei na comunidade, observei tudo ao meu redor e ao alcance das caminhadas e da minha visão.

No dia em que cheguei, a noite teve um missa afro, não teve padre, pois este não pode ir quem celebrou foi a própria Ana Carla, pois ela faz paste da igreja, e pode ministrar certas

partes da missa, nesta as crianças fizeram apresentação de dança afro e cantaram. A celebração ocorreu no salão, onde têm as imagens dos santos, pintura de anjos na parede, é uma sala de multiuso, para celebração religiosa e sala de aula das crianças. Foi interessante ver o esforço das pessoas para a realização da celebração, pois tem uma pessoa que ensaia com as crianças, essas avisam os pais, e no momento todos que podem estavam lá. As figuras 218 e 219 mostram apresentação de dança afro realizada pelas crianças do quilombo de Nazaré, em novembro de 2017.

Figuras 218 e 219 - Crianças dançando na missa afro.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

A fotografia da figura 220 apresenta a paisagem da localidade na comunidade de Nazaré, essa tem muitas bananeiras e palmeiras de coco babaçu.

Figura 220 - Paisagem.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

No dia seguinte, iniciei meu dia com uma linda paisagem típica do quilombo, e que me faz lembra-me de alguns momentos da minha infância no maranhão, e após o café da manhã, sai na companhia do Antônio Rodrigues Alves, mas conhecido por Toinho, para ir conhecer o quilombo e a rotina dos quilombolas, começamos por lugares que relembram o passado e estão no presente, como o canavial, plantação de bananas (bananal), o engenho e a casa de farinha, esses são lugares de memórias e patrimônios imateriais.

Embora ali não tivesse produção de açúcar, mas se plantou muita cana, fazia melada (um mel de cana, concentrado), rapadura, já na casa de farinha era e é onde se faz a farinha, porém a casa de farinha era o lugar onde se dava o viver coletivo. As figuras 221 e 222 apresentam os produtos agrícolas. As figuras 223, 224 e 225 apresentam a casa do engenho e de farinha e os equipamentos de moendas.

Figura 221- O canavial.



Figura 222 - Campo e bananal.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Figura 223 - Engenho e casa de farinha. Figura 224 – Prensa.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Figura 225 - Roda – moenda.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Foram longas horas de caminha por veredas, trilhas, eu visitei o terreno onde começaram a construção da escola, a obra estava parada, vi como moram, os tipos de casas, parei e conversei com moradores, vi plantam ao redor de suas casas, e também vi pelo o caminho as árvores frutíferas que nascem pelo o processo natural, e assim me vi da porteira para dentro. E também vi o lugar onde será construída a escola, coma já mencionado a comunidade não possui escola, mas tem o terreno, a obra foi iniciada e estar paradas. Eis o lugar de construção da escola, na placa da obra estava escrito que seria entregue em 2018, porém, isso não aconteceu. Figura 226 e 227 mostram o lugar da construção da escola em 2017. A figura 228 a 229 mostra a escola

na atualidade, construída, mas estar sem funcionar porque falta finalizar detalhes e por causa de conflitos, pois os quilombolas querem colocar o nome de alguém do quilombo na escola, porém a pessoa que “doou” a terre que homenagear alguém de sua família.

Figura 226 e 227 – O terreno e a escola em construção.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

A escola se encontra inacabada, falta os acabamentos finais, e se encontra em meio a um conflito para finalizar a obra, e para que venha a funcionar, enquanto isso a comunidade fica sem seu edifício escolar. As figuras abaixo trazem as imagens da escola.

Figura 228 e 229 - A escola construída.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Figura 230 – A escola.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

As figuras abaixo demonstram o tipo de habitação, essas são algumas das casas localizadas no quilombo de Nazaré.

Figura 231 – Habitação do quilombo. Figura 232 – Casa de taipa do quilombo.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2017).

Em Nazaré tem o projeto a casa se semente, que faz parte do projeto São José, a casa de semente serve para a comunidade armazenar sementes para serem plantadas, e para preservar as espécies, também tem a fábrica, que já está pronta, mas ainda não funciona, será para fabricar polpa de frutas e fazer doces, existe muitas frutas na região. As figuras 233 - as bananeiras e pés de laranjas, 234 - cajueiro e mangueira, e 235 estou mostrando uma mangueira com muitas mangas (frutas).

Figura 233- Pé de banana e pé de laranja. Figura 234 - Pé de caju.



Fonte: M. P. Santos, (2017).

O quilombo de Nazaré é rico em sua vegetação, solo fértil, trilhar pelas suas veredas é deslumbrar-se com uma linda paisagem natural.

Na fotografia 235, eu encantada com os frutos da terra, o quilombo tem uma vasta área vegetal, com muitas árvores frutíferas e plantas nativas.

Figura 235 - As mangas e eu.



Fonte: Antônio Rodrigues Alves, (2017).

Primeiro momento – Chão Ancestral: Roda de conversa com professores e moradores do quilombo de Nazaré

As viagens e caminhadas pelos caminhos do quilombo de Nazaré como já descritas anteriormente, estas foram etapas da pesquisa que foram realizadas como processo

metodológico e pedagógico para a recolhida de dados, esses foram estudados e debatidos em uma roda de conversa com os quilombolas locais e professores.

Eu conduzir a roda de conversa, na qual trabalhei em que consiste o patrimônio cultural, como pode ser reconhecido e o recolhido dentro do tema educacional dos os patrimônios culturais imateriais e materiais da comunidade. As definições apresentadas na literatura sobre patrimônios culturais, materiais e imateriais, são consideradas pelos professores de difícil interpretação para a prática educacional e nas oficinas de uma forma simples procuro mostrar que não é difícil esta apropriação pedagógica do patrimônio existente.

Então nos reunimos no salão, e em um circulo tivemos apresentação musical com as crianças e jovens do quilombo, a Carla falou da importância do momento, então eu conduzi a conversa, essa girou e discorreu sobre a cultura local, os patrimônios culturais do quilombo, então realizei uma atividade através de contação de história e narrativas orais para juntos reconhecemos o que o quilombo tem como patrimônio cultural quilombola.

Pedi para as pessoas que participaram na roda de conversa que através de desenho ou apresentações mostrassem o que fazem no quilombo. Quais são os seus hábitos, sua cultura e sua história e os percursos que realizam no cotidiano, depois faço a condução de como registrá-los. Assim conversamos e começamos a identificar e reconhecer os patrimônios culturais quilombola da comunidade de Nazaré.

Segundo momento – Vivência: Patrimônios Culturais e educação quilombola

Em uma manhã de sexta-feira, 15 de novembro de 2019, dia muito significativo, dia em que se deu a “Proclamação da República”, dia do aniversário de uma das minhas irmãs, e mês no qual se comemora o dia da Consciência Negra, então as 11h30min fui eu abordo de um pau-de-arara subir a serra com destino ao quilombo. E não foi uma viagem tranquila, a começar que logo no início da subida da serra, ainda nem tínhamos saído de Itapipoca, sentir cheiro de fumaça, e logo foi constatado que algo no carro pegou fogo. Assim fique num misto de medo e ansiedade, e torcendo para tudo ficar bem. Com ajuda de outros motoristas que passavam conseguimos fazer nossa viagem, e chegar a Nazaré. Como cantava Luiz Gonzaga: (...) Viajando num pau-de-arara; Eu penei, mas aqui cheguei (bis), (...).

Então já tinha passado o susto, descansado, aproveitei o final do dia e realizei a vivência: patrimônio cultural e educação quilombola. O início da atividade foi com poucas

pessoas, a Ana Rejane Coelho de Lima, ela já foi presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Nazaré (ARQNA), a Ana Carla, Aurila e Jane, pois os outros quilombolas só puderam participação no sábado, dia 16/11/2019, neste dia de continuidade à atividade com os moradores do quilombo, foi uma roda de conversa a noite no salão, onde funciona como igreja e escola.

Buscando registrar o que a comunidade tem de importante em relação seu patrimônio cultural imaterial, pois ninguém melhor do que a própria comunidade, ou seja, seus moradores para dizer o que é importante para eles, em termos dos seus fazer, saberes, celebrações, modo de viver, então a partir do seu cotidiano, reconhecemos o patrimônio local.

Fiz a vivência: Quilombozando Patrimônio Cultural e Educação Quilombola.

Foram poucas pessoas que participaram, além das já citadas acima, teve várias crianças e alguns adolescentes. Foram poucas pessoas, no entanto estes ficaram curiosos e desejosos, animados por saberem a sua história do quilombo e a história de vida estar sendo escrita “por uma pessoa nossa”. Nas fotografias das figuras 236 e 237 apresentamos os registros dos momentos de vivência quilombola em Nazaré, na qual tratamos da educação escolar quilombola, e buscamos o patrimônio cultural local.

Figuras 236 e 237 - Momento da vivência no quilombo de Nazaré.



Fonte: M. P. Santos, (2019).

As Vivências e práticas educativas em interface com a realidade sociocultural de um quilombo passam a ser elemento categórico nesta discussão, uma vez que se constitui em grupos sociais representados por elementos históricos. Pois como Muniz Sodré:

Uma cultura democrática implica no resgate de uma memória coletiva dentro da experiência histórica da democracia política. É preciso reinventar essa democracia dentro do quadro social da realidade brasileira, que é um quadro de heterogeneidade cultural, de diversidade cultural. Como é que esse saber do livro, do monumento, da história do país se articula com um projeto de enraizamento do lugar onde estamos, do que somos, e de como somos e não como deveríamos ser? (Sodré, 2002, p. 21).

As fotografias 238 e 239 mostram vivência com os quilombolas do quilombo de Nazaré, realizada em novembro de 2019, educação quilombola e patrimônio cultural, também mostra os moradores do quilombo.

Figura 238 - Os jovens e crianças do quilombo. Figura 239 – Moradores de Nazaré.



Fonte: Marlene P. dos Santos, (2019).

Dada a pesquisa e Vivencias, quero explicitar alguns achados, como exemplo antes trago a questão da escola, pois em 2017 já haviam começado a construção de uma pequeníssima escola, essa deveria ter sido concluída e entregue a comunidade em 2018, então uma escola com apenas com duas salas, cozinha, banheiro, e até novembro de 2019, quando fui ao quilombo, a construção da escola ainda não tinha sido concluída. As figuras mostram como se encontrava a escola.

Os dias no quilombo, observando, convivendo, e percorrendo a comunidade, realizei atividades, esse procedimento da pesquisa de campo, me permitiu perceber as situações do dia-a-dia no quilombo. Alguns moradores ainda sofrem perseguição por parte dos “donos da terra”, as pessoas têm medo de morrer, pois já houve ameaças e conflitos, também medo, pois sabe que aparece gente armado andando pelo quilombo, atitudes suspeitas.

A falta de escola, com já dito anteriormente, é um grande problema, pois até a data não foi construída, também a falta de transporte e as estradas ruim, mas mesmo em meio as dificuldades, os quilombolas lutam pela apropriação da sua história e cultura.

9.7 Contextos e as questões educacionais quilombolas do campo nas comunidades pesquisadas: Base, Evaristo e Nazaré

A fase da pesquisa de campo, ou seja, a fase exploratória da pesquisa me ajudou a compreender que há um início, boa vontade por parte de alguns professores, também o desejo e busca dos quilombolas em terem uma educação que valorize sua história e modos de viver. Algumas estratégias sendo adotadas para que o quilombola conquiste a efetivação do direito à educação e a efetivação da política e da prática curricular quilombola, que não está dada no chão da escola.

Realizei essa pesquisa de forma a propor práticas pedagógicas e formação continuadas aos professores para que possa ajudar a efetivação da educação quilombola do campo. E um construído num cotidiano, onde se situam ações que indicam permanências e anúncio de mudança. Este processo foi realizado em minhas práticas de professora formadora e pesquisado, que penso o protagonismo dos sujeitos quilombolas em suas organizações locais e nacionais em diálogo com o campo educacional e de outros campos que, ao longo da última década, provocou no Estado Brasileiro o reconhecimento da pertinência de políticas educacionais específicas para os quilombolas.

Porém se faz necessário práticas pedagógicas que dialogue com os seus interlocutores, é necessário garantias e mudança no currículo, assim como a construção do Projeto Político Pedagógico (P. P. P.) deve ser com a participação de todos.

Pensando as propostas educacionais de Paulo Freire, percebo que é um indicativo para praticar na educação quilombola do campo, pois o deve procurar espaço escolar reflete seu educando, mas o espaço escolar reflete a sociedade e suas contradições, sendo palco de racismo, exclusões, de conflitos pela posse da terra e desigualdades múltiplas. Contudo, priorizar e potencializar as possibilidades existentes tem como objetivo desenvolver mecanismos educativos com vistas na emancipação política e educacionais. Promover novos entendimentos sobre as relações sociais desenvolvidas no território das comunidades.

A educação escolar quilombola não pode acontecer no faz de conta existindo apenas nas datas comemorativas. A educação e os seus conteúdos são um processo continuo e com base na realidade histórica e cotidiana. Pois a escola não pode mais permanecer atuando perante os seus alunos, como se eles e sua história e cultura não tivesse importância, ideologicamente, como se todos fossem iguais, reproduzindo um ideal abstrato dos sujeitos, ao mesmo tempo transmitindo uma neutralidade em seus conteúdos curriculares.

Já tivemos alguns avanços, e um deles foi a aprovação da resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Entre a efetivação da lei e a prática existe uma lacuna. Algumas atividades são realizadas, sem, contudo ser uma prática cotidiana, ainda muito de episódios, não constituindo uma prática continua e efetiva. Podemos concluir que existe um caminho para a educação escolar quilombola a ser percorrido, no entanto poucos passos foram caminhados.

A temática referente ao estudo está relacionada à questão da valorização da cultura e construção histórica do processo de formação do povo brasileiro, em específico no espaço escolar quilombola. Assim, é fundamental tal compreensão a respeito da construção sociocultural dos sujeitos sociais que constituem o processo histórico da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos econômicos, sociais e culturais representados em suas diversas relações sociais.

As práticas curriculares dos professores que trabalham nas escolas localizadas nos quilombos ou escolas que recebem os quilombolas, que participaram nas Vivências e foram entrevistados nos revelaram que, em que pesse as enormes lacunas na formação, eles estão em busca de mudança. Trabalhar currículo como experiência implica no reconhecimento de que todo conhecimento tem origem na experiência social e essa compreensão é mais do que uma questão epistemológica, e sim uma questão política e pedagógica.

9.8 Caminhos que se cruzam: atividades de base metodológicas que complementa o desenvolvimento da tese

Paralelo à pesquisa as intervenções realizadas ocorreram como formas complementares de participação a realização de seminários e a organização de livros e textos.

Então realizei formações da cultura afro-brasileira, indígena, educação do campo, como também fui palestrante e oficineira em educação quilombola, formações em seminários técnico quilombola, inclusive fui palestrante em um deste seminário, no qual também estava a técnica responsável do MEC, a senhora Maria Auxiliadora Lopes, que esclarece:

O MEC vem orientando os sistemas de ensino para que ao elaborarem o Plano de Ações Articuladas-PAR proponham ações de: construção de escolas nas comunidades; formação continuada de professores/as; distribuição de materiais didáticos específicos para alunos/as e professores/as das referidas comunidades e capacitação de gestores para que a educação escolar quilombola seja implementada no dia a dia da escola. (LOPES, 2010).

Também acompanhei parte do primeiro curso de especialização para professores quilombolas, esse foi realizado nos quilombos de Bom Sucesso e Minador em Novo Oriente Ceará, fu ministrante de um modulo – Resistência Quilombola no Ceará: repertórios culturais e educação escolar quilombola, do curso de extensão – Educação Afrorreferenciada: inspirações e práticas, na Universidade Federal do Ceará - UFC.

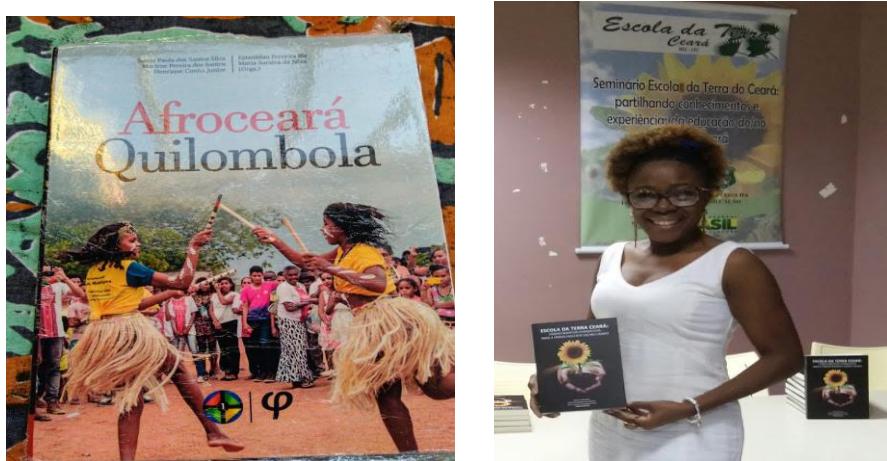
As formações, palestras, seminários, oficinas e curso foram como objetivo de qualificar educadores para atuarem em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, tendo a sensibilidade e respeito às tradições e aspectos culturais dos alunos. E com especialização em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE, então de posse deste conhecimento, busco ajudar capacitar docente, possibilita que os profissionais ampliem as bases pedagógicas e práticas educacionais no trabalho com os estudantes. Pois dotados desses conteúdos, os professores poderão atuar com ética, e respeito, tendo uma visão crítica e reflexiva acerca da educação no campo, indígena e quilombola.

Nessa caminhada se deu uma construção de conhecimentos, de práticas pedagógicas e materiais que serve de embasamento conceitual teórico metodológicos para a educação. Como o livro Afroceará Quilombola, o livro Escola da terra: conhecimentos formativos para a práxis docente do/no campo. E outros livros, dos quais participei como escritora ou na organização.

As figuras 240 é o Livro: Afroceará Quilombola, 241 é o livro: Escola da Terra Ceará: Conhecimentos Formativos para a Práxis do/no Campo, no qual eu escrevi um capítulo intitulado: Quilombo: Conceitos e Definições com vista a Educação das Comunidades Quilombolas e do Campo, esse capítulo foi trabalhado na formação dos professores do campo, então apresento produções acadêmicas, as quais são novas escritas sobre quilombo, e pode

contribuir na educação quilombola e do campo. A figura 242 sobre momento de oficinas onde trabalhei o material didático para a educação quilombola; e a figura 9.64 mostra um momento de formação para professores quilombola, onde fui ministrante de um dos modulo.

Figura 240 e 241- Os livros sobre quilombo e educação do campo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 242 - Palestra sobre educ. quilombola. Figura 243 - Formação para professores quilombola.



Fonte: Acervo pessoal.

Não parou ai, pois com o conhecimento científico, e como pesquisadora preocupada com uma educação de qualidade, um trabalho acadêmico de base na construção e desenvolvimento de uma educação afroreferenciada, fui idealizadora, e uma das organizadoras o primeiro seminário sobre os quilombolas e com a participação dos quilombolas em quanto protagonista da sua história, o I Seminário Fazeres Quilombolas: Quilombo, Identidade e Educação. As figuras mostram o cartaz e um momento do seminário.

Figura 244 - Folder do seminário Fazeres Quilombolas. Figura 245 - Minha exposição sobre quilombo.



Fonte: Acervo pessoal.

As figuras 246 e 247 mostram a exposição que realizei dentro do seminário, foi uma exposição interativa, no espaço da Universidade Federal do Ceará, a exposição intitulada: Fazeres Quilombola: Conhecendo os Quilombos do Ceará Através das Imagens.

Figura 246 e 247 - Fotos da minha exposição Quilombos.



Fonte: Acervo pessoal.

Estes trabalhos e outros são pesquisas, estudos, que ampliaram os conhecimentos de Educação Quilombola no Campo, Educação do/no Campo e Educação Indígena, embora essa não faça parte da pesquisa. Pois meu foco está na Educação escolar quilombola no Campo, é importante saber, compreender esta modalidade de educação, e fundamental se preparar para fazê-la acontecer nas salas de aula. Também é de suma importância a formação continuada das professoras e professores, e ter material pedagógico de qualidade e destituído de formas racistas.

10. TECENDO HISTÓRIA FIO A FIO A CONCLUSÃO

Ofício do tecelão é como uma mágica, pois parece que do nada ele cria o tecido, porém é muito trabalho e um longo processo, onde no tear, ele fia o algodão, que fira linha, e esse vai sendo tecido até virar tecidos. Então inspirada no ofício do tecelão, é que academicamente realizei esta pesquisa científica, na qual passo a passo eu tecí com fios de oura reluzente a história valente dos ancestrais, ascendentes, resistente, valente, gente. Marlene Pereira dos Santos, (2020).

Síntese das experiências acumuladas durante o trabalho de pesquisa

Na qualidade de sujeita pesquisadora é que busquei tecer a teia de conhecimentos acerca dos quilombos e sua cultura, do patrimônio cultural local, do patrimônio cultural imaterial e material e da educação quilombola. O ofício do tecelão não é fácil, assim como da ciência também não, mas a aranha tecer sua teia até formar sua casa, o tecelão terce até formar o tecido, e assim eu tecí fio a fio essa tese, tecí com fazeres, conhecimentos, saberes, modos de viver, cultura, conceitos e história de um povo.

Não há como negar que com o passar dos anos perdemos muito da tradição ancestral, pois se tira e se agrega elementos a cultura, mas também é de suma importância lembrar-nos de como esta tradição vem se mantendo e o quanto podemos aprender com ela e principalmente como ela é importante na instituição de conhecimentos no meio educacional.

Estudar, fazer a pesquisa de campo, foi uma trajetória de observação, de busca e de compartilhar, e principalmente de construção, pois estudar os quilombos no Ceará foi viver em territórios ancestrais e pesquisar os conhecimentos para trazê-los para uma construção científica acadêmica, sendo aqui esta tese desenvolvida ao longo do tempo de doutoramento.

Na universidade estudamos os teóricos, assim conhecemos os que pensaram, o que fizeram, o escreveram, e discordamos, concordamos, discutimos, obtemos conhecimento que as vezes comungam com nossos ideais outras vezes não, toda via é esse o universo acadêmico. Porém no universo do campo de pesquisa, é uma aprendizagem mais envolvente, aonde se vai experimentando, vivenciando, e assim se vai desconstruindo ou construindo conhecimentos, e assim tenho a certeza que pude desenvolver e construí conhecimentos específicos sobre as comunidades quilombolas que pesquisei.

Nessa jornada de aprendizagem e construção da tese, me deparei com dificuldades, obstáculos, impressões e reações, desde dificuldades causadas pelos fenômenos da natureza como períodos de chuvas em que as estradas ficaram muito ruins, subir e descer a serra, as de ordem sociais como as greves nacionais e paralisações gerais, que impossibilitaram-me de ir aos quilombos pesquisados em algumas vezes, além das dificuldades da vida quilombola.

Mesmo ficando marcadas e tristeza de quando ouvi críticas negativas e destrutivas, eu lembrei-me do provérbio popular: “ninguém joga pedra em árvore que não dar frutos”; sábias palavras.

Nas dificuldades, posso destacar problemas de saúde que eu e familiares tivemos, passei por uma cirurgia, e tive minha casa invadida por ladrões, muitos obstáculos, foram diversos problemas do cotidiano que dificultou a pesquisa, mas os superei.

Toda via percebo o impacto promissor e positivo desta pesquisa, pois nas comunidades pesquisadas ou quando encontro com alguns quilombolas, sinto a satisfação deles. Também quando eles me ouviram falar dos objetivos do meu trabalho sobre quilombos, quilombolas e educação quilombola manifestaram satisfação. Quando fui fazer estudo e atividades nos quilombos, as pessoas as quais participaram demonstraram interesse, envolvimento, esperança na diminuição do racismo, mas principalmente esperança de ver sua história e cultura sendo valorizada.

Buscar o registro de memória e do patrimônio cultural foi e é uma marca determinante no meu trabalho nos quilombos e com os quilombolas, pois a mesma está presente na cultura oral na cosmovisão africana local bem como nos costumes é neste contexto é que posso falar de aspectos voltados a vivências e lembranças da tradição que não é somente local e sim herdada através da tradição afrodescendente.

Então falar sobre a questão quilombola e lembrar de que não basta um olhar crítico de fora para dentro para entender a comunidade e sim o mesmo elencar a importância do olhar crítico de dentro para fora, ou seja, de quem esta de dentro da comunidade para fora, este tipo de posicionamento crítico faz com que possamos entender a importância da comunidade para quem está dentro e desta maneira se dar o devido reconhecimento e respeito em nível de igualdade de conhecimento e de direitos sociais.

Então o trabalho contribui na visibilidade da história, cultura e patrimônio cultural dos quilombos, também propõem elementos pedagógicos para a efetivação da educação escolar

quilombola. Estando como as comunidades quilombolas percebo que seus membros se sentem representados na pesquisa realizada e nas atividades desenvolvidas. Que os conteúdos recolhidos e elencados fazem parte de um novo acervo educacional.

Então embora tenha passado por dificuldades durante a pesquisa, me vejo na condição de colaboradora, militante, pesquisadora participante e construtora do conhecimento, assim é uma responsabilidade, mas também uma oportunidade de colaborar e fazer história, (re) escrever a história do meu povo.

As comunidades quilombolas têm contribuído em muito para compreendermos a nossa herança da tradição africana, e as mesmas me abre inspiração grande para a pesquisa, e trabalhar para manter e reforçar a importância do pertencimento e identidade do povo quilombola e população negra.

Considerando o realizado

Tecendo história fio a fio, assim com fios de ouro reluzente eu tecí a história de um povo valente e inteligente.

Essa tese é em parte a síntese de uma grande experiência de trabalho de formações, viagens e sistemática convivência com as comunidades de quilombos desde 2007 e da preocupação como os problemas da educação quilombola, do uso e valorização de patrimônio quilombola e do protagonismo das mulheres negras quilombolas.

Trata-se de uma tese de pessoa engajada na problemática da educação quilombola devido a origem de negra do estado do Maranhão e também de família de raízes afro-cultural, criada na infância nas vivências nas culturas negras e de Caxias Maranhão. Mal tratada pelo racismo e pelo machismo da sociedade. Devido a esses fatores de vida pessoal e de engajamento profissional, a metodologia de pesquisa afrodescendente foi perfeitamente adequada ao desenvolvimento do trabalho de produção do conhecimento contido nesse relatório final de apresentação da tese. As facilidades da imersão no tema de pesquisa desde muito antes em pensar na realização de um doutoramento produziu um extenso conjunto de base que a apropriação forçou uma ampla revisão de conceitos e adequação de nomenclatura, de produção de uma visão de quem está dentro da porteira e precisa expandir as reflexões e o conhecimento

obtido além da porteira, e com a finalidade de acrescentar um novo referencial para a educação quilombola e educação do campo.

Foi o desenvolvimento de um trabalho difícil não apenas pelo trabalho de pesquisa, mas também pelas barreiras invisíveis e visíveis do eurocentrismo nas universidades brasileiras. Nas disciplinas as lutas conceituais ficaram presentes, a grande bibliográfica apresentada é universalista e europeia, mesmo os autores brasileiros são em maioria descendentes de europeus, urbanos e do sul do país, são continuadores da cultura europeia urbana e pouco sensibilizados ao exame da especificidade da sociedade brasileira, uma sociedade fundada no escravismo criminoso, e sem uma ampla reflexão do que está imposição significou e significa hoje nas relações sociais e na educação brasileira.

A educação do estado do Ceará reflete uma educação da “casa grande”, sendo que nós falamos de quilombos que são a negação estrema da importância da casa grande como símbolo central da dominação eurocêntrica na sociedade brasileira. Os conflitos foram constantes em relação à existência de população negra no Ceará e da necessidade de trabalho de pesquisa sobre a população negra no estado, mais ainda utilizando referências não hegemônicas. Mesmo na área dos movimentos sociais existe uma hegemonia de literatura criada distantes e não condizendo com a particularidade da sociedade brasileira e com as necessidades dos quilombos. Podemos afirmar das dificuldades vivenciadas que as ideologias das esquerdas brasileira militante na nossa universidade não contemplam a luta da população negra, das mulheres negras e nem as dos quilombos. O trabalho em todo seu curso vivenciou diversos conflitos ideológicos internos a própria academia brasileira, que é um campo de luta, e que superá-lo não foi tarefa fácil.

Tornou-se redobrado o trabalho de tratar cientificamente as categorias e elenca-las no curso do desenvolvimento da tese. Exigiu um exercício constante e difícil em dar respostas a questões que não somente da produção de conhecimento, mas de contraposição às ideologias, sendo a mais forte a da não existência de negros no estado e da invisibilidade histórica do escravismo na formação do estado. Foi um trabalho de resistência e de não desviar e nem desistir dos propósitos iniciais pelas pressões.

Aprendemos que a identidade dos moradores de quilombo é um problema muito íntimo e subjetivo. Principalmente devido às implicações políticas que estão no reconhecimento da identidade e nas lutas contra os que se consideram donos da terra. A concessão de direitos (culturais, políticos, econômicos) as populações negras, e principalmente as rurais é uma questão ainda muito delicada no Brasil, vai além apenas da posse da terra, mas entram no campo da

imposição da obediência ao mando de grupos políticos e elites locais. Mesmo dentro da universidade a existência da identidade das comunidades é rejeitada muitas vezes baseada em uma literatura europeia da moda e que trata da pós- modernidade, para uma sociedade que nem se industrializou. A identidade quilombola tem como força o pertencimento à localidade. Os patrimônios que formam essa identidade estão presentes, a operação de reconhecimento e utilização na educação é devido a educação ser baseada quase que totalmente na prática dos de fora.

Na tese revisamos as existências físicas, territorial dos quilombos no Ceará e das suas problemáticas através dos percursos realizados que foi uma ampla exploração, a constituição de um campo de produção empírico de conhecimento. Depois tecemos um grande quadro de conceitos e definições para discutir as experiências educacionais, ou os conceitos em torno das experiências educacionais em curso. Repensamos uma ampla literatura sobre o ser quilombola, não apenas como pessoas reunidas, como a construção de uma instituição quilombo no conjunto das instituições brasileiras. Quilombo como indivíduo coletivo e como instituição é uma unidade de certo poder e autonomia. Portanto deduzimos as razões do emaranhado de pressões e esforços de negação. A resistência aos quilombos é quando a ideia coletiva de uma instituição dentro das demais, com organizações em curso com das associações e das lideranças, os quilombos passaram a procurar as próprias auto- representação autônomas. As lutas em contrário são contra esse indivíduo coletivo. As dificuldades da educação quilombola é que ela fortaleça a amplia a autonomia do coletivo. A sociedade envolvente é do ser individual, de privilégios individuais, da vida individualizada, e a existência dos quilombos contraria estas normas e desenvolvimento desse sistema. A principal imposição sobre os quilombos é do tratamento individual, estão lutando para descharacterizar os quilombos e tornar a posse das terras individual, negociáveis e comercializada individualmente. A grande questão para os quilombos no futuro é a posse coletiva da terra, e da educação que trate desse coletivo. Nesta tese através da seleção dos patrimônios culturais e da sua articulação a identidade coletiva, pensando a memória de negros, como coletiva e firmada na cultura negra, apresentamos uma densa contribuição a denomina problemática da educação quilombola.

Também tratamos firmemente e especificamente a história da representação do protagonismo da mulher negra nas sociedades desde a África até a nossa realidade atual, como base para as afirmações das mulheres negras na educação quilombola. Trata-se da realização de um caminho para inserção do tema das mulheres negras na educação quilombola. Era uma lacuna importante, que pretendemos ter fornecido uma contribuição de síntese histórica.

Assim resolvemos os problemas que pareciam de conflito entre dois sistemas a educação quilombola proposta pelos movimentos negros e a educação do campo proposta pela educação dos movimentos agrários brasileiros. Mostrarmos ser um problema falso, problema visto a formação das populações que essas vertentes da educação se destinam. O quilombo também é campesinato, são populações negras rurais, em luta pela terra. Forma um mesmo sujeito histórico.

Para consolidação de longo percurso foi realizada a consolidação das formulações produzidas em torno da exemplificação em três comunidades de quilombos representativas das situações do tema na realidade do estado do Ceará.

Acreditamos que este trabalho atingiu seus objetivos e investigação científica e de produção de conhecimento sobre a educação escolar quilombola e do campo no Ceará e no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AGOSTINHO, Ruth Lanca Braga; ALMEIDA, Valdenia Moraes de Almeida; CASTRO, Lidia Gomes de; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. Vivenciando comunidades tradicionais: um estudo dos remanescentes de quilombolas no Ceará. *In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2016, Fortaleza. Anais* [...]. Fortaleza: UFC, 2016.
- AGUALUSA, José Eduardo. **A rainha ginga**. Edição do Livro, 2014.
- AIRES, Max Maranhão Piorsky. Povos e comunidades tradicionais no Ceará. *In: Estêvão Martins Palitot (org.). Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009. (Coleção Outras Histórias, v. 63).
- AJAYI, Jacob. Tradition and Development, 1990. *In: FALOLA, Toyin (org.). Tradition and Change in Africa*. Trenton: Africa world Press, 2000.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. *In: O'DWYER, E. (org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- ALVES, José Willame Felipe. **A emergência das comunidades quilombolas como fenômeno político no Ceará**: Sítio Arruda, no município de Araripe. 2018. 183 f. Tese (Relatório de Qualificação) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.
- AMPONSAH, Nana Akua. **Beyond the Boundaries**: Toyin Falola on African Cultures in Niyi Afolabi. North Carolina: Carolina Academic Press, 2010.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos; CYPRIANO, Ademar (org.). **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: Aori, 2006.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombo**: geografia africana, cartografia étnica territórios tradicionais. Brasília: Mapas Editora e consultoria, 2009.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia e cultura: territórios dos remanescentes de quilombos no Brasil. *In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 8., 2004, Coimbra. *Anais* [...]. Coimbra [s. n.], 2004.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territorialidade quilombola**: foto e mapas. Brasília, DF: Editoria Mapas e Consultoria, 2011.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil**. 3. ed. Brasília, DF: Editora Mapas e Consultoria. 2005.
- ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares. Cidades. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 184, 1994.
- ARHIN, Kwame, 1983. The Political and Military Roles of Akan Women. *In: OPPONG, C. (ed.). Female and Male in West Africa*. London, Allen and Unwin, 1983.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SÍTIO VEIGA. Relatório da comunidade do Sítio Veiga: uma parte de uma história de um povo. Reivindicação de reconhecimento de território quilombola. Sítio Veiga – Serra do Estevão – Quixadá – Ceará. Quixadá: Associação Comunitária do Sítio Veiga, 2009.

AURELIANO, Rodrigo Souza. **Quilombos urbanos:** identidade territorial no Bairro da Mata Escura na cidade de Salvador Bahia. 2010. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva.** In: KI-ZERBO. **História geral da África:** metodologia e pré-história. São Paulo: Cortez, 1982. v. 1.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula.** São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço de branco.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BECKER, B. **O uso político do território:** questões a partir de uma visão do terceiro mundo. Rio de Janeiro: UFRJ/Geo. 1993.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na Sala de Aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37-48.

BEZERRA, José Arimatea Barros. **Alimentos tradicionais do Nordeste:** Ceará e Piauí. Fortaleza: UFC, 2014.

BICUDO, Virginia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. **Revista Sociologia**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 195-219, 1947.

BICUDO, Virginia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. (org.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** São Paulo: Anhembi, 1955. p. 227-310.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.** Edição organizada por Maio, Marcos C. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

BICUDO, Virginia. **Nosso Mundo Mental.** São Paulo: IBDC, 1956.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conferência Nacional de Educação:** construindo o sistema nacional articulado de Educação, o Plano Nacional de Educação, Diretrizes Estratégias e Ação. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB n. 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 26, 21 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar Quilombola na educação básica**. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, 2013. 562 p. ISBN 978-857783-136-4.

BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda. Notas sobre a importância metodológica dos conceitos. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, p. 121-125 1988.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978)**: um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico. História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC, 2006.

CAMPOS, Margarida Cássia. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 20 n. 35, p. 199-217, jan./abr. 2017.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002. p. 16.

CARNEIRO, Edson de Souza. **O Quilombo dos Palmares: 1630-1695**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947.

CARTILHA, Caminhos. **Mapeamento das comunidades negras quilombolas do Cariri cearense**. Cariri: Cáritas/GRUNEC, 2011.

CASTRO, Marco David. **Unilab lança edital para processo seletivo de indígenas e quilombolas, ingresso em 2019**. Redenção: Unilab, 28 fev. 2019. Disponível em:
<https://unilab.edu.br/2019/02/28/unilab-lanca-edital-para-processo-seletivo-de-indigenas-e-quilombolas-ingresso-em-2019-1/>. Acesso em 10 mar 2019.

CAVALCANTE, Valéria Campos. Identidades negras no currículo de uma escola quilombola: por que contar histórias? **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 1176-1207, 2017.
 Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/385>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha; SAMPAIO, Patrícia Melo. **Histórias de Joaquinhas**: mulheres, escravidão e liberdade. Brasil Amazonas, (séc. XIX), Salvador, Afro-Asia. n. 46, 2012.

CAXILÉ, Carlos Rafael Vieira. **Olhar para além das efemérides**: ser liberto na província do Ceará. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 9, n. 23, p.71-84, 1995.

CHAVES, Leilane Oliveira. **Terra Quilombola de Nazaré**: organização social e espacial, município de Itapipoca, Ceará. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CHARTIERS, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Col. Memória e sociedade).

CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas das identidades e identidades políticas. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. (org.). **Uma psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.

CLAUDINO, Silvana. Crateús terá 1º assentamento negro do Ceará. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 18 out. 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/crateus-tera-1-assentamento-negro-do-ceara-1.602293>. 28 fev. 2018.

COSME, Claudemir Martins. **A expulsão de campões assentados como uma das faces da contrarreforma agrária no Brasil**: um estudo da evasão nos assentamentos rurais do Ceará. 2015. 292 f. Dissertação (Mestrado em geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

COSTA, Ângela Maria Faria de. Quilombos Urbanos, segregação espacial e resistência em Porto Alegre. Uma análise a partir do Quilombo do Areal e da Família Silva. **Revista Discente Expressão Geográfica**, Florianópolis, n. 5, ano 5. p. 154, maio 2009.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Afroetnomatemática: da filosofia africana ao ensino de matemática pela arte. **Revista ABPN**, Guarulhos, v. 22, p. 170-122, 2017.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Memória, história e identidade afrodescendentes: as autobiografias na pesquisa científica. In: VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula et al. (org.). **Cultura, educação, espaço e tempo**. 1. ed. Fortaleza: Editora da UFC, 2011. v. 1, p. 118-143.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Afrodescendência e africanidades: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. **Interfaces de Saberes**, Caruaru, v. 1, p. 14-242013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Racismo antinegro, um problema estrutural e ideológico das relações sociais brasileiras. **Política Democrática**, Brasília, DF, v. VII. 2008, p. 118-127.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Quitandeiras na produção do comércio urbano das cidades Brasileiras**. Fortaleza: Notas de Aula. História dos Afrodescendentes. 2019.

DIOP, Cheik Anta. **The African origin of civilization**: myth or reality. New York: Lawrence Hill & Company, 1974.

DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.). **História geral da África**: a África antiga. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2011.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture**: de l'Antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique noire d'aujourd'hui. Paris: Editions Présence Africaine, 1954. ISBN 2708706888.

DIOP, Cheikh, Anta. **The cultural unity of negro Africa**. Paris: Présence Africaine, 1963.

DIOP, Cheikh, Anta. **General history of Africa**: vol. II – Ancient civilizations of Africa. Primeira edição de UNESCO. Paris: UNESCO, 1981. p. 27–51.

DOMINGUES, Petrônio. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 19, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **Quilombo (1948-1950)**: uma polifonia de vozes afro-brasileiras. In: Ciências & Letras. n. 44, 2008, p. 261-289. Disponível em: www1.fapa.com.br/cienciasletras/pdf/revista44/artigo13.pdf. Acesso em: 30 jan. 2011.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude**: uma breve reconstrução histórica. África, São Paulo, n. 24-26, p. 193-210. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2526-303X.v0i24-26p193-210>. Acesso em: 30 jan. 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazaré Soares (org.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ERNESTO DA SILVA, Francisco. **Candeia e a Escola de Samba Quilombo**: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afro-brasileiras. 2008. 167 f. Monografia (Pós-graduação em História) – Universidade de Guarulhos, Guarulhos, 2008.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. **Antonieta de Barros**: educação, gênero e mobilidade social em Florianópolis na primeira metade do século XX. 2015. 282 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/DOMINGUES-%20Petronio.%20Movimento%20Negro%20Brasileiro%20alguns%20ap>. Acesso em: 30 jan. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora Edufba, 2008.

FERNANDES, Luciana Maria Pimentel. **Irmandade, devoção e romanização**: a vida material da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Quixeramobim – CE (1896-1923). 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. 2015. 315 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

FERRATER-MORA, J. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 1-4.

FERREIRA, Fred Aganju Santiago. **Sou sem terra sou negão**: raça, racismo e política racial no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2015.

FERREIRA, Ligia Fonseca.“L’identité énigmatique de Luiz Gama. In: GAMA, Luiz. **Luiz Gama (1830-1882)**: Étude sur la vie et l’oeuvre d’un noir-citoyen. [S. l.: s. n.], 2001. v. I.

FERREIRA, Ligia. “Negritude”, “negridade”, “negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **Revista Via Atlântica**, São Paulo, n. 9, p. 163-185, jun. 2006.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, v. 11, p. 65-83, jul./dez. 2000.

PEREIRA, Sebastião Félix. **Assentamentos rurais no Ceará e os dilemas da emancipação.** 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FELIPE, Mácia Leyla de Freitas Macedo. **O protagonismo feminino:** Comunidade Quilombola Sítio Arruda em Araripe – Ceará. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2018.

FONSECA, Giovana de Aquino. O artesanato de conceição das crioulas, comunidade quilombola bicentenária do agreste pernambucano: identidade étnica e patrimônio cultural do Brasil. *In:* CONEDU, 2., 2010, Campina Grande, **Anais** [...]. Campina Grande: [s. n.], 2010.

FREITAS, Décio. Palmares. **A guerra dos escravos.** Porto Alegre: Ed. Movimento, 1971.

FREITAS, Décio. **A Revolução dos Malês.** Porto Alegre: Movimento, 1985.

FREITAS, Mário Martins de. **Reino Negro de Palmares.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1954.

FURTARDO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Candida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. I, p. 106-115, 2014.

GADELHA, Regina M. D'Aquino Fonseca. A lei de terra (1850) e a abolição da escravidão, capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX. **Revista de História**, São Paulo, n. 120, p. 153-162, jan./jul. 1989.

GALDINO, Cárlisson. **O castelo de Zumbi.** [S. l.: s. n.], 2011.

GAMA, Luiz. Carta a Lucio de Mendonça: São Paulo: 25 de julho de 1880. *In:* MOUZAR, Benedito. **Luiz Gama o libertador e sua mãe libertaria, Luiza Mahin.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GAUTHIERJ; Santos, I. (org.). **Tudo que não inventamos é falso.** 1. ed. Fortaleza: Editora UECE, 2014. p. 103-123.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOHN, Maria da Gloria. **A força da periferia:** a luta das mulheres por creches em São Paulo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

GOHN, Maria da Gloria. **Reivindicações populares urbanas.** São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hydra e os pantânos. Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil escravista (séc. XVII-XIX).** São Paulo: Polis: UNESP, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **História e os pântanos:** Quilombos e mocambos no Brasil, Séculos XVII - XIX. 1997. 773 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos:** uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GOMES, Flávio. **Mocambos e quilombos:** uma história do campesinato negro no Brasil. Editora: Claro Enigma. 2015.

GOMES, Flavio. Africanos e crioulos no campesinato negro do Maranhão oitocentista. Dossiê História e Literatura. **Revista Outros Tempos**, São Luis, v. 8, n. 11, p. 63-88, 2011.

GONÇALVEZ, Aline Najara da Silva. **Luiza Mahin, entre a ficção e a história**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

GORAYEB, Adryane. Cartografia Social e Populações Vulneráveis. In: FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Cartilha Rede de Mobilizadores**: oficina do eixo erradicação da miséria. Fortaleza: Fundação Banco do Brasil, 2014. Disponível em <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Cartilha-Cartografia-Social.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Jeovah. **Cartografia social vem se consolidando com instrumento de defesa de direitos**. [S. l.]: Rede Mobilizadores, 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/coep/publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP-V&CODIGO=C20142610482831>. Acesso em: 10 fev. 2014.

HALBWARCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARSCH, Ernest. **Thomas Sankara: An African Revolutionary**. Ohio: University Press, 2014. ISBN 978-0-8214-4507-5.

INCRA, **Regularização de território quilombola em Tamboril (CE) avança**. Fortaleza: INCRA, 11 mar. 2016. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/ce>. Acesso em: 20 jan. 2018.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília, DF: Ipea, 2011. 39 p.

IPHAN. **Comprovação arqueológica**: sítio funerário descoberto no Ceará tem cerca de 700 anos. Brasília, DF: IPHAN, 2012. <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/888/comprovacao-archeologica-sitiofunerario-descoberto-no-ceara-tem-cerca-de-700-anos>. Acesso em: 10 fev. 2014.

JONES, David E. **Women warriors: A history**. [S. l.]: Brassey's, 2000. p. 84. ISBN 1-57488-206-6.

KESLEY, Priscilla. **Brancos chegam em maior proporção ao final da trajetória escolar na idade certa**. [S. l.: s. n.], 22 nov, 2018.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África**. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010. v. I.

LACERDA, Thays de Campos. Tereza de Benguela: identidade e representatividade negra. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, Cáceres, v. 12, n. 2, p. 89-96, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. Patrimônio imaterial: conceito e implicações. In: TEIXEIRA, J. ET ALLI (org.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização**. Brasília, DF: UNB, 2004.

LEITE, Ilka Boaventura (org.). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1996.

LEITE, Ilka Boaventura. **O legado do testamento**: a comunidade de casca em pericia. Porto alegre: Editora da UFGS. 2004. p. 83.

LEITE, Ilka Boaventura. Território negro em área rural e urbana. **Textos e Debates**, Florianópolis, NUER/UFSC, ano 1, n. 2, p. 39-46, 1991.

LIMA, Anna Erika Ferreira. **A Geografia da segurança alimentar e nutricional:** um estudo sobre PAA no Estado do CE – BRA. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LIMA, Anna Erika Ferreira; VIEIRA, Ezequiel Andrew Ângelo Barroso. Extensão e formação: segurança e soberania alimentar no quilombo da Serra do Evaristo. **Kwanissa**, São Luís, v.1, n.1, p.113-138, jan./jun. 2018.

LIMA, Ivan Costa; SILVA, David da. **Territórios quilombolas no Ceará:** educação, processo histórico e identidades. Uberlandia: COPENE, 2018.

LIMA, Maria Batista. **Mussuca lugar de preto mais preto:** cultura e educação nos territórios de predominância afrodescendentes sergipanos. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

LINHARES, J. M. **Entre a casa e a rua:** trabalhadores pobres urbanos em Fortaleza (1871- 1888). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LOPES, Maria Auxiliadora. **Educação escolar quilombola.** Brasília, DF: MEC, 2010.

LOPES, Nei. Bantos. **Malês e identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Descolonização e Educação por uma Epistemologia Africano-Brasileira. In: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (org.). **Descolonização e educação:** diálogos e proposições metodológicas. Curitiba: CRV, 2013.

MACHADO, Marina. Índios e Terras no Império do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, londrina. **Anais** [...]. Londrina: ANPUH, 2005.

MADEIRA, Zelma. Presença quilombola no Ceará. **Jornal O Povo**, Fortaleza, mar. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2018/03/presenca-quilombola-no-ceara.html>. Acesso em: 8 mar. 2018.

MARQUES, Janote Pires. **Relatório antropológico e de delimitação do território das comunidades de remanescentes de quilombos do Bom Jardim e Lagoa das Pedras.** Fortaleza: INCRA, 2009. INCRA/SR-02/ F/F4.

MARQUES, Janote Pires. **Relatório antropológico e de delimitação do território das comunidades de remanescentes de quilombos Três Irmãos.** Fortaleza: INCRA, 2010. INCRA/SR-02/F/F4.

MARQUES, Janote Pires. **Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território dos remanescentes de quilombo da comunidade povoado Boqueirão da Arara.** Fortaleza: INCRA, 2013.

MARQUES, Janote Pires. **Festas de negros em Fortaleza:** territórios, sociabilidades e reelaborações. Expressão Gráfica: Fortaleza, 2009.

MATIAS, Emanuela Ferreira; SILVA, SAMIA Paula dos Santos; RIBEIRO, Rosa Maria Barros. Caminhos negros no Ceará: identidades de resistências. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 13, p. 379-391, 2019.

MASSA, Ana Cristina. **Aqualtune e as histórias da África.** São Paulo: Editora Gaivota, 2017.

MELO, Pedro da Silva de. **Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita:** um estudo sociolinguístico de Quarto de Despejo. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira:** representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2006.

MENDES, Amauri Pereira. **Cultura de consciência negra:** pensando a construção da identidade nacional e da Democracia no Brasil. [S. l.: s. n.], 2001.

MILLER, Joseph C. Njinga of Matamba in a new perspective. **Journal of African History**, New York, v. 16, n. 2, p. 201-216, 1975.

MOREIRA, Alecsandra Pereira da Costa. **A Luta pela terra e a construção do território remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB.** 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MORENO. Daniele Cristine Gadelha. **Negros na "Terra da Luz":** a demarcação e titulação das terras quilombolas no Ceará. 2010. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MOURA, Clovis. **O negro:** de bom cidadão ao mau escravo. Rio de Janeiro: Conquista, 1977.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Editora Ática. 1988. p. 20-22.

MOURA, Clovis. **Rebelião na Senzala:** quilombos, insurreição e guerrilha. São Paulo: Edição Zumbi, 1959

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. 110 p. (Coleção MPM, 9).

MUNANGA, Kabengel; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global. 2004.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1996.

MUNRO-HAY, S. **The Quest for the Ark of the Covenant.** I. B. Tauris. [S. l.: s. n.], 2005.

NASCIMENTO, Abdias (org.). **Quilombo:** vida, problemas e aspirações do negro. 2. ed. dirigido por Abdias Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo: Editora 34, 2003.

NASCIMENTO, Vivian Ester de Souza. **Direitos de propriedade e conflitos de terra no Brasil: uma análise da experiência paranaense.** 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NITRON, Newton. **Dandara a rainha guerreira de Palmares.** Belo Horizonte: [s. n.], 2015.

NOBRE, G. **O Ceará em preto e branco.** Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1988.

- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história.** Bauru: EDUSC, 2004.
- NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. A festa negra na Bahia: do medo à apoteose. **Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, ano 2, n. 1, p.1-15, jan. 2008.
- NUNES, Karla Leonora Dahse. **Antonieta de Barros:** uma história. 2001. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- OBENGA, Théophile. **A dissertação histórica em África.** Paris: Présence Africaine, 1980.
- OLINTO, Antonio. **A casa da água.** São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1969.
- OLINTO, Antonio. **O Rei do Keto.** Rio de Janeiro: Editorial Nordica Ltda, 1980.
- OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade:** corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.
- PALMARES, Décio Freitas. **A guerra dos escravos.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- PARREIRA, Adriano. **Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga:** século XVII. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 247 p. ISBN 930-921-473.
- PAULO DA SILVA, Adriana Maria. A escola de Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 4, p. 145-166, jul./dez. 2002.
- PENALVA, Milton Hatoum Gilson; SCHNEIDER, Liane. Identidade e Hibridismo na Amazônia Brasileira. Um Estudo Comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, n. 21, p. 11-50, 2012.
- PEREIRA, Edineia dos Santos. **A educação escolar quilombola no estado de São Paulo:** novas diretrizes, 2018.
- PHILLIPSON, David W. **Foundations of an African civilisation:** Aksum & the Northern Horn 1000 BC–AD 1300. Suffolk: James Currey, 2012.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas.** 1963. São Paulo: separata da Revista do Museu Paulista, Nova Série, v. XVII, p. 63-208, 1963.
- RAMOS, Arthur. **O negro na civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Livraria Casa do Estudante. 1959.
- RATTS, Alecsandro J. P. A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J. P. (org.). **Geografia:** Leituras Culturais. 1. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2003. v. 1, p. 29-48.
- RATTS, Alecsandro J. P. A negritude da Terra da Luz. In: ALENCAR, Calé; PINGO DE FORTALEZA (org.). **Histórias de luz.** 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014. v. 1, p. 73-84.

RATTS, Alecsandro J. P. Conceição dos Caetanos: território negro e memória coletiva. **Palmares em Revista**, Brasília, DF, v. 1, p. 97-115, 1996.

RATTS, Alecsandro J. P. O negro no Ceará (ou o Ceará negro). In: CUNHA JÚNIOR, Henrique; SILVA, Joselina da; NUNES, Cícera (org.). **Artefatos da cultura negra no Ceará**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011. v. 1, p. 19-40.

RATTS, Alecsandro J. P. Os povos invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 9, p. 109-127, 1997.

RATTS, Alecsandro J. P. Pontos Negros na Terra da Luz: mapeamentos de comunidades negras rurais quilombolas no Ceará. **Observatório Quilombola**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-15, 2005.

RATTS, Alecsandro J. P. Reconhecendo quilombos no Ceará. **Raízes**, Fortaleza, v. 53, p. 2-3, 2006.

RATTS, Alecsandro J. P. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2009.

RATTS, Alecsandro J. P. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

RATTS, Alecsandro J. P. **Fronteiras invisíveis**: territórios negros e indígenas no Ceará. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

RATTS, Alex. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pos-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1999.

REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. E-book. (Série prazer de ler; n. 11).

REIS, Maria Firmina. **Ursula**. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2018. 220 p.

RICCI, Rudá. **Terra de ninguém**: representação sindical rural no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

RODNEY, Walter. **Como o europeu subdesenvolveu a África**. Porto: Editora do Porto, 1972.

RODRIGUES, Antonio. Comunidade quilombola no Ceará recebe posse de suas terras. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 9 dez. 2015.

RODRIGUES, Ironides. **Estética da negritude**: evolução do pensamento negro através dos tempos. Rio de Janeiro, [ca. 1950]. (Acervo Abdias do Nascimento).

<https://ipeafro.org.br/personalidades/ironides-rodrigues/>. Acesso em: 1 fev. 2017.

RODRIGUES, Petronio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v.13. n. 39, p. 1-25, set./dec. 2008.

SÁ, Maria Lucia Barreto. **Saberes e práticas alimentares em uma comunidade quilombola no Ceará**. 2010. 323 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes; RANGEL, Aline Luciane Lopes. Direitos humanos: um olhar para a identidade, alteridade e novas concepções de cultura. In: LONDERO, Josirene Candido; BIRNFELD, Carlos André Hüning (org.). **Direitos sociais fundamentais**: contributo interdisciplinar para a redefinição das garantias de efetividade. Rio Grande: Editora e Gráfica da Furg Campus Carreiros, 2013. p. 245-275.

SANTOS, Anderson Silva; CAVALCANTE, Valéria Campos; ALVES, Nayanne Lima. Projeto político pedagógico de escola quilombola em penedo – (re) construindo identidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Olinda. **Anais** [...]. Olinda: CONEDU, 2018.

SANTOS, Luiz Carlos. **Sons e saberes**: a palavra falada e o seu valor para os grupos Afro-Brasileiros. 1995. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Festas, danças e histórias de terreiro em Fortaleza**. 2010. Monografia (Especialização) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Fortaleza, 2010.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Incursões sobre a memória e a história das comunidades de quilombos de Alto Alegre**. 2010. Projeto de pesquisa de mestrado.

SANTOS, Marlene Pereira dos. O quilombo e o campo têm negros. Presença /ausência do negro no currículo da educação quilombola e do campo. In: COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES BRASIL, 3., 2017, Cabo Verde. **Anais** [...]. Cabo Verde, [s. n.], 2017.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA, Henrique. Bairro rural negro quilombola e as inclusões curriculares. In: COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES BRASIL, 3., 2017, Cabo Verde. **Anais** [...]. Cabo Verde, [s. n.], 2017.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairro Rural negro quilombola: Conceitos e educação. In: SANTOS, Marlene Pereira dos *et al.* **Afroceará Quilombola**. Fortaleza: Editora FI, 2018. p. 55-103.

SANTOS. Marlene Pereira dos Santos. **Incursão na história e memória da Comunidade de Quilombo de Alto Alegre-Município de Horizonte - CE**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS. Marlene Pereira dos Santos. Quilombo: Conceitos e Definições com vista a Educação das Comunidades Quilombolas e do Campo. In: ZIENTARSKI, Clarice; COSTA, Karla; FREIRE, Perla da Almeida (org.). **Escola da Terra Ceará**: conhecimentos formativos para a práxis do/no campo. Fortaleza, 2016.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique (org.). **Afro patrimônio cultural**. Fortaleza: Editora Via Dourada, 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Neuza. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

SEGABINAZI, Daniela Maria; SOUZA, Renata Junqueira de; MACEDO, Jhennefer Alves. As princesas africanas na literatura juvenil: do branqueamento silenciador ao protagonismo questionável. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 27, v. 1, p. 1-42, jan./jun. 2017. e-ISSN 1806-9142.

SILVA, Adriana Maria Paulo. A Escola de Pretextato dos Passos e Silva: Questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 4, p. 145-166, 2002.

SILVA, D. S. Constituição e diferença: o problema jurídico das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. **Boletim Informativo do Nuer**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 1-156, 1997.

SILVA, Delma Josefa da. **Referenciais epistêmicos que orientam e substanciam práticas curriculares em uma escola localizada na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. Recife: [s. n.], 2017.

SILVA, Egnaldo Rocha da. “Papai puxou o facão pra botar na barriga do doutor!”: Campesinato Negro, posseiros e grileiros em disputa pela terra no pós-abolição. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. LUGARES DOS HISTORIADORES, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s. n.], 2015. Disponível em:
[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439304437_ARQUIVO_Papaipuxouo_facaoprabotarnabarriഗodoutor.CampesinatoNegro, posseirosegriosemdisputapelaterranopos-abolicao.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439304437_ARQUIVO_Papaipuxouo_facaoprabotarnabarriгадодoutor.CampesinatoNegro, posseirosegriosemdisputapelaterranopos-abolicao.pdf). Acesso em: 20 mar. 2010.

SILVA, Maria Edvânia da. **História, memória e identidade quilombola no cariri-cearense** (comunidades sítio Arruda- Araripe e Carcará-Potengi). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Samia; SANTOS, Marlene; CUNHA JUNIOR, Henrique; BIE, Estanislau; SILVA, Maria Saraiva (org.). **Afroeceará quilombola**. Fortaleza: Editora FI, 2018.

SILVA, Selma Maria da. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito dos Homens Pretos**: práxis de africanidade. São Paulo: Selo negro, 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: UFMT, 1990.

SOARES, E. G. **Educação Escolar Quilombola**: quando a diferença é indiferente. 2012. 143 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SODRÉ, M. Cultura, diversidade cultural e educação. In: TRINDADE, A. (org.). **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascenção social. v. 4. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. (Coleção Tendência).

SORIANO, Ramón. **Interculturalismo**: entre liberalismo y comunitarismo. Ed. Almuzara. España, 2004. p. 43.

SOUZA, C. G. G. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, Brasília, DF, n. 7, p. 37-66, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/redunb/article/view/20374/18812>. Acesso em: 20 mar 2010.

SOUZA, Florentina. **Contra correntes**: afro-descendência em Cadernos Negros e jornal do MNU. 2000. 272 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Belo.

SOUZA, R. N. R. **Rosário dos Pretos de Sobral – CE**: irmandade e festa (1854-1884). Fortaleza: Edições NUDOC, 2006. (Coleção Mundos do Trabalho).

SOUZA, Thyago Ruzemberg Gonzaga de. **A epopeia do negro brasileiro**: a produção da república dos palmares na escrita de Arthur Ramos. 2014. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

SOUZA, Thyago Ruzemberg Gonzaga de. Troya negra de Nina Rodrigues: o quilombo dos palmares, um espaço do racismo científico. **Revista Quipus**, [s. l.], ano II, n. 2, jun./nov. 2013.

SUCUPIRA, Tânia Gorayeb. **Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará**: memórias, histórias e práticas educativas. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SUCUPIRA, Tania; BRANDENBURG, Cristine; VASCONCELOS, Jose Gerardo. Quilombo Boqueirão da Arara, Caucaia, Ceará: histórias, memórias e saberes tradicionais. **Revista Eletrônica do mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 34, n. 1, p. 290-310, 2017.

TELLES, Lehonna Marques Ferreira. **O regime de titularidades de terras quilombolas em áreas urbanas**: o quilombo de Sacopã. Rio de Janeiro: Departamento de Direito: PUC – Rio, 2009. . Relatório interno, 2009. Disponível em: <http://www.puc-io.br/pibic/retorio>. Acesso em: 28 mar. 2011.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. **SBPSP. J. Psicanal**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun. 2011.

TEIXEIRA, Vanessa; LANA, Eliana. Questão indígena na América Latina: direito internacional, novo constitucionalismo e organizações dos movimentos indígenas. **Cadernos Prolam –USP**, São Paulo, v. 1, ano 8, p. 192-222, 2008.

VARGENS, João Baptista de Medeiros; MONTE, Carlos. **A velha guarda da Portela**. Rio de Janeiro: Manati, 2001. p. 99.

VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Virgínia Bicudo: mulher, negra e pioneira na psicanálise, mas invisível no Brasil. **Revista Carta Capital**, Salvador, 18 set. 2019. Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/virginia-bicudo-mulher-negra-e-pioneira-na-psicanalise-mas-invisivel-no-brasil/>. Acesso em: 18 set. 2019.

WALLIS BUDGE, E. A. **The Kebra Negast with 15 original illustrations.** [S. l.]: Aziloth Books, 2013.

ZACARIA, Madalena. Das Crioulas de Conceição (inter) ações do movimento intercultural identidade. **Revista Artes**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 75-85, 2016.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO PARA O DOUTORAMENTO

Marlene Pereira dos Santos. E-mail: marpdosantos@gmail.com

Contatos: (85) 9840303(OI), 996145338(TIM).

QUILOMBOSANO: VIVÊNCIA PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Objetivo: Identificar e reconhecer o patrimônio cultural, patrimônio imaterial e material existentes nas comunidades quilombolas pesquisadas, para que estes patrimônios sejam usados/utilizados na educação formal quilombola, usados de forma positiva salvaguardando o patrimônio quilombola.

Vivência realizada pela Marlene Pereira dos Santos nos quilombos pesquisados: Base, Evaristo e Nazaré.

ATIVIDADES & DUPLAS

1. Agricultura → o que plantava no passado e o que planta hoje.
2. Artesanatos tradicional → o que tinha antigamente e o que tem hoje?
3. Brincadeiras antigas → quais eram as brincadeiras.
4. Casas de farinhas → como eram e como é hoje.
5. Causos, contos e lendas do quilombo.
6. Comidas típicas → o que tinha no passado e o que tem hoje?
7. Carnaúba → fala sobre ela, como era utilizada.
8. Festa e músicas antigas → o que tinha antigamente? Exemplo: reisados, bumba boi, etc.
9. Habitações (casa) → como eram as casas no passado, quais as diferenças positivas e negativas?
10. Objetos antigos usados na comunidade → pilão, pote, panelas, fotos, etc ...

11. Parteiras → como era e quem eram, se ainda tem, quem são, pegar depoimento delas, etc.
12. Pessoas mais idosas → como era e quem eram, se ainda tem, quem são, pegar depoimento delas, etc
13. Religiões de matriz africana → o que tinha no passado, como eram, quem participava? E como é hoje? Como era e quem eram, se ainda tem, quem são, pegar depoimento delas, etc
14. 14. Plantas medicinais →
15. Rezadeiras → 16. Benzedeiras e curandeiros, como eram e quem eram, se ainda tem, quem são, pegar depoimento delas, etc.
17. Escola/estudar → como era no passado, e como é hoje, etc.
18. Rios, as cacimbas, fontes de água →
19. Fontes de lenha, fogão a lenha →

Obs: Se não der para formar este número de duplas pode dá duas tarefas por duplas.

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA A SER APLICADO NA
PESQUISA DA TESE / PARA AS TRÊS COMUNIDAS PESQUISADAS**

MARLENE PEREIRA DOS SANTOS; Cont.: (85) 99614.5338 / 98403.0362.

E-mail: marpdosantos@gmail.com

*** IDENTIFICAÇÃO**

* Nome: _____

* Idade: _____

* Formação: _____

* Função: _____

* Tempo na função: _____

* Pós-graduação: _____

- **O que é quilombo, e o que é ser quilombola?**

- **Tem educação quilombola na escola?**

- **O que é educação quilombola?**

Como o patrimônio cultural contribui com os processos de criação, expressão, libertação na educação quilombola e do campo?

- **Como a participação da família na escola quilombola pode contribuir para positivar a auto-estima da criança e da comunidade?**

Como a comunidade enquanto detentora do conhecimento tradicional se posiciona diante do sistema educacional local?

- **Como será realizado esse processo de transformação social na comunidade e na educação quilombola?**

Sobre o quilombo - Situar a localização (Distrito, distância do Centro Administrativo, Perfil socioeconômico, dentre outros) - Identificar as lideranças, os mais antigos e as pessoas que exercem e são reconhecidas pelo ato de ensinar.

Identificar o referencial cultural, as estruturas existentes na comunidade (Grupo Cultural, Igrejas, Referenciais Sagrados de Matriz Africana, Escola, Posto de Saúde, Centro Comunitário, Associação de Moradores, dentre outros).

- **Sobre a Escola** - Quantas têm? Identificá-la; Como surgiu? Qual história da escola? {Caracterização: quantidade de alunos, número de salas, biblioteca, refeitório, instalações sanitárias, níveis de ensino, quadro de gestores e de professores: quantidade, qualificação para a função, regime de contratação, local de moradia}.

**APÊNDICE C - TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO
ESTUDO NO DOUTORADO - UFC**

**TECENDO AFRICANIDADES QUILOMBOLAS COMO PARÂMETROS PARA
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E DO CAMPO NO CEARÁ**

1) Finalidade do projeto

O projeto de pesquisa da tese está intitulado: **Tecendo africanidades quilombolas como Parâmetros para Educação Quilombola e do Campo no Ceará**; este projeto visa analisar as questões relativa a inserção da educação quilombola e do campo no currículo, partindo da identificação e recolhimento dos patrimônios culturais, da compreensão do território quilombola, utilizando registros de depoimentos orais e registros de imagens.

**Termo de cessão gratuita de direitos sobre
Depoimento Oral e Registro de Imagens.**

Eu, _____

portador da Cédula de Identidade RG nº _____, declaro **ceder à pesquisadora Marlene Pereira dos Santos**, RG nº 2009009015399, a plena propriedade e os direitos autorais do **depoimento oral** de caráter histórico e documental que prestei, **assim como das imagens registradas por ela que dizem respeito a pesquisa realizada**, sem restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros.

A pesquisadora **Marlene Pereira dos Santos**, fica consequentemente autorizada a **utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos** em sua pesquisa *doutoramento*, o mencionado depoimento e fotos, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos de pesquisa, com a ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do Depoente/Cedente

ANEXO A – HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBO DE NAZARÉ

